

# PIRACICABA

## A DOÇURA DA TERRA

CÉCILIO ELIAS NETTO



# PIRACICABA

## A DOÇURA DA TERRA

CECÍLIO ELIAS NETTO



**CATERPILLAR**<sup>®</sup>

**cosan** raízen

MINISTÉRIO DA  
**CULTURA**



**DEDICATÓRIA**

À Piracicaba, na doçura dos 250 anos.

À Piracicaba – nossa, de todos os filhos natos e acolhidos.

À Piracicaba, dos meus tão docemente queridos

– Patrícia, Carol, Marcelo, Rachel, Carina –

que, por amá-la, criam e desenvolvem o ICEN, na doce e  
velha missão familiar: a de contar, cantar e propagar a  
cultura caipiracicabana.

*Cecílio Elias Netto*

“ Piracicaba que eu adoro tanto,  
cheia de flores, cheia de encanto... ”

Newton A. Mello





## PIRACICABA A DOÇURA DA TERRA



55 11 3865-4514  
www.b2sports.com.br  
redacao@b2sports.com.br

### Coordenação Editorial/ Editorial Coordination

B2 Comunicação

#### Editor Executivo/ Publisher

Arnaldo Branco Filho

#### Pesquisa e Textos/ Text and Search

Ronaldo Victoria

#### Edição de Fotos/ Photos

Fabio Rubinato

#### Fotos/ Photos

Acervo Cecílio Elias Netto

Acervo Monsenhor Jamil Nassif Abib

Antonio Trivelin

Caterpillar/ Divulgação

Davi Negri

Fabio Rubinato

Fran Camargo

Henrique Branco/ B2

José Furlan/ Real Drone Imagens Aéreas

Juliana Branco/ B2

Marcelo Fuzeti Elias

Miguel Schincariol/ B2

Raízen/ Divulgação

Rodrigo Oliveira Morelli/ Real Drone Imagens Aéreas

Rafael Faila Elias

Rubens Chiri/ B2

Sueli Lúcia Aguilar

#### Direção de Arte/ Art Direction

Alexandre Archanjo

#### Programação Visual/ Visual Programming

Juliana Branco Lima

Monica de Freitas Oliveira

#### Versão (Inglês)/ Version (English)

Ferenc Imre Lajos Zamolyi

#### Controle Administrativo/ Administrative Control

Marcelo Fuzeti Elias

#### Autor/ Author

Cecílio Elias Netto

Direitos em Língua Portuguesa  
para o Brasil: Netto, Cecílio Elias



INSTITUTO CECÍLIO ELIAS NETTO

55 19 3302-7668  
facebook: icen.org.br  
icen@icen.org.br

#### DIRETORIA EXECUTIVA (Executive)

##### Presidente/ President

Marcelo Fuzeti Elias

marcelo@icen.org.br

##### Vice-Presidente/ Vice-President

Patrícia Fuzeti Elias

##### Primeira Secretária/ First Secretary

Rachel Fuzeti Elias

##### Primeira Tesoureira/ First Treasurer

Sueli Lúcia Aguillar

#### CONSELHO FISCAL (Supervisory Board)

Antônio Ulisses Michi

Evaldo Vicente

Luiz Francisco Schievano Bonassi

Pedro Caldari

#### CONSELHEIROS (Counselors)

Adolpho Carlos Françoso Queiroz

Alceu de Lemos

Antônio Celso Elias

Antonio Messias Galdino

Erich Vallim Vicente

Gustavo Jacques Dias Alvim

João Chaddad

João Umberto Nassif

José Carlos Gonçalves

Lauro Libório Stipp

Maria Elisabeth Elias

Mauro Pereira Vianna

Monsenhor Jamil Nassif Abib

Paulo Checchi

Roberto Antônio Cera

Vitor Pires Vencovsky

Wilson Guidotti Júnior

#### NOSSA CAPA

##### Projeto Gráfico/ Graphic Design

Alexandre Archanjo

##### Fotos/ Photos

Marcelo Fuzeti Elias (Salto de Piracicaba)

Real Drone Imagens Aéreas (o cultivo da terra, na contracapa)

Rubens Chiri (borboletas, capa e páginas internas)

#### VERSÃO EM ÁUDIO

Para atendimento a Portadores de  
Necessidades Especiais - PNE (Artigo 46, do  
Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999)

Disponível na internet no site:

[www.aprovincia.com.br](http://www.aprovincia.com.br)

#### OBRA INCENTIVADA: PRONAC 163475

Informações sobre a tiragem em atendimento  
a Lei Rouanet - Lei 8.313 de 1991

Artigo 62 da L.N. abril de 2017

Tiragem aprovada: 3.000 exemplares

Distribuição Gratuita: 2.400 exemplares

Venda autorizada de 600 exemplares

Valor: R\$ 50,00 (cada exemplar)

Reservas pelo e-mail: [icen@icen.org.br](mailto:icen@icen.org.br)

## E a lagarta...

Era uma vez uma lagarta. Bonitinha, graciosa, ela nasceu à beira de um alegre e generoso rio, privilegiada fonte de beleza e fertilidade. Mas tristinha ficou, lamentando-se por sentir-se solitária com suas doces esperanças. Então, o rio sussurrou-lhe: *"Não chore, pequenina. Eu sou sua pia batismal e, a partir de mim, você será cada vez mais bela e fascinante. Quem beber de minha água nunca será infeliz"*. E as brisas – que acariciavam flores – sorriram: *"Nós somos respiração do Belo e lhe cobriremos, lagartinha, com os perfumes de matas e de bálsamo. E você será tão bela e colorida como um arco-íris"*.

Uma lágrima de alegria escorreu dos olhos da lagarta e ela, pacientemente, aguardou o milagre da transfiguração. Tempos depois, brisas e águas cantaram um canto de Sofonias, um raio de Sol aqueceu a lagarta, houve cânticos de anjos. E, então....

## And the caterpillar...

*Once upon a time, there was a caterpillar. Cute, graceful, it was born near the bank of a cheerful and generous river, a privileged source of beauty and fertility. But it was disconsolate, sorrowful for feeling lonely with its sweet hopes. Then, the river whispered to it: "Do not cry, little one. I am your baptismal font, and from me you shall be ever more beautiful and fascinating. Those who drink from my waters shall never be unhappy". And the breezes – caressing flowers - smiled: "We are the breath of Beauty and we shall cover you, little caterpillar, with the perfumes of woods and balm. And you shall be as beautiful and colorful as a rainbow"*.

*A tear of hope welled up to eyes of the caterpillar and it waited patiently for the miracle of transfiguration. Times afterwards breezes and waters sang a Sofonias chant, a sunray warmed the caterpillar, angels sang. And, then...*



### Netto, Cecílio Elias

Piracicaba - A Doçura da Terra. -- 1ª edição -- Piracicaba: ICEN Instituto Cecílio Elias Netto, 2017.

ISBN 978-85-92501-03-7

1 - Piracicaba 2 - Cultura Caipiracicabana 3 - História 4 - Geografia 5 - Instituto Cecílio Elias Netto



## PIRACICABA A DOÇURA DA TERRA



### ÍNDICE

- O que mais amar em Piracicaba
- Símbolo de fertilidade, de amparo, lar, sustento.
- Berço da indústria do açúcar e do álcool no País
- Nossa casa é aqui...
- Narrativa de uma paixão
- A terra (doce homens, doces mulheres)
- Brava e doce gente piracicabana
- Três homens, três grandes exemplos (Luiz de Queiroz, Mário Dedini e João Bottene)
- A adocicada cultura caipiracacabana (ingênua e genial)
- Eterna Vigilância
- Memória: Moradia
- Religiosidade: eclipse de Deus
- Caipiracabanismo (dialeto e sotaque/ o símbolo do peixe)
- A alma caipira (segundo Cornélio Pires)
- Festanças e tradições caipiracabanas (ritmos e festas do Divino e do Nhô Belisário)
- As duas maiores marcas caipiracabanas (Nhô Quim e o Hino)
- Música: nossa doce maneira de ser (bandas, orquestras, Escola de Música...)
- Cururu, o doce canto da terra (serestas e seresteiros, Carnaval...)
- Noite de Vigília com Beto Surian

Páginas **10 e 11**

Páginas **12 e 13**

Páginas **14 e 15**

Páginas **16 e 17**

Páginas **18 a 21**

Páginas **22 a 27**

Páginas **28 a 31**

Páginas **32 a 43**

Páginas **44 a 47**

Páginas **48 a 51**

Páginas **52 a 55**

Páginas **56 a 61**

Páginas **62 a 65**

Páginas **66 a 73**

Páginas **74 a 81**

Páginas **82 a 85**

Páginas **86 a 91**

Páginas **92 a 97**

Páginas **98 e 99**

• Culinária caipiracabana

• E a marvada pinga virou cachaça  
(A caipirinha é caipiracabana)

• Naqueles tempos...

• A mais bela Província

• A Princesa Isabel em terras caipiras

• Maneco, filho de Getúlio, na ESALQ

• Adocicada melancolia

• Superstições e crendices do caipira

• Manias caipiracabanas

• Amada Amante nasceu em Artêmis

• Memória caipiracabana

• Preconceitos: a face triste

• E o imigrante veio, ensinou e venceu

• Doçura de Lugar

(Joaquim do Marco/ Horto do Tupi/ Lago de Santa Rita/  
Cascatinha da ESALQ/ Rua do Porto/ Mirante e Engenho)

• A agridoce cultura da cana

• Maior centro açucareiro da América Latina

• Usinas caipiracabanas

• Pentágono e Cia... em Piracicaba

• Museu da Cana de Açúcar

• O melhor lugar para se viver

• ICEN, ponto de encontro da cultura caipiracabana

• Gotas de Mel

Páginas **100 a 103**

Páginas **104 a 109**

Páginas **110 a 119**

Páginas **120 e 121**

Páginas **122 e 123**

Páginas **124 e 125**

Páginas **126 a 129**

Páginas **130 a 135**

Páginas **136 a 139**

Páginas **140 a 143**

Páginas **144 a 147**

Páginas **148 a 153**

Páginas **154 e 155**

Páginas **156 a 175**

Páginas **176 a 181**

Páginas **182 a 185**

Páginas **186 a 193**

Páginas **194 e 195**

Páginas **196 e 197**

Páginas **198 a 201**

Páginas **202 a 205**

Páginas **206 a 210**

### ... virou borboleta

E ela viu caírem-lhe as escamas. Abriram-se-lhe os olhos, novos olhos com novo olhar. Que viu flores miudinhas umedecidas pela névoa expirada pelo rio. E viu o pólen da criação espalhar-se ao redor. Ela, de expectante crisálida, tornara-se formosa, esplêndida borboleta. De asas irisadas, leve como pluma, um estribilho de canção, uma rima de poesia, doçura da terra, sonho deslumbrante de artistas!

De tanta alegria, ela começou a voar, a voejar, a bailar nos espaços, beijoqueira, acarinhando cada flor, provocando cada arbusto, fazendo arabescos no ar, cirandas ao lado do rio, ao redor da colina. Vendo-a tão bela, os anjos – que dançavam a seu lado – encantaram-se com a nova companheira e um deles, o mais belo, batizou-a: “*Você, borboleta, será a nossa eterna Noiva da Colina*”. E os demais anjos beijaram-na, ajudando-a a voar e a cumprir seu destino.

### ... turned into a butterfly

*Its scales fell off. Its eyes were opened, new eyes with a new gaze. One that saw tiny flowers wetted by the mist breathed by the river. And it saw the pollen of creation spread around. From expectant chrysalis, it had turned into a peerless, splendid butterfly. With variegated wings, as weightless as a feather, a refrain of a song, a rhythm of poetry, the sweetness of the land, a stunning dream of artists!*

*Inebriated with so much joy, it began flying, fluttering, dancing in the air, kissing and caressing every flower, alluring every bush, drawing arabesques in the air, rings by the riverside. Seeing it so beautiful, the angels – who were dancing alongside – were delighted with their new partner and one of them, the most beautiful, baptized it: “You, butterfly, shall be our eternal Bride of the Hill”. And the other angels kissed it and helped it take flight, fulfilling its destiny.*



## O que mais amar em Piracicaba

Nas últimas palestras a jovens e adultos amantes de Piracicaba, fui tomado de emoção ao perceber o interesse que nossas coisas e nossa gente, nossa história e nosso passado despertam nas novas gerações. Amargurava-me, antes, o que me parecia grande erro que corríamos, os mais velhos, em não estarmos mais próximos da juventude. Mesmo que a procurando de quando em quando, sentia essa mocidade ameaçada de se tornar prisioneira de internet, computadores, contatos virtuais.

Confirmou-se-me, porém, o que me era simples intuição ou suspeita: a juventude tem fome e sede de saber de suas origens, da história anterior à que ela está vivendo. Vejo isso em meus netos, quando me perguntam de seus bisavós, dos ancestrais. E ouvia dos moços, naquelas palestras, o mesmo interesse quase angustiado por encontrar pelo menos pistas de suas raízes. Piracicaba apaixonada por sua terra, por sua cidade, por sua história. Mas perplexa diante dos dias conturbados e atordoantes que temos vivido, graças ao pragmatismo de lideranças temerosas da memória e do passado.

Um dos rapazes, pouco mais do que um adolescente, surpreendeu-me com uma pergunta que, confesso, me tomou de surpresa, algo em que nunca pensara. Perguntou-me ele: “o que você mais ama em Piracicaba?”. Por alguns segundos, longos segundos, fiquei em silêncio. Pois eu não tinha respostas. Foi-me como se me perguntasse o que mais amei em minha mãe, em minha mulher ou em meus filhos. E, então, senti a alegria de toda uma realidade: não se amam pedaços, ama-se o todo.

Um dia, disse-me, alguém, que, na opinião dele, o que mais amo é o rio. Não, não é, como tenho certeza de não ser o rio o grande amor dos poetas que o cantaram, dos artistas que o pintaram em telas inesquecíveis, de fotógrafos que o retrataram. O rio faz parte, é o umbigo, o cordão umbilical, a fonte inspiradora, o visível que parece eterno ainda que suas águas passem e se vão a cada instante. As margens, o salto, as

pedras, as aves, as árvores, os arbustos, o doce cantar das águas, tudo isso encanta e emociona, mas não é o que mais amo. É, na verdade, a chama que mantém a paixão por todo o conjunto.

Confesso não estar conseguindo amar essa Piracicaba turbulenta, enlouquecida, descontrolada, desordenada, vítima, também, de uma era enlouquecida. Somos – como universalmente acontece – uma cidade aturdida diante de uma transição histórica que oscila entre o maravilhoso e o assustador. Não posso amar a violência, a degradação ambiental, a poluição sonora e visual; nem posso amar a equivocada opção de privilegiar veículos, dando-lhes mais espaços do que a pessoas. Não posso amar o descalabro na saúde, na educação, na organização social, no desprezo às populações mais carentes. Não posso amar a sujeira que se acumula em ruas, buracos que enfeiam passeios, asfaltamento feito como que a propósito para se deteriorarem rapidamente. Isso tudo é um mal e não há como amar o mal, por mais sedutor e enganador seja.

Piracicaba, insistirei até o último suspiro, é um nicho especial, de cultura e de saber, de arte e de sensibilidade e, portanto, esta cidade é, antes de mais nada, um estado de espírito. Não é apenas uma cidade, mas um relicário de história, de pioneirismos e de referenciais. Nosso sotaque, nossa cordialidade, a nossa maneira de ser, a familiaridade entre as pessoas, o espírito de aldeia, o magnetismo poético que existe como que solto no ar, Piracicaba é tudo isso. E uma história admirável que honra São Paulo, um dos berços do Brasil republicano. Ama-se Piracicaba pelas realizações e exemplos de nossos ancestrais, pelas lições que nos deixaram, pelas obras que construíram, pela cidade que eles sonharam e que conseguiram fazer.

Não consegui falar essas coisas ao jovem, na palestra. E nem consigo escrevê-las aqui. Dizer o que mais amo em Piracicaba precisaria de uma nova vida para escrever livros e mais livros, como uma Sheherazade contando histórias de mil e uma noites. Dá, sim, para afirmar: não existe cidade mais doce do que a nossa Piracicaba.

**CECÍLIO ELIAS NETTO**

### What to love more in Piracicaba

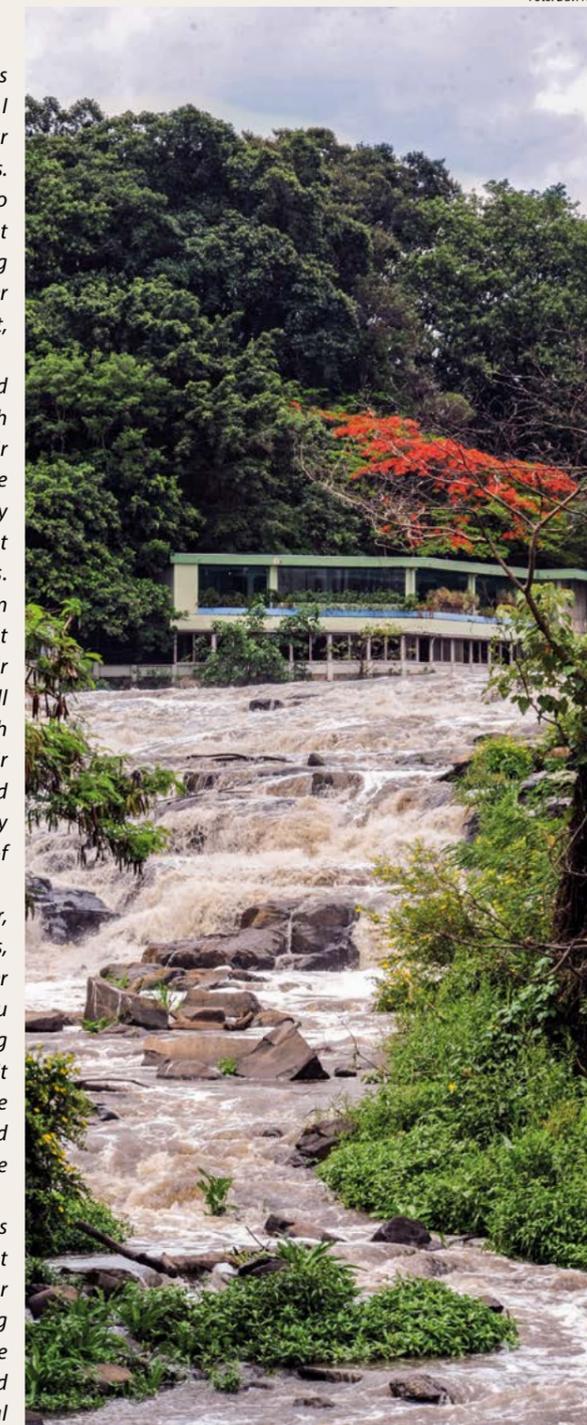
*In recent lectures to young and grown-up lovers of Piracicaba, I have been taken by emotion as I noticed the interest our affairs and our people, our history and our past awake in the new generations. I had formerly felt embittered for what seemed to me a huge mistake made by us, the elders, for not being near our youngsters. Even though seeking them from time to time, I felt the youth under threat of becoming a prisoner of the internet, computers, virtual contacts.*

*However, I had a confirmation of what had been, to me, just an intuition or suspicion: youth feels hunger and thirst for knowing about their origin, for the former history that preceded the current times they are living in. I see it in my grandchildren, when they question me about their great-grandparents, their forebears. And during those same lectures, I heard from youngsters that same almost agonized interest for finding, in the very least, clues about their roots. Piracicaba makes all generations fall in love. And I found myself facing a youth passionate with their land, their city, their history. But perplexed, in face of the troubled and stunning days we are living through, by virtue of the pragmatism of leaders fearful of memories and past.*

*One of the boys, little more than a teenager, surprised me with a question that, I must confess, took me by surprise; something I had never thought about before. He asked me, “What do you love more in Piracicaba?” For several seconds, long seconds, I stood in silence. For I had no answer. It was as if I had been asked what I had loved the most in my mother, in my wife, in my children. And then, I experienced the joy of a whole reality: one does not love pieces, loves it all.*

*One day, someone told me that, in his opinion, what I love the most is the river. No, that is not so, the same as I’m certain that the river was not the great love of those poets who sang it, of the artists who painted it in unforgettable canvasses, of the photographers who pictured it. The river is a part of it, the navel, the umbilical*

Foto: Davi Negri



*cord, the inspiring spring, something visible that seems eternal, even though its waters flow by and go forth all the time. Its banks, the waterfall, the boulders, birds, trees, bushes, the sweet singing of its waters, all that charms and moves, but those are not what I love the most. Actually, it is but the flame that keeps the passion for the whole assemblage.*

*I confess to not being able to love this turbulent, maddened, uncontrolled, disordered Piracicaba, also a victim of maddened times. We are – as it happens universally – a city stunned by a historical transition that swings between wonderful and frightening. I cannot love the violence, the environment degradation, the noise and visual pollution; neither can I love the mistaken option for favoring vehicles, providing them with more space than for people. I cannot love the breakdown of health care, education, social organization, the contempt towards the destitute. I cannot love the dirt accumulating on the streets, potholes that uglify sidewalks, paving done as with the sole purpose of quick deterioration. All this is an evil, and there is no way to love evil, no matter how enticing and deceiving it is. Piracicaba, I will insist until my last exhalation, is a special niche, of culture and knowledge, of arts and sensibility, and therefore, above all, it is a state of mind. Our accent, our warmth, our way of being, the familiarity among people, the village spirit, the poetic magnetism existing as if free in the air, Piracicaba is all that. And a remarkable history that dignifies São Paulo, one of the cradles of Republican Brazil. Piracicaba is loved for the accomplishments and examples of our forebears, for the lessons they left us, for the works they built, for the city they dreamed about and succeeded in establishing.*

*I was unable to tell these things to the youngster, at the lecture. And neither can I write them down here. To tell what I love the most in Piracicaba would require a whole new life for writing books and more books, as a Sheherazade telling one thousand and one night stories. Nevertheless, I can affirm: there is no sweeter city than our Piracicaba.*

## Símbolo de fertilidade, de amparo, lar, sustento.

“ Piracicaba, cheia de flores e de encantos, como já dizia o poeta, recebe de braços abertos aqueles que a escolhem como lar ”

Na agricultura que move nosso país, com plantações de vegetais e frutos, considerados os melhores do mundo e exportados para inúmeros países.

Na argila, base para nossas construções.

Na renovação da nossa energia. Caminhar descalço pela terra alivia a tensão do dia-a-dia.

No meio ambiente, onde tem fundamental papel, já que é a base para a flora e a fauna.

Na forma com que cada um a chama; o fato é que a terra está intimamente ligada à história de cada um de nós, de toda a humanidade.

Fazer a relação de doçura com a terra foi uma grande sacada deste brilhante autor que é o Cecílio Elias Netto. Uma feliz metáfora, que mostra o quanto as terras piracicabanas são férteis e acolhedoras. Por esta cidade já passaram algumas plantações que alavancaram seu progresso. Outras permanecem e continuam contribuindo para o desenvolvimento do município. Do café ao açúcar, tornando-a cada vez mais doce.

E há, ainda, a doçura em acolher aqueles que vieram por um período ou por uma vida inteira. Piracicaba, cheia de flores e de encantos, como já dizia o poeta, recebe de braços abertos aqueles que a escolhem como lar. No meu caso, reafirmo a satisfação de ter sido recebido por esta doce terra, para onde trouxe minha família e desenvolvi grande parte da minha vida pessoal e profissional.

Abençoada seja a terra que nos mantém vivos e fortes.

Que seja doce. Sempre.

Boa leitura.

### Symbol of fertility, support, home, livelihood.

*In the agriculture that moves our country, with plantations of vegetables and fruits considered the best in the world and exported to countless countries.*

*In the clay, basis for our constructions.*

*In the renewal of our energy. Walking barefoot on the ground alleviates the day-to-day stress.*

*In the environment, where it plays a fundamental role, since it is basis of flora and fauna.*

*In the way each one among us calls it; the fact is that the land is intimately linked to the history of every one of us, of all Humanity.*

*Establishing a relationship between sweetness and the land was a great insight of that brilliant writer, Cecílio Elias Netto. A happy metaphor showing how fertile and welcoming Piracicaban land is. This city has benefitted from various past cultivations that leveraged its progress. Others still remain and continue contributing to the development of the town. From coffee to sugar, making it ever sweeter.*

*And also there is the sweetness in welcoming those who arrive here for a period or for a full lifetime. Piracicaba, full of flowers and charms, as already told by the poet, receives with open arms those who choose it as their home. In my case, I reaffirm my satisfaction in having been received by this sweet land, where I brought my family and built up a large portion of my personal and professional life.*

*Be it blessed forever, the land that keeps us alive and strong. Let it be sweet. Forever.*

*Nice reading.*

**ODAIR RENOSTO**  
Caterpillar Brasil  
Presidente



## Berço da indústria do açúcar e do álcool no País

“ Piracicaba tem sua história ligada ao rio e à terra. A cana de açúcar sempre foi umas das principais fontes de desenvolvimento da cidade ”

É muito importante manter viva a memória de um povo às suas origens. Por isso, é um privilégio poder apresentar o derradeiro volume desta trilogia do Cecílio Elias Netto sobre a nossa querida Piracicaba, desta vez retratando a realidade socioeconômica da cidade e trazendo como protagonista a cana-de-açúcar.

Piracicaba tem sua história ligada ao rio que leva seu nome e à terra. A cana de açúcar sempre foi umas das principais fontes de desenvolvimento econômico e social da cidade. Abriu as portas para o crescimento da indústria piracicabana, também derivada da cana, e de relevantes instituições de ensino e pesquisa, que são polo de desenvolvimento científico e de riquezas do município.

Tenho muito orgulho dessa história, fundamentada em cima da “doçura da terra”. Nasci e cresci dentro de uma usina de açúcar em Piracicaba, fundada por meus avós e administrada por meu pai e por meu irmão. Acompanhei o desenvolvimento da região e foi nessa cidade e no setor sucroenergético que tiveram origem os meus negócios, hoje bastante diversificados e posicionados em energia e logística, dois setores estratégicos para o desenvolvimento nacional.

O setor sucroalcooleiro é uma das principais bases da economia nacional, faz parte da nossa história, de nossa cultura. Retratar a realidade dessa cidade, que é berço da indústria do açúcar e do álcool no País, é algo de grande valor não só para os piracicabanos, mas para todos os brasileiros.

### Cradle of sugar and ethanol industry in the Country

*It is very important keeping alive the memory of a people regarding its origins. Thus, it is a privilege being able to introduce this last volume of Cecílio Elias Netto's trilogy about our beloved Piracicaba, in this instance portraying the socioeconomic reality of the city and bringing in sugar cane as a protagonist.*

*Piracicaba's history is linked to the same named river and to the land. Sugar cane always has been one of the major sources of economic and social development for the city. It opened the doors for the growth of Piracicaban industry, also derived from sugar cane, and to relevant teaching and research institutions, which are a pole of scientific development and wealth in the city.*

*I am very proud of that history, based upon the “sweetness of the land”. I was born and grew up in a sugar factory in Piracicaba, established by my grandparents and managed by my father and brother. I have followed the development of the region and my businesses, nowadays quite diversified and positioned in energy and logistics, both strategic industries for national development, had their origins in this city and in the sugar-energy industry.*

*The sugar and ethanol industry, one of the main bases of our national economy, is a part of our history. Portraying the reality of this city, cradle of sugar and ethanol industry in the country, is something of great value not only to Piracicabans but also to every Brazilian.*

### RUBENS OMETTO SILVEIRA MELLO

Grupo Cosan  
Presidente do Conselho de Administração





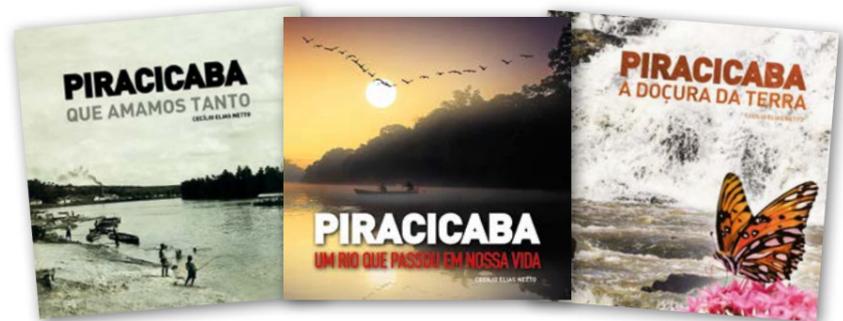
“ Devemos voltar para casa. Como pudemos desviar-nos tanto assim? Tão longe de casa, não sabemos onde é... ”

James W.Riley

“ Nossa casa é aqui... ”

Cecílio Elias Netto

## NARRATIVA DE UMA PAIXÃO



“Bendito sejas, Senhor Deus do Universo (...) pelo fruto da terra e do trabalho humano...”

### Prece judaico-cristã

No primeiro volume desta trilogia – PIRACICABA QUE AMAMOS TANTO – pretendi, com meu canto menor, louvar a nossa terra, o torrão que tanto amamos. E parti de um princípio que sempre me pareceu estimulador de sabedoria e de humildade: *“Ninguém ama aquilo que não conhece”*, de Agostinho de Hipona. Daí, meu desejo insaciável de mais e mais conhecer esta terra privilegiada, nossa história, nossos ancestrais, um tão rico passado que continua a nos iluminar e trazer inspirações. Fui em busca de mais, descobrindo riquezas que ainda mais me apaixonam e que venho tentando repartir com minha tribo caipiracabana.

No segundo volume – PIRACICABA, UM RIO QUE PASSOU EM NOSSA VIDA – embriaguei-me com belezas escondidas, com um rio que fertiliza a terra, coisas, pessoas, almas. Um rio misterioso que, com sua natureza sagrada, ora se esconde, ora se revela; ora se mostra tímido, ora, impetuoso; suave e irritadiço, com todos os seus mistérios, lendas, rituais e convites permanentes para ser descoberto por inteiro. Embriaguei-me de tanta beleza e estou alegremente convencido de ter sido, essa embriaguez, também a de uma comunidade ainda tomada de amores.

Permitiram-me, os céus, entregar-me a este terceiro volume, PIRACICABA, A DOÇURA DA TERRA, que espero concluir de forma ainda mais apaixonada, tantos os tesouros redescobertos e encontrados, ocultos, alguns deles, sob a poeira da memória. Que cidade, meu Deus! E que gente, a nossa, aqui nascida e aqui chegada! Nossa terra confirma a observação dos sábios: *“o lar é onde está o coração”*. Neste volume – que espero não seja o último da paixão que me incendeia a escrever – a narrativa tem a pretensão de transmitir alguns porquês de nossa singularidade, de uma cultura que – sempre transformando-se – não perde as raízes, assume valores sem romper princípios consagrados.

Deixo a cientistas sociais, etnógrafos, historiadores, os encargos de entender com os olhos da ciência. Quero alinhar-me entre os poetas, trovadores, violeiros, seresteiros que entendem e ouvem com o coração. Não sabendo poetar, tento poetizar. Pretendo, neste volume, contar e cantar como, em meu entender, Piracicaba faz parte – exemplar, digo-o para mim mesmo – de uma cultura especialíssima, regional, a cultura caipira que nós transformamos no que, orgulhosamente, já podemos chamar de *“cultura caipiracabana”*.

Somos uma das raríssimas cidades onde o linguajar, o sotaque, a maneira de falar se transformaram em *“Patrimônio Imaterial”* de um povo. Liderados pelo ICEN (Instituto Cecílio Elias Netto), o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), a Academia Piracabana de Letras (APL) e a Associação Piracabana dos Artistas Plásticos (APAP) propuseram – ao governo municipal – o tombamento histórico de nossa linguagem, da maneira de falar, de forma fosse declarada *“Patrimônio Imaterial”* da gente caipiracabana. E fomos atendidos. Assumimos, assim, uma das características dessa identidade singular.

Ao mesmo tempo, porém – nesta outra época caótica do mundo e da humanidade – espero meu desejo ressoe como uma advertência, um brado de alerta e de uma pungente súplica: para a árvore não morrer, Piracicaba precisa cuidar, com zelo, de suas raízes. Temos que honrar e dignificar nossos ancestrais, que, em cada geração, construíram toda uma admirável história. Isso não significa que devemos imitá-los ou repeti-los. Pois cada geração é chamada ao novo, à continuidade da obra anteriormente feita. Nossos ancestrais criaram obras novas, à luz da herança. À atual geração e às que virão, cabe criar algo novo, a partir do que também herdamos. Não se trata, pois, de imitar ou de repetir o que foi feito. Trata-se – e eis a grande responsabilidade dos piracabanos – de fazer aquilo que está por fazer.

Admito ser, ainda mais esta, uma narrativa da paixão. Sei que, para muitos, os *“apaixonados não raciocinam”*. Pode ser o meu caso, mas o que me move são a voz, o entendimento, o raciocínio do coração. Este, pois, sou eu, cantando a minha terra. Apaixonadamente. E na esperança semeada por Camões: *“Cantando espalharei por toda parte se a tanto me ajudar o engenho e a arte”*.

Na paixão, não me preocupo com neutralidade ou imparcialidade. Pois já se sabe *“toda história ser parcial, porque contada sob o ponto de vista de alguém”* (Autoria desconhecida). Quem quiser que conte outra...

Afinal de contas, invoco a oferta que Goethe fez de si mesmo: *“Mas, enfim, sou o que sou / Se assim te sirvo, aqui estou”*. Nestas minhas conscientes cerimônias de adeus – que são uma avaliação de vida – digo a meus filhos, netos e amigos, ser uma fruta madura, à espera de ser sugada. Se não o for, parecerei personagem do Ataufo Alves: *“Laranja madura, na beira da estrada, tá bichada, Zé, ou tem marimondo no pé”*.

Na beira da estrada, não admito isso para mim.



# PIRACICABA

A DOÇURA DA TERRA

## TALE OF A PASSION

In the first volume of this trilogy – PIRACICABA WE LOVE SO MUCH – I intended, with my minor song, to prize our land, our native land we love so much. And I started from a principle that has always struck me as a stimulator of wisdom and humility: “No one loves what one does not know”, by Augustin of Hipona. Hence, my insatiable desire for learning more and more about this privileged land, our history, our forebears, a past so rich that it keeps on illuminating us and fostering inspirations. I went in search of more, discovering riches that increase my passion even more and which I try to share with my caipiracaban tribe.

In the second volume – PIRACICABA, A RIVER THAT PASSED IN OUR LIFE – I became inebriated with hidden beauties, with a river that fertilizes the land, things, people, souls. A mysterious river which, with its holly nature, at times hides, at times discloses itself; at times shy, at times impetuous; suave and peevish, with all its permanent mysteries, legends, rituals and permanent invitations to be fully discovered. I became inebriated with so much beauty and I am merrily convinced that such drunkenness was also that of a community still very much in love.

I was allowed, by the Heavens, to commit myself to this third volume, PIRACICABA, THE SWEETNESS OF THE LAND, which I hope to finish in an even more passionate way, so many were the treasures rediscovered and found, some of them hidden under the dust of memory. My God, what a city! And what people, our people, those born here and those who moved here! Our land confirms the observations of the wise, “home is where the heart is”. In this volume – that I hope will not be the last of the passion that drives me into writing – the narrative claims to convey some of the whys of our uniqueness, of a culture that – ever changing itself – does not lose its roots, but incorporates values without breaking away from consecrated principles.

I leave it to social scientists, ethnographers, historians, the burden of understanding through the eyes of science. I want to align myself with poets, minstrels, violists, serenaders, who understand and hear with their heart. Not knowing how to poetize, I try to poeticize. I intend, in this volume, to tell and sing how, by my reckoning, Piracicaba is a part – an exemplary one, I tell myself – of a very special, regional culture, a caipira (countryside) culture that we have turned into what we can already, proudly, call a “caipiracaban culture”.

Ours is one of those very rare cities where the speech, the accent, the way of

speaking have turned into an “Intangible Heritage” of a people. Led by the ICEN (Instituto Cecílio Elias Netto), the IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (Historical and Geographical Institute of Piracicaba), the APL – Academia Piracicabana de Letras (Piracicaban Academy of Literature) and the APAP – Associação Piracicabana dos Artistas Plásticos (Piracicaban Association of Plastic Arts) submitted to the City Hall a proposal to put under trust, as a cultural/historical heritage, our speech, our way of speaking, as an “Intangible Heritage” of the caipiracaban people. And we were heeded. Thus, we have assumed one of the characteristics of that unique identity.

At the same time, however – in these chaotic times for the world and mankind – I hope my wish sounds as a caveat, an outcry of warning and a poignant plea: in order for the tree not to die, Piracicaba must keenly watch over its roots. We need to honor and dignify our forebears who, in every generation, built an outstanding history. That does not mean that we should imitate or repeat them. For every generation is called upon again, to provide continuity to the work formerly performed. Our forebears created new works, under the light of the inheritance received. It is up to this current generation, as well as to the ones yet to come, to create something new, starting from what we have also inherited. Therefore, it is not a matter of imitating or repeating what was done. It is a matter – and that is Piracicabans’ great responsibility – of doing what has yet to be done.

I admit to this one also being a tale of passion. I know that for many, “those in love do not think”. That might be my case, but that which moves me is the voice, the understanding, the thought within the heart. Thus, this is myself, singing my land. Passionately. And, with the hope sown by Camões: “Singing I will spread it everywhere, if so help me ingenuity and art”.

Under passion, I am not concerned with neutrality or impartiality. For it is known already, “every story is partial, because it is told according to the point of view of someone” (Unknown author). If one wishes, let him tell another one...

After all, I evoke the offer Goethe made himself: “But, after all, I am what I am/ If that fits you, here I am”. In these conscious farewell ceremonies of mine – which are a life review – I tell my children, grandchildren, friends, that I am a ripe fruit, waiting to be sucked. If I am not, I will resemble an Ataíde personage: “Ripe orange, by the roadside, Joe, either it is wormy or there are hornets on the tree.”

By the roadside, I will not allow that to me.

Foto: Real Drone Imagens Aéreas



“Sei que para muitos, os apaixonados não raciocinam. Pode ser o meu caso, mas o que me move são a voz, o entendimento, o raciocínio do coração. Este, pois, sou eu, cantando a minha terra. Apaixonadamente”

Cecílio Elias Netto



## A TERRA

“ Da terra, nascem os homens ”  
(Do filme Big Country)



Em 1958, o filme *'Big Country'* – dirigido por Bill Wyler – emocionou o público mundial pela síntese, que fez da luta de um povo, o estadunidense, para construir uma nação. Creio possa, ainda em nossa época, ser um estímulo a reflexões. Pois estamos vivendo uma crise mundial de tal forma aguda que muitos pensadores já falam em *"pós-humanidade"*. E relembram, também, da *"nostalgia do humano"*.

Se, realmente, o homem nasce da terra, é ele, a própria terra. Ao nascer e ao morrer: *"Tu és pó e, ao pó, voltarás"*. Antes de ser uma tragédia, trata-se de aventura, a humana aventura de viver. A etimologia da palavra humano remete ao *"humus"*, a terra. Foi esse, mitologicamente, o nome dado ao primeiro homem: Adão, *"adam"*, argamassa, barro. Isso significa não nascer pronto, mas forjar-se, ser forjado, ir-se forjando, amalgamado, construindo-se e construído - ora pelas mãos de um artista, ora pelas de um tirano. E por si mesmo. Aristóteles deixou-nos como descoberta e revelação: *"O ser humano tende à perfeição"*.

Foto: Marcelo Fucetti Elias



Nos livros anteriores da trilogia, este escrevinhador apaixonado revelou os mistérios dos deuses que – após a criatura humana ter perdido o Paraíso – encontraram a possibilidade de um recomeço. Ou retorno. Foi quando o olhar divino voltou-se para o nosso pedaço de chão, Piracicaba, e falou: “É o novo Éden”. E, ainda outra vez, dependendo de novos Adãos e Evas, artífices de um novo mundo. Em atropelos, em discórdias, em combates, mas em esperanças, o “*homo piracicabanus*” foi-se construindo. E aprendendo a cultivar e cultuar a terra abençoada.

O título deste livro foi intencional: “*A doçura da terra*”. Para, pelo menos, podermos refletir sobre o sentido das coisas, sobre privilégios e responsabilidades que, há 250 anos, nos chamam a criar, a fecundar, a ser dignos do que nos foi dado. Pois, a palavra “*humanae*” – que se refere à criatura humana – significa, também, no latim antigo, docilidade, mansidão, benevolência, bondade. Ideal ou sonho utópico, eis ao que fomos convidados a nos tornar a partir da palavra “*humanae*”: cultos, civilizados, afetuosos, amáveis, benevolentes e, em suma – e pela voz de Cícero – humanitários. Num espaço, num lugar, em cada era. O “*homo piracicabanus*” vive no solo fértil que produziu riquezas e pessoas sob todas as circunstâncias. A sua terra. A nossa. E apesar de tantos que nada entenderam...

O impressionante – pelo menos para este autor – é saber que nossas origens humanas foram das mais caóticas. Pois o lugarejo – indefeso, pequenino – instalado às margens dos rios, era povoado por sertanejos liderados por Manoel Correa Arzão, descendentes de desbravadores do sertão. Há uma carta de Arzão, ao Conde de Sarzedas – datada de 28 de março de 1733 – em que ele acolhe o pedido de participar para fazer guerra aos índios Paiaguá e Caiapó. Era, ainda, a saga do ouro de Cuiabá. E Arzão leva, de seu pequeno povoado, sertanejos e posseiros para engrossar as fileiras saídas de Itu.

No entanto – e mais impressionante ainda – há documento histórico revelando que, desde 15 de novembro de 1693 – pouco depois da descoberta de minas de ouro em Cuiabá –

concedeu-se a primeira sesmaria em Piracicaba. Atendera-se à solicitação de Pedro Moraes Cavalcanti que pretendia uma área abrangendo “*uma e outra banda o rio, ficando-lhe o salto no meio*”. Nesse lugar mágico de Piracicaba, Cavalcanti queria “*povoá-la com toda a sua família*”. Foram tempos heroicos, quando apenas fugitivos e perseguidos arriscavam-se – sem outra alternativa – a viver isolados no sertão desconhecido. A história é empolgante, com lutas, sacrifícios que se avolumaram a partir de 1723, com a sesmaria concedida a Felipe Cardoso, até a chegada de Antônio Corrêa Barbosa que, oficialmente, fundou a povoação em 1º de agosto de 1767.

Na realidade, Piracicaba, muito antes, mostrara-se alvo dos conquistadores paulistas. Se, anteriormente, eles tinham vivido a grande e fracassada ilusão do ouro, esmeraldas e diamantes de Cuiabá, deixaram seduzir-se pela nova e real descoberta de São Paulo: a fertilidade da terra, a agricultura. Antônio Corrêa Barbosa registrou que, mudando o lugar inicial da povoação, o fez por sentir-se “*atraído pelo seu terreno alegre, fértil, cheio de salsaparrilha, excelente para todo o gênero de cultura e onde se achavam estabelecidos – com ranchos e roçados, hortas e pomares – numerosos pescadores e sertanejos*”. E pela caça, essa que é a primeira e verdadeira profissão do ser humano, antes mesmo da prostituição. Nessa aventura de viver, o homem caçava, a mulher plantava. E, em seguida, o homem assava e a mulher, cozinhava.

Foram dezenas de anos de anos de lutas, conflitos, disputas ferozes, enfrentamento a índios hostis e a animais selvagens. Certamente, nossos ancestrais não se deram conta de aquele paraíso estar sob os cuidados da Ceres romana, da Deméter grega, divindades da terra cultivada. Os primeiros piracicabanos foram irremediavelmente conquistados pela doçura da terra, esta terra, a nossa, da qual também nascem os homens. Essa doçura – uma conquista após tantas lutas – encontra sua inspiração exatamente no destino de todo ser humano. Pois a palavra “*humanae*” – ainda insistindo – tem esse significado: mansamente, docemente.

## THE LAND

*“From the land, men are born”.*

*In 1958, the ‘Big Country’ motion picture – directed by Bill Wyller – moved a worldwide public due to the synthesis it made of the struggle of a people, the United States people, to build a nation. I believe it could be a stimulus for reflections even in our current times. For we are living out a worldwide crisis so severe that many thinkers already talk about a “post-humanity”. And also, they recall a “nostalgia for what is human”.*

*If, actually, man is born from the land, than he is land itself. At birth time and at death, “Thou are dust and to dust thou shall return”. Rather than being a tragedy, it is an adventure, the human adventure of life. The etymology of the world human harks back to “humus”, earth. Mythologically, that was the name given to the first man: Adam, “adam” mortar, clay. That means not being born ready, but rather being forged, forging oneself, amalgamating, building oneself and being built – at times by the hands of an artist, at other times by those a tyrant. And by himself. Aristotle left as a finding and a revelation: “Human being tends to perfection”.*

*In the previous books of the trilogy, this passionate scribbler disclosed the mysteries of gods who – after the human creature lost Paradise – found a possibility of a new beginning. Or, of a return. That was when the divine gaze fell upon our piece of land, Piracicaba, and spoke: “This is the new Eden”. And once again, depending on our Adams and Eves, artisans of a new world. Stumbling, in dissensions, in combats, but also in hopes, the “homo piracicabanus” built itself up. Learning to cultivate and worship the blessed land.*

*The title of this book was intentional: “The sweetness of the land”. So that, in the least, we are able to reflect about the meaning of things, about privileges and responsibilities which, for 250 years, have called on us to create, to fertilize, to be worthy of what has been given us. For the word “humanae” – that relates to the human creature – in ancient Latin also means docility, meekness, benevolence, kindness. Ideal or utopic dream, that is what we were invited to become due to the “humanae” word: cultured, civilized, affable, amiable, benevolent; in short – as voiced by Cicero – humanitarian. In a space, in a place, at every age. The “Homo piracicabanus” lives on a fertile soil that has produced riches and people under every circumstances. His land. Our land. And, in spite so many who understood nothing...*

*What is remarkable – at least to this author – is to know that our human origins were so very much chaotic. For the village – defenseless, tiny – sitting the banks of rivers, was settled by sertanejos (rough, illiterate trailblazers) led by Manoel Correa Arzão, a descendent of explorers*

*of the hinterland. There is a letter written by Arzão, the Count of Sarzedas – dated March 28, 1733 – where he complies with the request to partake in the war against the Paiaguá and Caiapó Indians. The gold rush of Cuiabá was still in full fledge. And Arzão, from his small village, takes with him sertanejos and squatters to swell the ranks setting forth from Itu.*

*Nevertheless – and even more remarkable – there is a historical document revealing that, as of November 15, 1693 – a short time after discovery of the gold mines in Cuiabá – the first sesmaria (plot of uncultivated land granted to settlers by the Portuguese crown) had been granted in Piracicaba. It was assigned in answer to a request by Pedro Moraes Cavalcanti, who asked for an area covering “one and the other banks of the river, with the waterfall laying in between” In that magic place in Piracicaba, Cavalcanti wished to “settle it with all his family”. Those were heroic times, when only fugitives and persecuted risked – with no other alternative – living isolated in the unknown hinterland. It is an exciting story with fights and sacrifices that swelled from 1723 on, with the sesmaria granted to Felipe Cardoso and up to the arrival of Antônio Corrêa Barbosa, who on August 1, 1767 officially founded the settlement.*

*In fact, long before Piracicaba had been the target of Paulistan conquistadores. If before they had lived the great and failed delusions of gold, emeralds and diamonds in Cuiabá, now they were enticed by a new and real discovery in São Paulo: the fertility of the land, agriculture. Antônio Corrêa Barbosa recorded that he changed the former place of the settlement, due to his feeling “attracted by its merry, fertile terrain, full of sarsaparilla, excellent for all kinds of crops and where there were already established – with rustic dwellings in clearings, vegetable gardens and orchards – many fishermen and sertanejos”. And because of the hunting, which is the first and true craft of mankind, even preceding prostitution. In that adventure of living, men hunted and women planted. Next, men roasted and women cooked.*

*There followed scores of years of fights, conflict, ferocious struggles, facing fierce Indians and wild animals. Surely, our forebears did not realize that that Paradise was under the care of the Roman Ceres, of the Greek Demeter, deities of the cultivated land. The first Piracicabans were hopelessly conquered by the sweetness of the land, this land, ours, from which men are also born. That sweetness – a conquest after so much fighting – finds its inspiration exactly in the destiny of every human being. For the “humanae” word – insisting still – has that meaning: peacefully, sweetly.*

Foto: Real Drone Imagens Aéreas



## DOCES HOMENS, DOCES MULHERES

“ Eu era neném, não tinha talco,  
mamãe passou açúcar em mim... ”

Wilson Simonal

A palavra doçura implica as mais nobres virtudes humanas. Ao contrário do que se pensa, “*ser doce*” não significa “*ser frágil*”. A doçura, a mansuetude, a serenidade pertencem ao universo da “*ética das virtudes*”, tão diferente da “*ética das regras*” que, desprezando aquelas, domina o atual momento da humanidade.

Nesse sentido é que escolhemos qualificar, como doces, homens e mulheres piracicabanos que tecem – com sabedoria, sangue, lágrimas, trabalho – a confeitaria moral que é Piracicaba. Essa doçura torna-nos serenos, acolhedores, sábios na mansuetude. Piracicaba é doce e mansa. Pois ser manso é ser calmo, tranquilo, não se ofender por pouca coisa, viver e deixar viver. Isso somos nós.

“ Bem aventurados  
os mansos, porque  
herdarão a terra ”

Mateus 5:5

## BRAVA E DOCE GENTE PIRACICABANA

“O rabi Bunam costumava dizer: Existe algo que você não vai encontrar em lugar nenhum do mundo. Mesmo assim, há um lugar onde você pode encontrá-lo. O lugar onde estamos é onde este tesouro deve ser encontrado. (...) Nosso tesouro está enterrado sob o fogão de nossa casa”

Martin Buber, em “O caminho do Homem”

Numa noite do final do século 20 – que os antigos chamariam de “ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo” considerando o calendário católico – numa dessas noites, repito, entrei em delírios. A impressão, ou quase temerosa certeza, foi a de que o meu corpo voava, acompanhando a alma. Ainda hoje, não consigo explicar: foi como se o meu corpo escapasse de mim e, de repente, eu fosse apenas um espírito. Voei, voei, qual borboleta, pairando sobre as coisas, mergulhando no tempo. Amanhecia quando fui deitar-me, exausto. Mas apaziguado.

Estou querendo, também neste livro, confessar exatamente isso: mergulhei num mundo de delírios, de fantasmas, palpáveis, concretos. É um dos momentos mais ricos da minha vida, como se todas as lutas anteriores tivessem sido uma árdua preparação para que eu pudesse vir a vivê-los, como estou vivendo-os. A imagem que me fica é a daqueles eremitas que, para entender alguma coisa, lutaram muito e inutilmente, encontrando respostas no deserto. Precisei de muitas batalhas e de ser ferido na carne e na alma para encontrar – com uma simplicidade que me assusta – o caminho. E este é Piracicaba, a história piracicabana, um tesouro esquecido que faz parte do patrimônio de São Paulo e do Brasil. É uma paixão, paixão que vai crescendo como se fosse um bolo

no estômago, ruminado, não digerido. A digestão dessa história se faz na alma, sinto-o.

Muitas pessoas me perguntaram porque não sonhei em ser escritor fora de Piracicaba. Admito até ter tentado. Mas não o consegui. Sempre respondi sem ainda estar convencido: “quero ser um escritor piracicabano”. Era uma explicação, não um convencimento. Em mim, havia barreiras, perplexidades. Mas, mais do que isso, um chamamento que eu não entendia, fantasmas dentro de mim. Comecei a compreender quando conheci cidades maiores, metrópoles, entre nós e no exterior. Ora, não passavam, também, de aldeias, nada mais do que aldeias, todas elas.

Foi, então, que descobri minha imensa tolice: eu estava querendo ser um escritor piracicabano, narrando coisas que mais pareciam da França dos livros e dos esnobes. As paixões de Flaubert, de Proust, os miseráveis de Victor Hugo, as belezas de Valéry e de Chateaubriand, as paisagens de Monet e de Manet – tudo isso estava aqui, de nosso jeito, em nossa terra. Mais ainda: há um rio, o rio Piracicaba, que está para os piracicabanos como o Sena para os parisienses. Por que não? Eis aí: eu estava aculturado, amando minhas raízes e fugindo delas.



Pois bem. Vivo de meus delírios, tenho que aceitar essa realidade tormentosa. Minha sorte, repito, foi ter encontrado companheiros que me entendem, mais do que, talvez, eu me entenda a mim mesmo. Isso foi balsâmico, decisivo. Passei a conviver com os fantasmas, a aceitá-los. E, a pouco e pouco, chegou-me a grande pretensão, talvez o maior de todos os desafios: escrever narrativas dessa nossa fascinante história caipiracicabana, a saga deste nosso povo, a humanidade de nossa gente, as paixões, os amores, as lutas, as realizações. Quase caí de joelhos, quando me dei conta de uma realidade que eu não havia percebido: nascido em 1940, vivi 60% do Século 20, e mais quase vinte do 21. E eu os vivi em Piracicaba, vivo-os ainda. Que audácia quase irresponsável, querer narrar esse universo! Que desafio!

Sei disso. Mas as coisas estão acontecendo, os fantasmas parecem estar ajudando-me. Estas lembranças são mais um passo, esforço de memória, de pesquisa e, acima de tudo, de coordenação do pensamento diante dos vultos e personalidades que conheci de maneira tão privilegiada. Muitos deles voejam-me no pensamento:

Arquimedes Dutra, João Dutra, Benedito Dutra Teixeira, Antônio Pacheco Ferraz, Thales de Andrade, Alceu Maynard de Araújo, João Chiarini, Mário Neme, Marcelino Ritter, Carlos e Melita Brasiliense, Branca de Azevedo, Branca Sachs, Carlos Sachs, Alberto Vollet Sachs, Luiz e Bertico Thomazzi, Braulio, Roberto e Cacilda Azevedo, Acary Mendes, Eugênio Losso, Fortunato Losso Neto, Silvio de Aguiar Souza, Lineu Krähenbüll, os bispos Dom Ernesto de Paula, Dom Aníger Melilo, Dom Eduardo Koaik, Dom Moacir Vitti, Monsenhor Rosa, Monsenhor Jamil e Padre Paixão, Neguito, Estefânia, Romeu Italo Rípoli, Líbero Rípoli, Ruth da Zona, Luiz Dias Gonzaga, Samuel de Castro Neves, Luciano Guidotti, Salvador de Toledo Pizza, Cássio Padovani, Ricardo Ferraz de Arruda, Antônio Romano, Mário Dedin, Leopoldo Dedin, Lino e Hélio Morganti, Narcisa Ometto, Gerolamo Ometto, Rubinho e Celsinho Silveira Mello,

Antoninho Faraht, Felisberto Monteiro, Humberto D’Abronzo, Jorge Vargas, João Vendemiatti, Geraldo Bastos, Ditinha Penezzi, Francisco Coelho (Coelhinho), Antônio Messias Galdino, Gustavo Jacques Dias Alvim, Evaldo Vicente – tantos que, no correr desta escrevinhação, não os alcança a memória.

Meu Deus! Quantos e quantos que fizeram e ainda fazem a história desta Cidade, um mosaico de personalidades múltiplas, variadas. E os que, também, me revolvem as lembranças, bendito seja Deus: Salgot Castillon, Doutor Cera (Antonio Cera Sobrinho), Eugênio e Ermelindo Nardim, Domingos e Nicinha Aldrovandi, Ernst e Cidinha Mahle, João Chaddad, Walter Naime, Sebastião Ferraz, Francisco Caldeira, Guilherme e Lino Vitti, Marly Percin, Elias Boaventura, Almir de Souza Maia, Benedito Cotrim, Jaime Caldeira, Maria Figueiredo, Nize Krähenbüll, Hélio Krähenbühl, Noedy Krähenbühl, Haldumont (Tiquinho) Ferraz, Nélio e João Ferraz de Arruda, Madre Cecília, Plínio Bortoletto, Lodovico Trevizan, Renato Wagner, Edmar Kiehl, Eurípedes Malavolta, Salim Simão, Dovílio Ometto, Jairo Ribeiro de Mattos, Tuco Amalfi, Clemência Pizzigatti, Edson Rontani, Joca Adâmolí, Álvaro Paulo Sêga, Manoel Rodrigues Lourenço, Araken Martins, Neguinho Martini, Jaime Pereira, Gatão, De Sordi, Wlamir, Pecente, Mazolla (Altafini), Coutinho, Chicão, Magic Paula, Maria Helena, Heleninha, Ruth, Lydia de Rezende, sindicalistas, professores, deputados, médicos, advogados, operários, prefeitos – tantos e tantos homens e mulheres de outra geração e da minha.

E os que nos antecederam em séculos anteriores? São vivos e mortos, comungando uma história, todos em mim. Muitos deles neste livro registrados. Poupe-me dos que não citei: eles foram apenas aparecendo, ao longo da escrevinhação. Não os procurei. Surgiram naturalmente.

Mergulhei nisso. O espírito de Piracicaba me invade por inteiro. A paixão por esta cidade cresce. Deixo-me levar. É a aventura do mistério, o desafio que me embriaga como se fosse um destino ou um castigo: ser escritor em Piracicaba. Que os deuses continuem em meu auxílio.

#### **BRAVE AND SWEET PIRACICABAN PEOPLE**

*One night, at the end of the 20th Century – that the ancient would have called “year of grace of our Lord Jesus Christ” considering the Catholic calendar – one of those nights, I repeat, I went into delusions. My feeling, or almost fearful certainty, was that my body was flying, following my soul. Even today, I cannot explain it: it felt as if my body slipped away from me, and all of a sudden, I was nothing but a spirit. I flew, and flew, hovering over things, plunging into time. The day was breaking when I went to bed, utterly exhausted. But, in peace.*

*I wish, in this book, to confess exactly that: I plunged into a world of deliriums, of ghosts, palpable, concrete. It was one of the richest moments in my life, as though all my former struggles had been nothing but an arduous preparation to enable me to come and experience them, as I do now. The image that lasts me is that of one of those eremites who, in order to understand something, struggled mightily and uselessly, finding their answers in the desert. I needed many battles and wounds in my flesh and soul to find – with a simplicity that frightens me – the path. And, that is Piracicaba, Piracicaban history, a forgotten treasure that is part of the heritage of São Paulo and Brazil. A passion, a passion that grows as though it were a food ball in the stomach, ruminated, not digested. Digestion of that history takes place in the soul, I feel it.*

*Many people asked me why I did not dream about being a writer away from Piracicaba. I admit to even having tried it. But I could not do it. I always answered without a deep conviction: “I want to be a Piracicaban writer”. It was an explanation, not a conviction. In my inner self, there were barriers, perplexities. But, more than that, a calling that I did not understand, ghosts that were alive inside me. I began understanding when I visited larger cities, metropolis, within the country and abroad. Well, they were no more than villages also, nothing more than villages, all of them.*

*That was when I found out my huge folly: I wanted to be a Piracicaban writer, telling things that resembled things seeming to belong rather to the France of books and of snobs. The passions of Flaubert, Proust, Les Miserable by Victor Hugo, the beauties of Valéry and Chateaubriand, the landscapes by Monet and Manet – it was all here, in our ways, in our land. Moreover: there is a river, the Piracicaba River, that holds to us, Piracicabans, the same meaning the Seine has for Parisians. Why not? Behold: I was cultured, loving my roots and fleeing from them.*

*So. I live out of my delusions; I have to accept that stormy reality. My luck, I repeat, was to have found partners who understand me, perhaps even more than I understand myself. That was balsamic, decisive. From then on, I lived with the ghosts and accepted them. And little by little, a great pretentiousness took hold of me, perhaps the greatest of all challenges: to write tales about that fascinating caipiracicaban history of ours, the saga of our people, the humanity of our folks, the passions, struggles, achievements. I almost fell on my knees when I took notice of a reality I had not before realized: being born in 1940, I have lived through 60% of the 20th Century plus almost a further twenty years in the 21st Century. And I have lived them all in Piracicaba, as I still do. What an almost reckless audacity, wishing to tell that universe! What a challenge!*

*I know it. But things are happening, the ghost seem to be helping me. These recalling is one more step, an effort of memory, of research, and above all, of a coordination of thoughts in face of the important persons and personalities I have met in such a privileged way. Many of them flutter in my thoughts:*

*Arquimedes Dutra, João Dutra, Benedito Dutra Teixeira, Antônio Pacheco Ferraz, Thales de Andrade, Alceu Maynard de Araújo, João Chiarini, Mário Neme, Marcelino Ritter, Carlos and Melita Brasiliense, Branca de Azevedo, Branca Sachs, Carlos Sachs, Alberto Vollet Sachs, Luiz and Bertico Thomazzi, Braulio, Roberto and Cacilda Azevedo, Acary Mendes, Eugênio Losso, Fortunato Losso Neto, Silvio de Aguiar Souza, Lineu Krähenbüll, the bishops Don Ernesto de Paula, Don Aníger Melilo, Don Eduardo Koaik, Don Moacir Vitti, Monsignor Rosa, Monsignor Jamil and Father Paixão, Neguito, Estefânia, Romeu Italo Rípoli, Líbero Rípoli, Ruth da Zona, Luiz Dias Gonzaga, Samuel de Castro Neves, Luciano Guidotti, Salvador de Toledo Pizza, Cássio Padovani, Ricardo Ferraz de Arruda, Antônio Romano, Mário Dedin, Leopoldo Dedin, Lino and Hélio Morganti, Narcisa Ometto, Gerolamo Ometto, Rubinho and Celsinho Silveira Mello, Antoninho Faraht, Felisberto Monteiro, Humberto D’Abronzo, Jorge Vargas, João Vendemiatti, Ditinha Penezzi, Geraldo Bastos, Francisco Coelho (Coelhinho), Antônio Messias Galdino, Gustavo Jacques Dias Alvim, Evaldo Vicente – so many, who in the course of these scribblings my memory fails to reach.*

*My God! So, so many who have made and are still making the history of this City, a mosaic of multiple, varied personalities. And those who also stir my memories, God bless: Salgot Castillon, Doctor Cera (Antonio Cera Sobrinho), Eugênio and Ermelindo Nardim, Domingos and Nicinha Aldrovandi, Ernst and Cidinha Mahle, João Chaddad, Walter Naime, Sebastião Ferraz, Francisco Caldeira, Guilherme and Lino Vitti, Marly Percin, Elias Boaventura, Almir de Souza Maia, Benedito Cotrim, Jaime Caldeira, Maria Figueiredo, Nize Krähenbüll, Hélio Krähenbühl, Noedy Krähenbühl, Haldumont (Tiquinho) Ferraz, Nélio and João Ferraz de Arruda, Madre Cecília, Plínio Bortoletto, Lodovico Trevizan, Renato Wagner, Edmar Kiehl, Eurípedes Malavolta, Salim Simão, Dovílio Ometto, Jairo Ribeiro de Mattos, Tuco Amalfi, Clemência Pizzigatti, Edson Rontani, Joca Adâmolí, Álvaro Paulo Sêga, Manoel Rodrigues Lourenço, Araken Martins, Neguinho Martini, Jaime Pereira, Gatão, De Sordi, Wlamir, Pecente, Mazolla (Altafini), Coutinho, Chicão, Magic Paula, Maria Helena, Heleninha, Ruth, Lydia, trade unionists, teachers, representatives, physicians, lawyers, laborers, mayors – so many men and women of another generation and of my generation.*

*And what about those who preceded us in former centuries? They are alive and dead, communing a history, all inside me. Many of them recorded herein this book. Let those whom I have not mentioned spare me: they were just raising up throughout this scribbling. I have not sought them out. They arose naturally.*

*I plunged into this. The spirit of Piracicaba invades me completely. The passion for this city swells. I let myself be taken. It is the adventure of mystery, a challenge that inebriates me as though it were a destiny or punishment: to be a writer in Piracicaba. Let the gods keep on helping me.*

## TRÊS HOMENS, TRÊS GRANDES EXEMPLOS

Impossível destacar – nominalmente – os principais Doces Homens piracicabanos. Escolhemos, portanto, três deles: Luiz de Queiroz (o Pai da Agricultura), Mário Dedini (o contemporâneo da posteridade) e João Bottene (gênio e mágico da mecânica). Através deles, que os demais também se sintam homenageados.

## Luiz de Queiroz, o Pai da Agricultura

“Nada se conhecerá, permanecendo na praia, contemplando as espumas das ondas. Deve-se correr o risco, é necessário atirar-se na água e nadar”

Martin Buber, em “O problema do Homem”

Se realmente há os que nascem com um destino profético e missionário, este foi – de maneira heroica, sofrida, mas persistente – Luiz Vicente de Souza Queiroz. Ele não ficou na praia, atirando-se na água, nadando desesperadamente. Sua obra visionária, sua antevisão de futuro foram a pedra fundamental para o Brasil se transformar na potência agroindustrial que hoje é. E Piracicaba deve, a esse homem singular, atitudes e feitos pioneiros que têm sido a base de nosso desenvolvimento científico, cultural e de cidadania. A seguir, uma breve biografia.

Nome completo: Luiz Vicente de Souza Queiroz. Quinto filho do Barão de Limeira (Vicente de Souza Queiroz), Luiz de Queiroz nasceu em 12 de junho de 1849, numa chácara situada bem no coração da cidade de São Paulo, a mansão dos Barões de Limeira. Seu nome é uma homenagem ao avô e ao pai. A mãe, Francisca de Paula Souza, também tinha o seu nome por lembrança do pai também famoso, o Senador e Conselheiro do Império, Francisco de Paula Souza e Mello.

Luiz de Queiroz cursou, quando jovem, a escola de agricultura e veterinária de Grignon, na França, instalada num antigo castelo do século XIII e a de Zurique, então na Suíça Alemã. Em 1872, com a morte do pai, herda fazendas situadas entre Piracicaba (então chamada Constituição) e Limeira. Aos 24 anos, hospedando-se em Piracicaba, na mansão de seus tios, os Marqueses de Valença – hoje conhecida como Chácara Nazareth – imaginou, ao olhar a imponência do rio e seu majestoso salto, um meio de aproveitar aquele enorme potencial energético. Espírito empreendedor, decide instalar uma fábrica de tecidos movida por força hidráulica. Obstáculos? Não para ele. E é assim que se torna um dos pioneiros

ao instalar a Fábrica de Tecidos Santa Francisca, nome dado em homenagem à sua mãe. Com 50 teares, a fábrica, logo de início, dá trabalho a 70 operários, tendo a capacidade produtiva de 2.400 metros de pano por dia.

Piracicaba, a essa época, era a terceira cidade da Província de São Paulo em número de escravos (5.339, dos 174.622), superada apenas por Bananal e Campinas. Mas, nas propriedades de Luiz de Queiroz, nunca houve mão de obra escrava. Em seu dinamismo, utilizou o transporte fluvial para sua produção, adquirindo barcos que navegavam pelos rios Piracicaba e Tietê até São Pedro, Dois Córregos e Jaú, na margem direita, e Botucatu e Lençóis, na esquerda.

### Casamento e sonho

Em 1880, Luiz de Queiroz casou-se com Ermelinda Ottoni, filha do Conselheiro do Império Cristiano Ottoni e de Bárbara de Barros Ottoni. O casal foi morar no palacete construído à beira do rio e aos pés do salto, terreno que toma todo um quarteirão da rua do Vergueiro à Avenida Beira Rio. O lugar, em 1900, foi chamado de “O Seio de Abraão”, tal a beleza de sua construção e paisagem. O casal não teve filhos e Luiz de Queiroz — cujo apelido era Lulu — dedicava-se, nos momentos de lazer, às plantas, desenvolvimento de parques e jardins e a obras de benemerência. Dona Ermelinda viveu sua existência doando-se às obras pias, ao catecismo e preparação de crianças para a primeira comunhão.

De temperamento alegre e sociável, Luiz de Queiroz arborizou praças e grande número de ruas, oferecendo plantas ornamentais a conhecidos e amigos. Monta a Serraria Água Branca, importa, de Paris, luxuoso carro que desperta a atenção pública e passa a ser notícia da imprensa. Agrônomo, entende que uma escola

de agronomia é indispensável não só para socorrer a produção de matéria prima de que necessita para seus teares ou usinas, mas, também, para as culturas comerciais. Isso se torna o seu grande sonho que começa a se tornar palpável quando, em 1889, adquire a fazenda São João da Montanha, de propriedade de João Florêncio da Rocha, com 131 alqueires e distando três quilômetros da cidade.

### A usina elétrica

Luiz de Queiroz passa a dedicar sua vida à realização do sonho: uma Escola Agrícola. Trabalha com afinco, gasta praticamente toda a sua fortuna no empreendimento e busca socorrer-se do apoio do Estado: pede uma subvenção, que lhe foi negada, como negado lhe foi o pedido do frete gratuito para os materiais destinados à construção. Suas dificuldades aumentam, pois, além da construção da escola, ele decidira explorar as águas do rio para criar uma usina elétrica, acabando por oferecer, à municipalidade, sob contrato, a instalação da usina que forneceria energia a toda a cidade. Para isso, traz dos Estados Unidos toda a maquinaria e um engenheiro electricista.

O prédio é construído inteiramente de pedras, em estilo estadunidense, à margem esquerda do Rio Piracicaba, defronte à Ilha dos Amores (atual Museu d'Água). A usina teria duas turbinas com 250 cavalos de força e três dínamos Thompson & Houston. O maior deles é destinado à iluminação particular, desenvolvendo 1.200 ampères e os dois outros, com 770 ampères, à iluminação pública. A usina é inaugurada em 6 de setembro de 1893 e, graças a ele, Piracicaba teve luz elétrica antes de qualquer nação sul-americana e de muitos países europeus, antes também de São Paulo e Rio de Janeiro.

### A Escola Agrícola

No dia 11 de maio de 1892, a Câmara dos Deputados de São Paulo decidiu promulgar a lei nº 26, pela qual ficava, o Executivo paulista, autorizado a fundar uma escola superior de agricultura e uma de engenharia e a estabelecer, nos lugares que se julgassem apropriados, dez estações agronômicas com seus respectivos campos experimentais.

Diante disso e com graves dificuldades financeiras, Luiz de Queiroz, para realizar o sonho, decidiu doar ao governo a sua amada Fazenda São João da Montanha, com todas as benfeitorias, mas com uma condição: no prazo de dez anos, teria que ser

concluída e inaugurada a sonhada escola. Os percalços, no entanto, multiplicaram-se, as dificuldades aumentaram e Luiz de Queiroz não viveu para ver seu sonho: em 11 de junho de 1898, repentinamente, ele morre, em plena atividade. É enterrado no dia 12 de junho, seu aniversário, no Cemitério da Consolação na capital paulista, no jazigo dos Barões de Limeira, à rua 8, sepultura 38 e 39.

Em 12 de junho de 1964, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, — o sonho, enfim, realizado, — construiu um mausoléu defronte o prédio principal, conseguindo a transladação dos restos mortais de Luiz e Ermelinda Queiroz para o *campus* da ESALQ. O mausoléu foi projetado pelo artista piracicabano Archimedes Dutra, tendo a seguinte inscrição: “A Luiz Vicente de Souza Queiroz... O teu monumento é a tua escola”.

### Luz elétrica

Iniciativa de Luiz de Queiroz, a inauguração da iluminação elétrica se concretizou no dia 6 de setembro de 1893. Para melhor aquilatar o valor da obra, é importante lembrar que a lâmpada incandescente foi inventada por Thomas Alva Edison em 1879 e a primeira central elétrica, que permitiu a distribuição de energia, data de 1882. Tratava-se de um gerador movido a vapor com capacidade de 560kw que atendia a 59 moradores de Nova York. A primeira hidrelétrica foi instalada em Wisconsin (EUA) e a cidade de São Paulo só teve luz elétrica a partir de 1889. Campos (RJ) foi a única que antecedeu Piracicaba no Brasil.

Mesmo assim, a “*Gazeta de Piracicaba*” lamentava-se de que “*das 235 lâmpadas do contrato estavam funcionando apenas 120*”.

### Fazenda São João da Montanha

Um documento passou a ser prova das agruras, dificuldades e decepções que Luiz Vicente de Souza Queiroz, hoje imortalizado, conheceu para realizar o sonho de uma Escola Agrícola. A sua fazenda, atual ESALQ, estava em ruínas. Doada ao governo do Estado por Luiz de Queiroz, em 1892, para que se ali se instalasse uma escola de agronomia – que começaria a tomar forma apenas em 1901 – a Fazenda São João da Montanha foi objeto, por vários anos, de relatos detalhados de sua administração. O primeiro deles, datado de 1893, é assinado por Ernst Lehmann, administrador designado para responder pela Fazenda e vice-diretor do Instituto Agrônomo de Campinas.

## PIRACICABA A DOÇURA DA TERRA

Encaminhado a Jorge Tibiriçá, na época secretário de Negócios da Agricultura do Estado, o relato dá conta das condições precárias em que se encontrava a propriedade, exigindo, para sua recuperação e eventual geração de renda, dotações de verbas de significativo impacto. Mas também demonstra que o próprio Estado ainda não se dispunha a grandes investimentos, como diz o administrador: *“a introdução da lavoura de cana com colonos, para levar a Fazenda à produção duma renda, não foi praticável, porque a isto se opuseram os fins a que ela se destina, e bem assim a absoluta falta de capital e preparações. Experiências científicas não foram tentadas em maior escala em vista de saber-se de sua futura separação do Instituto. Uma continuação das construções escolares teria exigido recursos consideráveis, que não existiam”*.

E mais: como o próprio Lehmann diz, nos primeiros quatro meses de sua administração, ainda houve esperança de continuar com as obras do Sr. Queiroz, mas sem que fossem liberados recursos pela instalação de uma escola futura, até mesmo o número de trabalhadores teve que ser drasticamente reduzido: dos 60 contratados em outubro de 1892, sobraram apenas 10 em novembro do ano seguinte. Assim, pouco do que fora deixado originalmente por Luiz de Queiroz pôde ser aproveitado pelo Estado.

As descrições são de uma propriedade quase abandonada, como é possível se perceber: *“na casa da administração limitei-me a consertos de reboco, caiação, pintura das portas e janelas, instalação de esteios para evitar a queda das paredes; o paiol estava arruinado e o conserto é absolutamente impossível, pois toda a madeira está podre e as paredes mostram rachas; das 16 casas apenas 8 ainda podem ser habitadas; o teto do engenho velho havia caído; o moinho de milho acha-se numa construção antiga que não admite mais consertos”*. Com relação às casas dos colonos, a situação era tão grave que afetava as condições de higiene, envolvendo as próprias habitações e os terrenos que as cercavam. O administrador admite que houve casos de febre perniciosos, inclusive com uma morte. Mas os problemas não paravam por aí. Com a estação das chuvas, a ponte de madeira sobre o Ribeirão Itapeva, que garantia a comunicação com a cidade, desmoronou. A reconstrução, feita pelo administrador

com pedras e tijolos, acabou beneficiando também os vizinhos da Fazenda. A rede de encanamento, segundo Leihmann, funcionou por apenas um dia: *“uma inspeção me fez ver que se achavam em estado desolador, que tinha buracos e que estavam cheios de areia por quase todo o percurso”*.

### Telefonia

Com Luiz de Queiroz, o pioneirismo de Piracicaba começou a se revelar com os olhos voltados para o futuro. Além da água, da eletricidade, Piracicaba foi a segunda cidade brasileira a ter telefones. Participando da Feira Internacional da Filadélfia, D. Pedro II conheceu Graham Bell (inventor do telefone, em 1876), empolgou-se e promoveu, em 1877, a primeira instalação telefônica do Brasil, no Palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Em 1879, autorizou a criação da Companhia Telefônica do Brasil.

Em Piracicaba, Luiz de Queiroz instalou o primeiro telefone, ligando a Fábrica de Tecidos à Fazenda Santa Genebra, na zona rural. A notícia foi, com júbilo, publicada pelo antigo jornal *“Gazeta de Piracicaba”*, na edição de 22 de novembro de 1882. A cidade de São Paulo foi a terceira a conhecer a telefonia.

### Telefones famosos

Os piracicabanos orgulhavam-se de a “Empresa Telephonica de Piracicaba” ter sido reformada em setembro de 1895, o que era tido como um grande feito. Nos primeiros dias do Século XX, Piracicaba tinha 50 telefones particulares, ou seja, “assignantes da Empresa Telephonica”. Entre as que tinham telefones, algumas instituições continuam sólidas até hoje, como os casos da Porta Larga, então de propriedade de J. B. Camargo (fone 19), o Colégio Assunção (fone 42), a Santa Casa de Misericórdia (fone 8).

Gente importante na época, e que se tornou famosa depois, também tinha telefone: Paulo de Moraes Barros (fone 39), Francisco Morato (fone 45), Torquato da Silva Leitão (fone 30). Surpreendentemente, o Colégio Piracicabano não era “assignante da Empresa Telephonica”.



Foto: Acervo Cecilio Elias Netto



### O JAZIGO DE LUIZ DE QUEIROZ

Desde Apesar de todas as suas grandes realizações e iniciativas, pode-se dizer que Luiz de Queiroz foi um homem incompreendido por seus contemporâneos. Perseguido e magoado, ele deixou Piracicaba, mudando-se para São Paulo, em 1894. Viria a falecer no dia 11 de junho de 1898, véspera de seu aniversário, sendo sepultado no Cemitério da Consolação. A sua esposa, Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz, faleceu em 1936.

A ESALQ conseguiu trasladar os despojos de seu grande patrono no dia 12 de junho de 1964, recolhendo os restos de Luiz e de Ermelinda Queiroz num mausoléu construído defronte ao prédio principal da escola. O projeto do mausoléu é de autoria do artista plástico Archimedes Dutra e tem a seguinte inscrição: “A Luiz Vicente de Souza Queiroz, o teu monumento é a tua escola”.



Fotos: Fabio Rubinato

### 126 anos depois: Luiz de Queiroz segundo Eugéne Davenport

Eugéne Davenport (1856-1941), professor de Agronomia norte-americano, foi o último dos visitantes estrangeiros do século XIX a produzir um livro de memórias sobre o imenso País que tanta curiosidade despertava no mundo “civilizado”. O depoimento de Davenport, escrito na forma de um diário e complementado anos mais tarde (em 1936, quando ele completara 80 anos), ficou inédito e está conservado nos arquivos da biblioteca do campus de “Urbana-Champaign” da “University of Illinois”. Davenport foi convidado por Luiz Vicente de Souza Queiroz a vir ao Brasil em 1891, para colaborar na construção e para posteriormente dirigir o que viria a ser um dia a “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz”, hoje integrada à Universidade de São Paulo.

Quando, porém, as forças políticas adversas, principalmente os escravagistas – que sempre foram críticos e inimigos do abolicionista radical Luiz de Queiroz – tornaram inviável a construção da escola, e o mecenas exauriu todos os imensos recursos que tinha sem conseguir terminar a tarefa, Davenport regressou com a família aos Estados Unidos.

É pobre o testemunho de Davenport a respeito da construção da “ESALQ”, que na realidade só seria inaugurada anos depois de sua volta aos Estados Unidos.

O que torna o depoimento ímpar e valioso é a descrição detalhada de costumes, a visão sociológica do professor, registrando fatos do dia a dia que escaparam ou talvez não tenham chegado ao conhecimento dos viajantes que o antecederam.

A descrição da chegada de uma carroça com eixo moderno ao Brasil (adquirida por Luiz de Queiroz) e a recusa terminante do lavrador negro liberto de experimentar a engenhoca, pois o feiteiro da fazenda garantia que o equipamento estava amaldiçoado, pois não fazia o gemido típico dos carros de boi, nos coloca diante de um matiz desconhecido do relacionamento entre patrão e empregado no Brasil rural de então.

Foi tão pungente a experiência de Davenport no Brasil em todos os sentidos que, ao revisar seu texto, já entrado em anos, escreveu que o que mais gostaria naquele momento, no seu então gelado e nevado Michigan, seria ter diante de si “uma panela cheinha de jabuticabas”, aquela frutinha que aprendeu ser mais saborosa quando, despindo-se de seus sóbrios pruridos anglo-saxônicos, ele comia trepado na árvore, calças arregaçadas, cuspidos os caroços para longe. E essa saudade da jabuticaba, uma marca brasileira na alma do professor, o perseguiu pela vida afora.

Os escritos de Davenport, não perderam sua vitalidade e nos remetem num átimo à zona rural de Piracicaba, onde um grupo de brasileiros que ainda mantinham nas feições caucasianas os sinais do sangue índio de seus avós, como Davenport repara e registra no próprio Luiz de Queiroz,

começavam mais que desbravar, a tentar construir um Brasil melhor, moderno e, principalmente, mais justo para seus habitantes. (De texto de Luiz Roberto de Souza Queiroz. Reprodução integral em [www.aprovincia.com.br](http://www.aprovincia.com.br) e ICEN – Instituto Cecílio Elias Netto)

### O casal

O Sr. Queiroz é uma pessoa notável e sua esposa (Ermelinda) fala Inglês e foi educada em Paris. (...) Ambos são vivazes (...) O casal Queiroz é generoso e enérgico com as falhas, fazem tudo que está a seu alcance para nos manter confortáveis e fazer as coisas andarem como devem.

### Lulu, o Queirozinho

Luiz de Queiroz não foi tão somente o grande visionário e idealista, anjo a guarda da Agricultura e de Piracicaba. Como ser humano – por testemunho de seus contemporâneos – ele se revela um homem simples, humilde, doce, sem perder a sua “finesse” aristocrática. Alguns de seus momentos: Seu apelido era “Lulu”, mas, também, chamado de “Queirozinho”.

### Luta pelo Abolicionismo

Mais do que sua obra educacional, sua principal luta foi o Abolicionismo, o que lhe angariou o ódio dos escravagistas. Numa Piracicaba que era a terceira cidade com mais escravos em São Paulo, Luiz de Queiroz escondeu negros fugidos e comprou a liberdade de outros, entre 1880 e 1888.

### Educação europeia

Levado à Europa aos 8 anos de idade, teve toda a sua formação segundo a cultura europeia. Estudou Agronomia e Veterinária – sem completar o curso – em Grignon (França) e Zurich (Suíça Alemã). Foi um boêmio na juventude e ganhou, na Alemanha, um “concurso de feiura”, cujo prêmio foi um canivete que nunca abandonou.

### Visão empresarial

Implantou 70 teares na fábrica de tecidos (Santa Francisca, depois Arethusina e Boyes), produzindo 2.400 metros de tecidos diários.

Adquiriu – dos Irmãos Krähennbühl, suíços-alemães – um carro caríssimo que empolgou a cidade. A negociação foi na casa do comerciante e, enquanto a discutiam, “Lulu” começou a “catar feijão” – separando os grãos bons dos carunchados – ajudando a dona da casa.

### Grande humanista

Quando um empregado foi surpreendido tomando champanha em sua adega, não quis puni-lo, dizendo: “Grande coisa, prova apenas que tem bom gosto”.

## Mario Dedini, de Lendinara a Piracicaba

Mario Dedini nasceu na cidade de Lendinara, província de Rovigo, norte da Itália, aos 23 de setembro de 1893. Filho de camponeses, Leopoldo Dedini e Amália Dedini, vivia em um sítio, o qual rendia o suficiente para manter a família. Gostava de consertar arados e ferramentas, e vivia lidando com máquinas – limpando ou polindo-as, mas os trabalhos da lavoura, executava-os por dever.

Aos 12 anos, contrariando a vontade dos pais, começou a trabalhar numa usina de açúcar na pequena Lendinara. Com o decorrer do tempo montou uma oficina, onde passou a fabricar ferramentas agrícolas para os sítiantes e moradores da cidade. Aos 19 anos, cursou a Escola Técnica de Desenho de Lendinara com o objetivo de aumentar seus conhecimentos de mecânica.

Mario Dedini sonhava montar uma Usina de Açúcar no Brasil e sua vontade aumentou quando soube que, no estado de São Paulo, faltavam mecânicos e técnicos especializados. Em 1914, o sonho se tornou realidade e o navio Princesa Helena partiu de Gênova – Itália, trazendo a bordo Mario Dedini. Estabeleceu-se na Usina Santa Bárbara, em Santa Bárbara D’Oeste, e lá trabalhava de 9 a 12 horas por dia, ocupando o cargo de mecânico.

Em 1920, já ambientado no país de línguas e costumes diferentes, com alguma economia e ajuda de amigos, ele e seu irmão Armando César compraram, na cidade de Piracicaba, no Bairro de Vila Rezende, uma pequena oficina de carpintaria e ferramentaria, dedicada à fabricação e consertos de veículos e implementos agrícolas (carroças, troles, arados, grades etc). Logo mais, com a instalação de um forno tipo “Cubilot” para fundição de ferro, habilitou-se a atender as necessidades mais urgentes dos engenheiros de aguardente e açúcar batido.

A obra iniciada por Mario Dedini frutificou. Passou a atuar nos setores de açúcar, álcool, siderurgia, papel, celulose, química, petroquímica, energia, cimento, mineração, alimentos, cervejarias e saneamento.

No dia 23 de maio de 1918, o Cartório de Registro Civil da Vila Rezende registra seu primeiro casamento com Marianna, que era piracicabana, mas seus pais eram de origem italiana. O casal foi

morar em uma casinha ao lado da casa-sede, dentro da Usina Santa Bárbara. Lá nasceu a primeira filha, Nida.

Em 1923, mudaram-se para Vila Rezende, na Av. Dr. Morato, perto da Oficina, onde nasceram mais dois filhos: Ada e Armando. Aí também morreu, prematuramente, D. Marianna, em 1928, deixando Armando ainda bebê. Mário Dedini mandou buscar sua mãe, D. Amália, da Itália, para que ela ajudasse a cuidar e criar os filhos ainda pequenos.

Chegou, então, a Nonneta, que só falava italiano e, durante sua estadia no Brasil, fez questão de não aprender o português. Nessa época, Mário Dedini já tinha entre seus melhores amigos Pedro Ometto, também de origem humilde, que havia começado no ramo de usinas de açúcar. As famílias se reuniam com frequência e Mario e Pedro falavam-se quase que diariamente. As filhas casaram-se na casa na Rua Santo Antônio, que existe até hoje, em cerimônia realizada pelos saudoso Padre Gallo, que na época era pároco de Vila Rezende. Nida e Ada casaram-se no mesmo ano, em 1943.

Nida casou-se com Arnaldo Ricciardi e, desse casamento, veio o primeiro neto, Marcos, e, em seguida, Maria Beatriz e Adriana.

Ada casa-se com Dovilio Ometto, filho de Pedro Ometto e Narcisa Chessini Ometto, compadres de Mario Dedini, tendo os filhos Cláudia, Mário e Juliana. Armando casou-se nos Estados Unidos com Norma Jean Dresselt. Dessa união nasce Mario Dresselt Dedini, mais conhecido como Malo, falecido em 2016.

À tradição dos patriarcas italianos, Mario Dedini, que se casara, pela segunda vez, com Otília Furlan, fazia questão do almoço, aos domingos, em família.

As oficinas de Mario Dedini progrediram e seu nome, com o crescimento da indústria, ultrapassou as fronteiras nacionais. O trabalho era a grande motivação de Mario Dedini, dizendo sempre que a aposentadoria, quando a pessoa possuía saúde, era o começo da morte, e que, para ele, o caminho seria sempre o de estar trabalhando, situação que pretendia se achar quando a morte o alcançasse.



Foto: Arquivo Celso Elias Netto

Enquanto esteve na Noiva da Colina, participou de várias obras assistenciais, sentindo-se recompensado em ajudar a comunidade da qual se julgava devedor. Nos últimos anos de sua vida, na época casado em terceiras núpcias com Inês Seghesi, recebeu várias homenagens e condecorações oficiais, por serviços prestados à comunidade piracicabana.

Após sua morte, também foi alvo de muitos gestos de gratidão pelos serviços prestados à coletividade piracicabana, ao nosso estado e país. Estátuas e efígies do pioneiro são encontradas em praça pública e em inúmeras entidades piracicabanas, assinalando o respeito, o reconhecimento e a homenagem da gente da terra.

Mario Dedini faleceu no dia 28 de fevereiro de 1970, em Piracicaba, deixando de luto toda a cidade, que perdia um homem que dedicou mais de 50 anos de trabalho em terra piracicabana. Terra essa que ainda hoje, reverencia a vida e a memória de Mário Dedini.

**Fonte:** Esta biografia foi compilada do livro “Centenário do Nascimento de Mario Dedini” de propriedade da família Dedini.

### Pioneirismo: Teixeira Mendes antes de Mário Dedini

A nossa história registra com detalhes, na segunda metade do Século XX, a importância da produção industrial de equipamentos para a indústria sucroalcooleira pelo Grupo Dedini, resultado da verdadeira revolução industrial provocada pela lucidez de Mário Dedini que, bem a propósito, recebeu o reconhecimento ao ser-lhe dado o qualificativo de “Contemporâneo da Posteridade”. No entanto, Piracicaba já produzira grandes peças para usinas na década de 1920. E a responsabilidade foi toda de um outro grande líder e visionário, a quem Mário Dedini muito recorreu: Octávio Teixeira Mendes. Ele e João Bottene são, infelizmente, personalidades que nossos escritores e escolas mantêm em penumbras inexplicáveis. As Oficinas Teixeira Mendes, que trabalhavam com fundição de ferro e bronze, mecânica, carpintaria e veículos, segundo relata a historiadora Maria Celestina Teixeira Mendes, aceitaram, na década de 1920, uma encomenda de uma usina de açúcar de Lorena, pertencente à “Companhia de Sucreries Brésiliennes”, a mesma que se tornou proprietária do Engenho Central. Tratava-se de uma peça de sete toneladas, que sustentava “três mancais da moenda” e que teria que ser importada da França para que a safra pudesse ser processada caso não pudesse ser produzida no Brasil. Octávio Teixeira Mendes aceitou o desafio, mas, como sua fundição tivesse capacidade para apenas 1.600 quilos, alugou um local em São Paulo. A peça danificada foi enviada de Lorena a Piracicaba e aqui se fez um molde em madeira do que deveria ser fundido em ferro, o que acabou por ocorrer em São Paulo. O equipamento foi aprovado e a usina pôde, com ela, processar integralmente sua safra. As oficinas Teixeira Mendes ainda responderam por outros grandes serviços, como a reforma de duas locomotivas da Estrada de Ferro Sorocabana. Mas, na sua produção, também listavam-se itens menores, como ventiladores para porões, ferros de engomar para alfaiates, serras circulares, tornos mecânicos, painéis de alumínio. As oficinas localizavam-se em velhos edifícios e barracões da atual rua Octávio Teixeira Mendes, atravessando a rua Santa Cruz, nas proximidades da Escola de Música, onde se encontram poucas paredes remanescentes daquela época.

## 1932: João Bottene cria o motor a álcool

Quando o Brasil volta a se empolgar com o biocombustível e o álcool retoma a revolução energética provocada ainda nos 1970, é essencial recuperar a história e rememorar. Essa revolução começou em Piracicaba.

O historiador e escritor João Chiarini honrou a memória dos seus idealizadores: primeiro, o professor José Vizioli, da ESALQ, o criador do álcool como combustível automotivo; ao mesmo tempo, o grande inventor piracicabano, João Bottene, que o adaptou aos motores de veículos.

Essa lembrança, João Chiarini já a havia feito em reportagem na Folha de São Paulo, em 1º de fevereiro de 1980. Sabe-se que João Bottene fez experiências com álcool em seu próprio automóvel, um Ford modelo 1929, utilizando o óleo de mamona como aditivo, alcançando muito sucesso. Na revolução de 1932, Bottene engajou-se como voluntário e, em São Paulo, na garagem da Prefeitura adequou a frota de automóveis e caminhões para o uso do álcool como combustível. Foi dele a genial ideia de – à falta de armamentos para os revolucionários paulistas – criar a incrível “matraca”, cujo barulho imitava o som das metralhadoras.

A criatividade de João Bottene levou-o a utilizar um aparelho “Gazol” para ser adaptado ao motor de seu automóvel, afim de vaporizar o álcool diretamente no motor em um aparelho distribuidor, substituindo o carburador. Esse aparelho, João já o utilizava nos motores automotivos movido a “gasogênio”. Apenas substituiria o gás do carvão pelo gás do álcool.

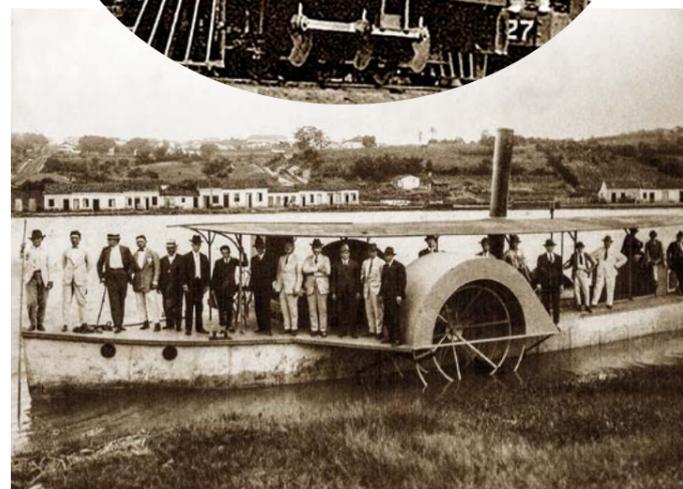
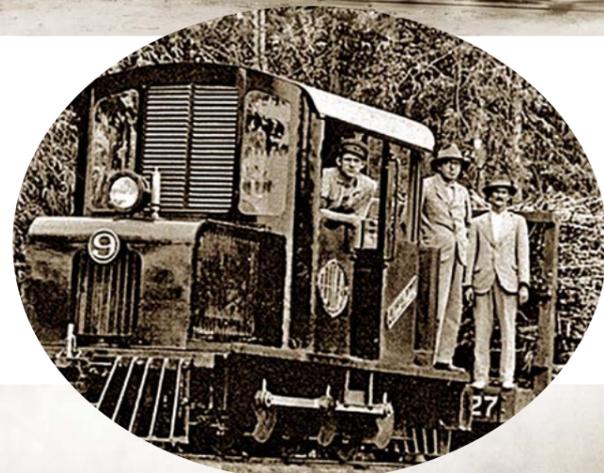
### Funcionamento do Gazol no torrador de café

Uma caldeira provida de uma tampa de enchimento e válvula de segurança, onde é colocado o álcool. Na base da caldeira, é colocada uma lamparina alimentada por um reservatório de álcool. O álcool aquecido gera o gás vaporizado para um tubo de aço perfurado que fornece a chama ao longo do torrador tubular.

O processo é rápido, tem a vantagem de queimar a película que envolve os grãos do café e não deixa cheiro. O Gazoal, do torrador original, nome com quase 90 anos, faz parte do acervo de sua neta, Cláudia B. Bottene.



Foto: Arquivo Gedlio Elias Netto



### THREE MEN, THREE GREAT EXAMPLES

It is impossible to highlight – by name – the main Piracicaban Sweet Men. Therefore, we have chosen three among them: Luiz de Queiroz (the Father of Agriculture), Mário Dedini (a contemporary of posterity) and João Bottene (genius and mechanics magician). Through them, let others feel honored also.

#### Luiz de Queiroz, the father of agriculture

If indeed, there are those who are born with a prophetic and missionary destiny, one of those was – in a heroic, anguished but persistent way – Luiz Vicente de Souza Queiroz. He did not remain standing on the beach; he threw himself into the water, swimming desperately. His visionary work, his foresight of the future, were the cornerstone for turning Brazil into the agribusiness power it is today. And Piracicaba owns to that unique man the attitudes and pioneering feats that have been the basis for our scientific, cultural and citizenship development. Next, a brief biography.

Full name: Luiz Vicente de Souza Queiroz. Fifth son of the Baron of Limeira (Vicente de Souza Queiroz), Luiz de Queiroz was born on June 12, 1849, in a country house located right in the heart of São Paulo City, the mansion of the Barons of Limeira. His name was a tribute to both his grandfather and father. His mother, Francisca de Paula Souza, also was named after a similarly famous father, Senator and counselor of the Empire Francisco de Paula Souza e Mello.

Luiz de Queiroz, in his youth, attended the school of agriculture and veterinary in Grignon, France, located in a castle dating back to the 13th Century and the like-oriented school in Zurich, then in German Switzerland. In 1872, following the death of his father, he inherits farms located between Piracicaba (then called Constituição) and Limeira. When 24, while staying in Piracicaba in the mansion of his uncles, the Marquises of Valença – nowadays known as Chácara Nazareth – looking at the magnificence of the river and its majestic waterfall, he imagined a way of harnessing that huge energy potential. Being an enterprising soul, he decides to set up a textile factory moved by hydraulic power. Obstacles? Not for him. Thus, he becomes one of the pioneers, founding the Fábrica de Tecidos Santa Francisca (Saint Francisca Textile Factory), so named as a tribute to his mother. With 50 looms in the factory, from the very beginning it provides jobs for 50 workers and had a daily production capacity of 2400 meters of cloth.

At the time Piracicaba was the third city in the Province of São Paulo where it concerns the number of slaves (5339 out of 174622), topped only by Bananal and Campinas. However, in the properties of Luiz de Queiroz there had never been a slave workforce. With his dynamism, he employed river transportation for his production, acquiring boats that navigated along the Piracicaba and Tietê Rivers to São Pedro, Dois Córregos and Jaú on the right bank and Botucatu and Lençóis, on the left bank.

#### Wedding and dream

In 1880, Luiz de Queiroz married Ermelinda Ottoni, daughter of Counselor of the Empire Cristiano Ottoni and Bárbara de Barros Ottoni. The couple moved into the villa build on the bank of the river by the waterfall, on a land plot that occupies a whole block on Vergueiro Street by Beira Rio Avenue. In 1900, the place was called “The bosom of Abraham”, such was the beauty of its build and landscape. The couple had no children and Luiz de Queiroz — nicknamed Lulu — in his moments of leisure

involved himself with plants, development of parks and gardens and benefaction work. Mrs. Ermelinda lived out her life partaking in pious work, catechism and preparation of children for the First Communion.

Being of a cheerful and sociable disposition, Luiz de Queiroz planted trees on squares and on many streets and offered ornamental plants to acquaintances and friends. He establishes the Água Branca Lumber-mill, imports from Paris a luxury car that arouses public attention and becomes news in the press. As an agronomist, he understands that a school of agronomy is indispensable not only to provide for production of the raw materials needed for his looms and mills, but also for commercial crops. It becomes his great dream, which begins to be palpable in 1889 when he buys the Fazenda São João da Montanha (St. John of the Mountain Farm) from João Florêncio da Rocha, with 131 alqueires (land measure, 24,220 square meters in São Paulo State) and located three kilometers from the city.

#### The power plant

From then on, Luiz de Queiroz dedicates his life to the consummation of his dream: an Agricultural School. He works obstinately, spending nearly all his fortune in the venture and seeks State support. He applies for a subsidy, which is denied, the same as his request for free shipping of the materials needed for the construction. His difficulties increase, for in addition to the construction of the school he had decided to exploit the river waters in order to set up an electric power plant. Eventually, he proposes to the City Hall to construct the power plant and, under contract, to supply power to the whole city. To accomplish it, he brings in all machinery and an electric engineer from the United States.

The building is built entirely with stone, American style, on the left bank of the Piracicaba River, in front of the Ilha dos Amores (Love Island), currently housing the Water Museum. The plant would have two 250 horsepower turbines and three Thompson & Houston dynamos. The largest among them and intended for private lighting, developed 1200 amperes and the other two, with 770 amperes were intended for public lighting. The plant was inaugurated on September 6, 1893 and thanks to it, Piracicaba had electric lighting before any South American and many European countries. And also before São Paulo and Rio de Janeiro.

#### The Agricultural School

On May 11, 1892, the House of Representatives of São Paulo decided to pass Act No. 26, authorizing the Paulistan Executive to establish a higher education level Agricultural School and an Engineering School, at the locations it deemed fitting, as well as ten Agronomic Stations with their corresponding experimental fields.

In view of that and in dire financial predicaments, in order to consummate his dream Luiz de Queiroz decided to donate his beloved São João da Montanha Farm to the government, with all therein existing facilities, but on one condition: within a ten-year term, his much so dreamed about school would have to be completed and inaugurated. There were, however, multiple mishaps, the difficulties increased and Luiz de Queiroz did not live to witness his dream. On June 11, 1898, he dies suddenly while in full activity. He is buried on June 12, his birthday, in the Cemetery of Consolation in São Paulo, in the tomb of the Barons of Limeira, street 8, grave 38 and 39.

On June 12, 1964, the *Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz* — the dream at long last fulfilled — built a mausoleum in front of the main building and received permission to transfer the remains of Luiz and Ermelinda Queiroz to the ESALQ campus. The mausoleum was designed by Piracicaban artist Archimedes Dutra and depicts the following inscription: “To Luiz Vicente de Souza Queiroz... Your school is your monument”.

#### **Electric lighting**

A Luiz de Queiroz initiative, inauguration of the electric lighting took place on September 6, 1893. In order to better assess the value of the work, it is important to remember that the incandescent light bulb was invented by Thomas Alva Edison in 1879 and the first electric power plant that enabled power distribution dates from 1882. It was a steam-powered generator with 560kw capacity, which serviced 59 dwellers of New York. The first hydroelectric power plant was built in Wisconsin (USA) and São Paulo City had electric lighting only as of 1889. Campos (RJ) was the only city that preceded Piracicaba in Brazil.

Even so, the “*Gazeta de Piracicaba*” complained; “of the 235 lamps provided for under the contract, only 120 were working”.

#### **São João da Montanha (St. John of the Mountain) Farm**

A document has become evidence of the hardships, difficulties and disappointments Luiz Vicente de Souza Queiroz, today immortalized, faced to fulfill his dream of an Agricultural School. His farm, currently the ESALQ, was in ruins. Donated to the State Government in 1892 by Luiz de Queiroz to house a School of Agronomy – which only began taking shape in 1901 – the São João da Montanha Farm had been, for several years, the subject of detailed reports by its administrators. The first of those, dated 1893, is signed by the administrator assigned to oversee the Farm, Ernst Lehmann, Deputy Director of the Instituto Agronômico de Campinas (Agronomy Institute of Campinas).

Addressed to Jorge Tibiriçá, at the time State Secretary for Agriculture Affairs, the report describes the precarious conditions of the property, requiring appropriation of substantial funds for its recovery and possible generation of income. But it also conveys that the State had no intention of assigning sizable investments at the time, as stated by the administrator: “introduction of sugar cane crops with farm-hands to generate income for the Farm was not feasible, as it would be against the purposes for which it is intended, as well as due to a total lack of capital and preparations. Scientific experiments were not foreseen on a significant scale, as its future splitting from the Institute was decided; building of further school facilities would have demanded substantial funds, which were not available”.

Moreover, as Lehmann himself states, during the first four months of his administration there was still hope of carrying on with Mr. Queiroz’s work, but without assignment of funds to establish the future school, even the number of workers had to be drastically reduced: from the 60 hired in October 1892, only 10 were left by November in the following year. Thus, little of what had been left by Luiz de Queiroz originally could be used by the State.

Descriptions depict a nearly abandoned property, as can be surmised: “in the Administration House I limited work to repairing the plasterwork, whitewashing, painting doors and windows and propping up unsafe walls; the barn was in ruins and its repair is totally impossible, the wood is all rotten and the walls cracked; regarding the 16 houses, only 8 can still be used; the roof of the old sugar mill has caved in; the corn mill is set up in an old building that cannot take any further repairs”. Regarding the farm hands’ houses, the situation was so bad that it affected the sanitation conditions of the dwelling themselves and surrounding terrain. The administrator admits the occurrence of pernicious fevers, with one death. However, the problems did not end there. During the rainy season, the wooden bridge over the Itapeva Creek that provided communication with the city collapsed. Its reconstruction, carried out by the administrator with stones and bricks, ended up also befitting the neighbors of the Farm. The plumbing, according to Lehmann, worked for one day only: “an inspection showed that it was in deplorable state, holed and almost totally clogged up”.

#### **Telephony**

With Luiz de Queiroz, the pioneer spirit of Piracicaba began unravelling with eyes set on the future. In addition to water supply, to electric power, Piracicaba was the second Brazilian city with telephones. Visiting the International Fair of Philadelphia, D. Pedro II met Graham Bell (inventor of the telephone, in 1876), was thrilled with the novelty and in 1877 set up the first telephones in Brazil, in the São Cristóvão Palace in Rio de Janeiro. In 1879, he authorized creation of the *Companhia Telefônica do Brasil* (Telephone Company of Brazil).

Luiz de Queiroz installed the first telephones in Piracicaba, linking the Textile Factory to the Santa Genebra Farm in the countryside. The old “*Gazeta de Piracicaba*” published the new in its November 22, 1882 issue, with great exultation. São Paulo City was the third city in Brazil to have telephony.

#### **MARIO DEDINI, FROM LENDINARA TO PIRACICABA**

Mario Dedini was born September 23, 1893 in the city of Lendinara, in the province of Rovigo in northern Italy. A son of peasants, Leopoldo Dedini and Amália Dedini, he lived in a small farm that provided enough to keep the family. He liked to repair plows and tools and tinkered with machines all the time – cleaning or polishing them. However, when it came to farming work, he only did it out of duty.

When 12 years old and against the wishes of his parents, he began working at a sugar mill in small Lendinara. Over time, he set up a workshop where he fabricated farming tools for small farmers and city dwellers. At 19, he enrolled in the Technical Drawing School in Lendinara, aiming at increasing his knowledge of mechanics.

Mario Dedini dreamed about establishing a Sugar Mill in Brazil and his will increased when he heard that there was a lack of mechanics and expert technicians in the State of São Paulo. His dream came true in 1914, when the *Princesa Helena* ship sailed from Geneve in Italy with Mario Dedini aboard. He settled down in the Santa Bárbara Sugar Mill in Santa Bárbara D’Oeste, working 9 to 12 hours a day as a mechanic.

In 1920, already settled in a country with different language and costumes, with some savings and helped by friends he and his brother Armando Césare bought a small carpentry and toolmaking workshop in the Vila Rezende district in Piracicaba, established for the manufacture and repair of vehicles and farming implements (carts, trolleys, plows, harrows, etc.). Later, with the acquisition of a “Cubilot” type furnace, he was able to cater to the most urgent needs of liquor and sugar mills.

The work started by Mario Dedini bore fruits. Today, it operates in the sugar, alcohol, ironworks, paper, pulp, chemical, petrochemical, energy, cement, mining, food, brewery and sanitation industries.

On May 23, 1918, the Public Civil Registry in Vila Rezende records his first marriage with Marianna, born in Piracicaba from Italian parents. The couple settled in a little house next to the Santa Bárbara Sugar Mill headquarters building. Their first daughter, Nida, was born there.

In 1923, they moved to Vila Rezende, on Dr. Morato Avenue and near the “Workshop”, where two further children were born: Ada and Armando. There Mrs. Marianna died prematurely in 1928, leaving Armando still a baby. Mario Dedini sent for his mother, Mrs. Amélia, in Italy, to help him care for and rise his still-little children.

Nonetta arrived then; she only spoke Italian and during her stay in Brazil made it a point not to learn Portuguese. By then, one of Mário Dedini’s best friends was Pedro Ometto, also of humble origin, who had started enterprising with sugar mills. The families met often and Mario and Pedro talked almost every day.

His daughters were married in the Santo Antônio Street house that still exists today, in ceremonies officiated by the late Father Gallo, at the time parish priest of Vila Rezende. Nida and Ada both married the same year, 1943.

Nida married to Arnaldo Ricciardi and from that marriage the first grandson, Marcos, was born, followed by Maria Beatriz and Adriana.

Ada married to Dovilio Ometto, son of Pedro Ometto and Narcisa Chessini Ometto, compadres of Mario Dedini’s and parents of Cláudia, Mário and Juliana. Armando married Norma Jean Dresselt in the United States. From that match was born Mario Dresselt Dedini, better known as Malo.

At that time, after Masses Mario Dedini, who had married a second time with Mrs. Ottilia Furlan, made it a point to have family lunches on Sundays.

During the Holly Week, Mr. Mario and the children participated in the “Time of Vigil” and Sermon of the Seven Words on Good Friday, at the Imaculada Conceição Church in Vila Rezende. That ritual was repeated every year.

The Mario Dedini workshops progressed and his name, with the growth of his industry, spread beyond national borders. Work was Mario Dedini’s great motivation and he always said that retirement, to a healthy person, was the beginning of death and that to him the path was to keep on working, as he wanted to be doing when death caught up with him.

While he lived in the Bride of the Hill, he participated in several social works, feeling rewarded for helping the community with which he felt in debt. During the last years of his live, by then married a third time to Inês Seghesi, he received various tributes and official awards for work rendered to the community.

After his death, he was also target of many gestures of appreciation for his services to the Piracicaban community, to our state and country. Statues and effigies of the pioneer are to be found in public places and in countless Piracicaban entities, evidencing the respect, recognition and tribute of the people of the city.

Mario Dedini passed away on February 28, 1970, in Piracicaba, leaving the whole city in mourning for the loss of a man who had dedicated more than 50 years of his life working in Piracicaban land. A land that, up to current days and forever, will remember the late Mario Dedini.

#### **1932 – JOÃO BOTENE INVENTS THE ALCOHOL ENGINE**

Now that Brazil is again enthusiastic about biofuels and alcohol resumes the energy revolution started still in the nineteen-seventies, it is essential to revisit that story and remember. That revolution started in Piracicaba.

Historian and writer João Chiarini was the first to honor the memory of its creators: first of them, ESALQ professor José Vizioli, inventor of alcohol as an automotive fuel; and t the same time, the great Piracicaban inventor João Bottene, who matched it to vehicle engines.

João Chiarini had already recalled it in the *Folha de São Paulo*, on February 1, 1980. It is known that João Bottene successfully experimented with alcohol in his own automobile, a 1929 model Ford, using castor oil as an additive. In the 1932 revolution, Bottene signed up as a volunteer and in São Paulo, at the City Hall Garage, adapted the fleet of automobiles and trucks to use alcohol as fuel. The brilliant idea – due to a lack of weapons for the Paulistan revolutionaries – of creating the incredible “matraca”, a device that imitated the sound of machine-guns, was his.

João Bottene’s creativity prompted him to fit a “Gazol” device to the engine of his automobile, vaporizing alcohol straight into the engine and so replacing the carburetor. João had already used that gadget in automotive engines fueled with “gazogene”. He just replaced coal gas for alcohol gas.

#### **Operation of Gazol in coffee roasters**

A boiler with a filling cap and safety valve is filled up with alcohol. At the base of the boiler there is a blowtorch fueled from an alcohol reservoir. The heated alcohol generates vaporized gas that flows into a perforated steel pipe that provides flames along the tubular roaster.

The process is fast, with the advantage of burning away the film that envelopes the coffee beans and it leaving no smell. The Gazol of the original roaster, an almost 90-years old name, is a part of his granddaughter Cláudia B. Bottene’s collection.

## A ADOCICADA CULTURA CAIPIRACICABANA (Ingênua e Genial)

“ Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os melhores costumes do mundo, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, convencidos de serem melhores do que todos os outros ”

Heródoto

Os últimos livros que escrevi levaram-me a um precipício intelectual, a um abismo desafiador. Pergunto-me se pretensão, se apenas delírio de um homem cada vez mais apaixonado por sua terra. Ora, os apaixonados são, por natureza, pretensiosos, tanto e tanto que chegam à beira da irresponsabilidade. Por Piracicaba, mergulhei, sem ser historiador, no mais fundo de nossa história; sem ser artista, embriaguei-me da arte; sem sair palmeando o mundo, fiz de Piracicaba, para mim, o mais belo dos mundos. Mas, até o fundo da alma, tenho a convicção de isso tudo ser real.

Existe uma cultura caipiracabana? Tenho certeza de, até aqui, ainda haver. Na realidade, somos fruto de uma conhecida e reconhecida cultura caipira. Que – com nossas características, maneiras de ser – transformamos em “*cultura caipiracabana*”. A de uma região que resistiu aos terremotos culturais, como se Piracicaba aspergisse, exalasse – de forma contagiante – uma certa maneira de ser, uma singularidade que penso misteriosa, inexplicável.

E terei, comigo, quem também pense assim.

Há uma apenas condição: olhar Piracicaba, olhar nossa história com o olhar de criança. E, portanto, não como pensamento, mas como imagem e sentimento. Apenas isso. Piracicaba viveu, nestes 250 anos, toda a condição humana, que é universal. Conheceu misérias, crueldades, tiranias, conforme a trajetória da epopeia de cada época. Conseguiu, porém, que o belo, a cultura, a arte, a

civilização, a luz do pioneirismo superassem as sombras que, desde a povoação, baixaram sobre a população. E venceu!

Assumo, pois, o risco e aventura de ingressar no universo múltiplo da cultura. O pensamento caminha, também ele, com bengala. Tateando, apalpando, duvidando, inseguro, incerto, confuso, curioso – “*chi lo sa?*” Se tantos e tantos filósofos e pensadores discordam entre si; se tantos e múltiplos conceitos há – por e para quê “*enfiar a mão nessa cumbuca?*” Afinal de contas, a sabedoria caipiracabana ensina – e eu não aprendo – que “*em briga de nambu, jacu não entra*”. Jacu teimoso, entro na briga dos nambus.

A origem da palavra cultura – e também de culto - é latina: “*colere*”, significando cultivar, conservar, cuidar de. O homem cultiva a e cuida da terra (agricultura); das crianças (puericultura), de abelhas (apicultura) e muito mais. Quanto aos humanos, trata-se do cuidado e da conservação do nosso espaço vital. O conceito de cultura – quanto ao homem – contrapõe-se ao conceito de natureza. Pois supõe o cultivo da arte (o Belo), da moral (o Bem), a filosofia e as ciências (a Verdade), o sagrado (a Religião), a técnica (a eficiência instrumental-prática).

Todas elas, de maneira peculiar, se condicionam e se entrosam mutuamente. O indivíduo participa disso através da formação, iniciação, educação, imitação e criação própria. Mas está sujeito à família e à sociedade, à história, à língua, à tradição, ao trabalho,

ao lazer. Quem, em meu capenga entender, me parece oferecer uma explicação por assim dizer quase simplista foi o antropólogo estadunidense, Clifford Geertz (1926-2016): “*todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura*”.

O grande desafio, porém – e em todos os séculos – tem sido o de saber manter vivo o que é fundamental. Pois a cultura emigra, em contraponto à civilização, que é sedentária. É, assim, diante de mudanças e transformações que se impõe, mais do que o conhecimento, a sabedoria do homem. Os chineses ainda cultivam a lucidez de Confúcio: “*Tudo está sujeito a mudança*” – um fluxo perpétuo. Que, no entanto, pode ser direcionado. Ora, a deterioração faz parte da natureza das coisas e dos seres vivos. Não há, pois, o permanente absoluto. E a cultura é parte, também, dessa mesma natureza.

Cabe, ao homem, discernir, escolher, avaliar o que pode e deve ser mudado. E que o fundamental seja preservado e cultivado. Trata-se,

ainda em meu entender – como já o escrevi diversas vezes – observar e, com olhar místico, a árvore. Nela, estão os princípios, suas raízes; e os valores, os galhos que mudam a cada estação. Se matarem as raízes (o princípio), não mais haverá galhos, flores e frutos (valores).

Antes de encerrar este capítulo, socorro-me do notável antropólogo e filologista dinamarquês, Kaj Birket-Smith (1893-1977) que, sobre cultura e árvore, deixou-nos a bela comparação:

“*A cultura assemelha-se a uma árvore de lenda em que cada galho se distingue do vizinho, cada flor possui uma cor e um perfume próprios e cada fruto um sabor especial. Cada cultura e cada povo tem um caráter particular. Mas todos os galhos brotaram do mesmo tronco e se nutrem da mesma seiva. Se os galhos se partem e se separam do tronco, as flores murcham. (...) É uma herança que cria para nós uma obrigação. Mas ao mesmo tempo, somos membros da comunidade humana e nossa cultura é uma parte da cultura universal à qual devemos levar uma contribuição permanente*”.

Foto: Davi Negri





### **THE SWEETISH CAIPIRACABAN CULTURE (Naïve and brilliant)**

*The recent books I wrote took me to the edge of an intellectual cliff, a challenging abyss. I wonder whether it is pretention or just the delirium of a man ever more in love with his land. Now, those in love are pretentious by their very nature, so much so that they get to the brim of irresponsibility. Not a historian, for Piracicaba I plunged into the deepest folds of our history; not an artist, I became inebriated with art; not a voyager roving the world, I made Piracicaba, to me, the most beautiful of worlds. However, in my deepest soul, I feel conviction that all that is real.*

*Is there a caipiracaban culture? I feel certain that there is one still, until now. In fact, we are the outcome of a known and recognized caipira culture. One which we – with our characteristics, our way of being – have turned into a “caipiracaban culture”. The culture of a region that has resisted the cultural earthquakes, as though Piracicaba sprinkled, exhaled – so contagiously – a certain way of being, a uniqueness that to me seems mysterious, unexplainable.*

*And I have with me others who also think alike. There is but one condition: to look at Piracicaba, to look at our history with the eyes of a child. Therefore, not as thoughts, but as images and feelings. That is all. Piracicaba, in these*

*250 years, has experienced the entire range of human condition, which is universal. It experienced miseries, cruelties, tyrannies, in line with the path of the epopee of every age. Nevertheless, it has been able to make beauty, culture, art, civilization, the light of pioneering overcome the shadows that, since the original settlement enshrouded our population. And overcame the!*

*Therefore, I assume the risk and adventure of entering the multiple universe of culture. Thoughts, too, walk with a cane. Groping, feeling, doubting, insecure, uncertain, confused, curious – “chi lo sa?” If so many philosophers and thinkers disagree among them; if there are so many and multiple concepts – why, and for what to “stick my hand in this cookie jar?” After all, caipiracaban wisdom teaches – and I do not learn – that “when nambus quarrel, jacu birds stay away from the fry”. A stubborn jacu bird myself, I enter the nambus’ fry”.*

*Origin of the culture word – as well as of cult – is Latin: “colere”, meaning to grow, to cultivate, to care for. Man cultivates and nurtures land (agriculture); children (childcare), bees (beekeeping) and a lot more. Regarding humans, it means to care and conserve our living space. The concept of culture – where it concerns man – opposes the concept of Nature. For it presumes the growth*

*of art (Beauty), moral (Good), philosophy and sciences (Truth), holiness (Religion), technique (Instrumental-practical efficacy).*

*All those, in their own peculiar way, condition themselves and mingle. Individuals are part of that through their training, initiation, education, imitation and individual creation. However, they are subject to family and society, History, language, tradition, work, recreation. One, who in my poor understanding, seems to provide a, so to say, simplistic explanation, was the North American anthropologist Clifford Geertz (1926-2016): “every man is genetically able to receive a programming and that programming is called culture”.*

*However, the great challenge – in every century – has been to keep that which is fundamental alive. For culture emigrates, unlike civilization, which is sedentary. Therefore, in view of the changes and transformations demanded, more than knowledge, than men’s wisdom. The Chinese still stand by the perspicuity of Confucius: “Everything is subject to change” – in eternal flow. However, one that can be conducted. Now, deterioration is part of the nature of things and living beings. Thus, there is no such thing as an absolute eternal. And culture is also part of that same nature.*

*It is up to men to discern, choose, assess what can be and needs to be changed, and that which is fundamental preserved and cultivated. By my reckoning – as I have written in several occasions – it is a matter of watching the tree with a mystic eye. In the tree are to be found the principles, its roots; and the values, branches that change with every season. If the principles (roots) are killed, there will be no branches, no flowers, no fruit (values).*

*Before closing this chapter, I refer to the noteworthy Danish anthropology and philologist Kaj Birket-Smith (1893-1977), who left us this fine comparison regarding culture and tree:*

*“Culture resembles a legend tree where every branch is unlike its neighbor, every flower has a particular color and scent and every fruit has a special taste. Every culture and every people has a particular character. However, all branches have sprouted from one same trunk and are nourished by the same sap. If the branches break away from the trunk, the flowers wilt. (...) That legacy bestows an obligation upon us. However, at the same time, we are members of the human community and our culture is part of a universal culture to which we must add a permanent contribution”.*

## Eterna vigilância

“ O preço da liberdade é a eterna vigilância ”

Há divergência quanto à autoria da frase acima que se tornou famosa. Entre outros, atribuem-na, especialmente, a Thomaz Jefferson e a Aldous Huxley. O importante, porém – pelo menos a este escrevinhador – está em sua sabedoria. Pois, se vale, ela, para a liberdade, há que valer também para tudo o que for generosamente humano.

Ora, existe, sim, uma cultura caipira em Piracicaba, a singular “**cultura caipiracabana**”. Ainda teima em existir, suas raízes vivas, apesar de esquecidas por muitos. É preciso, todavia, entender – e aceitar – que está em transformação. O mundo foi devastado por novas tecnologias e pela materializante economia de mercado. Há maravilhas de benefícios, mas os males são destruidores. Já se diz que um garoto do curso médio tem – com a internet, celulares, tablets – mais conhecimento do que Aristóteles. Mas que, em contraponto, nem ele e nem o mais preparado de nossos doutores têm a sabedoria aristotélica.

Os tempos – em especial quanto à cultura – exigem sabedoria diante da tecnologia. A chamada globalização pretendeu – em sua exuberância material – o que foi a ambição do Cristianismo: “*um só rebanho para um só pastor*”. Mas seus pastores econômicos não previram que a globalização levaria à fragmentação. O mundo, em vez de globalizar-se, está fragmentando-se. No lugar da aldeia global, estamos presenciando o retorno às raízes, à tribo, a busca do bom que se perdeu. Infelizmente, porém, sob a forma de guerras, de nacionalismos xenófobos, de divisionismos intoleráveis. Mas o homem deste início de terceiro milênio, continua à procura do ninho, de seu lar espiritual. Seria, isso, sinais do “*eterno retorno*” de Nietzsche?

Nessa fragmentação, Piracicaba há que estar atenta às suas raízes, permanentemente vigiando-as. Pois os galhos começam a mudar. Será o nosso fim – o fim de uma história cheia de encantos – se não estivermos atentos às heranças do passado, de nossos pais construtores. De minha parte – especialmente neste último livro da trilogia – quero apenas contar e lembrar essa história, vasculhar o passado em busca de tesouros escondidos. Faço-o cantando – na doçura de um canto gregoriano – movido, porém, por uma desesperada esperança. Eis a dor: avivar a esperança no desespero; amainar o desespero na esperança.

### **ETERNAL VIGILANCE**

*There is disagreement as to the author of the sentence that became famous. It is attributed in special, among others, to Thomaz Jefferson or Aldous Huxley. However, what is important – at least to this scribbler – is its wisdom. For if it is valid for freedom, it shall also be valid for all that is generously human.*

*Now, certainly there is a caipira culture in Piracicaba, a unique “caipiracaban culture”. It still exists stubbornly, its roots alive, although forgotten by many. However, it is necessary to understand – and accept – that it is undergoing a transformation. The world has been ravaged by new technologies and by the materialistic market economy. There are wonders in its benefits, but its evils are destructive. It has been said already that a high school kid – with internet, cell phones, tablets – has more knowledge than Aristotle did. However, in contrast, neither him nor the most well-prepared among our doctors have Aristotle’s wisdom.*

*Times – in special with relation to culture – demand wisdom in the face of technology. The so-called globalization intended – in its materialistic pretension – that which was an ambition of Christianity: “one single flock for one single shepherd”. However, its economic shepherds did not foresee that globalization would lead to fragmentation. The world, instead of becoming globalized, is fragmenting up. Instead of a global village, we are witnessing a return to the roots, to the tribe, to the search for a goodness that has been lost. Unhappily, however, by way of wars, of xenophobic nationalisms, of unbearable divisionism. But man, in this beginning of the third millennium, is still in search of the nest, of his spiritual home. Would that be a signal of Nietzsche’s eternal “regress”?*

*In that fragmentation, Piracicaba should be attentive to its roots, watching over them permanently. For the branches are beginning to change. It shall be our end – the end of a history full of delights – if we are not attentive to our heritage, to our building fathers. As for myself – in special in this last book of the trilogia – all I want is to tell and recall that history, rummaging through the past in search of hidden treasures. I do it singing, – with the sweetness of a Gregorian chant – driven, however, by a despairing hope. That is the pain: to kindle hope in despair; to appease the despair of hope.*



“ Visão é a capacidade de enxergar além do que os olhos são capazes ”

Myles Munroe



Foto: Real D'Imagemagens Aéreas

“ Alguém reflete, outro reage; alguém sente, outro calcula.  
O caipiracicabano vive tudo isso. Mas vê de dentro para fora ”

Cecílio Elias Netto

## MEMÓRIA: A MORADIA

“A natureza dos homens é a mesma; são os seus hábitos que os mantêm separados”

Confúcio, IV, aC

Em São Paulo, antes da “trilha do homem branco”, havia a “trilha dos índios”, que antecipou a passagem do colonizador por picadões e estradas primitivas. Ao longo do rio Tietê – o “rio paulista por excelência, o rio fundo, rio verdadeiro, rio dos canários” – aconteceu a grande saga das descobertas e das conquistas. Antes de ser Tietê, era, para o índio, o rio Anhembi, “rio dos nambus, rio das anhumas”. Com o surgimento do homem branco, tudo se transformou. E começou a caçada aos índios, a escravidão deles e dos negros.

O caipira nasce dessa fusão do português conquistador, do índio e do negro. Como que andarilho, é, o caipira, um criador de roças e de roçados. Na grande caminhada, detinha-se em algum ponto, fazia pequenas lavouras, desbravadas de muita vegetação e florestas. No Brasil Colônia, a grande maioria das pequenas propriedades era de roçados em solo virgem, em terras devolutas. Esse andarilho usava o fogo para a limpeza do terreno e, com isso, esgotava a terra e tornava pobre a agricultura.

Estando sempre de passagem, o caipira criou um estilo de moradia provisória, em torno da qual podia criar galinhas e porcos, plantando especialmente milho e feijão. À beira dos rios, o caipira – homem das matas, da água, do peixe – soube tirar alimento de rios e riachos, incluindo o peixe em sua alimentação básica.

Nos vales do Tietê, houve como que uma “civilização caipira”, determinante para a evolução de uma cultura especial. Da barra do rio Sorocaba ao Piracicaba, esses roçados e as moradias rústicas deixaram vestígios. E há descrições de moradas que definem um estilo de vida. Desde o final do longínquo 1760, havia escravos negros participando dessa epopeia, ao lado de índios e brancos.

### Uma casa caipira

No início do século XX, o escritor piracicabano Joaquim Silveira Mello descreveu, ainda intata, a casa de um agrimensor português, José de Campos Negreiros, às margens do rio Piracicaba, conforme se encontrava em 1830. É a seguinte a descrição:

*“A casa está construída na barranca do rio a dentro (Piracicaba). Parece que assim foi construída para gozar de direitos no rego d’água desviado do Salto. É pequena e modesta. Ao entrar, dá-se com uma sala pequena, denominada alpendre, onde se vê uma pequena mesa para as refeições dos camaradas e dos estranhos, alguns mochos com assento de couro, num canto um pequeno pote que chamam de cambuci, com uma tampa redonda de tábuas e sobre ela um coco de cabo comprido. Ao lado, uma cama feita e, no outro, uma pilha de couros de anta, onça, veado, ariranha e lontra, ali armazenados pela dona da casa, D. Aninha, que alcança anualmente bons lucros no negócio de compra e vendas de peles. Dentro de uma varanda um tanto espaçosa, via-se num canto a igaçaba (um pote grande e tosco) para decantar a água do rio, tendo ao lado o cambuci. Noutra canto, sobre uma mesa, o oratório. Num dos lados da varanda, um estrado de tábuas com listrões vermelhos. Nos outros dois cantos, duas redes e, entre elas, dou ou três assentos baixos que chamam de tripeças. No outro lado da varanda, está a mesa de jantar, ladeada de dois compridos bancos de encosto e, sobre a mesa, uma grande copo de vidro azulado, de pé com a boca para baixo e de fundo. Redondo”.*

### O mobiliário

Na Piracicaba de nossos ancestrais, o estilo de vida e de morar é quase que o mesmo dos antigos moradores do Vale do Paraíba.

A escritora Maria Tereza Marcondes, narrando suas lembranças (“*Tempo & Memória*”, 1988, Prefeitura de Taubaté), descreve o mobiliário das “casas grandes” caipiras, coloniais. Alguns de seus destaques:

*“A sala de hóspedes dava para dois quartos com duas camas de solteiro em cada uma. Duas canastras de couro, com tacha douradas, onde se guardava a roupa de cama, tudo de linho, bordado a mão. Mesinhas com jarro, bacia, baldes, urinóis e saboneteiras, tudo esmaltado de branco. Na sala, uma mobília de palhinha, com capas brancas nas cadeiras e duas caminhas estreitas chamadas marquesas. A casa não era de luxo, tudo muito simples, porém, de boa qualidade. (...) Na parede, um grande espelho e muitos quadros de santos e retratos”.*

Maria Tereza lembra-se de quadros que fizeram parte da religiosidade das famílias caipiras até passado ainda recente: “olhando de frente, via-se São Jorge, de um lado o Coração de Jesus e, de outro, o Coração de Maria”.

### A sala de jantar

Semelhantemente a Piracicaba, a sala de jantar, diz a autora, “tinha três janelas para a frente e uma porta e janela para o jardim. Bem no meio, uma mesa de três metros de comprimento, com bancos e cadeiras à volta. Num canto, uma linda rede azul, com renda branca de crochê caindo dos lados. Uma talha, com água sempre fresquinha e um suporte, com bacia para lavar as mãos. Na parede, um porta tolhas, um cabide que tomava a parede inteira, sempre cheio de chapéus. Um estrado de madeira, forrado com esteira de taboa, para sentar e ouvir estória, à noite. Um guarda-louça com portas de vidro para a louça de hóspedes, toda de porcelana inglesa e o talher que era de prata. Para a louça diária, havia um outro armário. No meio da sala, pendurado no teto, um lampião belga que clareava tudo. Na parede, um relógio grande, daqueles que marcam até o dia do mês”.



## MEMORY: THE DWELLING

In São Paulo, before the “white man’s trail”, there was the “Indian’s trail”, which preceded the passage of settlers through wide trails and primitive roads. Along the Tietê River – the “Paulist River par excellence, the deep river, the true river, the river of the canaries” – there was the great saga of the discoveries and conquests. Before becoming the Tietê, it was the Anhembi River to the Indians, the “river of nambus, river of anhumas”. With the arrival of the white man, everything changed. And the hunt for Indians began, slavery for them and for negroes.

The caipira was born from that amalgamation of the conquering Portuguese, Indian and Negro. Like a wanderer, the caipira is an establisher of plantations and clearings. In that long journey, he stopped at some points, planted small crops in land claimed from the wild vegetation and forests. In Colonial Brazil, most of the small properties were made up of clearings established in virgin soil on untitled lands. Those wanderers used fire to clean the ground, and in doing so they depleted the land and made it poor for agriculture.

Always on the move, the caipira created a style of provisional dwellings, around which he could raise chicken, pigs, plant corn and beans, mainly. On the river shores, the caipira – a man of the forests, water, fish – learned how to obtain food from the rivers and brooks, including fish in his basic staple.

In the Tietê valleys, there was the likes of a “caipira civilization”, determining for the evolving of a special culture. From the mouth of the Sorocaba River to the Piracicaba River, those clearings and rustic dwellings left traces. There are descriptions of dwellings that define a style of life. Since the end of the long gone seventeen sixties, there were black slaves partaking in that epopee, at the side of Indians and white men.

### A caipira home

In the early 20th Century, Piracicaban writer Joaquim Silveira Mello described the home of Portuguese land surveyor José de Campos Negreiros, on the bank of Piracicaba River, still intact as it had been in 1830. Here is his description:

“The house is built on the inner bank of the river (Piracicaba). It seems it was built there to take advantage of the water drain that branches from the Waterfall. It is small and modest. Upon entering it, one finds a small room called a porch, with a small table for the meals of comrades and strangers, some stools with leather seats; in a corner, a small pot they call a cambuci, with a round cover made of boards and over it a coconut shell with a long handle. At one side a bed and at the other a stack of tapir, jaguar, ariranha, otter and otter hides stored there by the lady of the house, Mrs. Aninha, who obtains good profits every year buying and selling pelts. In a somewhat spacious veranda, in one corner rested an igaçaba (a large, crude pot) used to decant the river water and next to it a cambuci. In another corner, on a table, an oratory. At one

side of the veranda, a broad bench made up with boards, with wide red stripes. In the remaining two corners, two hammocks, in between them two or three low stools called tripeças. On the other side of the veranda, the dining table flanked by two long benches with backrests and on the table stood a large bluish drinking glass turned upside down. Round-shaped.”

### The furniture

In the Piracicaba of our forebears, life and living style were almost the same as those of the old inhabitants of the Paraíba Valley.

Writer Maria Tereza Marcondes, recounting her remembrances (“Time & Memory”, 1988, City Hall of Taubaté), describes the furniture of colonial caipira “farm houses”. Some of her highlights:

“The guest living room connected to two sleeping rooms, each with two single beds. Two golden-studded leather trunks, where the bed clothing was stored, all of hand-embroidered linen. Small tables with jugs, bowls, buckets, urinals and soap holders, everything in white enamel. In the living room, cane furniture with white cloth covers on the chairs and two small, narrow beds called “marquesas”. The house was not luxurious, everything very simple, but of good quality. (...) On the wall a large mirror and many pictures of Saints and portraits”.

Maria Tereza recalls pictures that were part of the religiousness of caipira families until a very recent past: “looking ahead, one could see St. George, flanked by the Heart of Jesus on one side and Heart of Maria on the other”.

### The dining room

As in Piracicaba, says the author, the dining room “had three windows opening to the house-front and a door and window opening into the garden. Right in its middle, a three-meter long table, with benches and chairs around it. In one corner, a nice blue hammock, with white lace crochet falling down from its sides. An earthen jug always kept full with fresh water and a bracket with a basin for washing hands. On the wall, a towel hanger and a hat rack running the length of the whole wall, always full of hats. A wooden bench covered with a cattail mat, to sit upon and listen to stories in the evening. A cupboard with glass doors for the guest crockery, all of it of English porcelain, and for the silver cutlery. For the everyday crockery, there was another cupboard. In the middle of the room, a Belgian lamp hanging from the ceiling illuminated everything. On one wall a large clock, the kind that shows even the day of the month”.

São Paulo State, therefore – also including the capital city of the Paulist – stems from a history of caipiras, of sertanejos who, giving up on their wanderings, built a civilization on the shores of the Tietê, Paraíba, Piracicaba, with unique characteristics. Instead of rude, the Paulist and Mineiro (from Minas Gerais) caipiras are polite and gentle – heirs of the culture of the Empire.



O Estado de São Paulo – incluindo também a capital dos paulistas – nasce, pois, de uma história de caipiras, de sertanejos que, parando de caminhar, construíram uma civilização à beira do Tietê, do Paraíba, do Piracicaba, com características próprias. Antes de ser um grosseiro, os caipiras paulistas e mineiros são educados, gentis – herdeiros da cultura do Império.

## Religiosidade: eclipse de Deus

“Mas, ai! Sem Deus, esta nossa geração perambula na noite e como que reside no inferno”

Friedrich Hölderlin, escritor alemão

Em todos os tempos, o ser humano viveu a sua religiosidade. Que, quando institucionalizada, ritualizada se torna religião. O homem da caverna já nasceu com espiritualidade e, por isso, ritualizou-se, adorando ou venerando os astros, em especial, Sol e Lua. Deuses foram entendidos de formas diferentes conforme as culturas e civilizações. Da religiosidade – entendida, também, como espiritualidade – nasceram as religiões.

Piracicaba foi fundada sob o signo do Catolicismo. Tanto assim que o primeiro vigário da povoação – e celebrante da primeira missa – foi o padre João Manuel da Silva, que precisou enfrentar os desmandos, arbitrariedades e escândalos do Povoador. O mesmo ocorreu com o seu sucessor, Frei Thomé de Jesus. São acontecimentos importantes – já relatados por nossos excepcionais historiadores – que servem, nestas páginas, apenas como indícios da religiosidade dos primeiros piracicabanos.

Confesso, de minha parte, ver, nisso tudo, um misto de superstição, de religiosidade, de espiritualidade, de fome e medo do mistério, levado pela fé no sagrado que conduziu, porém, ao sincretismo. Pois a Igreja impunha a sua visão religiosa a todos os chamados “pagãos”. Índios e negros eram batizados e evangelizados quase que exclusivamente por imposição dos vigários do que por desejo próprio. Esse sincretismo abriu espaço para outras crenças, em especial as africanas. Pois – por medo e coação – eles submeteram-se à orientação da Igreja da época, mantendo, porém, ocultas, as suas crenças e rituais.

Conduzida pela carruagem da história, a Igreja Católica viveu altos e baixos, com sacerdotes fiéis e, também, com outros que se envolveram em negócios e em política. Isso tornou Piracicaba um

campo fértil para a propagação de outros credos. E a demanda da fé – para se usar a linguagem da economia – permitiu o surgimento de denominações cristãs as mais diversas. Em 1875, fundava-se a Maçonaria que – mesmo não sendo religião, mas uma entidade filosófica – teve grande influência na política e na religiosidade dos piracicabanos. Os metodistas – apoiados pelos maçons – ergueram, em nossa cidade a terceira Igreja Metodista do Brasil, em 1881. Os alemães, guiados por Guilherme Stein, erigiram, em 1885, a primeira igreja adventista do Estado de São Paulo, a Adventista do Sétimo Dia. Em 1906, a professora Eugênia da Silva instalava o terceiro centro espírita em terras paulistas, “*Fora da Caridade não há salvação*”. A negra Maria Ventura, vinda do Rio de Janeiro, fundou a primeira igreja pentecostal piracicabana, depois denominada Congregação Cristã do Brasil. E, a pouco e pouco, outras denominações aqui fincaram raízes de forma que, no século 21, os chamados “*evangélicos*” não cessaram de criar capelas, templos, cultos. E as religiões africanas continuaram com grande número de fiéis nas sessões de candomblé, de umbanda, com seus pais e mães de santos.

Piracicaba tem, também, fiéis maronitas, ortodoxos, judeus, budistas, hinduístas, xintoístas. E, ainda que poucos, os que se dizem ateus. Confesso não entender como possa haver ateísmo em Piracicaba. Pois, aqui há que existir Deus ou deuses, tão evidentes as impressões digitais de um Criador, do divino. Basta, apenas, ter coração de ver e olhar, de olhar e enxergar. Como não captar o sagrado, o divino materializado, quando as águas – nossa pia batismal – rolam nas pedras do Salto, ou provocantemente eróticas nas espumas que se oferecem para ser sugadas?



E quando as árvores – como se agradecendo aos céus – bailam à suave canção de nossas brisas? E as flores, acariciando-se entre si, mesmo quando “o cravo briga com a rosa?”

Como simples contador de histórias, não entendo, já que acabei aprendendo algo fundamental: a vida é prosa, no trabalho e na faina do cotidiano. Mas é poesia no sonho, na esperança e na aceitação dela própria, no mundo e em cada hora. Um “*eclipse de Deus*” – expressão usada por Martin Bubber – é transitório como todo o eclipse. Deus se esconde para não ver horrores...

Há uma observação de Espinoza que parece explicar essa busca coletiva da religiosidade: “*A ideia concreta da realidade está no amor*”. E é tal amor, muitas vezes difuso, que se espalha em nossas festividades religiosas: a quase sesquicentenária Festa do Divino, entre sagrada e profana, tendo o rio como berço e caminho; a de Santo Antônio, o Padroeiro, com seu bolo gigantesco; a de Nossa Senhora dos Navegantes, ainda sobre as águas; procissões da Semana Santa e de Corpus Christi; a festa de São João, em Tupi, envolta em superstições, fé e alegria; os mistérios do candomblé, venerando lemanjá nas espumas do Piracicaba, onde a Senhora dos Navegantes também é reverenciada e tantas outras demonstrações comunitárias de espiritualidade.

Uma das singularidades de Piracicaba, ainda no campo religioso, está, também, em nossos feriados municipais. Em vez, por exemplo, de ser feriado no dia da fundação, 1º de agosto, a celebração se dá no dia do Padroeiro da cidade, Santo Antônio, a 13 de junho. E é também feriado – como em algumas poucas outras cidades – uma tradição vinda de Portugal: o da Imaculada Conceição ou de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro. O culto à Virgem Maria é cada vez mais avivado, com recitações familiares de terços, o “*terço dos homens*” e a consagração de Nossa Senhora dos Prazeres – também orago do primitivo lugarejo – daqui expulsa, segundo a lenda, e substituída por Santo Antônio.

#### **Sombras sobre a cidade**

Duas afirmações deveriam servir-nos para meditações profundas, especialmente em nossa realidade hodierna, neste século 21, espalhador de confusões e perplexidades. A primeira, de

Nietzsche, famosa, mas parcialmente divulgada: “*Deus está morto*”. Sim, ele o disse, mas completara: “*Nós o matamos*”. Na segunda metade do século 19, pois, o filósofo vira esse eclipse de Deus na humanidade. Um eclipse causado pela ambição humana. E ainda não recuperado, após o colapso de guerras e ódios do século 20, que prossegue nestas primeiras décadas do novo milênio.

A outra, também célebre, é de Dostoievski, pronunciada por Ivan, no livro, também célebre, “*Os Irmãos Karamazov*”: “*Se Deus não existe (ou está morto), então tudo é possível*”. Ora, se Deus ou os deuses não existem, não haveria razão superior – a não ser para ajudar-se a si mesmo – para criarem-se civilizações milenares, como as do passado e de nossos dias, a busca da fraternidade, da solidariedade, da paz. Seria cada um por si, nem **NINGUÉM** para todos.

Ora, ser humano tem que ser entendido em seu contexto histórico. E os piracicabanos assim, também, devem ser entendidos. A velocidade incontrolável das transformações e mudanças não pode ser contida. Assim, confunde-se pressa com velocidade: quando temos fome, queremos velocidade de quem nos prepara a comida; mas não queremos pressa quando comemos. O mundo da tecnologia é, ao mesmo tempo, veloz e tem pressa. E isso nos perturba a todos. E confunde.

No mundo fragmentado, Piracicaba e os piracicabanos também vivem um eclipse de Deus, conhecendo essas sombras sobre a Terra. Assim, temos vivido uma noite de expectativas, não de esperança. Há, nos espaços, algo de que nada sabemos, a não ser de que seu verdadeiro espaço é a comunidade. No lugar do individualismo, a solidariedade já renasce. Como que redescobrimos o fato de o mundo ser uma hospedaria, abrigando as mais diferentes personalidades e, inevitavelmente, levando-as a reconhecer que o **EU** há que conviver com o **OUTRO**. Mesmo não o querendo.

A religiosidade do “*homo piracicabanus*”, pois, vem das lonjuras, de mais de 200 mil anos, de nosso avô “*homo sapiens*”. Todos, no passado e ainda agora, vivendo a angústia de Deus e de deuses, o divino que é uma influência não vista, mas criadora de impacto sem dimensão. À religiosidade de nossa gente, resta – entre tantas reveladoras lições – a sabedoria do Talmud: “*Tudo começa e termina com um mistério*”.



# PIRACICABA

## A DOÇURA DA TERRA

### RELIGIOUSNESS: ECLIPSE OF GOD

In all times, human being experienced his religiousness. Which, once institutionalized, ritualized, became religion. The cave dweller was already born with spirituality and therefore adopted rituals, worshipping or revering the stars, in special the Sun and the Moon. Gods were perceived in different guises, according to cultures and civilizations. From religiousness – also understood as spirituality – were born religions.

Piracicaba was founded under the sign of Catholicism. So much so that the first vicar of the settlement – celebrant of the first Mass – was father João Manuel da Silva, who had to face the disobedience, arbitrariness and scandals of the Settler. The same happened to his successor Fray Thomé de Jesus. Those were significant events – already recounted by our outstanding historians – events that, in these pages, only serve to evidence the religiousness of the first Piracicabans.

On my part, I confess seeing in all that a mix of superstition, religiousness, spirituality, of hunger for and fear of the mystery, fostered by faith in the Holly that, however, led to syncretism. For the Church imposed its religious view to all so-called “pagan”. Indians and Negroes were baptized and evangelized almost exclusively by imposition of the vicars, rather than by their own desire. That syncretism opened up space for other beliefs, in special African-originated ones. For – by fear and coercion – they submitted to the guidance of the Church of that time, nevertheless keeping hidden their beliefs and rituals.

Conducted by the carriage of History, the Catholic Church experienced highs and lows, with faithful priests but also with others who became involved with dealings and politics. That made Piracicaba a fertile field for the spreading of other creeds. And the demand for faith – paraphrasing the language of economics – led to the raise of various different Christian denominations. The Masonry was established in 1875 – although not a religion, it is a philosophic entity – and had great influence on the politics and religiousness of

Piracicabans. In 1881, the Methodist – supported by the masons – built the third Methodist Church in Brazil in our city. In 1885, the Germans, led by Guilherme Stein, built the first Adventist Church in the State of São Paulo, The Adventist Church of the Seventh Day Saints. In 1906, teacher Eugênia da Silva established the third Spiritist Society in Paulist soil, “There is no salvation outside of Charity”. Negress Maria Ventura, coming from Rio de Janeiro, established the first Pentecostal Church in Piracicaba, later named Christian Congregation of Brazil. And little by little, other denominations set roots here, so that in the 21st Century the so-called “evangelicals” did not cease establishing chapels, temples, cults. The African religions continued with great numbers of believers attending the candomblé, umbanda ceremonies, with their mothers and father of saints.

Piracicaba also has inhabitants professing Maronite, Orthodox, Jews, Buddhists, Hinduists faith. And even some atheist, although but a few. I confess I do not understand how can there be atheism in Piracicaba. For surely God or gods must exist here, so evident are the fingerprints of a Creator, of divine. It is enough to have a heart to see and look, to look and descry. How not to capture Holiness, the Materialized Divine, when the waters – out baptismal font – tumble over the boulders of the Waterfall or show themselves provocatively erotic in the foams that offer themselves to be sucked?

And when the trees – as though thanking heavens – dance to the soft tune of our breezes? And the flowers, caressing each other, even when “carnation quarrels with the rose?”

As a simple storyteller, I cannot understand it, inasmuch as I finally learned a fundamental truth: life is prose, where it concerns work and everyday toil. However, it is poetry in the dreams, in the hope and acceptance of itself, in the world and at every time of the day. An “eclipse of God” – phrase employed by Martin Bubber – transitory as every eclipse. Gods hides in order not to see horrors...

There is an observation by Espinoza that seems to explain that collective search for religiousness: “The concrete idea of reality is in love”. And it is that love, many time a diffuse one, that spreads around in our religious festivals: the almost century-and a half old Festival of the Divine, oscillating between holly and profane, with the river as its cradle and path; of St. Antony, our Patron, with its giant cake; of Our Lady of the Navigators, on the waters still; the Holly Week and Corpus Christi processions; the St. John festival in Tupi, shrouded in superstitions, faith and joy; the mysteries of candomblé, venerating Iemanjá in the foams of the Piracicaba, where Our Lady of the Navigators is also revered; and so many other communitarian showings of spirituality.

One of the singularities of Piracicaba, still where it concerns religion, is to be found in our municipal holidays too. As, for instance, instead of a holiday on August 1, the day of its foundation, the celebration being on the Day of the City Patron, St. Antony, on June 13. A holiday – as in a few other cities only – also celebrates a tradition brought from Portugal and honoring the Immaculate Conception or Our Lady of Conception, on December 8. The cult of the Virgin Mary is evermore enlivened, with families praying the Rosary together, the “beads of men”, and the consecration of Our Lady of Joy – the patron saint of the primitive village also – from here expelled, according to legend, and replaced by St. Antony.

#### Shadows above the city

Two statements should convey us into deep meditations, in special on the current reality in this 21st Century, a spreader of confusions and perplexities. The first one, by Nietzsche, is famous, but only partly publicized: “God is dead”. Yes, he said that, but also complemented it: “We killed Him”. In the second half of the 19th Century, that philosopher had seen the eclipse of God in Humanity. An eclipse brought forth by human ambition. And not yet redressed, after the collapse of wars and hatreds in the 20th Century, that continue in these first decades of the new millennium.

The second one is Dostoievski’s, uttered by Ivan in his famous book, “The Karamazov Brothers”: “If there is no God (or if He is dead), then everything is possible”. Now, if God or gods do not exist, there would be no higher reason – unless to help oneself – for creating ancient civilizations as those of past times and of current days, for seeking fraternity, solidarity, peace. It would be everyone for himself and NO ONE for all.

Now, to be human must be understood within its historical context. And so must Piracicabans be understood, too. The uncontrollable speed of transformations and changes cannot be checked. Therefore, hurry is confused with speed: when we are hungry, we demand speed from those who are preparing our food; but we do not want speed while eating. The world of technology is at once speedy and in a hurry. That disturbs us all. And bewilders.

In a fragmented world, Piracicaba and Piracicabans also experience that eclipse of God, experiencing such shadows above the Earth. Thus, we have been living through a night of expectations, not of hope. There is something in spaces, about which we now nothing, only that its real space is the community. In lieu of individualism, solidarity is already reborn. It is as though we rediscovered that the world is a hostel sheltering the most diverse personalities, unavoidably leading us to a recognition that I has to live with the OTHER. Even if not wanting to.

Therefore, religiousness of the “homo piracicabanus” comes from yonder, from over 200 thousand years ago, from our “homo sapiens” grandfather. All, in the past and still today, experiencing the anguish of God and gods, of a divine that is an unseen influence, creator of an unmeasurable impact. To the religiousness of our people, there remains – among so many revealing lessons – the wisdom of the Talmud: “Everything begins and ends in a mystery”.

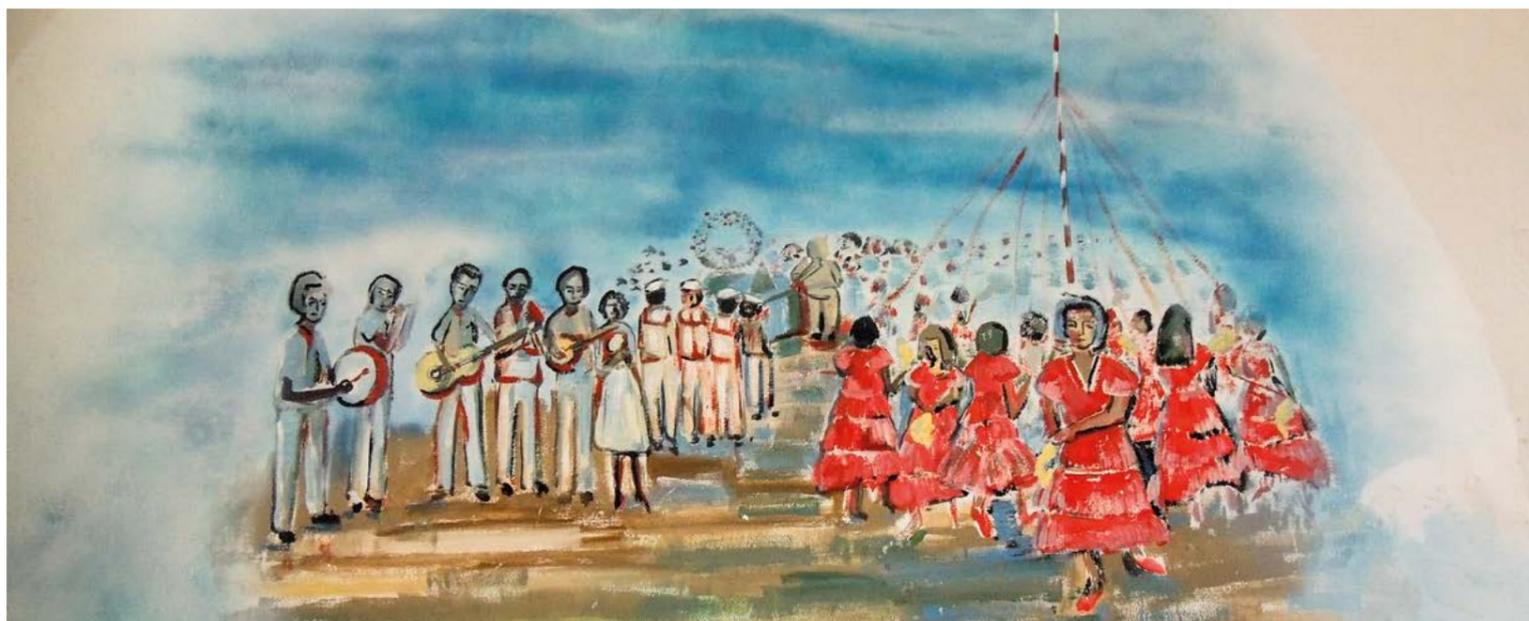


Foto: Marcelo Fuzeti Elias



Foto: Marcelo Fuzeti Elias

## CAIPIRACICABANISMO

“ Piracicaba adquiriu identidade própria: o caipiracicabanismo. Que é uma maneira especial de ser, de acreditar, de olhar para o futuro com orgulho, segurança e firmeza ”

Cecílio Elias Netto

A primeira vez em que ouvi o neologismo “*caipiracicano*” foi em 1958, dos lábios do imortal Thales de Andrade. Eu tinha 18 anos e fora – assustadoramente para mim – convidado a fazer uma palestra, em Tatuí, na “*Semana Paulo Setúbal*”. Quis recusar, trêmulo, pois eu seria companheiro, na noite, de ninguém mais do que Thales de Andrade. Como falar após uma oração de Thales? Acabei aceitando por imposição de antigos professores. E meu tema era espinhoso, especialmente para um garoto daquela idade: “*As reticências de Paulo Setúbal...*”

Durante a viagem, fascinado, fiquei ouvindo o mestre Thales de Andrade, ambos levados por um quase calhambeque. Ao chegarmos a Tatuí, uma pequena multidão aguardava o grande mestre. Gordo, pesado, ele deixou o carro e saudou o povo: “*Aqui estamos nós, caipiracicanos!*” O neologismo encantou-me. Ouvi João Chiarini usá-lo muitas e muitas vezes. Passei a difundi-lo, a popularizá-lo.

Em 1961, num artigo, João Chiarini assumiu a paternidade, afirmando ser, ele próprio, o autor do neologismo adorável. Registro, aqui, as duas versões: a que ouvi e com a qual convivi.

### **Dialeto e sotaque caipiracicanos, patrimônios imateriais**

A cultura brasileira é uma das mais ricas do mundo. Aqui é possível encontrar a maior variedade de crenças, ritmos musicais, gastronomia e expressões artísticas. E uma das principais marcas da cultura brasileira é a simplicidade do caipira, através

de sua origem humilde, porém sábia, de sua linguagem, de sua contribuição ao patrimônio cultural.

No Brasil, já foram contabilizados mais de 20 sotaques oficiais, sem contar os dialetos indígenas. Hoje, em qualquer parte do país, identifica-se a origem do cidadão através de seu sotaque. Isso acontece em grande escala com o carioca, com o gaúcho, com o mineiro, com o nordestino e com o CAIPIRA, só para citar alguns exemplos. O linguajar caipira, especificamente, é o que encontramos nas cidades do interior paulista, na região do baixo e médio Tietê – cidades que estão às margens do Rio Tietê.

O surgimento desse sotaque no estado de São Paulo vem do século 18. Seu nascimento se deve principalmente ao encontro da população portuguesa que habitava a cidade de São Paulo com os índios, tão bem observado por Amadeu Amaral, de Capivari, em seu livro *O Dialeto Caipira* (1920).

Piracicaba é – entre tantas cidades do Interior – o local que mais se identifica com a cultura caipira, sendo considerada o “berço” dela. É, também, a única cidade do Brasil onde o dialeto e sotaque – o ‘CAIPIRACICABANO’ – foram reconhecidos como patrimônios imateriais da cidade, através de Lei Municipal, após rigoroso processo de tombamento aberto por solicitação do ICEN – Instituto Cecílio Elias Netto e aprovado pelo CODEPAC – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba.

### **O símbolo do peixe**

Ainda permanece viva a discussão entre forma e conteúdo. É questão apaixonante e, obviamente, não cabe, neste espaço, digressões a respeito disso. Mas uma das perguntas – que ainda se fazem – instiga: é mais importante a forma ou o conteúdo, quando se tenta separá-los? Em resumo rápido: é mais importante aquilo que se mostra (a forma) ou aquilo que nela existe (conteúdo)?

Volto a refletir sobre isso a partir da escultura do peixe que se erigiu à entrada principal da cidade, nas proximidades da ESALQ. Sob o meu ponto de vista estético, a forma é grotesca. Mas é apreciação pessoal. Apenas isso. No entanto, aquela forma para mim grotesca é a revelação de um símbolo que acompanha Piracicaba desde o seu próprio nome: o peixe. Colocado à entrada da cidade, estamos revelando ao mundo que o peixe é elemento vital de nossa terra, “o lugar onde o peixe para”. Deve tratar-se, pois, de como que uma profissão de fé: somos pescadores, o peixe é nosso símbolo, nossa história. E, portanto, nosso destino. Mas o que significa isso? Será que conseguimos avaliar em profundidade o verdadeiro significado desse símbolo, até aqui apenas tido como fruto do rio, alimento, objeto de pescaria?

Por si mesmo, o nome Piracicaba é uma consagração. Para os indígenas que nos antecederam, o Salto – onde o peixe para – era uma rede de recolher os cardumes, bênção de seus deuses. Se o peixe para aqui, se os indígenas reverenciaram o local por entenderem esse privilégio, o homem branco povoador manteve-o, dando-lhe a religiosidade católica na histórica escolha do oráculo, Nossa Senhora dos Prazeres e, depois, Santo Antônio. O peixe estava, pois, também consagrado pela religião dos brancos, a cristã, para o qual o simbolismo dele é vital.

Quando se mudou o nome de Piracicaba para Vila Nova da Constituição, o imortal Prudente de Moraes e seus companheiros entenderam – mesmo sendo positivistas – que houvera uma dessacralização da cidade. A luta para retomar o nome inicial foi hercúlea. Mas voltamos a ser Piracicaba, terra abençoada a partir de seu próprio nome e do simbolismo

písceo. Essa nossa vinculação ao peixe é, pois, visceral, de nossas raízes. E aquela escultura – por discutível seja – deveria ser entendida pela população em seu conteúdo. Pois, mais do que a forma de um peixe, é símbolo mítico.

O peixe tem, na água, o seu símbolo vital. Ele não existiria não houvesse aqui o rio. Ao mesmo tempo, é, paradoxalmente, símbolo de fecundidade e de morte, sintetizando, pois, a caminhada dos seres vivos: nascer e morrer. Para quase todos os povos, o peixe – como símbolo da vida e de fecundidade – é talismã difundido em todo o mundo. No Egito, algumas espécies, desde os primórdios, eram tidas como sagradas. E é um dos símbolos secretos mais antigos de Cristo, como referência, inicialmente, ao batismo pela água. Na linguagem grega, *ichthys* = peixe, foi interpretada como acróstico das palavras “*Iesous Christos Theou (H) yios Soter*”, ou seja, Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.

Os primeiros cristãos batizados consideravam-se peixes renascidos pelas águas do batismo. E – ainda para o cristianismo – o peixe, como corporificação de Cristo, pode ser símbolo do alimento espiritual, especialmente em representações com o pão, que é símbolo da Eucaristia. Toda a riqueza simbólica em relação ao peixe está, pois, vinculada à espiritualidade. Por isso, certamente, nesse misticismo, deve estar a iluminação de Piracicaba sempre ter sido considerada uma cidade especial, voltado ao espírito, à cultura, às artes, como vocação de vida e de existência. Nossa história – podemos afirmá-lo, portanto – nasce e se realiza sob o signo mítico do peixe.

Não pode e nem deve, pois, ser gratuita ou superficial a escultura de o peixe estar à entrada da cidade, em saudação ao visitante ou em acolhimento caloroso aos que retornam. Aquela escultura deveria ser entendida como uma profissão de fé: Piracicaba, o lugar onde o peixe para, foi abençoada para ser berço do bem e do belo. Se assim não for, é preciso lembrar que o simbolismo do peixe também remete à morte. Eis, pois, a nossa questão: ser ou não ser herdeiros da bênção através do peixe. Logo, viver ou deixar morrer?

Aquela escultura vale mais pela forma ou pelo conteúdo?

## CAIPIRACABANISM

I heard the “caipiracaban” neologism for the first time in 1958, from the lips of the immortal Thales de Andrade. I was eighteen and – frighteningly to me – had been invited to give a lecture in Tatuí, during the “Paulo Setúbal Week”. Trembling, I thought of refusing, for that evening I would be a fellow speaker of none other than Thales de Andrade. How to speak after a speech by Thales. Ultimately, I accepted, by imposition of former teachers. My topic would be a thorny one, in special to a boy of my age: “Paulo Setúbal’s reservations...”

During the trip, I listened fascinated to master Thales de Andrade, both of us in the same quasi-derelict jalopy taking us. On reaching Tatuí, a small crowd waited for the great master. Fat, heavy, he disembarked from the car and greeted the people: “Here we are, caipiracabans!” The neologism fascinated me. I heard João Chiarini use it over and over. I began spreading it, popularizing it.

In a 1961 article, João Chiarini assumed its paternity, stating that he was, actually, the author of the lovely neologism. I record here both versions: the one I heard and the one I witnessed.

### *Caipiracaban dialect and accent, intangible heritages*

Brazilian culture is one the richest in the world. It is possible, here, to find the greatest variety of creeds, musical rhythms, gastronomy and artistic expressions. One of the main features of Brazilian culture is the caipira’s simplicity, outcome of his humble, although wise origin, his language, his contribution to our cultural heritage.

More than 20 accents have already been officially recorded in Brazil, not accounting for Indian dialects. Today, in any part of the country, the origin of a citizen is identified by his accent. That happens in a large scale with the carioca (from Rio de Janeiro), gaúcho (from Rio Grande do Sul), mineiro (from Minas Gerais), nordestino (from the Northeast) and CAIPIRA, just to mention a few examples. The caipira parlance, specifically, is that spoken in the cities of the Paulista countryside, in the lower and middle Tietê region, in cities located on the banks of the Tietê River.

The emergence of that accent in the State of São Paulo dates back to the 18th Century. Its birth was mainly an outcome of the meeting of Portuguese populations living in São Paulo City with the Indians.

Piracicaba – among so many cities in the Countryside – is the place that most identifies with the caipira culture. It is considered its “cradle”. It is also the only city in Brazil where the dialect and accent – the ‘CAIPIRACABAN’ – were recognized as intangible heritage of the city by a Municipal Act, after a rigorous Public Trust Procedure initiated at the request of the ICEN – Instituto Cecílio Elias Netto, duly approved by the CODEPAC – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (Piracicaba’s Cultural Heritage Defense Council).

### *The fish symbol*

The argument between form and content is still alive. It is a fascinating issue, and obviously there is no space here for digressions about it. However, one of the questions – still asked – is provocative: when trying to separate them, what is more important, the form or the content? Or, briefly summarizing, is what is shown (form) more important than what exists within it (content)?

I resume thinking about it, considering the fish sculpture standing at the main entrance of the city, near the ESALQ. In my aesthetic point of view, its form is grotesque. However, that is a personal evaluation. Just that. Nevertheless, that form, grotesque to me, is the revelation of a symbol that has accompanied Piracicaba since its actual denomination: fish. Placing it at the entrance of the city, we are disclosing to the world that the fish is a vital element of the city, “the place where the fish stop.” Therefore, it is like a profession of faith: we are fishermen and the fish is our symbol, our history. Therefore, our destiny. However, what is the meaning of that? Could it mean that were able to evaluate in depth the true meaning of that symbol, until now only seen as a fruit of the river, food, a fishing goal?

The name Piracicaba is, by itself, a consecration. To the Indians who preceded us, the Waterfall – where the fish stop – was a net for collecting the shoals, a blessing from their gods. Inasmuch as the fish stop here and the Indians revered the place out of their understanding of that privilege, the white settler kept it, bestowing upon it a Catholic religiousness through his historical choice of the oracle, Our Lady of Joys and later Saint Antony. For the fish was consecrated also in the white men’s religion, Christianity, to which its symbolism is vital.

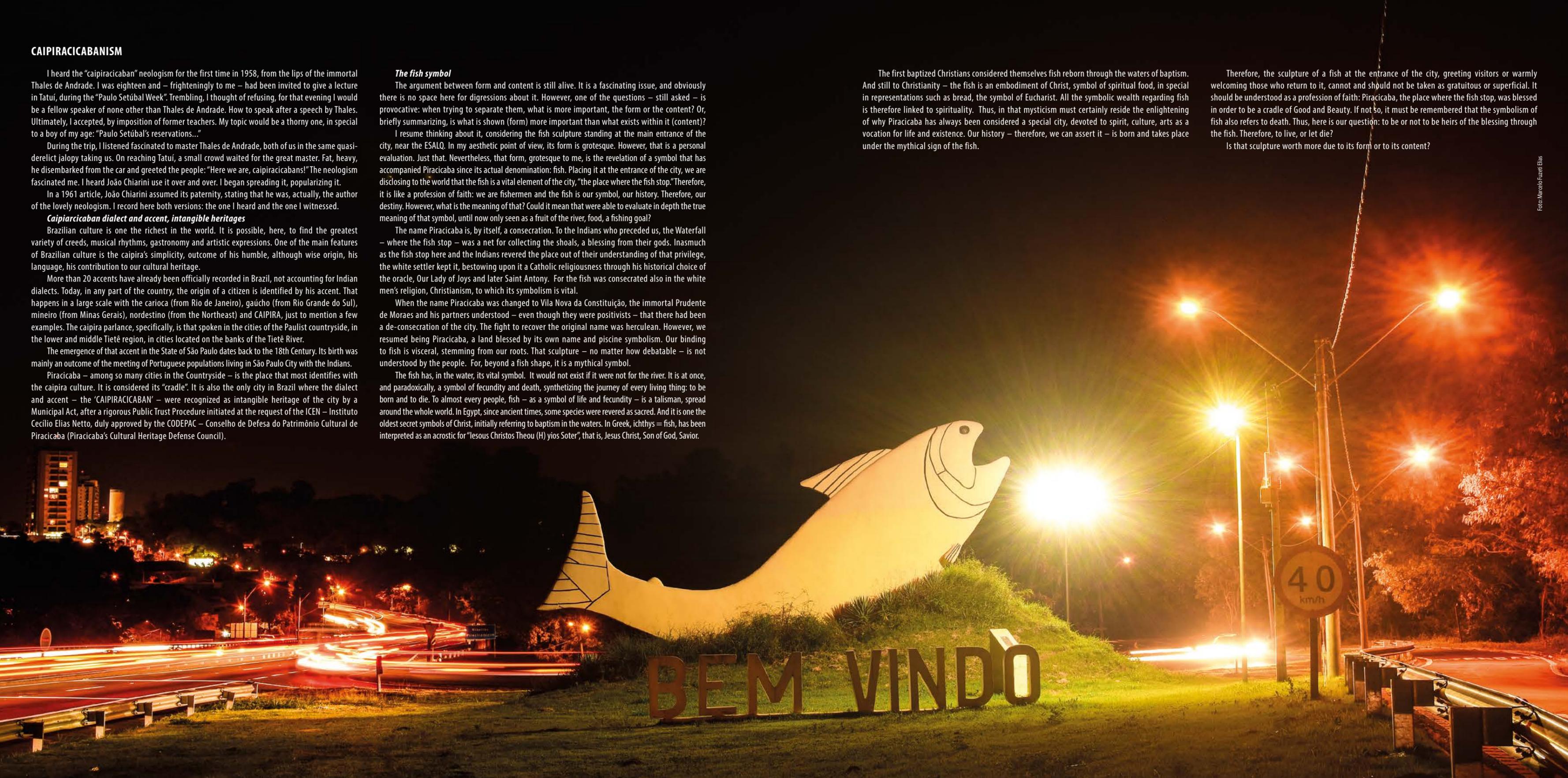
When the name Piracicaba was changed to Vila Nova da Constituição, the immortal Prudente de Moraes and his partners understood – even though they were positivists – that there had been a de-consecration of the city. The fight to recover the original name was herculean. However, we resumed being Piracicaba, a land blessed by its own name and piscine symbolism. Our binding to fish is visceral, stemming from our roots. That sculpture – no matter how debatable – is not understood by the people. For, beyond a fish shape, it is a mythical symbol.

The fish has, in the water, its vital symbol. It would not exist if it were not for the river. It is at once, and paradoxically, a symbol of fecundity and death, synthetizing the journey of every living thing: to be born and to die. To almost every people, fish – as a symbol of life and fecundity – is a talisman, spread around the whole world. In Egypt, since ancient times, some species were revered as sacred. And it is one the oldest secret symbols of Christ, initially referring to baptism in the waters. In Greek, ichthys = fish, has been interpreted as an acrostic for “Iesous Christos Theou (H) yios Soter”, that is, Jesus Christ, Son of God, Savior.

The first baptized Christians considered themselves fish reborn through the waters of baptism. And still to Christianity – the fish is an embodiment of Christ, symbol of spiritual food, in special in representations such as bread, the symbol of Eucharist. All the symbolic wealth regarding fish is therefore linked to spirituality. Thus, in that mysticism must certainly reside the enlightening of why Piracicaba has always been considered a special city, devoted to spirit, culture, arts as a vocation for life and existence. Our history – therefore, we can assert it – is born and takes place under the mythical sign of the fish.

Therefore, the sculpture of a fish at the entrance of the city, greeting visitors or warmly welcoming those who return to it, cannot and should not be taken as gratuitous or superficial. It should be understood as a profession of faith: Piracicaba, the place where the fish stop, was blessed in order to be a cradle of Good and Beauty. If not so, it must be remembered that the symbolism of fish also refers to death. Thus, here is our question: to be or not to be heirs of the blessing through the fish. Therefore, to live, or let die?

Is that sculpture worth more due to its form or to its content?



## A alma caipira, segundo Cornélio

“Dócil e amoroso é todo camponês; sincero e afetivo é o caipira, o mais hospitaleiro de todos os homens”

Cornélio Pires

Nascido em Tietê, Cornélio Pires (1884-1948) conseguiu, ao mesmo tempo, conhecer a alma paulistana do início do século XX, quando morou em São Paulo, e a alma caipira, em sua vivência nas cidades interioranas, ditas também caipiras, como Botucatu e Piracicaba. Em nossa doce terra, Cornélio conseguiu congregiar grupos “caipiracabanos” para formar sua trupe artística. Ele foi, sem mais discussões, o grande pioneiro do folclore, da primeira gravação de uma música de Moda de Viola e da literatura regional paulistas.

Sem metodologia ou qualquer pretensão acadêmica, Cornélio Pires, com sua vivência junto ao caipira de São Paulo, acabou criando uma teoria própria sobre ele. Tentou descrevê-lo, “tal como é”, reagindo ao pessimismo de “certos escritores”, conforme escreveu, que apresentam o caipira como “o camponês brasileiro coberto do ridículo, inútil, vadio, ladrão, bêbado, idiota e `nhampã`!”

Como que repetindo Euclides da Cunha, Cornélio Pires qualifica o caipira: “é um obscuro e um forte”. E parece compor um hino ao narrar-lhe a saga:

“Ei-lo tangendo suas `tropas` cargueiras, empoeiradas ou cobertas de lama, pelos caminhos tortuosos e esburacados, furando matas virgens, galgando montanhas ásperas, vadeando rios revoltos e pestíferos, afrontando pantanais e `atoledos`, atravessando campos e campos, vencendo dezenas de léguas a pé ou arcado e molengão sobre o burro manteúdo, ao monótono `belém-belém` do sino pendurado ao pescoço da madrinha ruana!”

Esse caipira – assim o enxerga Cornélio Pires – é nascido “fora das cidades, criados em plena natureza” e, por isso, se tornam “tímidos e desconfiados ao entrar em contato com os habitantes

da cidade”. No entanto, são expansivos, alegres, folgazões e francos quando “em seu próprio meio”, onde, “revelando rara inteligência”, são “mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros”, referindo-se aos colonos imigrantes.

E completa: “Dócil e amoroso é todo camponês; sincero e afetivo é o caipira.”

### Classificação caipira

A partir de suas observações pessoais e vivência, Cornélio Pires “classificou” quatro tipos de caipiras: o branco, o caboclo, o preto e o mulato.

**CAIPIRA BRANCO** – Fosse hoje, Cornélio Pires seria qualificado como “politicamente incorreto” ou preconceituoso. São textuais as suas observações sobre o caipira branco: “quer dizer de melhor estirpe. Meia mescla, descendente de estrangeiros brancos, gente que possa destrinçar a genealogia da família até o trisavô, confirmando pelo procedimento o nome e a boa fama dos seus genitores e progenitores”.

Esses “caipiras brancos” descendem dos primeiros povoadores e de fidalgos ou “nobres decaídos de suas pompas”. Cornélio Pires descreve-os: “por mais pobres que sejam, são sempre proprietários e, com seus cobrinhos e suas terras, podem andar remendados mas andam limpos. Usam chinelos de liga, sapatões ou botinas de elástico, são altos e não têm pés muito grandes. As barbas são abundantes e os lóbulos das orelhas, gordos e destacados das faces. Não dispensam o paletó, não usam colete, mas não passam sem um lenço amarrado ao pescoço, chapéu de pano, calça de riscado e uma boa cinta de couro curtido”.



As “caipiras brancas”, por sua vez, “são mulheres asseadas e amorosas, fugindo às cores berrantes tão apreciadas pelos caipiras caboclos. Excessivamente pudicas, suas filhas, aos sete para oito anos, já usam saias compridas”. Os penteados prediletos delas são: “pericote na nuca ou no alto da cabeça; a trança longa e cheia ou duas tranças pendentes, usando, também, quando pouco cabeludas, trancinhas em rondilha”.

Os “caipiras brancos” são, para o escritor, “os mais hospitaleiros dos homens”.

**CAIPIRA CABOCLO** – Seriam os descendentes diretos dos bugres, catequisados pelos primeiros povoadores do sertão. Enquanto o “caipira branco” dizia pertencer a uma família – Amaral, Arruda Campos, Botelho e outras – o “caipira caboclo” referia-se a si mesmo: “eu sou da raça de tal gente...”

Fortes e magruços, Cornélio Pires diz que não ficavam carecas e nem sofriam do coração ou conheciam a tuberculose. Barba rala, fios espetados aqui e ali, pele bronzeada, “cor de cuia ou de cobre”. As famílias de “caipiras brancos” raramente aceitavam casamentos com “caipiras caboclos”. O prestígio da “caboclada” não era dos melhores: “inteligentes e preguiçosos, velhacos, barganhadores como os ciganos, desleixados, sujos e esmulambados, mas valentes, brigadores e ladrões de cavalos...”

E o escritor faz o resumo de suas vidas: “caçar, pescar, dormir, fumar, beber pinga e tocar viola, enquanto a mulher, guedelhuda e imunda, vai pelos vizinhos, pidonha e descarada, fala dos bons trabalhadores o feijão, o toicinho, café, a farinha”. E conclui, lembrando ser esse caboclo a figura do “Jeca Tatu”, criada por Monteiro Lobato: “Além de sujo é roto. Mas, graças a Deus, esse tipo vai desaparecer...”

**CAIPIRA PRETO** – Os descendentes dos africanos. Segundo Cornélio: “os bons brasileiros vítimas ainda das últimas influências da escravidão. Almas carinhosas e pacientes, generosas e humildes, os chamados ‘negros velhos’”. E lembra-se deles, “conversando ao pé do fogo, sentados numa pedra, no terreiro, na soleira de uma porta, aquecendo-se ao sol, pobres, depois de terem, com o seu suor, inundado as fazendas de patrícios seus, enchendo-os de dinheiro”.

Fotos: Arquivo Instituto Cornélio Pires

Surgira, porém, “o novo caipira preto” que, na descrição corneliana, vive numa “*casa quase sempre limpa, coberta de sapé, mas cercada de lavoura, com sua plantação de cana, um pouco de café e cereais. Tem um punhado de santos no terreiro, em mastros, São João, Santo Antônio, São Benedito. É cavalheiresco e gentil, batuqueiro, sambador e `bate´ dez léguas a pé para cantar um desafio num fandango ou `chacuaiá´ o corpo num baile da roça*”.

**CAIPIRA MULATO** – Que Cornélio diz ser “*oriundo do cruzamento de africanos ou brasileiros pretos com portugueses, e brasileiros brancos, e raramente com o caboclo*”. Este é, para o escritor, “o mais vigoroso, altivo, o mais independente e o mais patriota dos brasileiros”. Excessivamente cortês, galanteador para com as senhoras, jamais se humilha diante do patrão. Apreciador de sambas e bailes, não se mistura com o “*caboclo preto*”.

Nas primeiras décadas do século XX, Cornélio Pires insistia no surgimento, em São Paulo, de “*um novo tipo de caipira mulato, simpático, robusto e talentoso, destacando-se nos grandes centros, após breves estudos: o mestiço do italiano com a mulata ou do preto tão estimado por algumas italianas*”.

#### **Literatura caipira**

As obras de Cornélio Pires, um dos ícones da chamada literatura caipira, têm sido recuperadas por estudiosos e editoras brasileiras. São parte de um tesouro linguístico e folclórico

#### **THE CAIPIRA SOUL, ACCORDING TO CORNÉLIO**

*Born in Tietê, Cornélio Pires (1884-1948) managed to know, at once, the Paulist soul of the early 20th Century, when he lived in São Paulo, and the caipira soul, in his experiences in countryside cities, also called caipira towns, such as Botucatu and Piracicaba. In our sweet land, Cornélio succeeded in recruiting “caipiracaban” groups to make up his artistic troupe. He was, unquestionably, the great pioneer of folklore, the first to record a Moda de Viola (Country Guitar) music and of Paulist regional literature.*

*Without methodology or any academic pretensions, from his experience with São Paulo caipira Cornélio Pires created his own theory about it. He tried to describe it “as is”, reacting against the pessimism of “certain writers”, as he wrote, who portrayed the caipira as the “Brazilian peasant covered in ridicule, useless, a bum, thief, drunkard, idiot and `nhampã´ (half-wit)!”*

de uma cultura que, entre paulistas e mineiros, começa a ser valorizada. Jornais, revistas, livros, teses acadêmicas abrem espaços e cuidados para um estilo de vida, o caipira, que continua vivo em muitas das pequenas cidades interioranas, e nos subúrbios de cidades médias, conhecidos como “*urbanos*”, comunhão do rural e do urbano. A história de Cornélio Pires está íntima e geneticamente ligada a Piracicaba

Cornélio Pires foi um mestre – em prosa e verso e também através da música – em recolher a simplicidade das conversas caipiras, as tais patacoadas, misto de anedotas, tiradas maliciosas, simplicidades e astúcias, contos e “*causos*”. Poucos conhecidas, no entanto, são algumas de suas poesias, tidas, hoje, como documentos imprescindíveis para se conhecer essa “*alma caipira*”. Aliás, o primeiro livro de Cornélio Pires intitulou-se exatamente “*Musa Caipira*”, dedicado a outro mestre do folclore brasileiro, o também caipiracabano-caipivariano, Amadeu Amaral.

As espertezas de Joaquim Bentinho, personagem de Cornélio, que caracteriza o caipira típico, superam as tolices e malandragens com que o personagem de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, marcou, por tanto tempo, a imagem do caipira paulista. Mas não só Joaquim Bentinho. Em todos os seus escritos, como que em retalhos, Cornélio Pires registrou essa alma caipira, tão rica em sua simplicidade que é universal.

*As though paraphrasing Euclides da Cunha, Cornélio Pires qualifies the caipira: “enigmatic and strong”. When narrating his saga, he seems to compose an Anthem: “Here he comes, driving his dust or mud-covered caravan of pack-animals, along tortuous and pockmarked paths, breaking through virgin woods, climbing rugged mountains, fording rough and pestilent rivers, wading through swamps and quagmires, crossing fields upon fields, covering scores of leagues on foot or bending lazily upon the back of his mule, by the monotonous “blem-blem” of the bell dangling from the neck of the roan godmother!”*

*That caipira – so Cornélio Pires sees him – is born “out of city bounds, risen in the midst of Nature” and, therefore he is “shy and suspicious when in contact with city dwellers”. However, he is expansive, cheerful, playful and open when “in his own environment”, where “displaying a rare intelligence”, he is “clever, more refined than the foreign peasants”, meaning immigrant farm hands.*

*And he finishes: “Gentle and pleasant are all peasants; sincere and pleasant is the caipira.”*

#### **Caipira classification**

*From his personal notes and experience, Cornélio Pires “catalogued” four types of caipira: white, caboclo (copper colored), black and mulato (dark colored).*

*WHITE CAIPIRA – Were it today, Cornélio Pires would be branded as “politically incorrect” or prejudiced. His notes on white caipiras are textual: “it means of better lineage. Half mix, descendant of white foreigners, a people who can unravel his family’s genealogy back to their great-great-grandfather, confirming through their behavior the name and good repute of their fathers and forefathers”.*

*Those “white caipiras” descend from the first settlers and aristocrats or “noblemen fallen from their stateliness”. Cornélio Pires describes them: “no matter how poor, they are always landowners and with their short money and lands, they may be patched, but keep themselves clean. They wear slippers with trimmings, clodhoppers or rubber boots, they are tall and their feet are not very big. Beards are always plentiful and the earlobes fat and standing out from their faces. They are never coatless, do not wear vests but are never without a kerchief tied around the neck, cloth hat, striped pants and a nice tanned leather belt”.*

*The “white caipira women”, on their turn, “are clean and loving, shying away from the loud colors so prized by caboclo caipira women. Overly prudish, their daughters, when between seven and eight years old, already wear long skirts”. Their favorite hairstyles are the “topknot on the nape or on top of the head; a long, full braid or two hanging braids; and also, when they have little hair, small coiled plaits”.*

*The “white caipira”, to the writer, is “the most hospitable among all men”.*

**CABOCLO CAIPIRA** – *Those would be straight descendants of the bugres (depreciative name given to the Indians by the Portuguese) catechized by the first settlers of the hinterland. While a “white caipira” said that he belonged to a family – Amaral, Arruda Campos, Botelho and more – the “caboclo caipira” said about himself: “I belong to the race of such people...”*

*Strong and skinny, Cornélio Pires says they did not become bald and neither suffered any heart ailment or tuberculosis. Thin bearded, face hair sticking out here and there, tan-colored skin, “the color of a gourd or copper”. “White caipira” families rarely accepted marriages with “caboclo caipiras”. Reputation of the “caboclo” was not the best: “intelligent and lazy, roguish, swindler like a gipsy, unkempt, dirty and ragged, but valiant, brawler and a horse thief...”*

*The writer summarizes their life: “hunting, fishing, sleeping, smoking, drinking spirits and playing the guitar, while their women, disheveled and filthy, nag the neighbors, begging shamelessly, harassing the good workers for beans, bacon, coffee, manioc flour”. And he finishes, recalling that the caboclo is the likes of the “Jeca Tatu” (hillbilly) created by Monteiro Lobato: “besides dirty, he is shabby. But, God willing, that type will disappear...”*

**BLACK CAIPIRA** – *Descendants of African. According to Cornélio: “good Brazilians, still victims of the last influences of slavery. Loving and patient souls, generous and humble, the so-called ‘old negroes’”. He recalls them, “talking by the fire, sitting on a stone, on the ground, on a door-sill, warming up in the sun, destitute, after flooding the farms of their countrymen with their sweat, filling them up with money”.*

*However, the “new black caipira” had already emerged, one who in the Cornelian description lives in an “almost always clean house, with a thatched roof but surrounded by cultivations, with his sugar-cane plantation, some coffee and grains. He has a number of saints on his plot, on masts, St. John, St. Antony, St. Benedict. Chivalrous and gentle, adept of ‘batuque’ (African drum beating and dancing), samba-singer, ‘stomps’ six leagues afoot to sing a challenge in a fandango or to ‘shake’ the body in a country ball”.*

**MULATO CAIPIRA** – *One who Cornélio says is “originated from the interbreeding of Africans or Brazilian Negroes with Portuguese and white Brazilians, seldom with caboclos”. To the writer, that one is “the most vigorous, self-reliant, independent and patriotic of Brazilians”. Overly polite, gallant with the ladies, never one to bow to his boss. A lover of sambas and balls, he does not mingle with “black caboclos”.*

*In the first decades of the 20th Century, Cornélio Pires insisted on the emergence, in São Paulo, of “a new kind of mulato caipira, winsome, strong and talented, standing out in the big cities after brief studies: a mestizo of Italians with mulato women or of black men so appreciated by some Italian women”.*

#### **Caipira literature**

*The works of Cornélio Pires, one of the icons of the so-called caipira literature, are being rediscovered by Brazilian scholars and publishers. They are part of a linguistic and folklore treasure trove of a culture that is beginning to be valued by Paulist and Mineiro. Newspapers, magazines, books, academic thesis open up spaces and attentions for a life style, the caipira, that is still alive in many small countryside towns and in the suburbs of medium cities known as “urban”, a communion of rural with urban. Cornélio Pires’s history is intimately and genetically linked to Piracicaba.*

*Cornélio Pires was a master – in prose and verse, as well as through music – in collecting the simplicity of caipira talks, the so-called patacoadas (bragging and idle talk), a mix of anecdotes, crafty words, simplicity and cunningness, tales and “yarns”. Some of his poems, although little known today, are viewed as indispensable documents for knowing that “caipira soul”. By the way, Cornélio Pires’s first book actually was named “Caipira Muse”, dedicated to another master of Brazilian folklore, also caipiracabano-caipivarian, Amadeu Amaral.*

*The cunningness of Joaquim Bentinho, Cornélio’s personage that characterizes the typical caipira, overcomes the nonsense and trickeries with which Monteiro Lobato’s personage, Jeca Tatu, has branded the image of the Paulist caipira for such a long time. But not only Joaquim Bentinho. In all his writings, as though in a patchwork, Cornélio Pires has recorded that caipira soul, so rich in its universal simplicity.*

## PIRACICABA A DOÇURA DA TERRA

### A primeira gravação de Moda de Viola



Foto: Fabio Rubinato

Cornélio Pires é, também, o pai da Música Sertaneja. Foi ele quem, em 1924, levou os costumes caipiras para os grandes centros, desde encenações teatrais a cantores de estilos sertanejos. Foi também por sua iniciativa a gravação da primeira Moda de Viola no Brasil.

Ele – que, em 1910, abraçara o dialeto caipira, com a edição do livro “Musa Caipira” – resolveu colocar em discos as suas anedotas e a autêntica música caipira. Já residia em Piracicaba e sabia que, aqui, existiam autênticos cantadores e violeiros. Num primeiro momento, tentou gravar uma canção entoada por Nitinho (Benedito Ortiz de Camargo, também conhecido como Nitinho Pintô ou ainda como Nitinho Violeiro, que faleceu em 1926) e Sorocabinha (Olegário José de Godoy, filho de Nhô Juca Sorocaba), mas as gravadoras esnobavam o gênero e se recusavam a gravá-lo.

Cornélio não se conformava com a posição das gravadoras, que davam preferência ao tango. E, como profundo conhecedor da música sertaneja e ferrenho nacionalista, resolveu reagir: “A música argentina, o tango, está invadindo São Paulo. Como brasileiros, temos que reagir. Não somos contra o tango, mas temos que mostrar a nossa música, a ‘moda de viola’, ritmo autenticamente nosso”.

Até que, em 1929, bancou do próprio bolso uma série de gravações, divididas em dois suplementos com cinco discos cada, totalizando dez discos independentes, com cinco mil exemplares cada, reunindo a sua famosa Turma Caipira, que – em sua primeira fase – era composta por Mariano (Mariano Silva) e Caçula (Rubens da Silva), Zico Dias (João Dias Rodrigues Filho) e Sorocabinha, Arlindo Santana, Ferrinho e Sebastiãozinho (Sebastião Ortiz de Camargo). Vale, aqui, registrar que todos os integrantes da Turma Caipira de Cornélio eram piracicabanos natos.

Num primeiro momento, Cornélio procurou a gravadora Colúmbia, empresa norte-americana, cujo representante no Brasil era a Byington & Company, pertencente a Alberto Jackson Byngton Júnior. Falou sobre a sua ideia de gravar anedotas e moda de viola, tendo como resposta, um sonoro não. “Gravar anedotas e violeiros? Isso é mais uma anedota sua. Não há mercado para isso, não interessa”, teria dito Byngton.

Cornélio insistiu: “E se eu gravar por conta própria?”.

Aí, Byngton tentou dificultar a situação: “Bem, nesse caso você teria que comprar 1.000 discos. E quero dinheiro à vista”.

Cornélio pediu alguns minutos, foi até a rua XV de Novembro (centro de São Paulo), onde solicitou um empréstimo a um amigo, um tal de Castro, e retornou em seguida à sede da gravadora. Jogou sobre a mesa de Byngton um pacote embrulhado em jornal. “O que é isso?”, perguntou-lhe Byngton. “Uai, dinheiro!”, respondeu Cornélio.

Byngton abriu o pacote e não disfarçou o seu assombro: “Mas aqui tem muito dinheiro”. “É que, em vez de mil discos, eu quero cinco mil. Cinco mil de cada, porque, já no primeiro suplemento, vou querer cinco discos diferentes, portanto 25 mil discos”, enfatiza Cornélio.

O primeiro suplemento, com os cinco primeiros discos, foi gravado em maio de 1929, com números de humorismo, interpretados pelo próprio Cornélio Pires e mais três danças paulistas, um samba paulista, um desafio e, intercalados, uma cana verde e um cururu pela “Turma Caipira Cornélio Pires”.

Os três primeiros eram de anedotas contadas pelo próprio Cornélio: disco nº 20.000 continha anedotas norte-americanas e entre italiano e alemão; o nº 20.001, rebatidas de caipiras e astúcia de negro velho; nº 20.002, simplicidade e numa escola sertaneja; nº 20.003, coisas de caipira e batizado do sapinho.

Os quarto e quinto discos já contavam com a participação da Turma Caipira: o de nº 20.004 era composto por desafio entre caipiras e verdadeiro samba paulista, e o de nº 20.005 mesclava anedotas contadas por Cornélio e danças regionais paulistas (cana verde e cururu) interpretadas pela Turma Caipira.

O sucesso foi total e cinco meses depois, em outubro de 1929, Cornélio lançava o segundo suplemento, também composto por cinco discos. O de número 20.006, onde a dupla Mariano e Caçula apresenta “Jorginho do Sertão”, a primeira música sertaneja da discografia brasileira. Do outro lado do compacto simples está “Como cantam algumas aves” (imitação de aves), interpretação de Arlindo Santana (o homem que imitava bichos e aves).

A seguir, temos os discos 20.007, envolvendo todos os integrantes da Turma Caipira com a “Moda do Peão” e “A fala dos nossos bichos”, imitações de Arlindo Santana; o nº 20.008, com a moda de viola “Mecê diz que vai casá”, de autoria de Nitinho Pintô, interpretada por Zico Dias e Sorocabinha, e anedotas “Os cariocas e os portugueses”, com Cornélio Procópio; o nº 20.009, com “Triste Abandonado”, com Zico Dias e Sorocabinha e “No mercado dos caipiras”, anedotas de Cornélio Pires; e, finalmente, o nº 20.010, com as anedotas “Agitação política em São Paulo e Cavando votos”, também contadas por Cornélio.

#### SURGE A TURMA CAIPIRA VICTOR

A Turma Caipira Cornélio Pires fez sucesso imediato e abriu os olhos das gravadoras para o mercado da música sertaneja, a autêntica música de raiz. E, no final do mesmo ano (1929), a gravadora RCA Victor resolveu lançar sua turma caipira.

E a mão de obra não poderia ser outra: os caipiracabanos.

E Piracicaba entra para a história, novamente. Desta vez, pela gravação do primeiro disco de Moda de Viola, sob o contrato de uma gravadora (já que o primeiro tinha sido uma produção independente).

A RCA foi beber na mesma fonte e contratou Sorocabinha, que fazia parte da Turma Caipira Cornélio Pires, e seu novo parceiro, o Mandi, responsáveis pela reunião de um novo grupo de artistas, do qual participaram Sebastião Ortiz de Camargo (que também fazia parte da Turma de Cornélio), Antônio Estevam (catireiro), Sebastião Roque (curureiro) e as filhas de Sorocabinha, Avelina, Durvalina e Maria Immaculada, formando a Turma Caipira Victor.

Para a gravação do disco, a RCA deslocou do Rio de Janeiro para Piracicaba os equipamentos técnicos. O local das gravações foi na Escola Normal de Piracicaba (atual Escola Sud Mennucci), que era dirigida pelo professor Manoel Rodrigues Lourenço, o Mandi. As músicas escolhidas foram “Caboclo Feliz”, “Caipira Murtado”, “Cateretê”, “Cururu” e “Samba”.

A partir de então, as gravadoras passaram a acreditar no potencial da música sertaneja de raiz e abraçaram os caipiracabanos. A dupla Mandi e Sorocabinha, por exemplo, gravou 70 discos, com 140 músicas, pela RCA, Parlophan, Odeon e Columbia.

### JORGINHO DO SERTÃO

Moda de Viola Caipira Paulista

Letra e Adaptação: Cornélio Pires

Interpretação: Caçula e Mariano

**O Jorginho do Sertão  
Rapazinho de talento  
Numa carpa de café  
Enjeitô três casamento**

**Logo veio o seu patrão  
Cheio de contentamento  
(tenho três filhas sorteira que  
Ofereço em casamento)**

**Logo veio a mais nova  
Vestidinho cheio de fita  
Jorginho case comigo  
Que das três só a mais bonita**

**Logo veio a do meio  
Vestidinho cor de prata  
Jorginho case comigo  
Ou então você me mata**

**Logo veio a mais véia  
Por ser mais interesseira  
Jorginho case comigo  
Sou a mais trabiadeira**

**Jorginho pegou o cavalo  
Ensilhô na mesma hora  
Foi dizê pra morenada  
Adeus que eu já vou me embora**

**Na hora da despedida,  
Ai, ai, ai  
É que a morenada chora  
Ai, ai, ai**

**O Jorginho arresorveu  
É melhor que eu mesmo suma  
Não posso casá cum as três, ai  
Eu num caso cum nenhuma**



TURMA CAIPIRA CORNÉLIO PIRES - Foto: Acervo Instituto Cornélio Pires



TURMA CAIPIRA VICTOR - Foto: Acervo Família Sorocabinha

Foto: Acervo Casa do Povoador



O jornalista Cecílio Elias Netto com a dupla Craveiro e Cravinho

### Moda de viola: Craveiro, Cravinho e família mantêm a chama acesa

Como é bom poder dizer que a Moda de Viola, a autêntica música sertaneja, nasceu e continua morando em Piracicaba. Desde a formação da primeira dupla sertaneja, passando pela primeira gravação de uma Moda de Viola (a canção Jorginho do Sertão, pela dupla Mariano e Caçula) e pelas criações das canções “Piracicaba” (de Newton A. de Mello, que virou hino oficial da cidade) e “Rio de Lágrimas” (composta por Tião Carreiro, Lourival dos Santos e Piraci, que tornou Piracicaba conhecida em todos os quatro cantos do Brasil), foi que nossa cidade passou a ser conhecida como a Capital da Música Sertaneja.

Por aqui passaram (e continuam passando, cantando, tocando, encantando) imortais da música caipira como Mariano, Caçula, Zico Dias, Mandi, Sorocabinha, Nhô Chico, Sebastião Roque, Piraci (Miguel Lopes Rodrigues, também conhecido como Piracicabano), entre tantos outros.

Hoje, a divulgação da cidade, através da música sertaneja, está nas mãos e nas vozes dos integrantes da família Franco, com base nos irmãos, Craveiro e Cravinho, naturais de Pedrneiras/SP, mas que escolheram Piracicaba para viver e criar seus filhos e netos.

Filhos do violeiro Josué Franco, Craveiro e Cravinho ingressaram na rádio Difusora de Piracicaba, em 1958, na qual atuaram por quase 20 anos. Craveiro é pai de Cezar e Paulinho, e avô de Ed & Fábio Cezar, todos nascidos em Piracicaba. Pai, tio, filhos e netos são responsáveis por centenas de sucessos e, juntos, levaram o show “Geração de Cantador” para todo o Brasil.

### GERAÇÃO DE CANTADOR (AUTORIA DE CEZAR E BETO SURIAN)

Cezar e Paulinho:

*Meu avô tocou viola  
O meu pai é sertanejo  
Fui crescendo com a viola  
Sendo aluno dessa escola  
Sou feliz agora vejo*

*Eu colhi felicidade  
Pelos circos e coretos  
Pelos cantos e cidades  
O meu pai cantou verdade  
E o meu tio fez o dueto  
Adeus morena, adeus*

Craveiro e Cravinho:

*Adeus morena, adeus  
Na casa de Mané Pedro  
Foi numa festa de São João  
Cantei moda de viola  
Cateretê lá do meu sertão  
Toada paraguaiana  
De mexer no coração  
Eu fiz a velha chorar  
E a moça sentir paixão  
Eu fiz a velha chorar  
E a moça sentir paixão*

Cezar e Paulinho:

*Craveiro e Cravinho  
Somos fãs e frutos seus  
Somos Cezar e Paulinho  
Prosseguindo com carinho  
A missão que Deus nos deu*

Ed e Fábio Cezar:

*O meu pai vive na estrada  
O meu tio é companheiro  
Enfrentando as jornadas*

*Noites, dias, madrugadas  
E a esperança o tempo inteiro  
Uma dupla sertaneja  
Que canta desde menino  
Um dueto tão bonito  
Ecoando no infinito  
Maravilha, dom divino*

Cezar e Paulinho:

*O feijão e a flor  
A flor era você  
E o feijão era eu  
Abraçados um ao outro  
Comigo você cresceu  
Meus filhos, e meus sobrinhos  
Ed e Fábio Cezar*

Ed e Fábio Cezar:

*É um dom de pai pra filho  
Cantar mensagens de amor  
Confirmando as referências  
Hoje somos a sequência  
Geração de cantador*

Cezar e Paulinho:

*É um dom de pai pra filho  
Cantar mensagens de amor  
Confirmando as referências  
Hoje somos a sequência  
Geração de cantador*

Todos:

*É um dom de pai pra filho  
Cantar mensagens de amor  
Confirmando as referências  
Hoje somos a sequência  
Geração de cantador*



FAMÍLIA EM AÇÃO - Foto: Divalgêso

“ O Rio de Piracicaba vai jogar água pra fora... ”

Lourival dos Santos, Tião Carreiro e Piraci



Foto: Real Dione Imagens Aéreas

A letra de “Rio de Lágrimas”, cujo refrão destaca o rio que corta a cidade e dá nome a ela, escrita por Lourival dos Santos e com melodia de Tião Carreiro e Piraci, foi inspirada em Ana Maria de Andrade Franco, irmã da dupla de violeiros, Craveiro e Cravinho.

Segundo Ana Maria, a musa inspiradora, não se trata de uma história de amor. “Lourival era muito amigo da minha família, de meus pais e irmãos, e resolveu homenagear-me com essa obra prima”.

A canção, que está próxima de completar 50 anos (foi composta em 1970 e gravada em 1972), é um dos símbolos da cultura caipira e uma das mais gravadas da história da música sertaneja. Craveiro e Cravinho foram dois dos intérpretes. Foram, também, os responsáveis pela gravação oficial do Hino de Piracicaba.

## FESTANÇAS E TRADIÇÕES CAIPIRACICABANAS

“ Uma moça me pediu/ da cana verde uma fóia/ três  
branca, três amarela/ aqui está, meu bem, escôia ”

Alceu Maynard de Araújo

Entre alguns, são quatro as grandes personalidades paulistas que cuidaram de preservar o riquíssimo folclore caipira, o de São Paulo: os notáveis caipiracicanos Alceu Maynard de Araújo e João Chiarini, o brilhante caipivariano Amadeu Amaral, reveladores da alma cabocla ao lado do icônico Mário de Andrade. Não por acaso, apenas Mário de Andrade era paulistano; os demais, todos da região caipiracicana. Antes deles, o folclore surgia apenas como algo pitoresco, quase que exótico, ligado ao rural. Folclore é, porém, muito mais do que isso: conjunto de instituições, costumes, comportamentos, patrimônio material e espiritual.

Em todo o interior paulista, as festas e tradições caipiras começam a ser revividas. Muitas delas se perderam, outras quase se extinguíram. No entanto, há reações positivas como se a memória do povo se aguçasse à medida que a perda da identidade, causada também pela chamada globalização, deixasse os povos inseguros. Os “caipiras” – ainda que muitos confundam, até propositalmente, a moda “country” com o sertanejo – estão de volta. Com suas danças, bailados, cantigas, rondas infantis, adivinhas, lendas, rezas, procissões, festas, instrumentos musicais, bebidas, remédios caseiros, rituais. Especialmente, as festas populares.

### Batuque

No folclore caipira, é dança de terreiro, com o uso de instrumentos como o tambu, mulemba, matraca, guaiá. A região “batuqueira” de São Paulo – que começa a ser reativada – localiza-se no nosso Vale do Tietê Médio, com municípios tradicionais,

idades reconhecida e orgulhosamente “caipiras”: Tietê, que sempre foi tida como “capital batuqueira”, Porto Feliz, Laranjal, Pereiras, Capivari, Limeira, São Pedro, Itu, Tatuí. E nossa amada Piracicaba, herdeira e zeladora de toda essa cultura.

O batuque é dança de origem africana. Ao contrário das danças primitivas, que são de roda, o batuque se faz em duas colunas, de homens e mulheres frente à frente, que se defrontam, dando umbigadas. O batuque é conhecido, também, como umbigada. Como ritual, é visto como “dança da procriação”, por causa da sensualidade explícita entre homem e mulher. Por isso, pai e filha não podem “dançar o batuque”, não podem “dar umbigada”. Nem padrinhos com afilhadas. Soaria como algo incestuoso. Se, por descuido, isso acontece, a filha ou afilhada se desculpa: “a bênção padrinho”.

O batuque, ao tempo da escravidão, foi muito combatido pela Igreja Católica que ainda não o vê com bons olhos.

### Cana Verde

Dá-se o nome de fandango ao conjunto de danças rurais. A mais difundida delas é, ainda, a “Cana Verde”. Muitos estudiosos confundem a “Cana Verde” com a dança de origem portuguesa “Caninha Verde”. São diferentes. A “Cana Verde” foi iniciada nas roças paulistas. Dançam homens e mulheres, num grande círculo, deslocando-se no sentido horário, o lado direito do corpo voltado para o interior da roda. Dançam valsando, balanceando, voltando a frente um para o outro, fazendo a meia volta. Quando um dos homens se vira à direita, todos o acompanham.



As mulheres permanecem na mesma posição até que seus acompanhantes voltem para o lugar primitivo, quando, então, elas se viram para a esquerda, fazendo a meia volta. A arte está em fazer o corpo como que flutuar no vai e vem da onda.

Os instrumentos musicais usados são a viola, o pandeiro e o reco-reco. Não há desafio, mas os homens fazem declarações de amor em quadrinhas dirigidas às moças, batendo os pés para afirmar o compasso. Uma delas, registrada por Maynard: *“Uma moça me pediu/ da cana verde uma fôia/ três branca, três amarela/ aqui está, meu bem, escôia”*.

A *“Cana Verde”* é marcadamente da região do Tietê Médio já citada e, também, do Vale do Paraíba.

#### **Cateretê ou catira**

É dança usada pelos catequistas, ainda difundida entre algumas regiões caipiras de São Paulo. É conhecida, também, na zona litorânea. Em São Paulo, os caipiras dançam com os pés descalços, batendo no chão, a que se dá o nome de *“pisar nas cordas da viola”*. São dois violeiros e cinco ou mais pares dançantes. Suas origens são vistas, por alguns estudiosos, como ameríndias.

No centro do salão, os dançadores formam duas colunas e à frente delas, um violeiro-cantador. Um dos violeiros é o *“mestre”*, sendo *“contramestre”* o outro. Isso quer dizer que fazem a primeira e a segunda vozes. Os violeiros cantam e batem os pés; os dançantes não cantam, mas batem pés e mãos. Os violeiros saem do lugar, dão a volta por fora das colunas, retornam pelo centro, voltam a seus lugares. A isso, dá-se o nome de *“vorteá e cruzá”*, dar a volta e cruzar. Os dançantes aguardam os sinais e vão *“parmeando e sapateando”*, ou seja, batendo palmas e batendo os pés. O bater pés é conhecido como *“pateio”*, em oposição ao *“parmeio”*, que é o bater mãos. Os dançadores, em algumas regiões de São Paulo, usam tamancos.

O cateretê ou catira é, também, conhecido como xiba, o tradicional bate-pé.



BATUQUE DE UMBICADA - Apresentação do Grupo Centro de Documentação, Cultura e Política Negra



FESTA DO DIVINO - Tradição centenária em Piracicaba

## “ A sabedoria do coração não nos faz errar ”

### Ditado Popular

#### **CAIPIRACIBAN FESTIVITIES AND TRADITIONS**

Among several, there are four great Paulist personalities who cared for the preservation of the very rich caipira folklore, that of São Paulo: noteworthy caipiracibans Alceu Maynard de Araújo and João Chiarini, brilliant caipivarian Amadeu Amaral, unveilers of the caipira soul, jointly with the iconic Mário de Andrade. Not by chance, only Mário de Andrade was Paulist, the remaining three originating from the caipiracibaban region. Prior to them, folklore emerged only as something picturesque, almost exotic, linked to the countryside. However, folklore is much more than that: it is a set of institutions, customs, behaviors, a material and spiritual heritage.

In all Paulist countryside, caipira festivities and traditions are beginning to be revived. Many have been lost, others almost extinguished. Nevertheless, there are positive reactions, as though the people's memory sharpens as the loss of identity, also an outcome of the so-called globalization, leaves peoples insecure. The *“caipira”* – even though many confuse, even on purpose, the *“country”* trend with sertanejo music – are back. With their dances, folk dances, songs, children ring-around, riddles, legends, prayers, processions, festivals, musical instruments, drinks, home medicines, rituals. In special, popular festivities.

#### **Batuque (African drum beating and dancing)**

In caipira folklore, it is an open-air dancing to the sound of instruments such as the tambu (African drum), mulemba (percussion instrument), matraca (rattling-sound instrument), guaiá (rattlebox). The *“batuque”* region in São Paulo – that is starting to be reactivated – is in our Middle Tietê Valley, with traditional municipalities, cities proudly recognized as *“caipira”*: Tietê, that has always been considered the *“batuque capital”*, Porto Feliz, Laranjal, Pereiras, Capivari, Limeira, São Pedro, Itu, Tatuí. And our beloved Piracicaba, heir and caretaker of all that culture.

The batuque is a dance of African origin. Unlike other primitive dances, which are circular, the batuque is performed in two rows, men and women facing each other and doing belly-bumps. The batuque is also known as belly bumping. As a ritual, it is seen as a *“procreation dance”*, due to the explicit sensuality between men and women. Therefore, a father and daughter cannot *“dance batuque”*, cannot do *“belly bumps”*. Neither godfathers with goddaughters. It would sound somewhat incestuous. If, out of carelessness such happens, daughter or goddaughter apologizes: *“your blessing, godfather”*.

The batuque, at the times of slavery, was heavily opposed by the Catholic Church, which still now does not accept it.

#### **Green Sugar Cane**

*“Fandango”* is the name given to the suite of various rural dances. The most widespread among them still is the *“Green Sugar Cane”*. Many scholars confuse the *“Green Sugar Cane”* with the *“Little Green Cane”* dance of Portuguese origin. They are different. The *“Green Sugar Cane”* began in Paulist plantations. Men and women dance in a big circle, moving clockwise, with the right side of their bodies turned toward the center of the circle. They dance waltzing, balancing, turning to face each other by doing about-faces. When one of the men turns to the right, all follow him.

The women remain in the same position until their companions return to their primitive places and then turn to the left, doing an about-face. The art lies in making one's body seem as if floating in the coming and going of a wave.

The musical instruments used are the guitar, tambourine and guiro. There is no challenge; instead, men make declarations of love to girls, thumping their feet to mark the compass. One of such, recorded by Maynard: *“a girl asked me/ of a green sugar cane a leaf/ three white, three yellow/ here it is, my dear, choose it”*.

The *“Green Sugar Cane”* is markedly from the already mentioned Middle Tietê, also from the Paraíba Valley.

#### **Cateretê or catira**

This is a dance used by the catechists, still widespread in some caipira regions in São Paulo. There, the caipira dance barefoot, thumping the ground, in what is called *“stepping on the guitar strings”*. There are two guitar players and five or more dancing couples. Its origins are seen by some scholars as Amerindian.

In the center of the room, the dancers stand in two rows, at one end and facing them a guitar player/singer. One of the guitar players is the *“master”*, the other the *“foreman”*. That means they perform as first and second voices. The guitar players sing and thump their feet; the dancers do not sing, but thump their feet and clap hands. The guitar players leave their places, circle around the rows on the outside, and go back to their places through the middle of the rows. That is called *“circle and cross”*. The dancers wait for the signals and proceed *“clapping and thumping the feet”*. The feet thumping is known as *“pateio”*, in opposition to *“parmeio”*, which is hand clapping. In some regions in São Paulo, the dancers wear clogs.

The cateretê or catira is also known as xiba, the traditional shindig.

## Festa do Divino, segundo João Chiarini

Muito já cantamos e louvamos – em um sem número de artigos e livros escritos por especialistas, por caipiras apaixonados – os quase 200 anos da histórica Festa do Divino. Nunca, no entanto, é suficiente para encontrar belezas nesse bordado de nossa terra. Assim, reproduzimos artigo do folclorista João Chiarini – um dos pais de nossa memória – publicado na Revista Mirante, nº 54, na edição de setembro de 1961:

*“A mais remota é a Festa do Divino ou Folia do Divino ou Encontro das Bandeiras ou Império do Divino. Assim falam os seus militantes, sem qualquer distinção em sua estrutura, em sua organicidade. É a linguagem autêntica, pura e saborosa de seus militantes. É a fala caipiracabana (o neologismo é nosso), ribeirinha, doce, mas nunca barranqueira.*

*A que se faz em Piracicaba data de 1826. Nasceu como cumprimento de promessa (ex-voto). Os ribeirinhos agrupavam-se na faixa esquerda do rio, na atual Avenida Beira Rio – Joaquim Miguel Dutra. Através de canoas desciam o rio abaixo, à procura de prendas em espécie, dinheiro da época, aves e animais. Levavam na descida e traziam, na subida, uma Folia. Constituída esta do bandeireiro, violeiro, caixista, adufeiro e triangulista. Junto a isso, o esmoler ou tirador de esmolos. Saíam no mês de maio e regressavam em maio do ano seguinte. Isto porque, sendo a Festa do Divino incorporada ao mundo católico, evidentemente deve ser efetuada na quinquagésima da Pentecostes, ou certamente no 7º domingo após a Pascoela. Anunciavam a subida (rio acima) através de ronqueiras, trabucos e mais posteriormente rojões. Aqui, a presença do folclore cósmico.*

*Numa das canoas, vinha a Folia do Divino. Bandeira à frente, tendo, no seu planejamento violáceo, a pomba branca com vidrilhos dourados e centenas de ex-votos. No tope, outra pomba. Nunca uma arara, um papagaio. A pomba não elimina o fel, pela ausência de glândulas suprarrenais. As fitas das mais variadas cores não representam cromática, porque a cor no folclore é ritual.*

*Uma fita amarela traduz desespero, uma azul representa ternura, uma branca, paz etc.*

*O grupo que descia o rio chamava-se Irmãos do Pouso, Irmãos do rio abaixo. Solicitavam guarida através de música primitiva, mas hipnotizante e inédita nas paragens onde abordaram. O grupo criou afinações especiais na viola: rio abaixo e rio acima. Características daquela festança. Posteriormente, inclusas em vários folclores musicais.*

*A indumentária dele diferia do outro bando, sem precatória – o dos Irmãos do Divino. Descalços ambos os grupos, calças brancas, estreitas no cano, blusas brancas (as túnicas vieram depois). Cintão azul para os do Divino, vermelho para os de baixo. Na cabeça, o gorro português, com ponta longa e, caída, bolotas respectivamente azul e vermelha. O grupo de baixo levava trem de cozinha e utilizava-se das oferendas solicitadas no petitório. Na aguavia, servia-se de canoas (depois surgiram os botes, as barcas). Quando encontrava corredeiras, saltos e itaipavas, é que acostava e arrastava pelas margens peças enormes, cavadas a fogo.*

*No petitório, a folia tocava e dançava em roda geral, contra a marcha dos ponteiros do relógio, instintivamente pela posição do meridiano brasileiro. Os aglomerados ribeirinhos, ao longo dos cursos do Piracicaba e do médio Tietê, eram católicos por tradição. Então, não se conhece na história dos pousos qualquer negativa ao que se lhes solicitava.*

*De pousos em pousos, os irmãos de baixo cobriam quilômetros, levados pela ação dos varejões, peças coloridas de bambu, tendo pontão de ferro na extremidade mais grossa. Eram atiradas n'água pela proa, empunhando-os, corriam barcos a dentro até a ré. Os varejões alcançavam de 6 a 8 metros, muito polidos, curtidos à sombra, cortados na lua certa. Senão o caruncho acabava com eles. Peça anfíbia. Vivia n'água e na canoa. Jamais lenhava, isto é, abria, estourava.*

*Logo que era ouvido o espocar dos trabucos, das ronqueiras, formava-se no rio acima o grupo dos Irmãos do Divino”.*



### FESTIVAL OF DIVINE, ACCORDING TO JOÃO CHIARINI

*We already have sang and prized much – in countless articles and books written by specialists, by caipiras in love – the almost 200 years of the historical Festival of Divine. Never enough, however, for disclosing all the beauties in that embroidery of our land. Thus, we reproduce an article by folklorist João Chiarini – one of the fathers of our memory – published in September 1961, in the Mirante Magazine No. 54: “The most remote (festival) is the Festival of Divine or Revelry of Divine or Meeting of Flags or Empire of Divine. Thus speak its militants, with no distinction regarding its structure, its organicity. It is the authentic, pure and savory language of its militants. It is the caipiracaban speech (our neologism), riverine, sweet.*

*The festival in Piracicaba dates back to 1826. It was born as the fulfillment of a pledge (ex-vow). The riverine gathered on the left bank of the river, currently the Beira Rio Avenue – Joaquim Miguel Dutra. They sailed downriver in canoes, seeking gifts of cash, fowl, and animals. They took the Revelry downriver and brought it back upriver. It comprised a standard-bearer, guitar player, drummer, timbrel player and triangle player. Accompanying them, an almoner or alms collector. They left in May and returned in May the following year. That was so because the Festival of Divine is linked to the Catholic World and therefore of course it must take place in the fiftieth day of Pentecost, or certainly on the seventh Sunday after Easter. They heralded the upriver trip with “ronqueiras” (a pyrotechnical device) and blunderbusses, and in later times, with rocket fireworks. Here, a presence of cosmic folklore.*

*One of the canoes took the Revelry of Divine. Standard up front, in violet cloth, the white dove with golden beads and hundreds of ex-vows. On top, another dove. Never a macaw or parrot. A dove does not ooze bile, as it does not have adrenal glands. The ribbons of the most variegated colors do not represent chromatics, for in folklore color is ritualistic. A yellow ribbon translates despair; a blue one represents tenderness, a white one peace, and so on.*

*The group sailing downriver was called the Landing Brothers, downriver Brothers. They asked for shelter through a primitive, albeit hypnotic music, unprecedented in the places where they landed. The group created special guitar tunings: for downriver and for upriver. Characteristics of that feasting. Later, included in several musical folklores.*

*The clothes of that group were different from those of the other group without mandamus – that of the Brothers of Divine. Both groups barefoot, in white trousers with pinched pipes, white blouses (the tunics came later). Wide waistbands, blue for those of the Divine, red for the downriver ones. On the heads Portuguese barrets with long, downturned points and blue and red tassels, respectively. The downriver group took with them kitchen utensils and used the offerings requested in the petitionary. On the waterway, they used canoes (later came the boats, barges). When they came upon rapids, waterfalls and “itaipavas” (half-submerged slabs of rock), they pulled up and dragged the huge pieces, dug out with fire, along the shore.*

*In the petitionary, the revelers played and danced in a general circle, counterclockwise, instinctively due to the position of the Brazilian Meridian. The riverside villages along the Piracicaba and middle Tietê were Catholic by tradition. Thus, in the history of the landings, there is no notice of refusal of their request.*

*From landing to landing, the downriver brothers covered kilometers, driven by the action of poles made of colored bamboos tipped with iron heads on their thicker extremities. Those were lowered into the water in the stem, held in the hands of men who then ran to the stern of the canoe along the length of the boat. The poles reached 6 to 8 meters, very polished, hardened in the shade and cut in the right moon. Otherwise, woodworms would finish them off. An amphibious tool. It lived both in the water and in the canoe. It never opened up, that is, never split.*

*As soon as the banging of the blunderbusses and “ronqueiras” was heard, the Brothers of Divine group assembled upriver”.*

## Festa de Nhô Belisário

“Salve Rainha, cheia de graça...”

### Oração Popular

Das festas piracicabanas, não foi apenas a Festa do Divino a alegrar o pequeno universo à beira rio, de onde se espalhava pela cidade. Da rua do Porto, a alegria do povo subia a rua Moraes Barros, chegando ao centro, animando as gentes. Mas era para lá, à beira rio, que as festas retornavam, ainda mais alegres, com o povo tomando todos os espaços. Havia a “*lavagem de São João*”, que começava na rua da Pocinha, início quase do Itapeva, lá onde jorrava o “*Olho de Nhá Rita*”. A imagem de São João era pendurada no mastro enquanto se soltavam foguetes, bombas e baterias. Na festa, os devotos bebiam pinga queimada com açúcar e gengibre, em canequinhas de folha que passavam de mão em mão. Quando chegava meia noite, São João era descido do mastro e carregado num andor até à rua do Porto, em procissão. Um dos devotos tirava a imagem do andor e “*dava-lhe banho*” no rio, aplaudido por todos os demais que, dentro d’água, iam tomando a imagem para beijá-la. E fazer o caminho de volta.

E, nas festas juninas – de Santo Antônio, São João e São Pedro – a venda de Affonso Pecorari (atual Restaurante Arapuça) se tornava lugar de atração. O povo da cidade corria para a zona rural, para as fazendas, onde os grandes proprietários promoviam festas sem fim. Viajava-se muito de trole, mas quem não podia ir ficava pelos bairros onde a festa era mais popular, com destaque ao São João do bairro de Tupi.

O Largo Santa Cruz, um deles. E a rua do Porto, a mais procurada, lá pelos lados da casa de Nhô Belisário, cuja família vivia de pesca e de fazer tarrafas e redes. Nhô Belisário era cocheiro, também. E, nas festas de junho, já ia preparando a ronqueira na beira do rio. O que é ronqueira, meu senhor do Século XXI?

Pois vou contar: era uma tora pesada de madeira que ficava meio enterrada na terra, como se fosse um velho canhão a ser

carregado pela boca. Nela, colocava-se um pedaço de cano de uns dois centímetros de diâmetro por uns trinta de comprimento, tendo um furo na culatra através do qual podia se ver a pólvora. Pelo furo, colocava-se a chama que fazia disparar a ronqueira.

Portanto, Nhô Belisário deixava a ronqueira pronta. Antes da festa, porém, havia oração. Na sala da casa, a mulher de Nhô Belisário deixava arrumado o altar, as pessoas iam entoando as rezas. Mas, quando chegava a hora da “*Salve Rainha*”, Nhô Belisário ficava atento e mal ouvindo as primeiras palavras – “*Salve Rainha, cheia de graça*” – já gritava para o genro, que ficava próximo da ronqueira: “*Bota fogo nela, Pai Chico!*”.

E Pai Chico, com tição em brasa, botava fogo e a ronqueira causava estrondos que se ouviam até lá nos Marins, nos sítios dos Godoys e de Nhô Manduca Duarte, onde a festa também era grande. Dava gosto de se ver. Como acontecia na cidade, a casa do Nhô Belisário ficava enfeitada com bandeirolas, a fogueira ardendo para assar batata doce e preparar churrasco. Erguia-se o mastro com as efígies dos três santos: Antônio, João e Pedro. Invocavam-se os santos com pedidos silenciosos: Antônio, para casar; João, para fantasias outras de amor, mais ardentes; Pedro, para atender o que parecia impossível. E, então, lá se iam os santos ser lavados na água do rio, que judiava das pessoas com o frio de junho. Lavava-se o santo, mas se tomava cuidado para não olhar-se espelhado na água, pois se alguém se visse refletido na água do rio era certo que a morte chegaria.

A Rua do Porto, então, via o dia amanhecer. O quentão animava as gentes e Nhô Belisário marcava a quadrilha, enquanto Bepe, o italiano, tocava sanfona sem parar. Quando o dia raiava, a Rua do Porto silenciava e os foliões retornavam às suas casas, encontrando outros que haviam “*festado*” nas ruas de Piracicaba, em junho de 1900.



### Festa do Divino, Patrimônio Imaterial de Piracicaba

Existem várias versões sobre a origem da Festa do Divino, que está integrada aos festejos realizados em épocas de colheita. Alguns historiadores defendem sua origem na Idade Média; outros apontam a Alemanha, mas é fato que no Brasil a Festa do Divino Espírito Santo tem influência portuguesa.

A difusão da manifestação pelo Brasil ocorreu numa conjuntura de negociação de valores e de representações culturais entre diferentes elementos étnicos culturais: colono português, escravo africano, indígena e estrangeiro. Dessa forma, os ritos das crenças africanas, indígenas e cristãs se misturam. Justificando manifestações de origem africana, como a Congada, indígena, como o Cururu, como componentes inseridos na Festa do Divino Espírito Santo.

Sua expressão varia em tempo e local e se manifesta de diferentes formas: rural ou urbana; marítima, com encontro dos barcos no mar, fluvial, com encontro dos barcos no rio ou terrestre, sem encontro dos barcos. Mas, em todas as formas de expressões encontram elementos comuns: leilões, quermesses, distribuição de alimentos, celebrações, procissões e desfiles da bandeira e folia do Divino, torneios de cantadores e cururueiros.

Em dezembro de 2016, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC) aprovou o registro da Festa do Divino Espírito Santo como patrimônio cultural imaterial do município. A festa teve início em 1826 e se configura como a mais tradicional manifestação religiosa e popular da região, atraindo milhares de pessoas, com expressivos rituais, como Folia, Pouso, Leilão de Prendas, Encontro das Bandeiras, Procissão, Missa e Rodas de Cururu e Violeiros.

### NHÔ BELISÁRIO'S FESTIVITY

Among Piracicaba festivals, the Festival of Divine was not the only one cheering up the small riverside universe, from where it spread into the city. From the Port Street the merriment climbed the Moraes Barros Street and arrived downtown, spiriting up everyone. However, it was to there, to the riverside, that the festivities returned, even more joyfully, with people occupying every space. There was the “St. John washing” that began on the Pocinha Street, almost where the Itapeva began, where the “Nhá Rita’s spring” gushed forth. The image of St. John was hang up on a mast while rockets and firecrackers were fired off. During the festival, the devout drank pinga (sugar cane liquor) with burned sugar and ginger, in small sheet metal mugs that were passed from hand to hand. Come midnight, St. John was lowered from the mast and taken to the Port Street on a litter, in procession. One of the devout took the image off the litter and “bathed it” in the river waters, applauded by all others who, standing in the water, took the image and kissed it, one by one. Then, they took it back.

In the June festivities – of St. Antony, St. John and St. Peter – Affonso Pecorari’s general store became the center of all attentions. The townspeople set out for the countryside, to the farms, where the big landowners promoted endless bashes. Many travelled by trolley, but those who could not go stayed in the districts, where the festivities had a more popular character.

Santa Cruz Plaza was one of those. And the Port Street the most visited, in the proximities of Nhô Belisário’s home, whose family lived of fishing and fabricating cast nets and straight nets. Nhô Belisário was a coachman also. For the June festivities, he set up the ronqueira on the riverbank. What is a ronqueira, you 21st Century gentleman might ask.

Well, I will tell you. It was a heavy wooden log half-buried in the ground, as though it were an old mouth-loaded cannon. A piece of pipe about 2 cm in diameter and 30 cm long was secured to it, with a hole in the breech through which the gunpowder could be reached. That hole took the flame that fired off the ronqueira.

Therefore, Nhô Belisário left the ronqueira ready. However, before the festival, there was praying. In the living room of her home, Nhô Belisário’s wife readied the altar and people started saying the prayers. When the time for the “Hail Mary” arrived, Nhô Belisário became attentive and as soon as he heard the first words – “Hail Mary, full of grace” – he shouted to his son-in-law standing by the ronqueira: “Set the fire to it, Father Chico!”.

Father Chico, with a hot ember, set the ronqueira off, bringing forth a blast that was heard as far as the Marins, the farms of the Godoys and Nhô Manduca Duarte, where the festivities also were big ones. It was a real treat. As it happened in the city, Nhô Belisário’s house was adorned with pennants, and a bonfire burned for roasting sweet potatoes and preparing barbecue. A mast was erected, with the effigies of the three Saints: Antony, John and Peter. The Saints were invoked with silent requests: Antony for marriage; John for other, hotter love fantasies; Peter, for things that seemed impossible. After that, the Saints were taken to be washed in the river waters, the people tormented by the June cold. Each Saint was washed, the people careful not to see themselves reflected in the river waters, for anyone who saw his reflection in the river water could expect death for sure.

Port Street then saw the day breaking. Quentão (hot sugar cane liquor with ginger) animated the people and Nhô Belisário marked the quadrille while Bepe, the Italian, played the accordion endlessly. When the day broke, Port Street became quiet and the revelers returned to their homes, meeting other who had “feasted” on the streets of Piracicaba, in June 1900.

## AS DUAS MAIORES MARCAS CAIPIRACICABANAS O Nhô Quim e o Hino

“Ninguém compreende a grande dor que sente o filho ausente a suspirar por ti...”

Newton A. Mello

Há muitas e muitas singularidades que fortalecem o nosso amado “caipiracabanismo”. Mas duas marcas, digamo-lo assim, caracterizam-nos nacionalmente. Primeiramente, a do “Nhô Quim”, que identifica o XV de Novembro com Piracicaba em todo o Brasil. Ele é outro dos nossos símbolos caipiracabanos: o Senhor Quinze, o Sinhô, o Nhô Quim, que provoca verdadeira paixão na cidade. E mais: com o XV, Piracicaba tornou-se pioneira também no futebol do interior paulista, com o ingresso do “Nhô Quim” na Primeira Divisão, ao vencer o Campeonato da Lei do Acesso.

E o outro, a canção Piracicaba – que se tornou hino oficial da cidade – composta (letra e música) em 1931 por Newton de Mello. É tão simples e tão tocante que emociona a todos por sua singeleza. Basta ouvir – onde quer que se esteja – “Numa saudade, que punge e mata – que sorte ingrata! – longe daqui” para o coração aquecer-se. Este escriba tem sugerido que, no trecho “ninguém entende a grande dor que sente o filho ausente a suspirar por ti...”, cantemos: “ninguém entende o grande amor que sente a nossa gente a suspirar ti”. O poeta, ao compô-la, ainda lecionava em Araraquara e a saudade de nossa terra levava-o à depressão. Ele era o “filho ausente” e essa mesma emoção punge todos os que se ausentaram ou se ausentavam daqui. Os que aqui permanecemos suspiramos de amor.

Deveríamos acrescentar, também, a melancólica “Ave Maria”, de Erotides de Campos, que as rádios, também em quase todo o Brasil, levavam ao ar às 18 horas, ao “Angelus”.

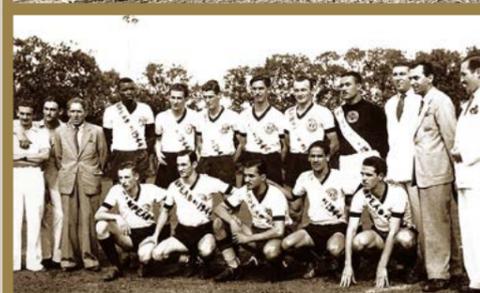
### THE TWO GREATEST CAIPIRACICABAN MARKS

#### Nhô Quim and the Anthem

*There are so many singularities that strengthen our “caipiracabanism”. However, two marks, so to say, characterize us nationwide. First is the “Nhô Quim”, that identifies the XV of November with Piracicaba everywhere in Brazil. It is another of our caipiracaban symbols: Mister Fifteen, Mister Fifteen, Mistah, Mistah Fifteen, provoking true passions in the city. Moreover, with the XV of Piracicaba the city also became a football pioneer in the Paulist countryside, with the ascension of “Nhô Quim” to the First Division by winning the Access Act Championship.*

*The other is the song Piracicaba, – that became the official Anthem of the city, composed in 1931 – lyrics and music – by Newton de Mello. It is so naïve and touching that it moves everyone, due to its simplicity. It is enough hearing – wherever one is – “With a longing that pierces and kills – what an ungrateful luck! – faraway from here” to warm one’s heart. This scribbler has suggested that in the part “no one understands the great pain a departed son feels while sighing for you...” we sing: “no one understands the great love our people feels while sighing for you”. The poet, when he composed it, was still teaching in Araraquara and his longing for our land was driving him to depression. He was the “departed son” and that same emotion pierces all who departed or are away from here. We, those who remain here, sigh out of love.*

*We should also add the melancholic “Hail Mary” by Erotides de Campos, that radio broadcasting stations played at 6 pm at the “Angelus”, also everywhere in Brazil.*



## Fundação do XV na memória de quem viu

O Esporte Clube XV de Novembro nasce da junção do Esporte Clube Vergueirense e do Esporte Clube 12 de Outubro. Mas que clubes eram estes? Crônica de Antônio Belmudes de Toledo, um dos fundadores do XV, publicada em 1935, reconta as origens do clube mais popular da cidade.

### O nascimento

*“Nem ao Vergueirense e nem ao 12 de Outubro podia se dar o nome de clube, propriamente dito, uma vez que nem um e nem outro possuíam diretoria, quadro social definido e os estatutos regimentais necessários.*

*O primeiro era, por assim dizer, “propriedade” dos irmãos Pousa e seus parentes, residentes à rua Vergueiro e que “aceitavam” a colaboração dos vizinhos daquela rua para poderem ter o número necessário para organizar os treinos e jogos que se realizam num campo em aclive de mais ou menos 40m de lado, na esquina da rua Luiz de Queiroz com a antiga rua do Conselho (hoje Regente Feijó). O “12 de Outubro” pertencia aos irmãos Guerrini, residentes, então, na Rua Santo Antônio, e treinava na antiga chácara do Sebastião Peroba, precisamente no local onde hoje o XV tem o seu estádio.*

*Naquela época, os futebolistas que não pertenciam aos quadros formados pelos alunos da escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz outra coisa não desejavam senão organizarem um time capaz derrotá-los. Como o Vergueirense era amigo do 12 de outubro e como ambos tinham inimigos comuns, e como sozinhos não podiam viver, resolveram um dia fazer a fusão, organizando-se num quadro social, com diretoria de verdade. O candidato a presidente de ambas as partes era o cirurgião dentista Carlos Wingeter, que alvitrou o nome de Esporte Clube XV de Novembro”.*

### Foundation of the XV, in the memory of one who saw it

*The Esporte Clube XV de Novembro (XV of November Sport Club) was born from the merger of Esporte Clube Vergueirense with Esporte Clube 12 de Outubro. But, what clubs were those? A 1935 chronicle written by Antônio Belmudes de Toledo, one of the founders of the XV, recounts the origins of most popular club in the city.*

### The birth

*“Neither the ‘Vergueirense’ nor the ‘12 de Outubro’ could be called clubs, as formally understood, inasmuch as neither one nor the other had Boards, established membership roll, or formal bylaws.*

*The first one was, so to say, a “property” of the Pousa Brothers and their relatives, all living on Vergueiro Street, who “accepted” collaboration of their street neighbors in order to reach the needed numbers for carrying out the practices and games that took place on a slanted field about 40 meters in length, at the corner of Luiz de Queiroz Street with former Conselho Street (currently Regente Feijó Street). The 12 de Outubro belonged to the Guerrini brothers, then living on Santo Antônio Street, who practiced at Sebastião Peroba’s old villa, right where the stadium of the XV stands today.*

*At that time, football players who did not belong to teams made up of students from the Luiz de Queiroz Agriculture School had no other desire but to organize a team able to defeat them. Inasmuch as the ‘Vergueirense’ was friendly with the 12 de outubro and both had common enemies and could not stay alive by themselves, they decided one day to merge and establish a joint membership with a real Board. Candidate of both parties for Chairman was Dental Surgeon Carlos Wingeter, who proposed the name Esporte Clube XV de Novembro”.*



## Newton de Mello: “criei letra e música em cinco minutos”

Músico, poeta, boêmio, dividindo a sua vida entre Piracicaba e Araraquara, Newton de Mello foi uma figura docemente dramática, mesmo porque a tragédia marcou-lhe a vida, um crime passionai. Durante muitos anos, no fim de sua vida, Newton de Mello morou na casa do médico Antônio Cera Sobrinho, na rua Rangel Pestana, esquina da Benjamin Constant. O próprio Newton de Mello nunca imaginou que a sua música se transformasse num hino da cidade que ele tanto amou. Em 1975, ao almanaque de Piracicaba daquele ano, Newton de Mello revelou:

*“Era o dia 9 de setembro de 1931. Lembro-me bem disso tudo. Não por vaidade, mas apenas esclarecendo um ponto para mim interessante, devo dizer que a letra e a música dessa despreziosa canção foram compostas, simultaneamente, em cinco minutos. Outras composições minhas, nas quais havia trabalhado por vezes dias a fio, não me saíam boas como esta parecia estar. Retive-a*

*na memória e, como na noite do mesmo dia me encontrasse em Piracicaba, entre velhos amigos, cantarolei-a para eles. Surgiu logo um violão. Aprenderam em três tempos e houve um geral entusiasmo que, de certo modo, me lisonjeou”.*

Segundo o mesmo Newton de Mello, o advogado e jornalista Osório de Souza – à época, um dos donos do **“Jornal de Piracicaba”**, tio da grande Tarsila do Amaral – não gostou. No entanto, os seresteiros começaram a divulgá-la. E Newton de Mello cita, além de Cobrinha e Capitão, alguns deles, famosos naqueles tempos: Benigno Lagreca, José do Amaral, Lauro Catulé de Almeida, Otavião de Barros Ferraz, Décio de Toledo, Guido Olivetto, Benedito do Amaral, Antônio Diehl, Zacarias Martins, João Cozzo, Anísio de Godoy, Luciano de Cilo, Idilio Ridolfo, Inocêncio Geizer do Amaral. Eles todos, também grandes seresteiros de sua época. A harmonização da música foi feita pelo maestro Carlos Brasiliense.

Foto: Davi Negri



Fotos: Fran Camargo



### **Newton de Mello: “I created the lyrics and music in five minutes”**

*Musician, poet, bohemian, sharing his life between Piracicaba and Araraquara, Newton de Mello was a sweetly dramatic character, none the less due to a tragedy that marked his life, a crime of passion. For many years, near the end of his life, Newton de Mello lived in the home of physician Antônio Cera Sobrinho, on Rangel Pestana Street at the corner with Benjamin Constant Street. Newton de Mello himself never imagined that his music would become an Anthem of the city he loved so much. In the 1975 Almanac of Piracicaba, Newton de Mello disclosed: “It was September 9, 1931. I remember it well. Not out of conceit, but rather only to clarify a point interesting to me, I must tell that the lyrics and music of that unpretentious song were both simultaneously composed, in five minutes. Other compositions of mine, on which, at times, I had worked for days on end, had not come out as good as that one seemed to be. I retained it in my memory and as that same night I was in Piracicaba among old friends, I hummed it to them. A guitar appeared in no time. They learned it after three iterations and there was a general excitement that, in a way, flattered me”.*

*According to the same Newton de Mello, lawyer and journalist Osório de Souza – at the time one of the owners of the “Jornal de Piracicaba” and uncle of the great Tarsila do Amaral – did not like it. Nevertheless, the serenaders began spreading it around. Newton de Mello cites several, famous in those times, in addition to Cobrinha and Capitão: Benigno Lagreca, José do Amaral, Lauro Catulé de Almeida, Otavião de Barros Ferraz, Décio de Toledo, Guido Olivetto, Benedito do Amaral, Antonio Diehl, Zacarias Martins, João Cozzo, Anísio de Godoy, Luciano de Cilo, Idilio Ridolfo, Inocêncio Geizer do Amaral. All of them also great serenaders of his time.*

*Harmonization of the music was done by maestro Carlos Brasiliense.*

### **O maestro Carlos Brasiliense**

Eis outro grande esquecido dos piracicabanos, nestes nossos tempos. Carlos Brasiliense foi um dos mais completos músicos piracicabanos. Nasceu no dia 1º de novembro de 1894, filho de Henrique Brasiliense e de Laura Kiehl Brasiliense. Foi, antes de mais nada, um autodidata, que se deixou levar por uma profunda vocação musical. Todos os musicistas de sua época não hesitaram em chamá-lo de “Maestro Carlos Brasiliense”, ou como dele dizia Leandro Guerrini: “perfeito no solfejo rítmico, no solfejo tonal. Leitura de primeira vista, escola antiga, cheia de graça, de técnica, de vivacidade”. O maestro Carlos Brasiliense dirigiu a orquestra do Iris Teatre, que tocava no Cine Iris, depois Politeama. Casou com Melita Brasiliense, mulher que se impôs por seu talento artístico e grande senso de caridade. Carlos e Melita não tiveram filhos, mas adotaram algumas crianças. Um de seus filhos adotivos, Anselmo, foi assassinado, num crime até hoje não desvendado. Carlos Brasiliense foi o primeiro a colocar em pauta a música “Piracicaba”, de Newton de Mello, hino de nossa cidade. Tocava violino, rabecão, cello, viola, na Orquestra Piracicabana – que foi um dos marcos de nossa cidade – dirigida por Fabiano Lozano e, depois, por Benedito Dutra Teixeira. Carlos Brasiliense faleceu no dia 16 de junho de 1953.

## Música: nossa doce maneira de amar

“ Cantai bem um cântico novo, tocai bem e com júbilo ”

Salmos 33:3

Nossa terra, desde os primórdios, embalou-se pelo divino da música. Florestas e ventos sussurravam, águas murmuravam, índios cantavam, negros oravam melodicamente, mil pássaros, aos céus, entoavam cantos de deslumbres e agradecimento. E continuam a sussurrar, a murmurar, a cantar, a orar. A natureza toda, aqui, expira. E o piracicabano inspira. Essa bênção especial transformou-nos em músicos, poetas, compositores, cantores, pintores, uma permanente orquestra humana.

Fomos e temos sido bafejados pelas nove divindades pagãs, as Deusas da Arte: Clio, Urânia, Tália, Terpsícore, Melpómene, Érato, Polímnia, Calíope. E Euterpe, a alegre, suave, agradável, doce Euterpe – deusa da música, da alegria, do prazer. Ela ainda paira sobre nós – ao lado de Santa Cecília, seu nome cristão. Piracicaba vive a cultura da Música, essa nossa doce maneira de amar. Do cururu, aos clássicos – passando pela melódica nossa criação caipira e sertaneja, por canções de ninar, por serestas, valsas e valsinhas – há a musicalidade caipiracabana que se espalha pelo Brasil. E pelo mundo, já que os ventos carregam-na semeando a doçura dos sons, por que não?

### **A música, na origem da alma piracicabana**

Piracicaba, terra musical – eis um dos justos envaidecimentos de nossa cidade, desde o século passado. A influência dos protestantes no Colégio Piracicabano, e dos colonos suíços e alemães, requintou esse gosto musical. Para se ter ideia desse desenvolvimento da musicalidade piracicabana, há alguns registros reveladores: no ano de 1890, 80 pessoas já recebiam educação musical em Piracicaba; em 1910, esse número subia para 500. Nesse mesmo ano, tinham sido realizados 60 concertos

nas casas de espetáculo piracicabanas. Em 1891, havia 50 pianos na cidade; esse número subiu para 110 no ano de 1900.

Não se poderá, porém, jamais deixar de levar em conta que o lendário Miguelzinho (Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra) deixou um álbum de composições musicais de sua autoria, ainda na metade do Século XIX.

### **Primórdios**

Uma das principais fontes históricas de Piracicaba – com referências importantes e curiosas a respeito do século 19 – é o *“Almanak de Piracicaba para o Anno de 1900”*, de autoria de Manoel de Arruda Camargo (V. informações em Almanaque 2000 - Memorial de Piracicaba Século XX, deste autor). Em tal obra, temos notas preciosas sobre a musicalidade de nossa terra, essa alma encantada e encantadora.

Alguns deles: em 23 janeiro de 1871 foi colocada a primeira pedra do teatro Santo Estevam, no mesmo lugar onde existia teatro anterior. O *“theatro”* – derrubado em 1953 – foi palco, desde a sua inauguração, de récitas e recitais, de apresentação de orquestras e conjuntos musicais. Em 1876, no primeiro dia do ano, é instalado o gabinete de leitura, onde haveria palestras e apresentações individuais de musicistas. Em 1833, no dia 1º de janeiro, a Sociedade Musical Euterpe faz sua estreia na Matriz de Santo Antônio (atual Catedral). Em 1866 (dia 6 de janeiro, *“Dia dos Reis Magos”*) é inaugurado o Club Piracicaba – que se tornaria o Clube Coronel Barbosa, nome de seu fundador – com apresentações musicais e baile carnavalesco. Em março de 1864 (dia 31) chega, da Europa, o instrumental da orquestra Philharmonica, que iria adquirir prestígio estadual.

### **Bandas de música, desde o século 19**

As bandas existiam desde o século 19, a primeira delas – de que se tem notícia – ainda no longínquo ano de 1868. O saudoso Leandro Guerrini pesquisou o surgimento das corporações musicais de Piracicaba. São deles os registros que seguem, de algumas delas:

4 de janeiro de 1868 - Primeiro registro de uma banda de música, que tocou na Câmara Municipal quando da entrega de carta de naturalização requerida pelo padre italiano José Serafim de Riggillo, que era vigário da freguesia de Santa Bárbara;

1º de julho de 1874 - Na inauguração dos trabalhos de construção da fábrica de tecidos de Luiz Vicente de Souza Queiroz – quando Piracicaba ainda se chamava Constituição – *“a banda de música piracicabana”* abrihantou o acontecimento;

6 de junho de 1822 - Durante uma missa na Matriz de Santo Antônio, há o registro de uma banda de música *“composta por crianças e regida por Antônio Gomes Escobar”*, tocando na igreja;

20 de janeiro de 1884 - Uma notícia importante: tinha-se reorganizado a Corporação Musical Azarias de Melo, orientada pelo maestro Luiz Dutra. Significava, pois, que a banda já existira anteriormente. E, no dia 20 de março do mesmo ano, a banda Artistas e Operários tocava, em homenagem ao retorno, a Piracicaba, do político Manoel de Moraes Barros.

### **Maviosa Banda de Meninos**

Não há como duvidar. Pois os frutos são óbvios demais. As musas, aqui, em Piracicaba, fizeram, mesmo, a sua generosa morada. E a doçura delas fez germinar poesia e musicalidade até mesmo nas crianças. Está registrado na então poderosa *“Gazeta de Piracicaba”*, republicana até a medula, na edição de 1º de agosto de 1892, aniversário da cidade. A apresentação foi no Mirante. Era a Banda de Música de Meninos, dirigida pelo professor Antônio Gomes de Escobar, um respeitado regente mulato. O grupo era formado por cerca de 15 meninos, na faixa dos 12 anos. Todas as crianças dedicavam-se a instrumentos de sopro. Segundo o historiador João Chiarini, em trabalhos que destacam os grupos musicais piracicabanos, a Banda não foi estimulada e ficou obscura.

### **Orfeão Piracicabano, obra de Fabiano Lozano**

O Orfeão Piracicabano foi, no passado, um dos orgulhos da cidade, com recitais que correram todo o Estado de São Paulo. Criação do maestro Fabiano Lozano, o Orfeão reunia a nata da sociedade piracicabana, sendo responsável pelo surgimento de muitos talentos artísticos. Foi o primeiro a ser formado no Estado de São Paulo, tornando-se exemplo e modelo para os que vieram depois. Fabiano Lozano, ainda hoje, é reverenciado por sua grande obra, que teve o apoio, também, do maestro Benedito Dutra Teixeira.

### **Orquestra Sinfônica de Piracicaba**

Como que inspirada por corais de anjos, a Orquestra Sinfônica de Piracicaba foi fundada em 24 de março de 1900 pelo maestro Lázaro Lozano (1871-1951). Sua estreia – como bem merece o divino – aconteceu na Matriz de Santo Antônio.

Sua história é marcada por diversas denominações, entre as quais Orchestra Piracicabana, Orquestra Piracicabana de Amadores, Orquestra de Amadores Benedito Dutra Teixeira e Orchestra do Teatro-Cinema de Piracicaba. Ao longo dos anos, contribuíram com seu crescimento nomes como Erotides de Campos, Alcides Guidetti Zagatto, Reginaldo Rizzi, Rodolfo Rizzi, Germano Benencase e Jaime Rocha de Almeida.

Após um período de ostracismo, ela ressurgiu em 1994, com o nome de origem, Orquestra Sinfônica de Piracicaba, sob a direção de Hélio Manfrinatto, Olênio Veiga e Egildo Pereira Rizzi, que atuou como seu regente de 1996 a 2012. De 2013 a meados de 2014, a OSP esteve sob a direção de André Micheletti, por indicação do próprio maestro Rizzi, seu antigo professor. O maestro Jamil Maluf, piracicabano que atuou como diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo e criou a Orquestra Experimental de Repertório, torna-se diretor artístico e regente titular da OSP em julho de 2014, com Micheletti como regente assistente e diretor artístico associado.

A partir de 2015, ambos são responsáveis por um trabalho de reestruturação completa da OSP, que inclui processo seletivo para admissão de instrumentistas profissionais e estagiários, coroando assim uma nova fase da Orquestra.

**Escola de Música: uma história de amor**

A Escola de Música de Piracicaba (EMPEM) – desde 1988, sob a responsabilidade da UNIMEP – foi rebatizada com o nome de seu fundador, criador, mantenedor ao longo de mais de 60 anos: Escola de Música Ernst Mahle, fundada em 1953. É uma escola que exala sentimentos, emoções, beleza, arte, sons por assim dizer divinos. Se Piracicaba sempre foi musical, a Escola Ernst Mahle nos enriqueceu de tal maneira que a cidade e a instituição são, hoje, mundialmente conhecidas como berço e ninho da música. Mais ainda: a Escola de Música é uma história de amor, belíssima e difícil de ser narrada, a não ser em romances e poemas dos grandes clássicos. Chateaubriand, Verlaine, Fernando Pessoa?

Não nos cabe aqui – por faltar-me o estro inspirador – narrá-la. Ernst Mahle, um jovem alemão – da poderosa família Mahle – e família exilaram-se primeiramente na Áustria, depois no Brasil. A II Guerra Mundial e Hitler ameaçavam-lhes destruir as vidas. O jovem Ernst inscreveu-se na Pró-Arte, em São Paulo, onde pontificava o maestro H. J. Koelreutter. E lá conheceu uma mocinha caipira de Piracicaba, Maria Aparecida R. Rodrigues Pinto (Cidinha), que fora aluna da brilhantíssima e lendária professora Maria Dirce Rodrigues de Almeida Camargo.

Ambos os jovens foram unidos pela música. E viram-se, um dia, tocando Mozart *“a quatro mãos”*. Mahle ofereceu à moça piracicabana – algum tempo depois e, tímido, sem nada falar – uma partitura de Mozart em que escreve: *“Para Cidinha, com as melhores esperanças num futuro a quatro mãos”*. Casaram-se, enfrentando preconceitos religiosos, ranços ainda da guerra, formaram numerosa família e construíram, *“a quatro mãos”*, a Escola de Música de Piracicaba. Mahle investiu grande parte de sua fortuna naquele sonho, com apoio e dedicação integrais de Cidinha. E o sonho se tornou um monumental patrimônio cultural de Piracicaba e do Brasil. O casal Ernst (Cidinha) Mahle, por sua grandiosa obra, tornaram-se verdadeiros ícones de Piracicaba.

**Musas sempre vivas**

Não é o tempo que passa, mas nós que, por ele, passamos. (Pensar assim fica mais fácil, pois conciliamos espaço e tempo). As Musas – cada vez mais pródigas – continuam sempre vivas nas terras caipiricabanas, no tempo e no espaço. De geração em geração,

o suave sopro delas afaga a juventude seduzida também pela música. Assim, sons de flautas, de violinos, de pianos, de oboés, de violoncelos, de violas e violões, de cuícas e de guitarras, sons da alma humana em harmônicos corais – toda uma encantadora polifonia mistura-se ao fulgor policromático de nossa natureza. Nosso hino-canção revela esse privilégio: *“cheia de flores, cheia de encantos”*.

Vivas e generosas, as Musas inspiraram o surgimento de grupos, instituições, sociedades que, como numa profissão de fé, cultivavam e cultivam a música, a arte que consegue o amálgama entre o divino e o humano. A Noiva da Colina – ao desnudar-se de seu véu para nosso deslumbre – tem sido cortejada pelas orquestras Filarmônica Jovem, Acadêmica Jovens Músicos, pelo Ensemble de Metais Jovens Músicos e por um ousado e realizador Projeto Jovens Músicos. A juventude reverencia, musicalmente, esta terra.

Mase a viola, o símbolo adorável de nossa cultura caipiricabana? Temos, por ela, um cultivo especial, pois ninguém, mais do que o caipiricabano, sabe dedilhar as cordas de uma viola, fazendo-as sorrir, gemer, chorar, amar. Cada um de nós, na solidão ou na alegria, canta para si mesmo: *“Minha viola, minha viola”*. E, já há alguns anos, a nossa viola é docemente cantada pela Orquestra Piracicabana de Viola Caipira, com cerca de 30 violeiros – todos cá, da boa terrinha – e por *“As Piracicabanas”*, orquestra feminina de viola caipira, que emocionam com seus cantos d’alma, cantos de nossa raiz.

E os corais, nossos maviosos corais? Eles cantam em nome da população, de nossa história, das tradições caipiricabanas. Parecem nortear-se pela sabedoria do pensador judeu, Robert M.Seltzer, que ensina: *“Tradição é um fluxo de elemento recebidos de gerações anteriores, assimilados e passados adiante, adaptados e combinados com elementos de outras culturas”*. A verdadeira tradição é sempre filtrada e, por isso mesmo, reformada, de tempos em tempos, conforme novas perspectivas e realidades. Em síntese: tradição é identidade. E é o que faz, de Piracicaba, uma cidade e um povo diferenciados.

A Caterpillar mantém um já consagrado coral com cerca de 50 vozes, de seus funcionários e familiares deles, todos de Piracicaba. A ACIPI, o Oratório São Mário, escolas, faculdades, igrejas, bairros têm conjuntos vocais que encantam nossa gente. Se os anjos cantam lá, nossos corais cantam cá.



Fotos: Azeno Cecílio, Elias Netto e divulgação



Foto: Fábio Rubinato

**O talentoso Rui Kleiner**

Entre os novos e talentosos musicistas de Piracicaba, está Rui Kleiner. Jovem, apaixonado pela música, Kleiner é um ser polifônico, como se dele próprio soassem sons de muitos instrumentos. Compositor e professor, domina, com virtuosismo, os mais variados instrumentos musicais. Com maestria.



Orquestra Lozano e bandas musicais marcaram época na cidade, enquanto as orquestras Sinfônica e de Moda de Viola e Coral Vozes Caterpillar continuam enriquecendo a rica história musical de Piracicaba



## MUSIC: OUR SWEET WAY OF LOVING

*Our land, from its beginnings, has been lulled by the music divine. Forests and winds whispered, waters murmured, Indians sang, Negroes prayed melodiously, a thousand birds vocalized their songs of fascination and gratefulness to the heavens. They still whisper, murmur, sing, pray. The whole Nature, here, expires. And Piracicabans inspire. That special blessing turned us into musicians, poets, composers, singers, painters; a permanent human orchestra.*

*We were and had been breathed upon by the nine pagan deities, the Goddesses of Arts: Clio, Urania, Talia, Terpsichore, Melpomene, Erato, Polynya, Calliope. And Euterpe, merry, suave, nice, sweet Euterpe – goddess of music, joy, pleasure. She still hovers above us – by the side of Saint Cecilia, her Christian name. Piracicaba experiences the culture of Music, that sweet way of loving of ours. From the cururu to the classics – embracing our melodious caipira and sertanejo musical creations, lullabies, serenades, waltzes and petit waltzes – there is a caipiracicaban musicality that spreads around Brazil. And around the world, inasmuch as the winds take it, sowing the sweetness of the sounds; why not?*

### **Music, in the origin of Piracicaban soul**

*Piracicaba, a musical land – that is one of the fair vanities of our city, since the past Century. Influence of the Colégio Piracicabano Germans, of Swiss and German tenants, enhanced that musical taste. For an idea of the development of Piracicaban musicality, here are some revealing records: in 1890, there were already 80 individuals receiving musical education in Piracicaba; in 1910, the number increased to 500. That same year, 60 concerts were performed in Piracicaban playhouses. In 1891, there were 50 pianos in the city; in 1900, that number increased to 110.*

*However, it should never be forgotten that legendary Miguelzinho (Miguel Arcanjo Benício de Assumpção Dutra) left us an album with music compositions authored by him, composed in the middle of the 19th Century.*

### **Beginnings**

*One of the main historical sources for Piracicaba – with important and curious references regarding the 19th Century – is the “Almanac of Piracicaba for 1900”, authored by Manoel de Arruda Camargo (see information in the 2000 Almanac - 20th Century Memorial of Piracicaba, by this author). In that work, we provide precious notes on the musicality of our land, that charmed and charming soul.*

*Some of them: on January 23, 1871, the first stone of the Santo Estevão Theater was laid, in the same place where a former theater had existed. From its inauguration, the “theater” – demolished in 1953 – was the stage for performances and recitals, orchestras and music bands. In 1876, on the first day of that year, the Reading Room was installed, for lectures and individual performances of musicians. On January 1, 1833, the Euterpe Musical Society made its inaugural show at the Saint Antony Parish Church (currently the Cathedral). On January 6, 1866, “Three Wise Men Day”, the Piracicaba Club – later to become the Coronel Barbosa Club, after the name of its founder – was inaugurated, with musical shows*

*and a carnival ball). On March 31, 1864, the instruments of the Philharmonic Orchestra, that was to attain statewide prestige, arrived from Europe.*

### **Music Bands, since the 19th Century**

*Bands existed since the past Century, the first one recorded as far back as 1868. The late Leandro Guerrini researched the emergence of musical groups in Piracicaba. Next, some of the records he compiled:*

*January 4, 1868 – First record of a music band, playing at the City Hall during the handing over of a naturalization document requested by Italian priest José Serafim de Riggilo, vicar of the Santa Barbara Parish;*

*July 1, 1874 – At the inauguration of construction works for Luiz Vicente de Souza Queiroz’s textile factory – when Piracicaba was still called Constituição – the “Piracicaban musical band” enlivened the event;*

*June 6, 1822 – There is a record of a music band playing at the Saint Anthony Parish Church during a Mass, “made up of children and led by Antônio Gomes Escobar”;*

*January 20 1884 – An important news: the Corporação Musical Azarias de Melo, led by maestro Luiz Dutra, had been reorganized. That means that the band already had existed before. And on March 20 the same year, the Artists and Workers Band played a tribute to the return of politician Manoel de Moraes Barros to Piracicaba.*

### **Melodious Boys Band**

*There is no room for doubt. For the fruit are too obvious. The muses, indeed, set up their generous dwelling place here, in Piracicaba. And their sweetness made poetry and musicality spring up even amidst the children. It is recorded in the then powerful “Gazeta de Piracicaba”, republican to the marrow, in its August 1, 1892 issue, anniversary of the city. The musical performance took place at the Belvedere. It was the Boys Music Band, directed by Professor Antônio Gomes de Escobar, a respected mulatto conductor. The group consisted of some 15 boys around 12 years old. All children played wind instruments. According to historian João Chiarini in his writings on Piracicaban musical groups, the Band was not encouraged and was lost in obscurity.*

### **Orfeão Piracicabano, a work of Fabiano Lozano**

*In the past, the Orfeão Piracicabano (Piracicaban Choral Society) was one of the prides of the city, with recitals performed throughout the State of São Paulo. A creation of maestro Fabiano Lozano, the Orfeão brought together the cream of Piracicaban society and was responsible for the emergence of many artistic talents. It was the first to be created in the State of São Paulo and became an example and model for those that came later. Even today, Fabiano Lozano is revered for his great work, which also had the support of Benedito Dutra Teixeira.*

### **Symphonic Orchestra of Piracicaba**

*As if inspired by angel chorals, the Symphonic Orchestra of Piracicaba was founded on March 24, 1900, by maestro Lázaro Lozano (1871-1951). Its first appearance – as befits divine – took place in the Saint Anthony Parish Church.*

*Its history is marked by several names, among them Orchestra Piracicabana, Orquestra Piracicabana de Amadores, Orquestra de Amadores Benedito Dutra Teixeira and Orchestra do Teatro-Cinema de Piracicaba. Over the years, its growth had contributions by names such as Erotides de Campos, Alcides Guidetti Zagatto, Reginaldo Rizzi, Rodolfo Rizzi, Germano Benencase and Jaime Rocha de Almeida.*

*After a period of ostracism, it re-emerged in 1994 under its original name of Symphonic Orchestra of Piracicaba, under direction of Hélio Manfrinatto, Olênio Veiga and Egildo Pereira Rizzi, who was its conductor from 1996 to 2012. From 2013 to mid-2014, the OSP was under direction of André Micheletti, by appointment of maestro Rizzi himself, his former teacher. Maestro Jamil Maluf, a Piracicaban who was the artistic director of the Theatro Municipal de São Paulo and created the Orquestra Experimental de Repertório (Experimental Orchestra of Repertory), became artistic director and principal conductor of the OSP as of June 2014, with Micheletti as assistant conductor and associate artistic director.*

*From 2015 on, both are responsible for a full restructuring of the OSP, including a selection procedure for hiring professional instrumentalists and trainees, thus crowning a new phase of the Orchestra.*

### **Music School: a love story**

*The Music School of Piracicaba (EMPEM) – under responsibility of the UNIMEP since 1988 – was re-baptized with the name of its founder, creator and maintainer for over 60 years: the Ernst Mahle Music School, founded in 1953. A school that exhales feelings, emotions, beauty, art and sounds, so to say, divine. Inasmuch as Piracicaba has always been musical, the Ernst Mahle School enriched us so much that the city and institution are known today worldwide as a cradle and nest of music. Moreover, the Music School is a love story, very beautiful and hard to narrate, unless in romances and poems of the great classics. Chateaubriand, Verlaine, Fernando Pessoa?*

*It is not our due here – for I lack inspired talent – to tell it. Ernst Mahle, a young German – of the powerful Mahle family – and his Family went into exile first in Austria, then in Brazil. The Second World War and Hitler threatened to destroy their lives. Young Ernst enrolled into the Pró-Arte, in São Paulo, where maestro H.J.Koelreutter pontificated. There he met a young caipira lady from Piracicaba, Maria Aparecida R. Rodrigues Pinto, who had been a pupil of the immensely brilliant and legendary teacher Maria Dirce Rodrigues de Almeida Camargo.*

*Both youngsters were united by music. One day, they found themselves playing Mozart “four hands”. Mahle offered the young Piracicaban lady – some time afterwards and, out of shyness, saying nothing – a Mozart score on which he had written: “For Cidinha, with my best hopes of a four hands future”. They were married, facing religious prejudice, the rancidity still left by the war, built a numerous family, and build, “four hands”, the Music School of Piracicaba. Mahle invested a significant portion of his fortune in that dream, with full support and dedication from Cidinha.*

*The dream became o monumental cultural heritage of Piracicaba and Brazil. Due to their grandiose work, the Mahle couple, Ernst and Cidinha, became veritable icons in Piracicaba.*

### **Muses always alive**

*Time does not pass; rather we pass by it. (Thinking thus is easier, for we conciliate time and space). The Muses – increasingly more lavish– remain alive in caipiracicaban lands, in time and space. From generation to generation, their soft breath caresses a youth also seduced by music. Thus, the sound of flutes, violins, pianos, oboes, violoncellos, viols and guitars, cuicas (grunting sound producing instrument) and electric guitars, the sounds of human soul in harmonious chorals – a whole charming polyphony mingles with the polychromatic brightness of our nature. Our Anthem-song discloses that privilege: “full of flowers, full of charms”.*

*Alive and generous, the Muses inspire the emergence of groups, institutions, societies, which, as in a profession of Faith, cultivated and cultivate music, the art that achieves the amalgam of divine with human. The Bride of the Hill – upon stripping off her veil in order to dazzle us – has been courted by such orchestras as the Filarmônica Jovem (Young Philharmonic), Acadêmica Jovens Músicos (Young Musicians Academy), Ensemble de Metais Jovens Músicos (Young Musicians Metal Ensemble) and by a daring and accomplishing Projeto Jovens Músicos (Young Musicians Project). Youth reveres this land, musically.*

*However, what about the viol, that lovely symbol of our caipiracicaban culture? We cultivate it in a special way, for no one knows better how to strum the strings of a viol than a caipiracicaban, making it smile, moan, cry, love. Every one of us, whether in loneliness or joy, sing to ourselves: “My viol, my life”. And, for quite some years now, our viol is sweetly sang by the Orquestra Piracicabana de Viola Caipira (Piracicaban Caipira Viol Orchestra), with around 30 viol players – all from this good land – and by “The Piracicabans”, an all-female caipira viol orchestra, that moves all with their soul songs, songs of our roots.*

*And the chorals, our melodious chorals? They sing on behalf of the population, of our history, of the caipiracicaban traditions. They seem to be guided by the wisdom of the Jewish thinker Robert M. Seltzer, who teaches: “Tradition is a flow of elements received from former generations, assimilated and passed on, adapted and combined with elements from other cultures”. True tradition is always filtered, therefore reformed from time to time, according to new perspectives and realities. In synthesis: tradition is identity. And that is what makes Piracicaba a differentiated city and people.*

*Caterpillar supports an already consecrated choral with some 50 voices, made up of employees and members of their families, all from Piracicaba. The ACIPI, the Oratório São Mário, schools, colleges, churches, districts, all have vocal ensembles that enchant our people. Inasmuch as angels sing over there, our chorals sing in here.*

## CURURU, O DOCE CANTO DA TERRA

“ Fui nascido no Recreio/ Fui criado em Caiapiá/ Quando eu tinha nove anos/ O papai mudou pr’a cá (Piracicaba) ”

Parafuso, ‘cantadô’ de Cururu

As origens do Cururu são discutíveis. Há divergência entre os folcloristas Câmara Cascudo e o piracicabano Alceu Maynard de Araújo. São Paulo, no entanto, adotou a tese de Maynard, corroborada por outro folclorista de renome, o também piracicabano João Chiarini. Segundo eles, o Cururu – dança e cantoria popular – sobreviveu de uma dança ameríndia usada pelos jesuítas para a catequese. Assim, seria mesmo dança paulista, diferentemente do Cururu de Mato Grosso que teria origens religiosas, mas seguindo a “dança do sapo”, pois “cururu” é o nome do sapo em língua tupi.

Em sua “caipiracabanidade”, tanto Maynard como Chiarini asseguram ser, a palavra “cururu”, corruptela da palavra “Cruz”, que os índios pronunciavam “curuce”, “curu”. A repetição da última sílaba é característica das línguas indígenas. Assim, de “Cruz” a “curuce”, a “curu” e, finalmente, a “curu-ru”. A “zona curureira” de São Paulo é, ainda, a do médio Tietê. Através da rota líquida do Anhembi, a dança e a cantoria teriam sido levadas até Mato Grosso, Goiás e Amazonas, onde são conhecidas. De Piracicaba, surgiram alguns dos maiores curureiros, verdadeiros ídolos nacionais. Alguns deles: Pedro Chiquito, Parafuso, Abel Bueno, Nhô Serra, Nhô Juquinha, João David, Zé Nassif, Dito João, Manezinho, Donizete, Agostinho Aguiar, Luizinho Rosa, Dorvalino, Canhoto, Airton Borba, Barbosinha, Jonata, Horácio Neto, Manoel e Zilah Chaddad, Bueninho, Sebastião Roque, Moacir Siqueira, Venâncio, Zico Moreira e Piraci (autor do clássico sertanejo “Rio de Lágrimas”).

### Cururu Urbano e Rural

Foi Cornélio Pires quem popularizou o Cururu ao urbanizá-lo, levando-o ao teatro, em apresentação histórica no ano de 1910, na

cidade de Tietê. Tornando urbano, em oposição ao Cururu Rural, a dança foi substituída pela cantoria e movimento de perna para marcação do ritmo. A partir daí, a “zona curureira” passou a ser Piracicaba.

Já o Cururu Rural é de roda, dançado diante do altar, nas capelas dos sítios e roças. É característico das Festas do Divino, quando se fazem oratórios e se misturam devoções religiosas e manifestações profanas. O Cururu Rural mantém muito da origem jesuítica, sendo a sua principal característica o pateio: bate-se o pé fortemente no solo, alternando-se com batidas de palmas. O ritmo é marcado pela viola, podendo ser usados, também, o reco-reco e a puíta, espécie de cuíca. A respeito desta última, aliás, o folclorista João Chiarini garantia ter sido inventada por escravos negros da região piracicabana.

### Canturião e canturino

O ritmo do cururu é marcado pela viola cuja afinação é popularmente conhecida como “cebolão” ou “cebolinha”. A música é em ritmo binário e o canto, a duas vezes. Quando o povo acompanha, pensa-se haver três vozes, mas se trata de um desafio, a “canturia do canturião”, bem popular, folclórico, mas num cantochão muito próximo ao medieval.

O curureiro é o cantador, o “canturião”, o que faz o improviso, a “trovação”. E “canturino” é o aprendiz de curureiro, o que está aprendendo. O início da cantoria é dado por um cantor que não toma parte nos desafios, mas que intervém, o “pedreste” (não confundir com pedestre). É o “pedreste” quem dá início às “carreiras”, que são as rimas. Por exemplo: “carreira do ão” (São João, coração, etc.); “carreira da ia” (de tia, Maria), “carreira da us” (Jesus, Cruz), “carreira do ino” (do Divino).



Curureiros piracicabanos - Dito João, Manezinho, Nhô Serra e Pedro Chiquito



Craveiro e Cravinho, Moacir Siqueira e Luizico Martins



Piraci, um dos compositores do clássico sertanejo “Rio de Lágrimas”



Nhô Serra, Jonata, Horacio Neto e Luizinho Rosa



Nhô Chico, humorista



Parafuso, o Rei do Cururu, no dia de seu casamento

Em todas as carreiras, com exceção da última, o “*curureiro*” faz louvação, a narração de um fato bíblico. Sendo de fundo religioso, o cururu não permite, assim, pornografia e palavrões. Mas há muita malícia e sensualidade, especialmente porque os desafiantes se provocam entre si até que um deles se considere vencido. Os aplausos do público são o termômetro da empolgação.

**Serestas e seresteiros**

Serestas sempre fizeram parte da alma romântica piracicabana. Piracicaba é famosa e também conhecida como “*terra das serestas*”. E, por incrível possa parecer, elas permanecem vivas mesmo em tempos materialistas como os que temos vivido. Há, ainda, uma “*Noite das Serestas*”, lideradas pelo seresteiro Bolão e diversos outros que – com violões, violinos, acordeões, conjuntos vocais ou cantos individuais – ocupam espaços da cidade. Por muito tempo, aconteceu no “*Largo dos Pescadores*”, na Rua do Porto, às 6<sup>as</sup> feiras à noite, um encontro emocionante presenciado por grande público. Nos últimos tempos, a “*Noite das Serestas*” tornou-se itinerante.

No século 19, serestas e seresteiros já eram amados por nossos conterrâneos. O mais popular deles era Sebastião Delgado, pardo e baixinho, que encantava as noites e, também, festas populares e nas residências. Para este autor, serestas fizeram parte especial da juventude, da própria vida. Pois a minha família era formada por seresteiros. Saíamos em bando pelas ruas: Tuffi, ao violino; Beth, ao violão; Amelinha, ao acordeão. Chegamos – numa véspera do Dias das Mães – a homenageá-las, levando um piano à serenata, transportado num pequeno caminhão.

Foi-me, o violão, parceiro da amorosa juventude. Com meus companheiros, violão a tiracolo, lá me punha, eu, sob a sacada ou a janela das juvenzinhas. Antes de soarem os acordes e as vozes, furtávamos rosas nos jardins, deixando-as às namoradas. Com bilhetinhos insinuantes. Se concordassem, acendiam rapidamente a lâmpada do quarto. Sezangadinhas ou indiferentes, permaneciam no escuro. Mas ouvindo.

E as casas – numa época (1950/60) de convivência civilizada e amorável – abriam-se para oferecer, aos jovens românticos, bolos, bolachas, bebidas. Cantar e tocar “*Besame, besame*

*mucho...*” era torrar corações, delas e nossos. Ah! Minha terra tão amada, doce e generosa.

Entre tantos e tantos, naqueles anos, destacavam-se Cobrinha, Airton Nascimento, Pedro Alexandrino, Coimbra, Manoel Lopes Alarcon, Antonio Perencin, Anuar Kraide, Jorge Chadad e Jeceny Martins, eleita a melhor cantora em 1962.

**Carnaval: entrudo, cordões, escolas de samba...**

A folia, em Piracicaba, conta-se ter começado com Luiz de Queiroz, que teria apresentado o “*entrudo*” à cidade. Os foliões reuniam-se no Jardim Público (atual Praça José Bonifácio) onde as pessoas ficavam com latas d’água para molhar os passantes. No final dos anos 20, a moda eram os corsos, com carros percorrendo as ruas, grupinhos fantasiados, moças com cabelos “*à la garçonne*”. Lá se passou a vida e, nas décadas seguintes, os negros começaram a dominar as ruas, com espetáculos maravilhosos.

Depois, os desfiles foram dominados pelos tradicionais cordões. Nos anos 70, a classe média passou a unir-se aos foliões negros e surgiram “*escolas de samba*”, escuderias, brancos e negros confraternizando-se e tornando o Carnaval piracicabano a grande atração do interior paulista. Era frequente a presença de atores e atrizes de rádio e tevê, que eram acolhidas e recepcionadas por muitas famílias. A então celebrada atriz Pepita Rodrigues vinha, ano após ano, com sua trupe, celebrar a grande festa. O Carnaval – que enfrentou tantas crises – cambaleou neste 2017. Mas o espírito de folia está vivo, como outra saborosa doçura da terra.

**Festa “veneziana”**

Trata-se, na verdade, de verdadeiro complexo de grandeza do piracicabano. Não bastasse termos sido chamados de Atenas Paulista, Florença Brasileira, Pérola dos Paulistas, não é que nos demos o direito de celebrar “*Festas venezianas*”, comemorações feitas em barcos, como que em desfiles pelo rio?

Atualmente, são celebrações com outros nomes. Mas a “*festa veneziana*” – pretendendo, pretensiosamente, lembrar barcas e barcarolas de Veneza – era prestigiadíssima pela população. Há referências a essa festança até mesmo quando da inauguração da Estrada de Ferro Paulista, em 1922.



Coimbra no Rio Piracicaba e, no destaque, com Francisco Petrônio na TV Record

Fotos: Arquivo Casa do Povoador



Pedro Alexandrino, Antônio Perencin, Miguel Coimbra e Manoel Alarcon



Nascimento, Rádio Nacional, década de 50



Cecílio Elias Netto entrega o troféu de melhor cantora a Jeceny Martins, em 1962



Pedro Alexandrino entre os amigos Tônico e Tinoco



Cobrinha e Silvia Caldas

**CURURU, THE SWEET SONG OF THE LAND**



SHOW DE CURURU - Barbosinha e Alceu Maynard Araújo, 1954

The origins of Cururu are debatable. There is divergence between folklorists Câmara Cascudo and Piracicaban Alceu Maynard de Araújo. However, São Paulo adopted Maynard's thesis, corroborated by another renowned folklorist, also Piracicaban João Chiarini. According to them, Cururu – a popular dance and singing – survived from an Amerindian dance used by the Jesuit for catechesis. Thus, it is a Paulista dance really, unlike the Cururu of Mato Grosso, as that one would have a religious origin, albeit inspired in the “toad dance”; for “cururu” means “toad” in Tupi language.

In their “caipiracabanism”, both Maynard and Chiarini assert that “cururu” is a corruption of “Cruz” (Cross), pronounced by the Indians as “curuce”, “curu”. Repetition of the last syllable is a characteristic of Indigenous languages. Thus, from “Cruz” to “curuce” to “curu” and finally “curu-ru”. In São Paulo, the “cururu zone” still is the Middle Tietê. Along the Anhembi waterway, the dance and singing could have been taken to Mato Grosso, Goiás and Amazonas, where they are known. Some of the greatest curureiros (cururu performers) came from Piracicaba, true national idols such as Pedro Chiquito, Parafuso, Abel Bueno, Nhô Serra, Nhô Juquinha, João



Tuffi Elias, meu pai, com seu violino em mãos, tocava e encantava em serestas piracicabanas

Fotos: Arquivo Casa do Povoador

David, Zé Nassif, Dito João, Manezinho, Donizete, Agostinho Aguiar, Luizinho Rosa, Dorvalino, Canhoto, Airtton Borba, Barbosinha, Jonata, Horácio Neto, Abel Bueno, Bueninho, Sebastião Roque, Moacir Siqueira, Venâncio, Zico Moreira and Piraci (author of the classic sertanejo song “River of Tears”).

**City and Country Cururu**

Cornélio Pires was the one who made Cururu popular, bringing it into the cities by taking it to the Theater in a historical performance in Tietê city, in 1910. Once urbanized, opposite to Country Cururu, the dancing was replaced by singing and leg movements marking the rhythm. From then on, Piracicaba became the “cururu zone”.

As for Country Cururu, it is a circling dance, performed in front of the altars in chapels at farms and plantations. It is characteristic in the Festivals of Divine, when praying is done and religious devotions are mixed with profane manifestations. Country Cururu retains much of its Jesuit origin and its main feature is the pateio: strong foot stomping alternating with hand clapping. The rhythm is marked by a viol and both guiro and puíta (instrument resembling a cuíca) also can be used. As an aside, regarding that last one, folklorist João Chiarini asserts that it was invented by Negro slaves in the Piracicaban region.

**Canturião and canturino**

The rhythm of Cururu is marked with a viol popularly known as “cebolão” (big onion) or “cebolinha” (small onion). The music has a binary rhythm and the singing is done with two voices. When the people follow, it seems there are three voices, but actually it is a challenge, the “canturia do canturião”, quite popular, folkloric, resembling a medieval plainsong.

The curureiro is the singer, the “canturião”, singing impromptu, which is called “trovação”. The “canturino” is a curureiro apprentice, one who is learning. The beginning of the singing is signaled by a singer not taking part in the challenges, but who intervenes, the so-called “pedreste” (not to be confused with “pedestre”, “pedestrian”). The “pedreste” starts the “carreiras”, the rhymes. For example: “carreira of ão” (São João, coração, etc.); “carreira of ia” (tia, Maria), “carreira of us” (Jesus, Cruz), “carreira of ino” (Divino).

In all carreiras, except in the last one, the “curureiro” does a lauding, a narration of a Biblical event. Due to its religious background, the cururu does not allow pornography and foul words. However, there is a lot of mischief and sensuality, in special because the challengers provoke each other until one of them concedes defeat. The applause of the audience is a thermometer of the excitement.

**Serenades and serenaders**

Serenades always have been a part of the Piracicaban romantic soul. Piracicaba is famous and renowned as the “land of serenades”. And incredibly, they remain alive even in these materialistic times we are living through. There is still a “Serenade Night”, led by serenader Bolão and several others who – with guitars, violins, accordions, vocal ensembles or individual singing – occupy the city spaces. For a long time, at the “Fishermen’s Square” on Port Street, on Friday nights, there was an exciting meeting with great audience. In recent times, the “Serenade Night” has become a travelling event.

In the 19th Century already, serenades and serenaders were loved by our fellow townspeople. The most popular among them was Sebastião Delgado, tan-colored and short, who delighted the nights as well as popular festivals and homes. To this author, serenades were a special part of youth, of life itself. For my family was made up of serenaders. We walked the streets as a pack: Tuffi, with the violin; Beth, with the guitar; Amelinha, with the accordion. We even honored them once – on the eve of a Mother’s Day – taking a piano to the serenade on the back of a small truck.

To me, the guitar was a loving partner of my youth. With my companions, a guitar in tow, I stood under the balcony or window of young maidens. Before sounding the first chords and voices, we pilfered roses from gardens and left them for our sweethearts. With provocative notes. In agreement, they quickly turned on the light in their room. If vexed or indifferent, they remained in darkness. But listening.

And the homes – in an era of civilized and loving life (1950/60) – opened up to offer cakes, cookies, drinks to the romantic young men. To sing and play “Besame, besame mucho...” was setting hearts afire, theirs and ours. Ah! My so beloved land, sweet and generous.

Standing out in those years, among so many, were Cobrinha, Airtton Nascimento, Pedro Alexandrino, Coimbra, Manoel Lopes Alarcon, Antonio Perencin, Anuar Kraide, Jorge Chadad and Jeceny Martins, who was voted the best female singer in 1962.

**Carnival: entrudo, cordons, samba schools...**

It is said that carnival revelry, in Piracicaba, began with Luiz de Queiroz, who was responsible for introducing the “entrudo” (old-time carnival) in the city. The revelers met in the Public Garden (currently José Bonifácio Square), where people stood with water cans to wet those passing by. At the end of the twenties, the “corsos” were in trend, with motor cars driving along the streets, carrying small groups in phantasies, young women with hairs done “à la garçonnette”. Life followed its course and in the following decades, the Negroes began to rule the streets, with wonderful performances.

Later, the parades were ruled by the traditional cordons. In the seventies, the middle class began joining up with the Negroes and thus the “samba schools” emerged, whites and blacks mingling and turning Piracicaban Carnival the biggest attraction in the Paulista countryside. Radio and TV actors and actresses often attended it, received and hosted by many families. The then-celebrated actress Pepita Rodrigues came with her troupe, year after year, to celebrate the great party. Carnival – that has overcome so many crises – staggered in 2017. Nevertheless, the spirit of revelry is alive, as one more tasty sweetness of this land.

**“Venetian” party**

In fact, that is a true greatness complex of Piracicabans. As though it were not enough to have been called the Paulista Athens, Brazilian Florence, Pearl of the Paulista, we assign ourselves the right to perform “Venetian parties”, celebrations conducted aboard boats, in river parades.

Currently, those are celebrations under other names. However, the “venetian party” – intending, pretentiously, to represent Venetian boats and barges – was very much esteemed by the population. There are mentions of those festivals even at the time the Estrada de Ferro Paulista (Paulista Railroad) was inaugurated, in 1922.

## Noite de Vigília com Beto Surian

“ Não viva para que a sua presença seja notada,  
mas para que a sua falta seja sentida ”

Bob Marley

A cada tema deste livro – já acredito que a cada linha – de emoções e lembranças, pulsa-me o coração. E, mais do que nunca, elevo graças aos deuses – seja Um apenas, sejam muitos – pelo privilégio não apenas de tanto ter vivido, mas de tanto ter visto, ouvido, presenciado, acompanhado. Sinto-me um testamenteiro de uma formidável época, de uma história – a *caipiracicabana* – envolta em tradições e pioneirismos. Tenho sido ator e autor, espectador e observador dessa, tanto na cena como no palco. Na dor e no amor. E vi estrelas fulgirem, nascidas de um relampejar repentino.

Beto Surian – meu grande amigo – foi uma dessas faiscantes luzes. Vi seus primeiros lampejos quando era, ele, irrequieto, vulcânico, mercurial adolescente. Seus delírios artísticos eram tais que, mais do que imantado, Beto, Bebeto, parecia intoxicado por licores e venenos do universo musical. Para ele, valeu a revelação de Fernando Pessoa: “*Tudo vale a pena quando a alma não é pequena*”. A alma de Beto Surian era um fogaréu que se não apagava. E ele permitiu que tudo lhe acontecesse, como se sabedor de sua alma não ser pequena.

Acolhi Bebeto a meu círculo de familiares e de jovens amigos quando ele me pediu para ser inscrito no TLC (Treinamento de Liderança Cristã), movimento católico dirigido por leigos. Bebeto deslumbrou-se com suas descobertas espirituais e deslumbrou a todos com o explodir de uma vocação musical inspirada pelo amor e pela generosidade. Sua permanente luta – própria dos verdadeiros artistas – era travada entre o seu fantástico universo artístico e a medianidade do cotidiano. Beto deixou-se embalar acima de convenções, numa época em que quase todas elas estavam sendo rompidas.

De um amor de juventude, nasceu Alessandra, a linda, doce e luminosa Alessandra. Beto, jovem e fogoso corcel, amou-a muito, mas não tinha como mantê-la. E, por alguns meses, deixou-nos Alessandra, pela qual Mariana, eu, todos os cinco filhos nos apaixonamos intensamente. Alessandra já nasceu linda demais, doce demais. E encantou-nos a vida por aqueles meses todos. Depois, ela e sua jovem mãe foram embora. E ficou-nos o vazio: Alessandra, filha de Bebeto, onde está?

Beto nasceu em Brotas e fez seu primeiro show em Torrinha. As maiores influências foram os Beatles e a Jovem Guarda. Ele teve músicas gravadas por Roberto Carlos (Silêncio) e Antônio Marcos (a inesquecível Quem Dá Mais, que foi tema da novela O Profeta, tendo como protagonistas Carlos Augusto Strazzer e Débora Duarte) e fez um samba-enredo marcante para a Ekypelanka (o que exaltava o Papai Disney). Beto – quando o sucesso o abandonou – pensava no seu retorno à glória no final dos anos 80. Mas não aconteceu. Até o empresário Marcos Lázaro esteve em seu show no Clube de Campo. Fez muito sucesso em festivais e tinha Roberto Carlos como ídolo. Ao saber que o Rei tinha rancho em Piracicaba, receava aproximar-se: “*Tinha medo de que ele não me reconhecesse*”, dizia, todo humilde.

Meu jovem e saudoso amigo, Beto Surian, também foi criador da Noite de Vigília, evento que unia música e filantropia e agitou os anos 70 em Piracicaba. Promovia 18 horas ininterruptas de show no Teatro São José, enquanto eram arrecadadas doações para 35 entidades assistenciais da cidade. Durante a carreira, venceu 22 festivais de música. Seu corpo faleceu em 2009, aos 61 anos. Alma e espírito, porém, ainda vivem.

### QUEM DÁ MAIS

Beto Surian

*Eu quero me ver em 1996  
Pois eu quero saber  
como vão ser as coisas por lá  
Eu preciso me ver em 1996  
E dizer sim ou não  
aos processos de vida de lá*

*Outro dia eu sonhei que estava  
numa arena gigante  
Era eu o mais raro objeto  
vendido em leilão*

*Gargalhadas soavam  
por toda essa arena mercante  
E eu era um palhaço sem graça  
vendido em leilão*

*E eu olhava tudo calado  
E eu levava fé nessa mão  
E eu ouvia os preços gritados  
E eu calava o meu coração*

*Quem dá mais por um cara  
que ousou acreditar nos seus  
Quem dá mais por um homem  
que insiste na palavra Deus  
Quem dá mais por um louco  
que discorda do computador  
Quem dá mais por um velho  
ultrapassado que ainda crê no amor*

*Fui vendido afinal como tudo  
no grande mercado  
Mas meu medo acabou  
quando alguém me tocando falou:  
Este povo um dia já foi  
por meu pai perdoado  
E eu também fui vendido,  
pregado e nada mudou*



Capa da Trilha Sonora da Novela O Profeta



Beto Surian, cantor e compositor piracicabano



“Quem dá mais” foi sucesso na voz de Antonio Marcos

### NIGHT OF VIGIL WITH BETO SURIAN

At every theme of this book – I believe, already, in every line – my heart pulses with emotions and remembrances. And more than ever, I say my thanks to the gods – whether only One, or many – for the privilege not only of having lived for so long, but for having seen, heard, witnessed, followed so much. I feel like an executor of an awesome age, of a history – caipiracicaban – shrouded in traditions and pioneering. I have been actor and author, spectator and observer of it, both on scene and on stage. In pain and in love. And I have seen stars glow, born with a sudden flash.

Beto Surian – my great friend – was one of those shining lights. I saw his first sparkling when he was a restless, volcanic, mercurial teenager. His artistic delusions were such that, beyond being magnetized, Beto, Bebeto, seemed intoxicated with the liquors and poisons of the musical universe. Regarding him, Fernando Pessoa’s revelation was valid: “Everything is worthwhile when the soul is not small”. Beto Surian’s soul was a raging fire that would not be smothered. And he allowed everything to happen to him, as though knowing that his soul was not a small one.

I took Bebeto into my family and young friends circle when he asked me to be enrolled in the TLC (Treinamento de Liderança Cristã – Christian Leadership Training), a Catholic movement directed by lay people. Bebeto became dazzled with his spiritual discoveries and dazzled everyone with the explosion of a musical vocation inspired by love and generosity. His permanent struggle – as befits true artists – was fought between his fantastic artistic universe and the averageness of everyday life. Beto placed himself above conventions, at a time when almost all of those were being broken.

From a youth love affair Alessandra was born, beautiful, sweet, luminous Alessandra. Beto, young and fiery steed, loved her very much but had no means to support her. He left us Alessandra for some months, and we all, Mariana, I myself, our five children, fell deeply in love with her. Alessandra was born already too beautiful, too sweet. She charmed our lives during all those months. Later, she and her young mother left us. And we were left with a void: Alessandra, Bebeto’s daughter, where is she?

Beto was born in Brotas and did his first show in Torrinha. His greatest influencers were the Beatles and the Jovem Guarda (Young Guard). He had music recorded by Roberto Carlos (Silêncio) and Antônio Marcos (the unforgettable Quem Dá Mais, theme of the O Profeta soap opera, featuring Carlos Augusto Strazzer and Débora Duarte as main protagonists; he also composed a remarkable samba-theme for the Ekypelanka (prizing Father Disney). Beto – when success abandoned him – imagined his comeback to glory at the end of the eighties. However, it was not to be. Even the renowned manager Marcos Lázaro attended his show in the Country Club. He did very well in festivals and had Roberto Carlos as a role model. When he learned that the King had a ranch in Piracicaba, he was afraid to approach him: “I feared he would not recognize me”, he said humbly. My young, late friend Beto Surian was also creator of the Night of Vigil, an event that united music and philanthropy and stirred the seventies in Piracicaba. He promoted 18 uninterrupted hours of shows in the São João Theatre, with the purpose of collecting donations for 35 charity organizations in the city. During his career, he won 22 music festivals. His body expired in 2009, at 61. However, soul and spirit still live on.

## O doce (e salgado) sabor da culinária caipiracicabana

“As pessoas iam para o Arapuça e pediam o melhor cuscuz do mundo, o cuscuz do Cecílio”

Paulo Pecorari

A questão é complexa, a exemplo da própria “cozinha brasileira”, que os mais sofisticados – ou apenas rabugentos – dizem não existir. Ou, se admitem exista, referem-se quase sempre à comida baiana ou, condescendentemente, à mineira. No entanto, o Brasil é um dos países do mundo com uma das mais ricas culinárias que se conhece, conseguindo sua identidade com a fusão, principalmente, de três grandes influências: africanas, indígenas e europeias. Em Piracicaba, nos seus 250 anos, também.

Os índios eram dados a alimentos crus, sem requintes no preparo da comida. O fogo era usado apenas para assar (moquear) a caça e a pesca, sendo muito raro o cozimento que, quando ocorria, se fazia em panelas de barro. Em nossa cidade, foram encontradas peças indígenas antiquíssimas, estudadas por Archimedes Dutra, no sítio arqueológico, hoje abandonado, onde está a Praça Ermelinda Ottoni Queiroz, viúva de Luiz de Queiroz (antigo cemitério indígena). E em outros nichos.

Quanto à comida, os índios não conheciam doces, apesar da grande variedade de frutas e alimentos que os europeus iriam aproveitar para fazer as guloseimas que se tornaram parte da cozinha brasileira. Do milho e da mandioca, criaram manjares, curais, pudins. Das frutas, fizeram compotas.

Foram os portugueses que introduziram outras matérias primas, um preparo elaborado de alimentação e hábitos gastronômicos europeus. Com eles, chegaram as frigideiras, a mistura de ovos nos peixes, o hábito do bacalhau ao nosso cardápio.

E os africanos – trazendo feijões, pimentas, inhame, leite de coco e outras matérias primas – criaram uma cozinha afro-brasileira, com sede na Bahia e da qual a feijoada – considerada o primeiro prato brasileiro – se tornou símbolo dessa herança africana no Brasil.

Com as migrações, a cozinha brasileira passou a sofrer a influência de árabes, italianos, chineses, japoneses, judeus, espanhóis, alemães, com outras iguarias e formas de preparo que passaram a fazer parte do cotidiano.

É nessa geografia gastronômica, em todo o Brasil, que surge a figura do tropeiro como o grande embaixador de todas as cozinhas, elevando e trazendo novidades, criando e recolhendo hábitos alimentares. É o tropeiro que responde pela formação de uma das mais deliciosas cozinhas do mapa gastronômico brasileiro: a caipira, com suas peculiaridades em cada região onde sobrevive. É bom lembrar-se que a cidade de Charqueada, da região **caipiracicabana**, assim teve seu nome por causa do pouso para a preparação do charque, a carne bovina cortada em mantas, salgada e posta a secar ao sol.

### Cozinhas caipiras

Herança dos tropeiros e peões, essa “cozinha caipira” espalhou-se pelos sertões do Brasil. E, também, em Piracicaba. São o “*tutu à mineira*”, o “*virado à paulista*”, o simples arroz com feijão, farofa e mandioca, que se tornaram, atualmente, pratos “*chiques*” nos restaurantes das capitais brasileiras.



Foto: Fabio Rubinato

### O mais saboroso cuscuz do mundo

Foi numa invernososa noite. Estávamos em 1969, 1970, não me lembro ao certo. Sei, no entanto, ter sido em plena vigência do maléfico AI-5 da ditadura militar. Fazíamos, em O DIÁRIO, um jornalismo de resistência, alimentados por um obsessivo desejo de liberdade. Naquelas madrugadas, o restaurante Arapuça – na verdade, um humilde bar com alma da Rua do Porto – era nosso refúgio.

Era a “Arapuca do Hélio”, o atlético e caipira pescador da família Pecorari. Quem, no entanto, a comandava – pelo menos à noite – era seu irmão, Paulo, o professor Paulo. Ele, quase todas as noites, servia-nos alguns aperitivos, caipirinhas, cervejas quase sempre mornas... Naquela noite de tantos cansaços, lamentei-me de fome, pedindo ao professor Paulo que nos servisse algo diferente. Ele – de feições pétreas, apenas alteradas pelo sorriso cálido – foi à cozinha, demorou longos minutos, retornou pedindo-nos paciência.

Bom tempo depois, o grande cozinheiro Paulo Pecorari apareceu com uma bandeja fumegante que exalava perfume caseiro, da secular sensualidade de negras escravas. “Seo” Paulo oferecia-nos o primeiro “cuscuz feito na Arapuça”, encantando a noite, varrendo nossos fantasmas. Comemos, repetimos, estalamos os lábios, gritei: “É o melhor cuscuz do mundo!”

Nas manhãs seguintes, meu jornal chegava às casas dos assinantes com o inebriante perfume de cuscuz. E as pessoas começaram a ir à Arapuça, pedindo “o melhor cuscuz do mundo, o cuscuz do Cecílio”. Recusei a honraria com meu nome, pelo sentido malicioso que revelava: “o cliente querendo comer o cuscuz do Cecílio”.

Mas o cuscuz da Arapuça continuou. Foi elaborado também em outros bares da Rua do Porto e, hoje, é um dos elementos da identidade caipiracicabana. É o cuscuz com sabor de uma história fascinante, contada há mais de 150 anos por nossas cozinheiras e ribeirinhas.

### Garapa e pastéis

O caldo da cana continua entre os hábitos alimentares mais saborosos dos caipiracicabanos. Se, antes, a nossa garapa era vendida em pequenos bares e pastelarias, atualmente, é oferecida em pequenos quiosques e trailers às entradas da cidade e avenidas. Tornou-se anedótico o pedido do caipiracicabano: “Dá aí duas garapa e um pastel.” Mas vale para enriquecer a nossa riquíssima linguagem, esse nosso patrimônio cultural imaterial. A mélica delícia da garapa é evitada apenas por diabéticos, que se lamentam disso.



Foto: Marcelo Fuzati Elias

O pão de queijo é como uma coqueluche nacional.  
E a cachaça?

A cachaça brasileira a cada dia que passa fica mais requintada. O cálice de pinga antes das refeições é servido em botecos de quebrada e em restaurantes refinados. E os chamados “*doces caseiros*” também: de cidra, de pêssego, o de goiaba que, servido com “*queijo mineiro*”, se tornou o famoso “*Romeu e Julieta*”. Em Piracicaba, na Rua do Porto, há restaurantes, como a Arapuça, que servem doces caseiros e nossas velhas cozinheiras ainda fazem broas de milho, roscas, biscoitos.

Os tropeiros e peões criaram hábitos, introduziram “*feijões, couves e torresmos*” e, também, uma religiosidade e todo um folclore que impregnaram essa “*cozinha caipira*” que, também, é um estado de espírito.

Com elementos indígenas, eles criaram pirões, as favas, cuscuz. Mas foi a criação de porcos, pelos tropeiros, que manteve essa cozinha, na necessidade que tinham de criá-los nos sítios passageiros, com suas roças e criações rápidas. A criação de porcos foi fundamental para a vida de mineiros, paulistas e goianos. Em Piracicaba, isso também acontecia, aproveitando-se, do porco gordo, a banha, a carne para as linguiças, as tripas, guardando-se os lombos e pernis em gordura.

Piracicaba tem características especiais, herança desse passado caipira. Começamos a ser conhecidos por uma “*cozinha caipiracabana*”. Há centros gastronômicos com nossa identidade cultural: Rua do Porto, Santana, Olímpia, Tanquinho, Chicó, em distritos e bairros onde se saboreiam – já com importância econômica agregadora – nossa pamonha, a polenta, o cuscuz de mil variedades, peixes e, em especial, o nacionalmente conhecido “*pintado na brasa*”, criado pelo mais que cinquentenário Restaurante Mirante. E, também, a nossa cachacinha. Pura ou como caipirinha, essa mágica criação *caipiracabana*.

Foto: Rubens Chirri



#### THE SWEET (AND SALTY) FLAVOR OF CAIPIRACABAN CUISINE

*It is a complex issue, the same as regarding “Brazilian cuisine”, which those more sophisticated individuals – or more cantankerous – say does not exist. Or if admitting its existence, usually refer to Bahian food (from the State of Bahia), or, condescendingly, to Mineiro food (from the State of Minas Gerais). Nevertheless, Brazil has one of the richest cuisines in the whole world, achieving its identity mainly through the merger of three major influences: African, Indigenous and European. It is also so in Piracicaba, with its 250 years.*

*Indians were prone to consuming raw food, without any refinement in its preparation. Fire was used only for roasting (moquear) hunting and fishing produce, while cooking, in clay pots, was done but rarely. Very old Indian utensils, studied by Archimedes Dutra, were found in our city in the today abandoned archeological site, where currently stands Ermelinda Ottoni Queiroz Square, named after the widow of Luiz de Queiroz (the ancient Indian burial ground). Also in other niches.*

*As for food, the Indian did not know sweets, notwithstanding the great variety of fruit and foods that the Europeans would use to make the sweetmeats that became a part of Brazilian cuisine. From corn and manioc, they created custards, paps, puddings. From the fruit, they made jams.*

*The Portuguese introduced other raw materials as well as an elaborated preparation of foods and European gastronomic habits. With them came frying pans, the mixing of eggs with fish, the codfish habit in our menu. The Africans – bringing beans, peppers, yam, coconut milk and other raw material – created an Afro-Brazilian cuisine, centered in Bahia, in which the feijoada – considered the first Brazilian dish – became the symbol of that African heritage in Brazil.*

*With the immigrations, Brazilian cuisine received influence from Arabs, Italians, Chinese, Japanese, Jews, Spaniards, Germans, with other delicacies and ways of preparing food becoming part of everyday life.*

*And in that gastronomic Geography, covering all Brazil, emerged the figure of the tropeiro (pack-mule caravan driver) as the great ambassador of all cuisines, taking and bringing news, creating and collecting eating habits. The tropeiro answers for the formation of one of the most delicious cuisines in the Brazilian gastronomic map: the caipira, with its own peculiarities in every region where it survives. It should be remembered that Charqueada, a city in the caipiracaban region, was so named because of the staging place for preparation of the charque (jerked beef), beef cut into large pieces, salted and put to dry in the Sun.*

#### CAIPIRA CUISINES

*Legacy of tropeiros and peons, that “caipira cuisine” spread through the Brazilian hinterland. Also to Piracicaba. It is the origin of the “tutu à mineira”, “virado à paulista”, the simple rice and beans, farofa and manioc, which currently became “chic” dishes in restaurants in Brazilian capital cities.*

*Cheese-bread is a true national unanimity.*

*And what to say about cachaça (sugar cane liquor)?*

*Brazilian cachaça becomes more sophisticated day after day. Cups of pinga (popular name for cachaça) are served both in boondocks bars and in refined restaurants. As are the so-called “home-made sweetmeats and pastries”: of cider, peach, guava; that last one, served with a slab of “mineiro cheese”, became the famous “Romeo and Juliet”. In Piracicaba, at the Port Street, there are restaurants such as the Arapuça, serving homemade sweetmeats and our old cooks still make corn muffins, doughnuts, cookies.*

*The tropeiros and peons created habits, introduced “beans, cabbages and greaves” as well as a religiousness and a rich folklore that impregnated that “caipira cuisine”; which also is a state of mind.*

*With indigenous elements, they created various forms of pirão (manioc flour mush boiled in water), broad beans, couscous. However, the main element that supported that cuisine was the rearing of pigs by the tropeiros, due to their need for rising them in temporary ranches demanding fast cultures and breeding. Pig rearing was fundamental for the lives of Mineiro, Paulista and Goian (from Goiás). The same also happened in Piracicaba, with fattened pigs providing lard, meat for sausages, tripe, and loins and hams stored in lard.*

*Piracicaba has special characteristics, inherited from that caipira past. We are beginning to be known for a “caipiracaban cuisine”. There are gastronomic centers pertaining to our cultural identity: Port Street, Santana, Olímpia, Tanquinho, Chicó, in districts and neighborhoods where one can savor – now already with aggregated economic importance – our pamonha (green corn paste), polenta (cornmeal porridge), couscous in a thousand varieties, fish, and in special, the nationwide renowned “pintado na brasa” (a kind of catfish broiled over charcoal), created by the over-fifty years old Restaurante Mirante. Also, our cachaça. Straight or as caipirinha (with lemon juice and sugar), that magical caipiracaban creation.*

“ Nessa casa tem goteira. Pinga ni mim, pinga ni mim... ”

Moda Caipira composta por Elias Filho e gravada por vários artistas, entre os quais Sérgio Reis e a dupla Teodoro e Sampaio

## ...e a marvada pinga virou cachaça

Publicado em 1924 por Roberto Capri, requintado livro denominado “São Paulo Capital Artística”, destaca, em Piracicaba, duas empresas: A Industrial e Paolieri & Bergamin, depósitos de aguardente e álcool. A Industrial, localizada à rua do Comércio 75, se constituía em fábrica de massas alimentícias, que também trabalhava com beneficiamento de arroz, refinação de açúcar e torrefação de café. (Nota do Autor: Trata-se da atual Rua Governador Pedro de Toledo (em 2017), nas proximidades esquina da Rua São José, tendo como referência o edifício Mimi Fagundes).

Segundo a matéria, a produção diária era de 100 sacos de farinha de trigo, 20 sacos de açúcar na refinação, 150 de arroz, 40 sacos de fubá. E acrescenta: “há fabricação de macarrão com ovos, que são a sua especialidade. Pela qualidade dos seus produtos tem conseguido as maiores onorificências. Foi premiada, em 1914, em Milão, Itália, com o Grande Prêmio e Medalha de Ouro, e, no Rio de Janeiro, em 1908, com a Medalha de Prata”. A fábrica ocupava meio quarteirão, entre a Rua do Comércio, Rua São José e Rua da Glória.

Já Paolieri & Bergamin, localizada a Rua Boa Morte 202, se constituía em depósito de aguardente e álcool, com capacidade de armazenagem de 450 mil litros. (NA: em frente ao Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe, pela referência de 2017). Sua principal produção era a caninha “A Brasileira” e o anúncio ainda destacava a empresa como “fábrica de finos licores e demais bebidas sem álcool a cargo de componente químico”.

### Pingaterapia

Piracicaba ainda guarda credices vindas do antigo povo da zona rural, dos negros, com suas lendas, hábitos e crenças, com sua medicina popular. A cachaça, antigamente menosprezada, tinha finalidades especiais. Pois, para o caipira, nem sempre é verdade que “a marvada pinga é que atrapaia”. Há, em relação à cachaça, um riquíssimo folclore, incluindo a

chamada “pingaterapia”, o uso que os caipiras fazem da pinga como auxiliar na medicina popular. Alguns exemplo:

Para resfriado e gripe – Uma dose dupla, com bastante limão e açúcar, de preferência o mascavo, devendo-se evitar banhos durante o tratamento... No fundo, é a brasileiríssima (ou caipiracabaníssima) “caipirinha”.

Para sarna – Misturar caroço de algodão amassado a um copo de pinga, tomando-se três cálices ao dia. Pode-se banhar.

Para libertar catarro – Dose dupla de pinga, com uma mistura recém-saída do fogo de gengibre, açúcar e casca de laranja.

Nunca se confirmou que as receitas funcionem. Mas garante-se a gostosura delas.

### A “melhor caninha do Brasil”

Por muitos anos, a Caninha Tatusinho, quando pertencente à família D’Abronzo, foi uma das “marcas” que faziam Piracicaba conhecida no Brasil todo, para agrado de alguns e desgosto de outros piracicabanos. O fato é que, nos anos 60, quando o Comendador Humberto D’Abronzo foi presidente do E.C. XV de Novembro, eram o “Nhô Quim” e a Tatusinho, ocupando espaços em todos os veículos de comunicação, as “marcas” que popularizavam Piracicaba.

Em publicações de 1955, a família D’Abronzo proclamava-se “a maior organização de caninha do País”. E orgulhava-se de algumas conquistas, conforme fazia questão de divulgar: em consulta de opinião pública, promovida pela Sociedade Informativa da Imprensa Inter-Americana Ltda., a Caninha Tatusinho obteve o 1º lugar, sagrando-se a preferida em todos os setores. E mais: orgulhava-se de ser “a única caninha que obteve na exposição do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954) diploma de consagração pública”. A família D’Abronzo vendeu a Tatusinho para o empresário Manoel de Almeida (Banco Luso-Brasileiro). Em 1995, foi desativada.



### A CAIPIRINHA É CAIPIRACABANA

Há históricas e diferentes versões sobre o surgimento da “caipirinha”, o doce aperitivo que se tornou coqueluche mundial. Nós, piracicabanos, sempre defendemos a convicção de a “caipirinha” ter sido criada em Piracicaba, afirmação que o folclorista e pesquisador João Chiarini sempre corroborou.

A cidade de Paraty – onde D. João de Orleans e Bragança tem poderosa fábrica de aguardente – também reivindica essa criação. O IBRAC – Instituto Brasileiro da Cachaça, no entanto, endossa que a “caipirinha é caipiracabana”, que ela é nossa!

O texto pode ser encontrado na internet:

“A caipirinha é uma bebida alcoólica de origem paulista. É uma das bebidas brasileiras mais conhecidas nacionalmente e internacionalmente. É feita com cachaça, limão-taiti não descascado (ou outro limão verde), açúcar e gelo. No Brasil, é servida na maioria dos bares e restaurantes. Há muitas histórias sobre sua origem, porém, em todas, é de consenso de que a caipirinha foi inventada no interior do Estado de São Paulo, sendo precisada na cidade de Piracicaba na versão acadêmica. Na versão mitificada, mais popularmente conhecida, a história da caipirinha começa por volta de 1918, no interior do estado de São Paulo. Nela, a caipirinha como conhecemos hoje teria sido criada a partir de uma receita popular feita com limão, alho e mel, indicada para os doentes da gripe espanhola. Como era bastante comum colocar um pouquinho de álcool em todo remédio caseiro, a fim de acelerar o efeito terapêutico, a cachaça (conhecida, então, como pinga) era sempre usada. Até que um dia alguém resolveu tirar o alho e o mel. Depois, acrescentaram umas colheres de açúcar para adoçar a bebida. O gelo veio em seguida, para espantar o calor”, explica Carlos Lima, diretor-executivo do Instituto Brasileiro da Cachaça (Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre).

Tal versão mitificada, embora não seja inteiramente precisa, condiz com as versões acadêmicas da história no que tange a sua origem geográfica, errando, no entanto, a data e a razão de surgimento de bebida. Para os historiadores, a caipirinha foi criada por fazendeiros latifundiários na região de Piracicaba, no Estado de São Paulo, durante o século XIX, como um drinque local para festas e eventos de alto padrão, sendo um reflexo da forte cultura canaveira na região. A Caipirinha em seus primeiros dias era vista como um substituto local de boa qualidade ao Whisky e ao Vinho importado, sendo a bebida servida frequentemente em coquetéis da alta classe de fazendeiros, vendas de gado e eventos de grande notoriedade.

Dessa origem de alta classe, a caipirinha logo passou para o gosto popular, devido ao baixo preço de seus ingredientes, popularizando-se por todo o estado e se tornando a bebida-símbolo de São Paulo no século XIX. No início do século XX, na década de 1930, já era possível encontrá-la em outros estados, especialmente no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Hoje, está em quase todo o mundo.

Foto: Fabio Rubinato



**Gengibirra, docemente gostosa**

No Brasil do passado, conhecia-se a gengibirra como uma espécie de cerveja feita com gengibre, açúcar e outros ingredientes. A gengibirra piracicabana, no entanto, completa, neste 2017, exatos 130 anos como apreciadíssimo refrigerante.

A primeira criação se deu com Antônio Andrade, pai do escritor Thales de Andrade, surgindo, após alguns anos, a Gengibirra Orlando, atualmente administrada por seu filho Renato e netos. Os aficionados pelo refrigerante – e que piracicabano não o é? – criaram cantilenas: “gengibirra é boa pra espirrar”. Ou “gengibirra é boa pra arrotá”. A bebida foi adotada por toda a região. Podemos, assim, assegurar que a gengibirra é mais docemente gostosa do que “l’acqua nera del imperialismo”.

**... AND THE EVIL PINGA BECAME CACHAÇA**

Published in 1924 by Roberto Capri, a refined book titled “São Paulo Capital Artística” (São Paulo, Artistic Capital) highlights, in Piracicaba, two companies: Industrial and Paolieri & Bergamin, liquor and alcohol warehouses. The Industrial, established on Comércio Street No. 75, was a pasta factory, also processing rice, refining sugar and roasting coffee beans. (Author’s note: currently (2017) Governador Pedro de Toledo Street, near the corner with São José Street, reference the Mimi Fagundes Building).

According to the report, the daily production amounted to 100 bags of wheat flour, 20 bags of refined sugar, 150 bags of rice and 40 bags of cornmeal. And it adds: “there is manufacture of macaroni with eggs, which is its specialty. Due to the quality of its products, it has been awarded the highest prizes. In 1914, it was awarded the Great Prize and Gold Medal in Milano, Italy, and in 1908, the Silver Medal in Rio de Janeiro”. The factory occupied half of a square, between Comércio Street, São José Street and Glória Street.

Regarding the Paolieri & Bergamin, established on Boa Morte Street No. 202, it was a warehouse for liquor and alcohol, with a storage capacity for 450 thousand liters. (Author’s note: in front of the Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe, 2017 referential). Its main produce was the “A Brasileira” sugar cane liquor and its advertisement extolled the company as a “manufacturer of fine liquors and alcohol free soft drinks”.

**Pingatherapy**

Piracicaba still maintains superstitions from the ancient rural populations, from the Negro with their legends, costumes and beliefs, their popular medicine. Cachaça, scorned in the past, had special purposes. For a caipira, the aphorism “the evil pinga ruins things” is not always true. Regarding cachaça, there is a very rich folklore, including the so-called “pingatherapy”, the use the caipira make of pinga as an aid in folk medicine. Here are some examples:

For cold and influenza – A double shot, with lots of lemon juice and sugar, preferably brown, no taking bath during the treatment... Actually, it is the very Brazilian (or very caipiracaban) “caipirinha”.

For scabies – Mix crushed cottonseeds into a glass of pinga and drink three cups a day. Taking bath allowed.

To get rid of phlegm – A double shot of pinga, mixed with ginger, sugar and orange peel just taken off the fire.

Functionality of the receipts has never been confirmed. Their tastefulness, however, is guaranteed.

**The best “caninha” (popular nickname for cachaça) in Brazil**

For many years, the Caninha Tatuinho, while belonging the the D’Abronzo Family, was one of the “brands/marks” that made Piracicaba known all over Brazil, for the pleasure of some, and displeasure of other Piracicabans. The fact is that in the sixties, when Comendador Humberto D’Abronzo was Chairman of the E.C. XV de Novembro, “Nhô Quim” and Tatuinho were the “brands” that made Piracicaba popular, occupying spaces in all media.

In 1955 publications, the D’Abronzo Family heralded that they were the “the greatest ‘caninha’ organization in the Country”. And they were proud of several achievements, as they made it a point spreading: in a public opinion poll conducted by the Sociedade Informativa da Imprensa Inter-Americana Ltda. (Inter-American Press Informative Society Ltd.), Caninha Tatuinho was awarded First Place, the one preferred by all sectors. Moreover, they were proud for it being “the sole ‘caninha’ to obtain a public consecration diploma in the Exposition of the 4th Centenary of the City of São Paulo (1954). The D’Abronzo Family sold Tatuinho to entrepreneur Manoel de Almeida (Luso-Brasileiro Bank). It was discontinued in 1995.

“ Com a marvada pinga é que eu me atrapaio... ”

Moda Caipira composta por Ochelsis Laureano e Raul Torres, sucesso na voz de Inezita Barroso



Foto: Fabio Rubinato



“ A tristeza passa, a beleza permanece ”

Renoir

## NAQUELES TEMPOS...

“ O escritor pode ser rico em descrições, mas pobre em explicações ”

Autoria desconhecida

Hei de insistir ser, eu, apenas um contador de histórias. Minha formação é humanística na qual o jornalismo ocupou e ocupa minha vida. Do jornalista – e, também, do literato – brotou uma definição que, certamente, nos justifica a todos nós, escrevinhadores: “O jornalista é um especialista em generalidades”. Somos impelidos pela curiosidade, uma vontade – por assim dizer compulsiva – de conhecer, de saber, de entender. E, então, de divulgar. Daí, como simples generalistas que fazem, dos veículos de comunicação – em especial, de jornais e revistas – o “rascunho da história”.

Generalistas, somos fuçadores, já também considerados abelhudos. Preciso, pois, insistir mais e mais, que este livro – a exemplo dos dois anteriores da trilogia – não é um compêndio de história. Pois historiadores, Piracicaba têm-nos muitos de altíssima qualidade cultural. E, para não cometer maiores injustiças, a todos homenageio, ao dar primazia àquela que foi a nossa primeira “mãe da História”: a professora e doutora Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, filha do também notável Octávio Teixeira Mendes.

Que – porventura, se alguém dar-me a honra de ler estas páginas – não se esqueça de ser, o autor delas, um especialista em generalidades. Um contador de história que escreve sobre aquilo que leu, viu e ouviu.

### 1769 Nas matas, onças, macacos

No livro “Relatos Monçoeiros”, Afonso de Taunay faz referência a um álbum de desenhos feitos pelo navegador Teotônio José Juzarte que, a pedido do Morgado de Mateus, relatou a monção no curso dos rios Tietê, Paraná e Iguatemi. Os desenhos foram adquiridos, em 1960, pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, em edição do ano 2000, publicados pela Edusp e Imprensa Oficial com o título “Diário de Navegação” de Juzarte.

A expedição iniciou-se no dia 10 de março de 1769, saindo de Araritaguaba (Porto Feliz.). No dia 15 de abril daquele ano, na estampa 5, Juzarte assinala de próprio punho, no borrão: “Aqui é o mato onde se fazem canoas”. Tratava-se da barra do rio Capivari, em direção ao rio Piracicaba, onde ele se encontrava naquele dia. As canoas eram especialidades do Capitão Antônio Corrêa Barbosa, para o que tinha, à sua disposição, degredados e prisioneiros.

É o seguinte o registro de Teotônio Juzarte, sobre sua chegada a Piracicaba, no dia 17 de abril de 1769:

“Amanhecendo este dia, pelas seis horas e meia da manhã, embarcou tudo e seguindo viagem navegamos até a barra do rio Piracicaba à qual chegamos às onze e meia da manhã e aí chamamos Antônio Barbosa, diretor de uma povoação situada para as cabeceiras deste rio o qual tinha descido por ele abaixo a encontrar-nos no dito rio Tietê; defronte desta barra do Piracicaba embicamos para fazer pouso, navegando esta manhã por tempo de cinco horas nas quais andamos cinco léguas e meia. Pousamos defronte a dita barra cuja é larga e bastantemente cheia de águas, sobe ao rumo de nordeste e aqui falhamos a tarde do dia dezessete; logo desembarcamos tudo para terra e saíram muitos homens a caçar por aqueles matos onde se perdeu um soldado pago dos trinta que me acompanhavam, o qual entranhando-se pelos matos se perdeu; achando-se falta deste camarada já quase Ave-Marias, se mandaram pelos matos alguns práticos e pelo rio um batelão atirando uns e outros tiros para que soubessem os do rio e os de terra, ouvindo as salvas, em que altura ficavam uns dos outros; e, com efeito, sendo já oito horas da noite, ouviram que o soldado gritava, acudindo para aquela parte deram com ele trepado sobre uma árvore sem saber em que parte estava e disposto a ficar a morrer



Foto: Fabio Rubinato

naquele sertão; contou que o motivo de trepar naquela árvore fora um grande número de porcos-do-mato que com violenta carreira se encaminhavam para ele, aos quais seguia e perseguia uma onça de extraordinária grandeza, que à vista disso se salvou em cima daquela árvore para passar ali a noite até o dia seguinte para então ver se acertava com o lugar onde ficavam as embarcações. Recolheram-se estes homens trazendo consigo o perdido e aqui ficamos neste pouso a noite do dia dezessete para o dia dezoito.”

### 2017 Nas matas, ainda onças, macacos

E não é que Piracicaba continua sendo um grito da natureza alertando o mundo?

Pioneiros ao caminhar no Tempo, preservadores diante do sagrado. Deveríamos nos envaidecer por darmos testemunho daquilo que Macluhan, nos 1960, anteviu como “Aldeia Global”. Globalizados, mas com alma de aldeia, eis o que somos. Prosseguimos com o histórico pioneirismo, abertos às novas e saudáveis tecnologias. Mas não escancarados a todas elas. Sabemos filtrar, cultivando o essencial. Conservamos o que precisa ser conservado, preservando-o. E a Mãe Natureza sorri nas águas do rio, nas matas, nos bichos, nas aves...

E eis que no dia 5 de abril de 2017, uma onça apareceu num nosso condomínio de luxo, “Terras de Piracicaba 2”. Os refletores da televisão assanharam-se, anunciando a boa nova ao Brasil e ao Mundo: “Uma onça passeia em Piracicaba”. E em qual outro lugar haveria de ser, senão aqui, a secular casa dela? Iguamente a nós, ela tem seus ancestrais. E o bom filho sempre à casa retorna.

Em meu jardim, há saguis, macaquinhos que me encantam a existência. Tenho-os como companheiros do cotidiano. Tornamo-nos amigos e a amizade se renova ao nascer de outros deles. Alimento-os de manhazinha, ao almoço, ao entardecer. Juro que eles me sorriem, pois comem banana em minha mão. Saúdo a onça que chega. E que se multipliquem as abelhas, borboletas, as avezinhas do céu.

A onça de Piracicaba dá testemunho da sabedoria do Príncipe de Lampedusa: “Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude”.

### 1836 “O Ateneo”: a mais alfabetizada

A vocação de Piracicaba para o conhecimento nasce com as suas próprias origens. No “Quadro Estatístico a Província de São Paulo”, de 1836, Piracicaba contava 10.291 habitantes e tinha o maior número de alfabetizados em toda a Província: 395 de seus moradores. Itu e Porto Feliz – que tinham respectivamente 11.146 e 11.193 moradores – contavam 166 e 124 pessoas alfabetizadas. E Curitiba, com 16.157 habitantes, tinha apenas 152.

Essa vocação piracicabana e o entendimento da necessidade de educação para o povo permitiram que, sob a influência dos Moraes Barros, passássemos a ser a cidade conhecida como “O Ateneo” e, em seguida, a “A Atenas Paulista”. Esse epíteto, “Atenas Paulista”, se deveu ao fato de a cidade de São Luiz, Maranhão, ter sido considerada a “Atenas Brasileira”, por seu alto índice de alfabetização.

O epíteto “O Ateneo”, para Piracicaba, surgiu em 1914, num livro do editor Roberto Capri. Há uma interrogação histórica a respeito da convergência dos nomes, pois o primeiro escritor impressionista do Brasil, Raul Pompeia, escreveu, em 1888, o célebre livro realista “O Ateneo”. Ocorre que Pompeia, o escritor, era irmão de Aretuza Pompeia, esposa do senador Rodolpho Miranda (filho do Marquês de Bananal, ministro de Estado, que adquirira as propriedades de Luiz de Queiroz, incluindo a pioneira fábrica de tecidos Santa Francisca). Esta passou a se chamar “Arethusina”, homenagem de Miranda à esposa. Raul Pompeia vinha frequentemente a Piracicaba, visitar a irmã e o cunhado famosos. A pergunta sem resposta: ao chamar Piracicaba de “O Ateneo”, ter-se-ia, Roberto Capri, inspirado nas lembranças do livro que narra dramática história num colégio da época imperial?

### 1878 Piracicaba, “o mais rico torrão”

Uma das mais doces descrições de Piracicaba do século passado foi feita por Manuel de Moraes Barros no já referido Almanak Literário de São Paulo, de 1878, reproduzido pelo “Almanak de Piracicaba Para o Ano de 1900”. Diz o seguinte:

“Esta cidade é uma das mais belas da província. Assentada em uma alta esplanada, que declina branda e longamente até o rio, oferece, por todos os lados, aos olhos do observador encantado, as mais lindas paisagens e vastos panoramas de verde-negra

vegetação. Sobressaem por sua maravilhosa beleza, a vista risonha e aprazível do salto, que eleva-se em degraus, espraiado, semelhando um gigantesco trono de prata: a do rio abaixo em que o rio, há pouco revoltado e furioso, encontra as pedras que lhe empreiam o trânsito, corre agora manso e sereno em vasta e majestosa curva toda orlada pelas casinhas brancas da rua do Porto; e a da estação da estrada de ferro, que domina o vale todo do rio, tendo ao longe, à direita, o morro azul – o mais rico torrão do Brasil inteiro, em frente à extensa serra de São Pedro, e à esquerda, a do Congonhal”.

### 1882 Comércio 24 horas

Embora a prática parecesse algo inovadora ao final do século XX, os anúncios indicam que, em Piracicaba, ainda no século XIX, era possível se buscar produtos 24 horas por dia, em alguns estabelecimentos, inclusive aqueles que atendiam próximo ao Salto. Havia, inclusive, opções que lembram, pela descrição, as atuais rotisseries, com comidas prontas, em grande variedade. (Pesquisa: Beatriz Vicentini, 2013)

“Kioske do André no Salto - Encontra-se comidas quentes e frias a toda e qualquer hora do dia e da noite. Bebidas de diversas qualidades por preços baratíssimos. Serve-se tudo com promptidão e asseio”. (11/julho/1882)

“Casa do Gottlob Beny Mutichelle, Rua dos Pescadores, Grande e variado sortimento. Encontra-se comidas quente e fria a qualquer hora do dia e da noite.... Carneiro com ervilhas e feijão carrapato, lombo assado de porco, mortadellas, lagostas, sardinhas, presunto resphalia, queijos da suissa, completo sortimento de conservas de todas as qualidades”. (25/julho/1882)

### 1883 Os primeiros colonos vieram dos Açores

Antes mesmo da libertação dos escravos, Piracicaba começou a se preocupar com a mão de obra para a lavoura. Em todo o País, fazendeiros passaram a buscar soluções para o novo problema através da imigração de famílias estrangeiras, principalmente europeias. Antes dessa vinda organizada de estrangeiros, Piracicaba já acolhera pessoas e algumas famílias europeias. De maneira organizada, porém, os primeiros colonos que, oficialmente, para cá vieram foram 94 açorianos, trazidos pelo fazendeiro João Tobias de Aguiar e Castro, para a sua fazenda em Rio das Pedras, já que ele libertara seus escravos.



Foto: Marçal Freitas Elias

O registro do acontecimento é de 29 de dezembro de 1883. E, no ano seguinte, em 25 de maio de 1884, o italiano César Bertoldi publicava um anúncio, incumbindo-se de trazer, para Piracicaba, famílias do Tirol (Austria), que trabalhariam na lavoura piracicabana.

### 1896 A Câmara contra os sinos

Muita gente, ainda hoje, costuma reclamar contra algumas decisões da Câmara Municipal, achando que há vereadores preocupados com questões de menor importância. Pois bem. O que o povo acharia se, por exemplo, a Câmara Municipal resolvesse legislar sobre os sinos das igrejas, proibindo o dobre deles?

Isso aconteceu em 1896. No dia 19 de outubro daquele ano, o vereador Joaquim Fernandes de Matos Sampaio apresentou um projeto assim elaborado: “Considerando a nenhuma utilidade nos dobres de sinos que nesta cidade usam como sinal de mortos ou enterros; considerando que tal sinal só serve para incomodar o público, mormente aos que residem próximo da igreja, resolve: Art. 1º - Fica expressamente proibido dobre de sinos por qualquer motivo, em qualquer das igrejas desta Cidade; Art. 2º - O infrator será multado em 25\$000, e o dobro na reincidência”. A briga – segundo pesquisa do historiador Guilherme Vitti (“Piracicaba: Dois Estudos”, edição do IHGP, 1989) – somente terminou em 1905, quando a Secretaria Estadual de Justiça, acolhendo petição do vigário José Rodrigues Seckler, deu-lhe ganho de causa e os sinos voltaram a dobrar.

### 1910 Uma Universidade Popular

Povoada por degredados, Piracicaba descobriu, desde o Século XIX, a sua vocação para o conhecimento e a cultura. Ao adentrar o Século XX, já possuía instituições de ensino audaciosas, como o Colégio Piracicabano (1881), o Grupo Escolar Rio Branco (1897), o Grupo Escolar Moraes Barros (1900) e a Escola Normal, fundada em 1890 e inaugurada em 1897.

Hoje, Piracicaba tem inúmeras faculdades e uma universidade, a UNIMEP. Essa ousadia, no entanto, remonta ao ano de 1910. Naquele ano, no dia 25 de agosto, era inaugurada a Universidade Popular, um projeto audacioso que buscava aprimorar e desenvolver a cultura piracicabana. Os estatutos daquela universidade propunham, no seu artigo primeiro: “a vulgarização das matérias que são objeto do ensino secundário e superior no que diz respeito às ciências, à literatura, às artes em geral, a todos os ramos da atividade humana”.

### 1916 “Berceuse”, o bonde

Essa quase certeza, tenho-a de que, se me esforçar, ouvirei o delém-delém e o arrastar-se do bonde de minha terra. Luiz de Queiroz foi o primeiro a querer instalar uma linha do transporte então considerado moderno. Não o conseguiu. E os bondes chegaram em 1916. Em minha vida, o bonde existiu desde que fui plantado no ventre de minha mãe.

Havia três “*pontos de bonde*” na esquina onde nasci: o que ia até Vila Rezende, outro até a Paulista e o terceiro, à Agronomia, a Escola Agrícola. O de Vila Rezende fazia a sua primeira curva descendo a Moraes Barros – quase debaixo das janelas de nossos quartos – e dobrava a Rua Alferes José Caetano. Esse foi o meu bonde, o bonde de toda a minha primeira infância, um monstrengo tão simpático e afável que somente me trouxe alegrias.

Meu pai querido sempre me contou: desde pequenino, eu teimava em ficar acordado (acho que, desde lá, querendo saborear a vida em cada minuto). Então, para fazer-me adormecer, ele me levava a “*passar de bonde*”, sentadinho em seus joelhos, recostado em seu largo peito. E que, no retorno do bonde, eu vinha dormindo.

Ainda hoje – como se estivesse sonhando – vejo-me juntinho a meu pai, a brisa do rio alcançando-nos, o cheiro das águas com sabor de terra, o sacolejar do bondinho, minha canção de ninar, a mais bela “*berceuse*” de minha infância.

### 1933 A primeira Faculdade de Direito

Nos últimos 30 anos, faculdades de Direito – pelo tanto que proliferaram por todo o País – chegaram, diversas delas, a cair no descrédito. Atualmente, a Faculdade de Direito da UNIMEP tem sido reconhecida como uma das mais sérias do Brasil. Trata-se, na realidade, de ecos de uma tradição piracicabana, que tem sua origem em excepcionais cultores do Direito, como Francisco Morato, Pedro Krähenbühl, Moacyr do Amaral Santos.

A primeira faculdade de Direito de Piracicaba nasceu no dia 24 de fevereiro de 1933. Seu primeiro diretor foi Acácio Leite do Canto Júnior. E professores, os primeiros: Pedro Krähenbühl, Dario Brasil, Eugênio Monteiro, Moacyr Amaral Santos, Antônio Pinto de Almeida Ferraz, Jorge Coury, Vicente Ferraz Pacheco, Osório de

Aguiar Souza, Edmundo Lacerda, Ernesto Alves Badossimo, Júlio César de Mattos. Eram grandes intelectuais piracicabanos, homens de vasta cultura e influência, alguns deles nascidos em Capivari. Moacyr Amaral Santos caipiracicabano e caipivariano tornou-se ministro do Supremo Tribunal de Justiça, do qual foi presidente.

Em 1936, a escola tinha 208 alunos.

### 1927 Kipling e nossos escritores

Rudyard Kipling – um dos renomados escritores ingleses, Prêmio Nobel de Literatura, 1907 – visitou Piracicaba em 1927. Foi hóspede no antes chamado Palacete Luiz de Queiroz, então de propriedade de Rodolfo Miranda, grande fazendeiro, ministro da República e proprietário da fábrica de tecidos Boyes (criada por Luiz de Queiroz, como Fábrica Santa Francisca, depois adquirida por Buarque de Macedo, em seguida a Miranda).

No livro de visitas do Palacete, Rudyard Kipling deixou breves anotações que se tornaram documento histórico de Piracicaba. Nunca irá esgotar-se a aventura de narrar as artes piracicabanas. Na literatura, Kipling parece ser um dos inspiradores de nossos escritores, que ganharam grande notoriedade. Um deles, Leo Vaz, autor do consagrado “O Professor Jeremias”.

Caipiracicabano/caipiravariano, Leo Vaz esteve entre os jornalistas locais do chamado “*Grupo Estadão*”. O clássico livro foi reeditado pela Fundação Casa de Ruy Barbosa e Editora Bom Texto, em 2001. A importância de Leo Vaz é reconhecida na introdução da obra: “*A crítica reconheceu em Léo Vaz características machadianas pela leveza do estilo, pelo primor do vocabulário e pela ironia mordaz, que lhe valeu a fama de homem terrível. Diziam que Léo Vaz ressuscitava Machado de Assis, o Bruxo*” (Minha cadeira, 40, da Academia Paulista de Jornalismo, é Leo Vaz!).

Elencar os nossos grandes escritores do passado seria esforço exaustivo. Citamos, porém, Thales Castanho de Andrade (pioneiro na Literatura Infantil Brasileira), Sud Mennucci, Mário Neme, Leandro Guerrini e sua mulher Altair Jaçanã, João Chiarini, Alceu Maynard de Araújo, Wanda Carneiro, Flávio Toledo Piza, Francisco Lagreca, Breno da Silveira, Marcelino Ritter – homenageando, através deles, escritores de antes e da atualidade.



Fotos: Aereo Cecilio Elias Netto



### Bonde: de 1916 a 1969

Piracicaba foi uma das primeiras, e poucas, cidades de São Paulo a ter o serviço de bondes elétricos. A empresa concessionária foi a Britannica South Brazil Electric Co, que adquirira a empresa elétrica da viúva de Luiz de Queiroz, Ermelinda Ottoni de Queiroz. A inauguração da primeira linha foi em 16 de janeiro de 1916, com bênção do então Cônego Rosa. Em 1969, aconteceu a última viagem de bonde quando estupidamente se extinguiu o serviço.

## IN THOSE TIMES...

*I will insist, I am only a storyteller. My education is humanistic, where journalism has occupied and still occupies my life. From the newspaperman – as well as from the literate – sprouted a definition that surely justifies all of us, scribblers: “A newspaperman is a specialist in generalities”. We are pushed by curiosity, by a desire – so to say, compulsive – of learning, knowing, understanding. Then, of disclosing it. Thus, as simple generalists making up the media – in special newspapers and magazines – telling a “draft of History”.*

*As generalist, we are diggers, even taken for meddlers. Therefore, more and more I must insist that this book – as the former two in the trilogy – is not a History textbook. For where it concerns historians, Piracicaba has many of the highest cultural quality. And in order not to make any major injustice, I pay tribute to all of them by assigning primacy to her who was our first “Mother of History”; Professor and Doctor Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, daughter of also noteworthy Octávio Teixeira Mendes.*

*If, perhaps, someone honors me – by reading these pages – let it not be forgotten that their author is an expert in generalities. A storyteller, who writes about what he read, saw and heard.*

### **1769 – In the woods, jaguars, monkeys**

*In his book “Relatos Monçoeiros” (Reports on River Expeditions) Afonso de Taunay refers to an album of drawings made by navigator Teotônio José Juzarte, who reported, by request of Morgado de Mateus, on the expedition along the Tietê, Paraná and Iguatemi Rivers. The drawings were acquired by the National Library of Rio de Janeiro in 1960 and published by the Edusp and Official Press in 2000, under the title Juzarte’s “Navigation Log”.*

*The expedition set off on March 10, 1769, sailing from Ararituaba (Porto Feliz). On April 15 that year, Juzarte himself wrote on the rough draft for print 5: “Here is the woods where canoes are made”. It was the Capivari River, towards the mouth of the Piracicaba River, where he was that day. The canoes were a specialty of Captain Antônio Corrêa Barbosa, for which he had at his command banished and prisoners.*

*Here is Teotônio Juzarte’s report on his arrival in Piracicaba on April 17, 1769:*

*“At daybreak this day around 6:30 am, everything was put aboard and we resumed our sailing to the mouth of the Piracicaba River where we arrived 11:30 am and called on Antônio Barbosa, head of a village located upriver and who had sailed downriver from there in order to meet us on the said Tietê river. In front of that river mouth, we pulled up in order to make camp after sailing this morning for five hours and covering five and a half leagues. We landed in front of the said mouth, which is wide and with much water and climbs towards the northeast and we spent the afternoon of the seventeen here. We soon unloaded everything onto the shore and many of the men left for hunting in those woods where one of the paid soldiers among the thirty that had come with us was lost, after entering the woods; missing that comrade and almost by the Hail Mary, several sailors were sent into the woods and a barge along the river, one group and the other firing shots so that those on land and on the river knew where they were in relation to each other; and in fact, it*

*already being eight o’clock in the night, they heard the soldier shouting and upon racing to the place found him up on a tree with no notion of where he was and with a disposition of staying and dying in that jungle; he told that the reason for his climbing up that tree had been a huge number of wild pigs running at full tilt his way and following and pursuing them came a jaguar of extraordinary size and on that account he saved himself by climbing up that tree to spend the night until the following day when he would try to find the place where the boats were beached. The men returned with the missing one and we remained in this landing during the night of the seventeenth to eighteenth.”*

### **2017 – In the woods, still jaguars, monkeys**

*And is not Piracicaba still a cry of the nature warning the world?*

*Pioneers walking through Time, preservers of the sacred. We should be proud for giving testimony of that which Macluhan, in the sixties, had foreseen as the “Global Village”. Globalized, but with a village soul, that is what we are. We proceed with our historical pioneering, open to the new and healthy technologies. However, not flinging us open to all of them. We know how to filter, cultivating the essential. We conserve what needs to be conserved, preserving it. And Mother Nature smiles in the river waters, in the woods, in the animals, in the birds...*

*Then, on April 5, 2017, a jaguar showed up in one of our luxury condominiums, “Terras de Piracicaba 2”. The TV floodlights became excited, heralding the good news to Brazil and the World: “A jaguar strolls in Piracicaba”. Where else would that happen, but here, its century old home? Like us, it has its forebears. And a good son always comes back home.*

*In my garden, there are saguis (marmoset), little monkeys that make my life merry. I have them as my everyday companions. We became friends and our friendship is renewed with every new birth among them. I feed them early in the morning, at lunchtime, in the evening. I swear they smile at me, as they eat bananas out of my hand. I welcome the arriving jaguar. And let them all multiply, the bees, butterflies, birds in the sky.*

*The jaguar in Piracicaba gives testimony on the wisdom of the Prince of Lampedusa: “For things to remain the same, everything needs to change”.*

### **1836 – “The Athenaeum”: the most literate**

*Piracicaba vocation for knowledge was born at its very origins. In the 1836 “Statistical Table for the Province of São Paulo”, Piracicaba had 10,291 dwellers and had the greatest number of literate persons in all Province: 395 of its inhabitants. Itu and Porto Feliz – with 11,146 and 11,193 inhabitants respectively – had 166 and 124 literate individuals. And Curitiba, with 16,157 inhabitants, only had 152.*

*That Piracicaban vocation, an understanding of the need for education for the people allowed us, under influence of the Moraes Barros, to become the city known as “The Athenaeum” and later as “The Paulist Athens”. That epithet, “Paulist Athens”, was due to the city of São Luiz, Maranhão being considered the “Brazilian Athens”, on account of its high level of literacy.*

*“The Athenaeum” epithet bestowed upon Piracicaba appeared in 1914, in a book by publisher Roberto Capri. There is a historical question regarding that*

*convergence of names, for the first impressionist writer in Brazil, Raul Pompeia, wrote his famed realist book “O Ateneo” (The Athenaeum) in 1888. As it happens, Pompeia the writer was brother of Aretuza Pompeia, wife of Senator Rodolpho Miranda (son of the Marquis of Bananal, State Minister, who had bought the properties of Luiz de Queiroz, including the pioneer Santa Francisca Textile Factory). The name of the factory was changed to “Arethusina”, a tribute of Miranda to his wife. Raul Pompeia often came to Piracicaba to visit his sister and famous brother-in-law. The question without answer: when he called Piracicaba “The Athenaeum”, could Roberto Capri had been inspired by his recalling of the book that tells the dramatic story taking place in a school during Imperial times?*

### **1878 – Piracicaba, “the richest land”**

*One of the sweetest descriptions of Piracicaba in the past Century was that made by Manuel de Moraes Barros in the already mentioned 1878 Almanak Literário de São Paulo, reproduced in the “Almanak de Piracicaba 1900”. It says the following:*

*“This city is one of the fairest in the Province. Standing on an elevated plateau sloping suavely towards the river, it offers to the eyes of spellbound observers, from every angle, the most beautiful landscapes and vast panoramas of dark green vegetation. Standing out for its wonderful beauty, the smiling and pleasant view of the waterfall, rising in steps, sprawling, like a huge silver throne: the downriver stretch, where the river, shortly before rough and furious, meets the boulders that check its journey and now flow tame and serene along a wide and majestic bend surrounded by the little white houses of the Port Street; and the railroad station, the rails dominating the whole river valley; and far away to the right, the blue hill – the richest tract of land in all Brazil – alongside the great length of the São Pedro Range, with the Congonhal Range” to the left.*

### **1882 – 24-hour trading**

*Although the practice seemed innovative at the end of the 20th Century, advertisements show that it was possible to buy goods in Piracicaba 24 hours a day from some vendors, including those serving costumers near the Waterfall. Inclusively, there were options whose description resembles current rotisseries, with great varieties of prepared food. (Survey: Beatriz Vicentini, 2013)*

*“André’s kiosk by the Waterfall – Hot and cold foods can be bought any time of the day and night. Various drinks at very low prices. Everything served promptly and tidily”. (July 11, 1882).*

*“Gottlob Beny Mutichelle’s House on Port Street – Great and varied assortment. Hot and cold foods found any time, day and night. . . . Lamb with peas and tick beans, roasted pork loin, mortadella, lobsters, sardines, resphalia ham, Swiss cheeses, full assortment of canned foods of all qualities”. (July 25, 1882)*

### **1883 – The first farmhands came from the Azores**

*Even before the freeing of slaves, Piracicaba began worrying about labor for agriculture. Throughout the Country, farmers began seeking solutions for the new problem by fostering immigration of foreign families, mainly European. Prior to that organized arrival of foreigners, Piracicaba had already received some European people and families. However, the first farmhands officially arriving here were 94 Azoreans, brought by farmer João Tobias de Aguiar e Castro to his*

*Rio das Pedras farm, as he already had set his slaves free. Event recorded on May 25, 1883. The next year, on May 25, 1884, Italian César Bertoldi published an advertisement purporting to bring to Piracicaba families from the Tirol (Austria), to work in Piracicaban agriculture.*

### **1896 – The City Council against bells**

*Even today, many people uses to complain against some decisions of the City Council, feeling that the Counselors waste time on minor issues. Well then. What would the people thing if, for example, the City Hall decided to pass legislation on Church bells, forbidding their tolling?*

*It happened in 1896. On October 19 that year, City Counsellor Joaquim Fernandes de Matos Sampaio submitted a draft bill worded thus: “Whereas there is no usefulness in the tolling of bells used in this city for heralding deaths and burials; whereas such tolling only serves to annoy the people, in special those living in the vicinity of the Church, be it resolved that: Art.1 – It is explicitly forbidden to toll the bells, for whatever reason, of any of the Churches in this City; Art.2 – Offenders shall be fined 25\$000 and double that in case of recurrence”. The quarrel – according to historian Guilherme Vitti (“Piracicaba: Two Studies”, IHGP issue, 1989) – only came to an end in 1905, when the State Secretariat for Justice, accepting a petition from Vicar José Rodrigues Seckler, ruled for him and the bells tolled once again.*

### **1910 – A Popular University**

*Settled by banished, Piracicaba has discovered, since the 19th Century, its vocation for knowledge and culture. Upon entering the 20th Century, already it had daring teaching institutions such as the Colégio Piracicabano (High School) (1881), Grupo Escolar Rio Branco (Public Elementary School) (1897), Grupo Escolar Moraes Barros (1900), Escola Normal (Preparatory School for Elementary Teachers), currently Sud Menucci, founded 1890 and inaugurated 1897.*

*Piracicaba today has countless Colleges and a University, the UNIMEP. Such daring, however, dates back to 1910. On August 25 that year, the Popular University was inaugurated, an ambitious project that sought to improve and develop Piracicaban culture. The bylaws of the University, in its first Article, proposed: “propagating the subjects that are scope of high school and college level teaching, where it concerns sciences, literature and arts in general, to all lines of human activity”.*

### **1916 – “Berceuse”, the streetcar**

*I am almost sure, within my inner self, that I try hard I shall hear the ‘delem-delem’ and crawling noise of the streetcar of my land. Luiz de Queiroz was the first intending to set up a means of transportation than considered modern. He did not succeed. The streetcars arrived in 1916. The streetcar, in my life, existed since I nestled in the womb of my mother.*

*There were three “streetcar stops” at the corner where I was born: one that went to Vila Rezende, another to Paulista and the third one to the Agronomia, the School of Agronomy. That of Vila Rezende did a first bend going down the Moraes Barros Street – almost under the windows of our room – and turned into the Alferes José Caetano Street. That one was my streetcar, the streetcar of all my childhood, a monster so nice and affable as to give me but joys.*

## PIRACICABA

A DOÇURA DA TERRA

*My dear father always told me: since a toddler, I stubbornly stayed awake (I think that, since then, wishing to savor every minute of life). Then, to make me sleep, he would take me for a “streetcar ride”, sitting on his knees, resting against his broad chest. When the streetcar came around, I was fast asleep.*

*Still today – as if I were dreaming – I see myself cozily on my father’s lap, the river breeze reaching us, the smell of the waters tasting of earth, the bumpy ride of the streetcar, my lullaby, the most beautiful “berceuse” of my childhood.*

### 1933 – The first Law School

*Over the past thirty years, Law Schools – proliferating all over the Country – fell into disrepute. Currently, the Law School of UNIMEP is recognized as one of the most serious in Brazil. In fact, that is echo of a Piracicaban tradition stemming from exceptional Law Operators, such as Francisco Morato, Pedro Krähenbühl, Moacyr do Amaral Santos.*

*The first Law School in Piracicaba was born February 24, 1933. Its first Principal was Acácio Leite do Canto Júnior. Its first teachers: Pedro Krähenbuhl, Dario Brasil, Eugênio Monteiro, Moacyr Amaral Santos, Antonio Pinto de Almeida Ferraz, Jorge Coury, Vicente Ferraz Pacheco, Osório de Aguiar Souza, Edmundo Lacerda, Ernesto Alves Badossimo, Júlio César de Mattos. All were great Piracicaban intellectuals, men of wide culture and influence, some of them born in Capivari. Moacyr Amaral Santos, caipiracaban and caipivarian, became a member of the Superior Tribunal of Justice.*

*In 1936, there were 208 students in the school.*

### 1927 – Kipling and our writers

*Rudyard Kipling – a renowned English writer, 1907 Nobel Literature Prize winner – visited Piracicaba in 1927. He was a guest in the so-called Luiz de Queiroz Villa, then a property of Rodolfo Miranda, great farmer, Minister of the Republic and owner of the Boyes Textile Factory (founded by Luiz de Queiroz as the Santa Francisca Factory, later bought from Miranda by Buarque de Macedo).*

*In the visitation book of the Villa. Rudyard Kipling left short notes that became historical documents in Piracicaba. The adventure of narrating Piracicaban arts shall never be over. In literature, Kipling appears to have been one of the inspirers of our writers, who have achieved great notoriety. One of them is Leo Vaz, author of the consecrated “O Professor Jeremias”.*

*Caipiracaban/caipivarian Leo Vaz was one of the local journalists belonging to the so-called “Estadão Group”. The classical book was re-issued in 2001 by the Fundação Casa de Ruy Barbosa and Editora Bom Texto. The importance of Leo Vaz is recognized in the introduction to the work: “Critics recognize in Léo Vaz Machadian features due to the lightness of style, perfection of vocabulary and scathing irony, which earned him a reputation of being a terrible man. It has been said that Léo Vaz resuscitated Machado de Assis, the Wizard”. My chair at the Academia Paulista de Letras (Paulist Literary Academy), No. 40, is named after Leo Vaz!*

*Listing our great past writers would be an exhausting effort. However, let us list Thales Castanho de Andrade (number one in Brazilian Children’s Literature), Sud Mennucci, Mário Neme, Leandro Guerini and his wife Altair Jaçanã, João Chiarini, Alceu Maynard de Araújo, Wanda Carneiro, Flávio Toledo Piza, Francisco Lagreca, Breno da Silveira, Marcelino Ritter – paying tribute, thorough them, to former and current writers.*

## Aconteceu em Pira...

### Libório: funerária desde o século passado

Ainda atualmente, uma das mais conhecidas empresas funerárias de Piracicaba é a Libório. No final do século passado, no entanto, já existia a Empresa Funerária de Honório J. Libório, patriarca daquela família. A funerária estava instalada na Rua da Quitanda (atual rua 15 de Novembro), no número 68. Honório J. Libório adquirira a funerária de seu primeiro proprietário, o italiano João Zara.

O primeiro dos Libório no ramo comunicava à praça: “tem sempre prontos caixões de primeira e segunda classe, tanto para adultos como também para crianças; dispõe de ótimos carros (fúnebres) de primeira e segunda classe, e coroas mortuárias, simples e suntuosas”.

### Fumo do Quilombo, “o melhor do mundo”

Até poucos anos passados, fazer propaganda era “fazer reclame”. Os anúncios são muito antigos em Piracicaba, constando em jornais do século passado. Um desses “reclames”, no entanto, chamou a atenção no início do século: o fumo do Quilombo, vendido por um certo Raymundo, no Mercado. Dizia assim: “Fumo do Quilombo/cada fumaça um tombo. Só pode ser fumado /por quem ’stiver deitado./ E é o melhor do mundo/ Quem vende é só o Raymundo /Do pateo do mercado/ (qual vende; é quasi dado!)

### A jardineira dos Marchiori, a primeira intermunicipal

A família Marchiori, ainda hoje, é proprietária de uma das principais empresas de transporte coletivo intermunicipal. A história, porém, é longa. Já no ano de 1900, tinha-se notícia dessa atividade. A “jardineira” do velho patriarca Gregório Marchiori foi a primeira a fazer a ligação entre Piracicaba e Limeira, depois de Piracicaba a Rio Claro. Na foto, de propriedade da família Marchiori, o chamado “locomóvel” coletivo de então, que fazia a linha Piracicaba-Rio Claro.



Fotos: Acervo Ceclio Elias Netto

### O traçado das ruas

Das cidades paulistas com mais de 200 anos, Piracicaba é a que tem o traçado de ruas mais diferenciado, numa organização de arruamento que ainda surpreende. O arruamento inicial foi feito por José Caetano da Rosa – o Alferes José Caetano, que dá nome a uma das ruas centrais – iniciando um plano de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, que deu nome também à Rua do Vergueiro. O arruamento feito por José Caetano previa o “cruzamento de todas as ruas em ângulos retos, formando quadras ou quarteirões de 40 braças”. Esse plano, de maneira geral, foi obedecido à maneira que a povoação foi crescendo e ainda nos nossos dias.

### Voluntários de Piracicaba

Em muitas cidades brasileiras há uma rua denominada “Voluntários da Pátria”. Em Piracicaba, há a rua “Voluntários de Piracicaba”. Piracicabanos de muitas gerações não sabem, no entanto, qual é esse “voluntariado” piracicabano. Houve “voluntários”de quê? Para quê?

Trata-se de homenagem aos piracicabanos que, voluntariamente, foram participar da Guerra do Paraguai. Havia pessoas recrutadas; outras que, por estímulo oficial, iam voluntariamente, estimuladas. Em 2 de outubro de 1866, a Câmara Municipal de Piracicaba oferecia um prêmio de “800 réis para os primeiros oito voluntários piracicabanos”. O Almanak de Piracicaba de 1900, no entanto, registra apenas, a existência de cinco voluntários: Vieira, Belisário, João Julião, Joaquim Antonio Matoso e Fortunato de Campos Freire. Vieira foi capitão e Campos Freire, major. São eles os “voluntários de Piracicaba”, que se tornaram nome de rua.

### Rua Morais Barros: antiga, com muitos nomes

Entre as muitas ruas seculares de Piracicaba, duas delas merecem um carinho especial e suave da população: a Rua do Porto e a Morais Barros. São ruas históricas.

A atual Rua Morais Barros está na gênese da Cidade. No longínquo ano de 1855, os registros da Câmara Municipal diziam dessa rua: “é, por um lado, a entrada da estrada de Campinas, Água Choca, Itu e Sorocaba e, para os lados do rio Piracicaba, é a entrada das estradas de Limeira, Rio Claro e Araraquara”.

É uma rua que teve muitos nomes. Foi, no início de tudo, a Rua da Constituição, quando a própria Piracicaba era “Constituição”. Segundo a tradição, a rua Morais Barros esteve na iminência de se chamar Rua Joanina, como homenagem ao monarca D. João VI. E foi, também, Rua do Porto, pois era uma rua que descia, em linha reta, até a margem do rio, onde estava o porto, na realidade um posto de embarque e desembarque de mercadorias. Foi conhecida, também, como Rua da Praia, pois, indo em direção ao rio e num lugar bucólico, aquela rua levava a um espaço da preferência dos piracicabanos de então. E foi, também, a Rua Direita, por ser uma reta só, do rio até o cemitério.

Essa rua de tão largas tradições passou a denominar-se Rua Morais Barros quando faleceu o Senador Manoel de Morais Barros, um dos vultos mais representativos de Piracicaba naquela época.

### Militar, mestre de latim e francês, criou o Teatro Santo Estevam

Até hoje, lamenta-se a derrubada do Teatro Santo Estevam, que se localizava na atual Praça José Bonifácio. Pouco se fala, porém, e muito menos se lembra, de seu fundador. Maranhense de origem, capitão do exército de Caxias na Guerra do Paraguai, ele era Ricardo Leão Sabino, uma figura singular. Sabino foi voluntário do exército de Pedro IV (nosso Pedro I), no cerco à cidade do Porto, em Portugal. Era também professor, do qual foi aluno o poeta Gonçalves Dias.

Ricardo Leão Sabino, depois de muitas aventuras, obteve permissão para ser professor de Latim e de Francês em Piracicaba, em 1852, então Vila de Constituição. Aqui ele solicitou um terreno para a construção do Teatro, no Largo da Forca, cujo telheiro foi construído em 1858 por ninguém menos que Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra, o Miguelzinho. Para a época, foi homem de cultura invulgar, numa vila que, então, não tinha sequer estrada carroçável para São Paulo. Dele, pouco se sabe de sua curta permanência em Piracicaba, apesar de toda uma vida de aventuras no Brasil e em Portugal.

### Mulher piracicabana, pela óptica do Assunção

Atualmente administrado pelos padres salesianos, o Colégio Nossa Senhora d’Assunção foi fundado em 1893, pelas Irmãs de São José, sob a responsabilidade de Madre Maria Teodora Voiron. Historicamente, sabe-se que sua criação foi para fazer frente ao ensino metodista instituído por Miss Martha Watts no Colégio Piracicabano e, assim, preparar as moças piracicabanos conforme uma visão católica da época.

No começo do século XX, o ensino do Assunção se dividia em três cursos: o Primário, adaptado ao programa das escolas estaduais; o Geral, onde as moças estudavam português, francês, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história geral e do Brasil, educação moral e cívica, religião, música, solfejo, canto, desenho, trabalho manual e ginástica; e, finalmente, o Curso Especial, para as moças que quisessem aperfeiçoar-se em trabalhos manuais, pintura, música e nas línguas francesa e inglesa. Mesmo quando se afirma que a mulher, à época, era preparada “para o casamento”, o fato é que o Colégio Assunção, ainda que o fazendo, tinha um ensino mais abrangente. Universal, para a época. Mais, talvez, do que atualmente.



Fotos: Acervo Ceclio Elias Netto

### Mulheres revolucionárias

Até recentemente, Piracicaba tinha vaidade e orgulho em comemorar o “9 de Julho”, data da Revolução Constitucionalista de São Paulo, eclodida em 1932. Eram, ainda, tempos em que se preservava a memória da Cidade. E aquele movimento cívico e revolucionário tinha, em Piracicaba, motivos muito especiais para ser sempre lembrado. Foi um momento épico da história piracicabana. Duas famílias piracicabanos – os Mendes e os Diehl – partiram quase inteiras para o “front”.

E a mulher piracicabana se fez presente, na epopeia de 1932. Foram 24 mulheres piracicabanos que, na condição de enfermeiras, ofereceram-se para enfrentar a incipiente ditadura de Getúlio Vargas: Ida Bandiera, Prescília Almeida, Carlinda Barbosa, Nair Barbosa, Matilde Brasileira, Odila Souza Diehl, Dulce Ribeiro, Ana Silveira Pedreira, Rosalina Juliano, Etelvina Pedreira, Maria de Almeida Silveira, Nelly Abrahão, Mirtes Soares Arruda, Benedita Dias Barros, Augusta Braga, Júlia Calil, Maria Isabel Machado César, Lourdes Godinho, Maria José Prates, Luiza Pinto dos Santos, Ambrosina de Campos Toledo, Adelina de Toledo e Silva, Nair de Toledo e Silva e Maria Celestina Teixeira Mendes, a “Dona Mariinha”, que, além de revolucionária, transformou-se na primeira mulher historiadora de Piracicaba. Nair Barbosa, participou, por muito tempo, das lutas jornalísticas, como cronista da imprensa piracicabana.

### O sonho do petróleo em solo piracicabano

Até tempos recentes, uma das atrações turísticas em Águas de São Pedro era a “torre de petróleo”, um sonho e uma certeza que alimentaram a imaginação de homens como Monteiro Lobato e, em Piracicaba, personalidades como Mário Neme e Thales Castanho de Andrade. Para se ter uma ideia dessa quase obsessão: Getúlio Vargas pretendeu que Monteiro Lobato fosse seu Ministro da Educação, desistindo de convidá-lo, no entanto, por admitir que a obsessão de Lobato pela busca do petróleo era maior do que qualquer cargo público.

Mário Neme – no Almanaque de 1936 – escreve, discorrendo sobre as riquezas minerais de Piracicaba: “Numa antiga perfuração de pesquisas petrolíferas, perto de Charqueada, brota uma água sulfurosa semelhante à de São Pedro, e nos limites com Tietê encontram-se fontes mineralizadas e fortemente radioativas. Em diversas zonas do município, especialmente na região de Charqueada, Paraíso (Córrego da Onça) e Recreio, como também em Boa Esperança, Pau D’Alho, Serrote e Pederneiras existem fortes indícios de petróleo. É o subsolo piracicabano, considerado por técnicos de real valor como um dos mais ricos do Estado”.

Há que se lembrar de São Pedro e Charqueada terem pertencido ao município de Piracicaba, antes de se tornarem cidades autônomas. No final dos 1950, houve perfurações e pesquisas de especialista na busca do “ouro-negro”. Aliás, ainda ao tempo da própria povoação, governantes já sabiam da existência de “águas sulfurosas” na região.

## A MAIS BELA DA PROVÍNCIA (Como Prudente de Moraes via Piracicaba)

Este é o trecho inicial do histórico artigo de Prudente de Moraes sobre Piracicaba, datado de 4 de setembro de 1877, divulgado pela primeira vez no Almanaque Literário de São Paulo, de 1878, e no Almanak de Piracicaba de 1900: **“A mais bela da província”**.

*“Não é a história de Piracicaba que vamos escrever; para isso faltam-nos muitos dos elementos necessários, entre os quais a aptidão especial do historiador. Ao traçar este artigo, em linguagem singela e chã, só temos em mira reunir, nas páginas do Almanaque Literário, alguns apontamentos fornecidos pela tradição e pelos livros existentes no arquivo da municipalidade, sobre a fundação e história desta cidade, uma das mais importantes e, talvez, a mais bela da província. Este é o modesto intento que pretendemos realizar, para satisfazer ao desejo do incansável editor daquela utilíssima publicação.”*

### **“Lugar de degredo...”**

*“É bem nova a existência desta povoação; entretanto, não se pode precisar a data de sua fundação.*

*No século passado, o rio Tietê era frequentado pelas monções partidas de Porto Feliz que entretinham relações comerciais entre esta e a capitania de Mato Grosso. Refere a tradição que, no fim desse século, uma dessas monções que descia de Porto Feliz pelo Tietê, chegando à barra do Piracicaba, resolveu explorar este rio e subiu por ele até o salto, então povoado por índios, atraídos pela abundância de peixe. Feita essa exploração, os capitães-mores de Itu e Porto Feliz, entendendo ser impossível sair-se daqui a não ser por meio dessa difícil e longa viagem fluvial, aproveitaram-se dessa circunstância e começaram a degradar para cá as pessoas que por lá não lhes agradavam. Mas uma dessas vítima do despotismo, sertanejo destemido, embrenhou-se pelos matos em direção a Itu e, vencendo todos os obstáculos, conseguiu chegar ao alto denominado hoje do Samambaia, donde avistou a povoação que o degradara. Por essa direção, abriu uma picada e, por esta, o caminho que fez este lugar perder as vantagens que o tornavam apropriado para o degredo. Lugar de degredo – eis o que foi Piracicaba em seu berço, mas, também, o vasto país de que faz parte, em seus primitivos tempos, não teve melhor sorte”.*

### **THE FAIREST IN THE PROVINCE**

#### **(How Prudente de Moraes saw Piracicaba)**

*This is the opening part of the historical article written by Prudente de Moraes about Piracicaba, dated September 4, 1877 and published for the first time in the 1878 Almanaque Literário de São Paulo (Literary Almanac of São Paulo), and in the 1900 Almanak de Piracicaba: “The fairest in the province”.*

*“We are not going to write the history of Piracicaba; for such, I lack many of the required elements, among them the special aptitude of a historian. Outlining this article, in a simple and basic language, we aim only at collecting, in the pages of the Literary Almanac, some notes provided by tradition and in the books existing in the City Hall files, concerning the foundation and history of this city, one of the most important and perhaps the fairest in the Province. That is the modest intention of what we intend to accomplish, in order to satisfy the wish of the tireless publisher of that very useful publication.”*

### **“Place of banishment...”**

*“Existence of this settlement is quite recent; however, its foundation date cannot be accurately determined.*

*In the past Century, the Tietê River was frequented by the monsoons (river expeditions) sailing from Porto Feliz, due to trade relations it had with the Mato Grosso Capitania (Province). According to tradition, by the end of this Century one of those monsoons sailing downriver from Porto Feliz on the Tietê, upon arriving at the mouth of the Piracicaba, decided to explore that river and sailed upstream until the waterfall, at the time populated by Indians there attracted by an abundance of fish. That exploration done, the captains-mor (leaders) of Itu and Porto Feliz, understanding that it would be impossible to leave that place unless by way of that hard and long river trek, took advantage of that circumstance and began banishing here people who displeased them there. However, one of the victims of despotism, a fearless ‘sertanejo’, took to the woods toward Itu and overcoming all obstacles was able to reach the high ground today called Samambaia, from where he sighted the settlement that had banished him. Proceeding that way he opened a trail, thus voiding the advantage that had made the place so suitable for banishment. A place of banishment – that is what Piracicaba was in its cradle, likewise the huge country it was a part of, in its ancient times, which had no better luck”.*



## A PRINCESA ISABEL EM TERRAS CAIPIRAS

“ Uma cidade bonitinha, com ruas muito bem alinhadas, e muito bem situada numa colina, e à beira do belo rio do mesmo nome ”

### Princesa Isabel, sobre Piracicaba

Um diário da Princesa Isabel, publicado em livro, revela, ao mesmo tempo, uma imagem mais generosa da então “herdeira presuntiva do trono do Brasil” e o interesse da monarquia pelo desenvolvimento agrícola paulista. A publicação do diário da princesa mostra sensibilidades que têm sido sonegadas pela maioria dos historiadores. Nele, a Princesa narra sua viagem ao interior paulista. A viagem iniciou-se no dia 5 de novembro de 1884. Partindo da estação do Campo da Aclimação, antigo Campo de Sant’Ana, a Princesa e sua comitiva fariam a primeira parada na cidade de Lorena, no Vale do Paraíba, em São Paulo.

No dia 10, a comitiva real embarca no trem da Estrada de Ferro Sorocabana que, saindo de São Paulo, percorria 186 quilômetros até Tietê. (...) Anota os percalços da visita: “Com chuvisco, visita em vagões, por trilhos de ferro, puxados por animais para subir, descendo pelo próprio peso, troles, cavalos e a pé, também com os meninos às minas de ferro riquíssimas”. E registra sua admiração: “Basta cavar para ter grandes quantidades de ferro” (...)

A esperada visita ela a faz em Capivari, no dia 12, onde está um Engenho Central que pretende revolucionar a indústria açucareira em São Paulo, criado por Monsieur Raffard. Do engenho, nascerá a futura cidade de Rafard. Mas a Princesa Isabel não se entusiasma: “Engenho muito grande, muito boas máquinas (...) entretanto, creio o de Lorena melhor como simplificação para o trabalho”.

Em Capivari, a Princesa Isabel recebe, de Madame Raffard, “um ramo de lindas flores, digno de Paris e grande como meu chapéu de sol aberto”. Parte às duas horas e, às três, chega a Piracicaba. Nesta cidade, hospeda-se na casa do Barão de Serra Negra, Estêvão de Rezende (atual terreno de estacionamento da Câmara de Vereadores) faz visitas: “ida ao Salto (quiosque) de que gostei

muito, visita à fábrica de bordados e à fábrica de fiação do Queiroz (Luiz de Queiroz)”. E deixa registrada sua opinião sobre Piracicaba: “Uma cidade bonitinha, com ruas muito bem alinhadas, e muito bem situadas numa colina, e à beira do belo rio do mesmo nome”.

Saindo de Piracicaba às seis horas da manhã, chega a Itu “às dez e meia”. No dia 16, um domingo, descansa, assiste à missa “na capelinha da fazenda”, e, pela manhã do dia 17, embarca para o ponto final da viagem: a fazenda do Senador Vergueiro, a famosa Ibicaba, localizada na atual Limeira e fazendo divisa com Piracicaba. Ibicaba é uma das principais experiências rurais brasileiras do Império, originária da sesmaria Morro Azul. No dia 27 de novembro, a Princesa Isabel encerra sua visita aos caipiras, embarcando, em Santos, no navio “Rio de Janeiro”, retornando à Corte.

### Regentes do Império

Marcante foi, também, a participação de grandes nomes de Piracicaba durante a Monarquia brasileira. Não bastassem títulos nobiliárquicos de diversos deles, tivemos duas personalidades – poderosos senhores de terras em nosso município – com destaque e influência na regência imperial, quando da menoridade de D. Pedro II. O primeiro deles foi o Senador Nicolau de Campos Vergueiro indicado para pertencer à Regência Trina Provisória, em 1831. Poucos meses depois, foi eleita a Regência Trina Permanente (1831/35), da qual fez parte José da Costa Carvalho, o Marquês de Monte Alegre, poderoso fazendeiro, proprietário, também, das terras de Monte Alegre, em Piracicaba. José da Costa Carvalho foi, também, o criador do primeiro jornal de São Paulo, o “Farol Paulistano”, em 1837.

A Regência Una – que substituiu as anteriores – teve como regente o Padre Diogo Antônio Feijó, o Senador Feijó, que costumava hospedar-se na residência de sua irmã em Piracicaba.

### PRINCESS ISABEL ON CAIPIRA LANDS

A diary of Princess Isabel published in book form discloses, at once, a more generous image of the then “presumptive heiress of the Throne of Brazil” and the interest of the Monarchy in Paulist agricultural development. Publication of the Princess’ diary reveals a sensitiveness that has been overlooked by most historians. In her diary, the Princess recounts her journey to the Paulist countryside. The trip began November 5, 1884. Starting from the Campo da Aclimação railway station, former Campo de Sant’Ana, the Princess and her entourage did their first stop in Lorena City, in the Paraíba Valley, State of São Paulo.

On the 10th, the Royal entourage boarded a train of the Sorocaba Railway which, leaving São Paulo, covered 186 km until the Tietê. (...) She describes the mishaps of the visit: “Under drizzle, visits in wagons, on iron rails, pulled by animals when climbing, travelling downward under its own weight, trolleys, horseback and afoot, also with the boys to the very rich iron mines”. And records her admiration: “It is enough digging to find large amounts of iron” (...)

Her expected visit to Capivari took place on the 12th, to the Engenho Central (Central Sugar Factory) that intends to revolutionize the sugar industry in São Paulo, created by Monsieur Raffard. The future Rafard City was to be born from the factory. However, Princess Isabel was not enthusiastic: “Very large factory, very good machinery (...) nevertheless, I think the one in Lorena is a better one where it concerns labor simplification”.

In Capivari, Princess Isabel receive, from Madame Raffard, “a bouquet of beautiful flowers, worthy of Paris and as big as my open sunshade”. She left at 2 pm and at 3 pm arrived in Piracicaba. In that city, she stayed in the home of the Baron of Serra Negra, Estêvão de Rezende (currently the parking lot of the City Hall), and made visits: “trip to the Waterfall (kiosk) which I enjoyed very much, visit to the embroidery factory and to the textile factory of Queiroz (Luiz de Queiroz)”. And left her view on Piracicaba recorded: “A cute city, with well aligned streets and very well placed atop a hill, by the side of the like named river”.

Leaving Piracicaba at 6 am, she arrived in Itu “at half past ten”. On the 16th, a Sunday, she rested, attended Mass “in the little chapel of the farm”, and in the morning of the 17th embarked for the closing point of her trip: Senator Vergueiro’s farm, the famed Ibicaba, located where Limeira is today on the limits with Piracicaba. Ibicaba was one of the major Brazilian rural experiments of the Empire, originating from the Morro Azul Sesmaria (allotment of land). On November 27, Princess Isabel ended her visit to the caipira and, in Santos, boarded the “Rio de Janeiro” ship, returning to the court.

### Regents of the Empire

Also remarkable was the participation of great Piracicaban names during the Brazilian Monarchy. As though nobility titles of several of them were not enough, we had two personalities – powerful property owners in our municipality – with prominence and influence in the Imperial Regency during the minority of D. Pedro II. First was Senator Nicolau de Campos Vergueiro, appointed for membership in the Provisional Tripartite Regency in 1831. A few month later the Permanent Tripartite Regency was elected (1831/35), one of its members being José da Costa Carvalho, the Marquis of Monte Alegre, a powerful farmer, also owner of Monte Alegre, in Piracicaba. José da Costa Carvalho was also the founder of the first newspaper in São Paulo, the “Farol Paulistano” (Paulistan Lighthouse), in 1837.

The Unitarian Regency – which replaced the former ones – had as Regent Father Diogo Antônio Feijó, the Senator Feijó, who used to stay at the home of his sister in Piracicaba.

Foto: Acervo Cecílio Elias Netto



## Maneco, filho de Getúlio, na ESALQ

O que parece ser uma questão fortuita pode, na realidade, tratar-se de algo determinante. O “casual”, dessa maneira, nada mais é do que “causal”. A aparente casualidade acaba tornando-se a própria causalidade. Ou seja: o casual pode ser a causa. Foi o que aconteceu com a vinda, a Piracicaba, do filho de Getúlio Vargas, Manoel Antônio Sarmanho Vargas, o Maneco.

O filho do ditador era um “*bon vivant*”. Mas foi quem decidiu estudar Agronomia, dando continuidade à vocação dos Vargas, dos Sarmanho e dos Dornelles como “*rancheiros gaúchos*”. Maneco Vargas estudou na ESALQ, formando-se pela Turma de 1936, a mesma turma em que se formou João Pacheco e Chaves e outros dois piracicabanos que tiveram destaque na nossa vida pública e social: Romano Coury – irmão do empresário Alberto Coury – e Cyro Marcondes César. Outro Coury, Tufi, também amigo de Maneco Vargas, havia-se formado em 1934.

A vinda de Maneco Vargas, como estudante da ESALQ, foi determinante para a carreira política dos Pacheco e Chaves. E, nessa aparente casualidade, aconteceu toda uma causalidade. Maneco Vargas veio a Piracicaba trazido pelas mãos de um dos homens de confiança de Getúlio, Luiz Simões Lopes, chefe-de-gabinete do Ditador e, depois, responsável pela reorganização do funcionalismo público brasileiro e fundador da Fundação Getúlio Vargas, criada para preparar administradores de empresas de um novo Brasil. Foram os Pacheco e Chaves – cuja trajetória política remonta ao Império, uma das mais ricas histórias piracicabanas, ainda não devidamente contada – que acolheram Maneco Vargas, que hospedaram Luiz Simões Lopes, este, principal homem de confiança de Getúlio.

O patricarca da família era Jorge Pacheco e Chaves, o “*doutor Jorge*”, que pertencia ao Partido Democrático de São Paulo. O filho de Jorge, o nosso contemporâneo e falecido

João Pacheco e Chaves, estudou com Maneco Vargas, na ESALQ. E Maneco era convidado permanente da “*Chácara Nazareth*”, a secular propriedade da família Conceição e Pacheco e Chaves, unidas por matrimônio. Foi através da hospitalidade a Maneco Vargas que os Pacheco e Chaves, nos tempos de Getúlio, se consolidaram politicamente. Em 1943, Jorge Pacheco e Chaves – por indicação de Luiz Simões Lopes – foi nomeado Prefeito de Piracicaba. E, nos anos seguintes, o filho de Jorge, João Pacheco e Chaves, passou a ter cargos públicos, desembocando na política.

No dia 28 de novembro de 1936, a primeira dama, Darcy Sarmanho Vargas, acompanhada da filha Alzira, veio a Piracicaba para assistir à formatura de Maneco. A família presidencial hospedou-se na Chácara Nazareth, com direito a todas as manifestações de carinho da cidade.

Alguns anos depois, uma nova liderança política aconteceria em Piracicaba, a de João Pacheco e Chaves, eleito deputado federal diversas vezes, além de altos cargos na administração pública. O apoio dos Vargas fortaleceu a força e a influência políticas dos Pacheco e Chaves que, aliás, se revelaram respeitáveis homens públicos. João Pacheco e Chaves foi amigo íntimo de Ulisses Guimarães, ambos residindo no mesmo apartamento em Brasília.

Mas houve mais: Maneco Vargas – e isso foi tema de reportagem no jornal “*A Província*” – teria deixado, em Piracicaba, um filho, fruto de suas aventuras como estudante. E, há alguns anos e no século passado, na divulgação do diário secreto de Getúlio Vargas, surge outra novidade: a mulher de Luiz Simões Lopes – a socialite Aymée, nascida Sotto Mayor – teria sido a grande paixão de Getúlio, a “*bem amada*” de que ele fala em seu diário.

Maneco tomou outros rumos e, no dia 15 de janeiro de 1997, foi encontrado morto, em sua fazenda em Itaqui/RS, com um tiro de revólver calibre 38 no coração.



**MANECO, GETÚLIO'S SON, IN THE ESALQ**

*What appears to be a random issue could be, actually, something determinant. Thus, “casual” is nothing more than “causal”. Apparent casualness ends up becoming the causality. Thus, casual can be cause. That is what happened with the coming to Piracicaba of Getúlio Vargas’ son, Manoel Antônio Sarmanho Vargas, aka Maneco.*

*The son of the Dictator was a “bon vivant”. However, he decided to study Agronomy, continuing with the vocation of the Vargas, Sarmanho and Dornelles as “rancheiros gaúchos” (Gaucho farmers). Maneco Vargas studied at the ESALQ and graduated in the 1936 Class, the same Class in which graduated João Pacheco e Chaves and two other Piracicabans who achieved prominence in our public and social life: Romano Coury – brother of entrepreneur Alberto Coury – and Cyro Marcondes César. Another Coury, Tufi, also a friend of Maneco Vargas, had graduated in 1934.*

*The arrival of Maneco Vargas as an ESALQ student was determining for the political career of the Pacheco and Chaves. Out of that apparent casualness, a causality took place. Maneco Vargas came to Piracicaba brought by one of Getúlio’s trusted men, Luiz Simões Lopes, chief-of-staff of the Dictator, later responsible for reorganization of the Brazilian Public Service and founder of the Getúlio Vargas Foundation, established to prepare business administrators for a new Brazil. The Pacheco and Chaves – whose political career dates back to the Empire, one of the richest Piracicaban histories not yet properly recounted – received Maneco Vargas and hosted Luiz Simões Lopes, the most trusted by Getúlio among his men.*

*Patriarch of the family was Jorge Pacheco e Chaves, “Doctor Jorge”, who was a member of the Democratic Party of São Paulo. Jorge’s son, our fellow townsman, the late João Pacheco e Chaves, studied with Maneco Vargas at the ESALQ. Maneco was a*

*permanent guest at “Chácara Nazareth”, the century-old property of the Conceição and Pacheco e Chaves families, united by marriage. Through their hospitality towards Maneco Vargas, the Pacheco e Chaves achieved political consolidation in Getúlio’s time. In 1943, Jorge Pacheco e Chaves – on nomination by Luiz Simões Lopes – was appointed Mayor of Piracicaba. And in subsequent years Jorge’s son, João Pacheco e Chaves, held various government offices, ending up in politics.*

*On November 28, 1936, First Lady Darcy Sarmanho Vargas and her daughter Alzira came to Piracicaba to attend Maneco’s graduation. The Presidential Family stayed at Chácara Nazareth, entitled to all kinds of manifestations of affection from the city.*

*Some years later, a new political leadership emerged in Piracicaba – João Pacheco e Chaves, elected Federal Congressman several times, in addition to holding several positions in the Government. Vargas’ support strengthened the political power and influence of the Pacheco e Chaves who, incidentally, showed themselves to be respectable public men. João Pacheco e Chaves was a close friend of Ulisses Guimarães, sharing the same apartment in Brasília.*

*However, there was more: Maneco Vargas – and that was the theme of a report in the “A Província” newspaper – had left a son in Piracicaba, an outcome of his adventures as a student. And some years ago, still in the past century, upon disclosure of Getúlio Vargas’s secret diary, another news came to light: Luiz Simões Lopes’s wife – socialite Aymée, born Sotto Mayor – was Getúlio’s great passion, the “beloved one” of whom he writes in his diary.*

*Maneco took other paths and on January 15, 1997, was found dead in his farm at Itaqui, RS, with a 38-caliber revolver bullet in his heart.*

## ADOCICADA MELANCOLIA

“ Nana nenê que a cuca vem pegá ”

Cantiga Popular

Piracicaba assimilou, recolheu, criou as doçuras das chamadas “*canções de ninar*” brasileiras, quase que desaparecidas.

São acalantos que ficaram na memória de muitas gerações, deixando saudade e despertando evocações para alguns; recordando medos, para outros. Especialmente vinculadas a animais, à vida rural, essas canções são reconhecidas como riquíssima herança cultural deixada pelos negros escravos, pelas mucamas.

Pedagogos e educadores, no entanto, deram-se conta, a partir da segunda metade do século XX, que as aparentemente ingênuas cantigas de ninar, as de acalanto, de brincadeiras de roda buscavam, quase sempre, dominar as crianças pelo medo. Alguns chegaram a criar um neologismo: “*Espantoterapia*”, de fazer dormir pelo medo. Nossa pretensão, neste livro, é registrar um mínimo desse todo encantamento do mítico universo caipira.

### A “*cuca não existe*”

A polêmica se instalou e ainda não foi resolvida. Muitos estudiosos disseram ser tolice querer tratar “*cantigas de ninar*” como manifestação de poder de adultos sobre crianças. Outros, por sua vez, mostraram ser um processo educativo para que se aprendesse, desde a infância, a enfrentar os medos. E alguns simplesmente continuaram estimulando as canções, alegando que não se pode ter medo do que não existe. “*A cuca não existe*”, alegavam.

O que não se pode deixar de reconhecer, no entanto, é a melancolia instalada também na melodia infantil. O cancionero popular brasileiro é, de modo geral, triste, melancólico, muitas vezes pessimista. A música infantil não discrepou da adulta. E, nas suaves reflexões caipiracabanas, ela pontificou.

### Presença dos bichos

A origem rural das canções de ninar se manifesta pelas figuras apresentadas às crianças: a “*cuca*”, o “*bicho papão*”, “*o boi da cara preta*”. Todos “*pegam a criança*” se ela não dormir. São clássicos os versos: “*Nana nenê que a cuca vem pegá*”. E clássico, também, ameaçar o “*menino*”, que “*tem medo de careta*”, com “*o boi da cara preta*”. A invocação do “*caipora*”, do “*tutu marambá*” e do “*bicho do telhado*” dá margem, realmente, à constatação desse poder adulto sobre o universo infantil, a partir da imposição do medo.

### Cantigas de roda

Mucamas e babás continuavam a influenciar musicalmente as crianças, quando elas deixavam o quarto de dormir, já participando da vida dos adultos. Nos quintais, nas salas de jantar ou de piano, eram bichos, ainda outra vez, que elas invocavam. “*Atirar o pau no gato*” pertenceu a todas as gerações: “*E o gato-tô-tô não morreu-reu-reu; Dona Chica-ca admirou-se-se do berrô, do berrô, que o gato deu*”.

Misto de tristeza e de ligação com os animais era a canção do boi que morreu: “*O meu boi morreu/ que será de mim?! Manda buscar outro, maninho./ Lá no Piauí*”.

### Tristeza e solidão

Por outro lado, a melancolia “*das três raças: negro, índio, português*” fica expressa nas “*cantigas de roda*”, que vinham, na linha do tempo, logo após as “*cantigas de ninar*”. Marcaram muitas gerações as referências a um bosque, a anjos, à saudade. As crianças cantavam, embriam-se da melancolia sem, certamente, darem-se conta de tanta solidão e amargor dos adultos.



Hoje, as crianças (aqui representadas por Valentina Costa Branco e Beatriz Oliveira Lupo) trocaram as cantigas de rodas e brincadeiras de ruas por jogos eletrônicos e parquinhos de shoppings



Uma das mais famosas: *“Nesta rua, nesta rua tem um bosque/  
Que se chama, que se chama solidão/ Dentro dele, dentro dele  
mora um anjo/ que roubou, que roubou meu coração”*.

E o anjo respondia, sem despertar esperanças, mas revelando, também, a sua tristeza:

*“Se eu roubei, se eu roubei teu coração/ Foi porque tu  
também roubaste o meu”*.

Essas solidão e tristeza, por fim, ficaram definitivamente marcadas na cantiga que se tornou a mais célebre e popular de todas, a *“Ciranda, Cirandinha”*, que diz:

*“O anel que tu me deste/ Era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas/ Era pouco e se acabou”*.

#### **Jardins também tristes**

A melancolia brasileira se refletiu, também, até mesmo nas cantigas que faziam referência a flores e a jardins. Autores há que disseram serem *“flores e jardins amargurados”*. Como se para lembrar que os amores humanos são difíceis, que namorados brigam, a canção falava de tragédia também entre as flores:

*“O cravo brigou com a rosa/ Debaixo de uma sacada/ O cravo saiu ferido/ E a rosa despedaçada”*.

Como a ensinar que corações masculinos se ferem mais do que os femininos, a canção mostra a generosidade da rosa, diante de seu amor ferido, o cravo:

*“O cravo ficou doente/ A rosa foi visitar/ O cravo teve um desmaio/ A rosa pôs-se a chorar”*.

A história caipira de Romeu e Julieta estava contada e plantada na imaginação das crianças brasileiras e, portanto, caipiracabanas. Que, mesmo na hora da alegria, como o Carnaval, aprendiam sobre tristeza e melancolia, até entre flores, no jardim e no coração da própria jardineira. Alguém pergunta:

*“Ó, jardineira, por que estás tão triste: O que foi que te aconteceu?”*

E ela responde:

*“Foi a camélia que caiu do galho, que deu dois suspiros e, depois, morreu”*.



Foto: Marcelo Fuzetti Elias

#### **SWEETISH MELANCOLY**

*Piracicaba assimilated, collected and created the sweetness called Brazilian “lullabies”, almost forgotten nowadays. Endearments that rest in the memory of many generations, arousing longings and remembrances in some. And recalling fears in others. Mainly linked to animals, to country life, those songs are recognized as a rich cultural legacy left by Negro female slaves, the mucamas.*

*However, pedagogue and educators realized, from the second half of the 20th Century, that the apparently guileless lullabies, endearment songs, children’s songs, almost ever sought to dominate children through fear. Some went so far as to create a neologism: “Espantoterapia” (“Frighttherapy”), leading to sleep through fear. Our intention, with this book, is to record a minimum number of those enchantments of the mythical caipira universe.*

#### **The “cuca (bogeywoman) does not exist”**

*Controversy has settled in and has not been resolved yet. Many scholars say it is silly treating “lullabies” as a display of adult power over children. Other, still, showed it to be an educational process aimed at teaching children, from childhood, to face their fears. And some simply continue promoting the songs, claiming that one cannot be afraid of something that does not exist. “The cuca does not exist”, they claim.*

*However, one cannot fail to recognize the melancholy also contained in children’s music. Brazilian popular songs in general are sad, melancholic, often pessimistic. Children’s music does not differ from that of adults. And in the soft caipiracaban thoughts, it pontificated.*

#### **Presence of animals**

*The rural background of lullabies is evidenced by the personages introduced to children: the “cuca” (bogeywoman), “bicho papão” (bugbear), “boi da cara preta” (black-faced ox). All will “catch a child” who does not fall asleep. A classical verse is “Sleep baby or the cuca will get you”. Also classical is threatening a “boy afraid of grimaces” with “the black-faced ox”. Evocation of the “caipora”, “tutu marambá” and “bicho do telhado” (scary folkloric entities) indeed evidences adult power over the children’s universe through the bringing of fear.*

#### **Children’s songs**

*Mucamas and baby sitters kept on influencing children musically, after they left the sleeping rooms and participated in the lives of adults. In backyards, dining rooms or at the piano, again they evoked animals. “Throw the stick at the cat” belonged to all generations. “And the cat-at-at did not die-i-i; Mrs. Chica was surprised with the howl, with the howl the cat uttered”.*

*The song about an ox that have died was a mix of sadness and link with animals: “My ox died/ what will happen to me?/ Send for another, little brother./ From there, Piauí”.*

#### **Sadness and loneliness**

*On the other hand, the melancholy of “the three races: Negro, Indian, Portuguese” is explicit in “children’s songs”, whose timeline came soon after the “lullabies”. Many generations were marked by references to a grove, angels, longing. Children sang, soaking up melancholy, surely not noticing so much loneliness and bitterness in adults. One of the most famed:*

*“On this street, on this street there is a grove/ That is called, that is called loneliness/ Within it, within it lives an angel/ One who stole, one who stole my heart”.*

*And the angel answered, without awakening hopes, but also revealing her sadness:*

*“If I stole, if I stole your heart/ It was so because you also stole mine”.*

*That loneliness and sadness were definitively marked in the song that became the most celebrated and popular among all, “Cirandinha, Cirandinha”, that says:*

*“The ring you gave me/ Was made of glass and broke/ The love you had for me/ Was too little and is gone”.*

#### **Also sad gardens**

*Brazilian melancholy was also reflected even in songs that referred to flowers and gardens. There are authors who said “flowers and gardens are embittered”. As though to remind that human loves are difficult, that sweethearts quarrel, the song talked of tragedy also among flowers:*

*“A carnation fought with a rose/ Under a balcony/ The carnation was wounded/ And the rose all torn up”.*

*As though teaching that male hearts are hurt more often than female hearts, the song tells about the generosity of the rose toward her wounded love, the carnation:*

*“The carnation became ill/ The rose visited him/ The carnation fainted/ The rose began to cry”.*

*The caipira story of Romeo and Juliet was told and planted in the imagination of Brazilian children and, therefore, of caipiracaban children. Who, even at times of merriment such as the Carnival, learned about sadness and melancholy, even among flowers, in the Garden and within the heart of the gardener herself. Someone queries:*

*“Oh, gardener girl, why are you so sad; what happened to you?”*

*And she answers:*

*“It is because the camellia fell of the limb, sighed twice and then expired”.*

“**Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar**”  
Cantiga Popular

## Superstições e crendices do caipira paulista

Os moradores das grandes cidades talvez não saibam o que seja picumã. Os caipiras do interior sabem. Picumã são fios de teia de aranha enegrecidos pelo fogo, fios de fuligem negra, nome que se estendeu, também, à fuligem de fogões de lenha, ciscos de cana queimada, etc.

Se o homem urbano desconhece picumã, há que se imaginar o que pensaria ele diante de uma mistura de picumã com teia de aranha. Para que serve? Caipiras sabem: é um excelente remédio para curar feridas... E mais: ainda há quem sugira, às parturientes, essa estranha pomada para aplicar no umbigo dos recém-nascidos.

São superstições, crendices, benzeções que, mesmo nos tempos de uma propalada “aldeia global” e com todos os recursos das mais sofisticadas tecnologias, ainda existem entre os paulistas do interior. Em Piracicaba, apesar das grandes transformações tecnológicas, até famílias tradicionais mantêm superstições e crendices que transmitem de geração a geração.

### Da fecundação

As práticas dessas superstições, nas tradições populares paulistas, vão-se transformando, agora acrescidas das crendices de outras regiões brasileiras, fruto dos grandes surtos migratórios. No entanto, estudiosos do folclore paulista – como Amadeu Amaral e Alceu Maynard de Araújo – fizeram o registro de muitas delas. As da fecundação, por exemplo. O problema é abusar-se das fórmulas. A isso, dá-se o nome de “abusão”, que pode fazer mal ou complicar a vida de quem abusa.

O caipira diz ter remédios tanto para fecundar como para auxiliar no nascimento.

### Contra a esterilidade:

Se a mulher não tem filhos, o caipira procura uma anta macho, caça-a, arranca-lhe o órgão genital e põe o couro do dito cujo órgão para secar. Depois de seco, faz-se uma infusão desse couro e dá para a mulher estéril beber durante alguns dias;

Na véspera de São João, deixa-se um copo d’água ao relento,

no qual se deve lançar uma clara de ovo. No dia seguinte, a mulher estéril vê a figura que se formou na água e, se for de gente, sorve o líquido devagarzinho, durante três dias.

O “abusão”, nesse caso, pode ocorrer se a mulher, por exemplo, colocar na água duas claras de ovo ou ovos duplos. Pode vir a ter gêmeos.

### Gravidez e parto

Para se saber se uma mulher está grávida, os caipiras ficam atentos ao marido dela: toda vez que um homem tem dor de dente é porque a mulher está grávida. Isso é importante porque, assim, fica mais fácil prevenir quanto aos cuidados que a mulher deve passar a tomar. Por exemplo: grávida não deve olhar para pessoas com defeito físico ou mesmo para as fotografias delas. Se olharem, o filho nasce com o mesmo defeito. Não se deve, também, olhar para coelho ou lebre: o filho pode nascer com orelhas grandes ou com lábio leporino.

Num parto difícil, nada, para o caipira, é tão eficaz quanto a mulher engolir três caroços de feijão mulatinho. Ou, então, vestir a camisa do marido pelo avesso e, também, se ele tiver chapéu, usá-lo também pelo avesso. Alguns caipiras, diante de partos mais difíceis, usam outra fórmula: sentam a parturiente numa cadeira sem fundo e, sobre a barriga dela, colocam o chapéu do marido, fazendo rezas. O “abusão” pode acontecer se a reza for muito forte: daí, todas as dores passam para o marido.

Se nenhuma dessas simpatias der certo, quer dizer que a “barriga está encruada”. Nesse caso, não há outra saída senão colocar, sobre o ventre encruado, uma imagem de São Benedito.

Quanto à gravidez e partos, há que se tomar cuidado se o casal já tiver seis filhos homens, sem nenhuma menina entre eles. Corre-se o perigo de o sétimo filho, se for também homem, tornar-se lobisomem quando adulto. E se a sétima gravidez for de menina, a infeliz irá, quando adulta, transformar-se em bruxa ou numa porca grande e brava que, acompanhada de 14 leitões, ficará solta na estrada, atacando forasteiros.

### 1900: Juventude rezadeira

Em todos os tempos, a juventude tem sido inquieta. O mesmo sempre ocorreu com os jovens caipiracabanos. Até mesmo em desafio às fortes crenças católicas, eles faziam irreverências entre ingênuas e maliciosas.

Em 1900, os jovens faziam suas “orações” para casar, para se livrar da sogra, em ladainhas publicadas pela imprensa ou em folhetos. São integrantes de nossa cultura regional.



*“Santa Guiomar, eu quero me casar.*

*Santa Helena, com moça morena.*

*Santa Cecília, de boa família.*

*Santa Gabriela, que não seja tagarela.*

*Santa Matilde, que seja bem humilde.*

*Santa Rita, que seja bonita.*

*Santa Filomena, que não seja pequena.*

*Santa Inês, que fale francês.*

*Santa Rosa, que não seja muito prosa.*

*Santa Generosa, que não seja raivosa.*

*Santa Leonor, que me consagre muito amor.*

*Santa Vitória, que não conte muita história.*

*Santa Sinfrososa, que não seja preguiçosa.*

*Santa Julieta, que não me faça careta.*

*Santa Beatriz, que não tenha grande o nariz.*

*Santa Cristina, que não seja libertina.*

*São Pedro e São João, livrai-nos daquelas que estejam destinadas ao tacho de sabão.*

*São Sebastião, mártir e penitente, livrai-nos da sogra impertinente.*

*Amém.”*

### Os bebês

Nas cidades e nos hospitais, médicos e enfermeiras não dão mais importância a uma espécie de véu que muitas crianças, quando nascem, trazem na cabeça. É como se fosse uma película finíssima, da placenta da mãe. Quando nascem com “o véu”, é sinal de que serão crianças muito felizes. E, por isso, os pais devem guardar a película em lugar bem seguro, garantia de que a felicidade ficará também com eles. Essa superstição, segundo Amadeu Amaral, é muito difundida pelo mundo. Para os alemães, a película é a “touca da felicidade”. E, para os venezianos, a “camiseta”, conforme a chamam, tem poderes de talismã benéfico.

Não se esquecendo de colocar picumã e teia de aranha, para facilitar a cicatrização do umbigo, é preciso cuidado com o cordão umbilical. Ao enterrá-lo, deve-se fazê-lo cuidadosamente, para que bichos não o encontrem, servindo-se dele como comida. Se, por exemplo, um rato comer o umbigo da criancinha, o destino dela está definido: irá ser ladrão de pequenas coisas, como fazem os ratos...

### Batizado

Já que se tem tantos cuidados com a gravidez e com o parto, devem, eles, continuar também no batizado. A criança, para o caipira, sempre é frágil, precisando ser protegida com socorros daqui e do além. Sabe-se, sem que se explique o porquê, que a mãe da criança nunca deve estar presente ao batizado do filho. A resposta do caipira é sempre a mesma: “Faz mal...”

Perigoso é dar-se, à criança, o nome de um irmão falecido. Se isso acontecer, ela corre o risco de “não vingar”. Por outro lado, “é bom” dar o nome de pai, avô, padrinho, mesmo que tenham falecido. Não se sabe, também, por que.

A criança precisa chorar no batizado. É por isso que, na família, há sempre alguém que “cutuque” a criança diante da pia batismal, forçando o choro. Se não chorar, é mau presságio: a criança pode morrer no mesmo ano do batizado ou em muito breve.

Se, tendo sido batizada, a criança morre, é certo que ela vai diretamente para o céu, transformando-se em anjo. Se morrer sem batizar, ela fica “no limbo”, conforme asseguravam, também e além dos caipiras, os padres católicos até recentemente, quando o Vaticano aboliu a existência do Limbo.

### Inimigos das crianças

A preocupação com as crianças prossegue especialmente na primeira infância. Vários inimigos estão à espreita: a cuca (uma bruxa), o lobisomem, o bicho papão, o saci, gênios malfazejos.

A cuca está sempre faminta e gosta de bons vinhos, razão porque ela bebe o sangue das crianças não batizadas. Para evitar tal tragédia, as mães devem, enquanto não batizam seus bebês, deixar uma vela acesa a noite toda no quarto e, sob o leito do bebê, uma tesoura aberta em forma de cruz. Nos últimos tempos, o caipira, a essa prática, tem juntado, também, ramos de alecrim e de arruda, “*bem-feito*” de origem portuguesa.

O bicho-papão é o masculino da cuca, um bruxo feio e também faminto. Para espantá-lo, há diversas canções que devem ser entoadas pelas mães ou familiares. Além disso, o bicho-papão pode ser afastado com algumas fórmulas para desfazer o “*quebranto*” que, geralmente, dá em criança forte, gorda e bonita. Estas causam inveja aos pais que têm filhos feios e, então, começam a murchar, a definhar. Quando isso acontece, houve “*quebranto*”. Nesse caso, coloca-se uma figa no pescoço da criança.

Apesar de tantas fórmulas, superstições, crendices, benzeções e recursos ditos milagrosos, os caipiras não abrem mão da maior

#### PAULIST CAIPIRA SUPERSTITIONS AND FOLK BELIEFS

*Inhabitants of large cities perhaps do not know what picumã is. Countryside caipiras do know. Picumã are fire-blackened, spider web-like threads, strands of black soot, a name also extended to wood stove soot, specks of burnt sugar cane, etc.*

*Inasmuch as picumã is unknown to urban man, it is left to imagination what he would think about a mix of picumã with spider web. What is it good for? The caipira know: it is an excellent remedy for healing wounds... Moreover, some even suggest to women who have just had a baby to apply that strange ointment to the navel of newborn.*

*There are superstitions, folk beliefs, conjuring, that even in these vaunted “global village” times and most sophisticated technological resources, still hold out among countryside Paulist. In Piracicaba, in spite of the great technological changes, even traditional families still believe in superstitions and folk beliefs transmitted from generation to generation.*

#### On fertilization

*Superstitions in Paulist popular traditions changed over time, what with the addition of folk beliefs from other Brazilian regions, an outcome of significant migratory outbreaks. However, scholars on Paulist folklore – such as Amadeu Amaral and Alceu Maynard de Araújo – recorded many of them. For instance, those*

proteção que conhecem para as suas crianças: pedir ao Anjo da Guarda. Cada criança caipira tem o seu e toda a família reza para ele.

#### Cura pela natureza

Que se não confunda a Piracicaba dos condomínios, dos chamados “*bairros nobres*” com a Piracicaba de bairros, da periferia, do chamado “*povão*”. Esse, o “*povão*”, é a grande maioria e que conserva as raízes afro-indígenas mescladas a valores de culturas imigratórias. É uma Piracicaba encantadora, de uma população rurbana (rural e urbana) com uma filosofia de vida singular, movida pelas inovações tecnológicas mas com os pés fincados nas mais antigas tradições. É ela a dona da chamada medicina popular vinculada à generosidade da natureza. Eis algumas das incontáveis prescrições.

**Males dos rins:** abacateiro, agrião, alecrim, quebra-pedras, urtiga e muitas outras, incluindo a “poderosa lágrima-de-nossa senhora.

**Reumatismo:** arruda, canela, pau-d´alho, sassafrás, manacá, e diversas outras.

**Pulmões:** xarope de eucalipto, abacaxi, abóbora, agrião, mastruço, etc.

E, enfim, solução para todos os males. A procura desses recursos em farmácias especializadas é cada vez mais frequente pelas classes mais abonadas.

*about fertilization. The problem is to misuse the formulae. Such is called “abusão” (misuse in excess), that could hurt of complicate the life of abusers.*

*The caipira say they have remedies for both fertilizing and helping birth.*

#### Against infertility

*If a woman has no children, the caipira searches for a male tapir, hunts it down, pulls out its genital organ and puts the leather of said organ to dry. Once dry, an infusion is made with that leather and given to the barren woman to drink for several days;*

*On the eve of Saint John, a glass of water with an egg white added is left in the open. Next day, the barren women looks at the figure formed in the water and if it resembles a human figure, drinks the liquid slowly, over three days.*

*In this case, an “abusão” can take place if the woman, for example, puts two egg whites or double eggs in the water. She might have twins.*

#### Pregnancy and childbirth

*In order to know whether a woman is pregnant, the caipira pay attention to her husband; if the man has a toothache, it means his woman is pregnant. That is important because it makes it easier to warn the woman about things she must*

*be careful of. For example, a pregnant woman should never look at people with physical defects or even to photos of them. If she does, the child shall be born with the same defect. She also should not look at rabbits or hares: her child may be born with big ears or a cleft lip.*

*In case of a difficult birth, nothing is as effective to a caipira as the woman swallowing three mulatinho beans. Or, putting on her husband’s shirt inside out and also, if he wears a hat, put it on also inside out. Some caipira, in case of a hard birth, use another formula: they sit the parturient on a bottomless chair and put her husband’s hat on her belly, while saying rezas (faith healing words). An “abusão” may take place if the rezas are too strong: in that case, all pains are transferred to the husband.*

*If none of those spells work, it means that the “belly is aggravated” and there is nothing else to be done but placing an image of St. Benedict on the aggravated belly.*

*Regarding pregnancy and childbirths, care must be taken if the couple already has six boys, with no girl among them. There is a danger that the seventh child, if also a boy, turns into a werewolf when grown-up. And if the seventh pregnancy is of a girl, the unhappy one, when grown-up, shall turn into a witch or a big and ferocious sow which, followed by fourteen piglets, will roam the roads attacking strangers.*

#### The babies

*In cities and in hospitals, physicians and nurses do not attach much importance to a kind of veil that covers the heads of many children when they are born. It resembles a fine film, from their mother’s placenta. When born with the “veil”, it means that they will be very happy children. Therefore, parents should keep the film in a safe place, a guarantee that the happiness will be theirs, too. That superstition, according to Amadeu Amaral, is widespread around the world. To Germans, the film is a “happiness cap”. For Venetians, the “undershirt”, as they call it, has the powers of a beneficial talisman.*

*Not forgetting to apply picumã and spider web in order to facilitate healing of the navel, care must be exercised with the umbilical cord. When burying it, it must be done carefully to prevent animals from finding it and eating it up. For instance, if a rat eats the navel of a little child, fate is set: he or she will be a petty thief, as rats are...*

#### Baptism

*Since there is so much care with pregnancy and birth, it also must continue with baptism. To a caipira, a child is always fragile and needs to be protected, with help from here and from hereafter. It is known, although there is no explanation about the why, that a mother should never attend the baptism of her child. The caipira’s answer is always the same: “It is not good...”*

*It is dangerous giving a child the name of a deceased brother or sister. In that case, there is a danger of the child “not succeeding”. On the other hand, “it is fine” giving the name of the father, grandfather, godfather, even if deceased. Again, no one knows why.*

*A child needs to cry during the baptism. That is why a family member always “nudges” the child in front of the baptismal font, inducing crying. If the child does not cry, it is a bad omen: the child may die the same year or a short time afterwards.*

*If a child dies after being baptized, it is certain that he or she will go straight to heaven and become an angel. If dying unbaptized, the child will be retained “in limbo”; as was assured until very recently not only by the caipira, but by also by Catholic priests, prior to the abolishment of Limbo by the Vatican.*

#### Enemies of children

*Concern with children goes on in special during early childhood. Several enemies are always lurking nearby: the cuca (a witch), the werewolf, the bicho papão (bugbear), the saci (little one-legged, prankish Negro), evil geniuses.*

*The cuca is always hungry and likes good vine, reason for her drinking the blood of unbaptized children. To avoid such tragedy while their children are not baptized, mothers must leave all night long a lighted candle in the room and put a scissor open cross like under the baby’s bed. In recent times, the caipira have also added branches of rosemary and rue, the “well-done” of Portuguese origin.*

*The bicho-papão is the male version of the cuca, an ugly and also hungry warlock. To frighten it off, there are several songs that should be sung by mothers or relatives. In addition, the bicho-papão can be scared off with some formulae used to undo the “quebranto” (prostration) that sometimes takes hold of strong, plump, pretty children. They arouse envy in parents whose children are ugly, and then they begin to wither, to languish. When that happens, there was “quebranto”. In those cases, a figa (clenched fist-like amulet) is hung around the neck of the child.*

*In spite of so many formulae, superstitions, folk beliefs, faith healings and resorts said to be miraculous, the caipira do not waive the greatest protection they know of to their children: applying to the Guardian Angel. Every caipira child has his own and the whole family prays to the Angel.*

#### Healing through Nature

*Let no one confuse the Piracicaba of condominiums, the so-called “noble districts”, with the Piracicaba of districts, of periphery, of the so-called “povão” (common people). Those, the “povão”, are the vast majority and they keep their Afro-Indian roots mixed with values of immigrated cultures. It is a charming Piracicaba, with a ‘rurban’ (rural and urban) population, with a unique life philosophy moved by technological innovation, yet with feet planted in the oldest traditions. It is a user of the so-called popular medicine linked to the generosity of Nature. Hereunder are some of its countless prescriptions.*

*Kidney ailments: avocado, watercress, rosemary, quebra-pedras, nettle and many more, including the powerful lágrima-de-nossa-senhora.*

*Rheumatism: herb-of-grace, cinnamon, pau-d´alho, sassafras, manacá and several more.*

*Lungs: syrups of eucalyptus, pineapple, pumpkin, herb-of-grace, bitter cress, etc.*

*Ultimately, solutions for all ailments. Demand for such resources in specialized pharmacies is increasing among the wealthiest classes.*



“ A única virtude está no ter o que se vê;  
a felicidade está no ter o que se tem ”

Canto medieval

## MANIAS CAIPIRACICABANAS

“Caipiras são homens da mais perfeita cortesia, capazes esquecerem de si mesmos em benefício do próximo”

Antônio Cândido

Na Antiguidade, para alguns povos – em especial gregos e romanos – bárbaro era quem ou o que pertencesse a outra civilização, ou quem falasse outra língua que não a deles. Trazendo a nossos tempos, por exemplo, o piracicabano e o carioca seriam bárbaros um para outro. Bastaria, apenas, ver o uso do “erre”: para nós, “porta”; para eles, “porrrta”. Mas, atualmente, a palavra bárbaro tem o significado de cruel, de primitivo, “entre autres choses”.

### Nativos e pardais

O *caipiracabano* considera-se, a si mesmo, um “nativo”. E aquele, que chega e incomoda, é “pardal”. Ou seja, quem vem ciscar em nosso terreiro. Se não cisca e nem incomoda, passa a ser “nossa gente”. A identificação aconteceu a partir do crescimento da ESALQ e sua acolhida a tantos e tantos alunos de outras plagas. Moços vinham, “ciscavam”, casavam-se – ou, apenas, namoravam – com nossas moças, levando-as embora.

“Pardal” era o “agricolão” que, como se dizia do palhaço do circo, “era ladrão de muié”. Atualmente, basta ser aventureiro para ser “pardal”. Os que chegam e ficam ou se vão com alma *caipiracabana*, estes se tornam, alegremente, “gente nossa”. Um exemplo: o grande Vlamir Marques – o “Diabo Louro” do basquetebol – veio, ciscou, casou-se com a nossa linda Cecília e levou-a embora. Mas Piracicaba e ele continuam apaixonados entre si.

### De que família você é?

Ao conhecer ou ser apresentado a outra pessoa – que escolheu Piracicaba para viver – o piracicabano costuma fazer uma pergunta considerada incômoda ou, pelo menos, intrigante: “De que família você é?” Isso aborrece, especialmente ao início da relação. (Depois, quando já “*caipiracabanizada*”, a pessoa faz a mesma pergunta a quem está chegando).

Trata-se, porém, de equívoco. Pois, ao perguntar, nós estamos querendo familiarizarmo-nos com a pessoa recém-chegada ou recém-apresentada. O “*de que família?*” faz parte de nossa cultura de aproximação, de acolhida. Se a família do dito-cujo é conhecida, eis, então, que a acolhida é fraternal, calorosa, criando relação amistosa imediata: “Ah! Então você é parente do José, meu grande amigo”. No entanto, se for desconhecido, a relação, ainda que simpática, é mais formal. (Sincera ou hipocritamente. Aliás, não é, a hipocrisia, um dos fundamentos da civilização?).

### Como se namorava

Fica-me quase mais claro, hoje, que o namoro – na Piracicaba do passado – mais do que romântico, beirava o trágico. Desfalecia-se por amor. Morria-se de amor. Tantos eram os tabus, as restrições que namorar – em especial aos adolescentes – era uma aventura a cada dia.

Namorava-se às escondidas dos pais. Os apaixonados encontravam-se com pernas e corações trêmulos, temendo ser vistos. As muitas proibições induziam a riscos incríveis. Na maioria das vezes, porém, era uma grande farsa: os enamorados fingiam que os pais não sabiam e estes fingiam não saber. Na realidade, havia medo diante da realidade impossível de ser reprimida: a força da carne, a explosão hormonal, o domínio do sexo. Nesse fingimento todo, havia um espaço como que sagrado, onde os pais não se atreviam a ir e no qual os namorados se abrigavam: o jardim quase sombrio do grupo “*Moraes Barros*”. Namorava-se sob a proteção de árvores, do majestoso prédio que criava penumbras propícias a esconderijos. Mas como se namorava?

Havia um ritual, antes da irradiação amorosa dos chamados “*Anos Dourados*”, dos anos 1950 a meados dos 1960. Os pretendentes olhavam-se “*quadrando jardim*”. (Sempre o olhar, o olhar, “*janela da alma, espelho do mundo...*”).

“Em qualquer lugar, pardal chega, cisca e bica. Em Piracicaba, chega e cisca. Mas, se bica, fica”

Cecílio Elias Netto



Piscavam-se insinuantemente. Algum garoto leva bilhetinhos do pretendente. E, numa noite qualquer, encontravam-se, temerosos e inquietos. A garota nunca ia só, pois seria um escândalo, se o fizesse. Começavam conversando, trêmulos. Após um mês de encontros, ele tocava um dedinho da mão dela. E era a suprema alegria! Seis meses depois, o primeiro beijo. Na face! E os anjos bailavam ao desejo humano deles. Do beijo na face ao no da boca, era mais rápido. E, depois, que o mais estivesse por conta de Deus. E Deus se deliciava com o erotismo alucinado dos jovens amantes. Ah! Quase me esqueci. Se se descobrisse que a mocinha fora desvirginada, casar-se com ela – como reparação mais do que amor – era obrigatório. Questão de honra.

### Piqueniques

Não havia maior maneira de confraternização do que os piqueniques (*pic-nic*, em sua versão francesa). Eram passeios ao ar livre nos quais as pessoas levavam alimentos para o desfrute de todos. Os espaços preferidos eram os imensos gramados da ESALQ, então chamada de “*Escola Agrícola*” e as alamedas do Mirante.

Em minhas doces lembranças, tornaram-se inesquecíveis: minha família ia sempre ao Mirante, levados pelo bonde. Era um verdadeiro garrular de aves assanhadas. O ronco do Salto era melodia aos ouvidos, como que uma saudação do rio. Íamos pelas alamedas – ainda de terra – e minha mãe estendia uma grande toalha no chão onde se colocavam alimentos. Eram tortas, frangos assados, coxinhas, empadas, sucos. Os adultos sentavam-se, conversavam, comiam. Nós, crianças, corríamos por todo aquele paraíso e faltava-nos apenas asas para nos sentirmos anjos. Piqueniques eram a consagração das famílias à Mãe da Natureza.

### Ranchadas

Hábito tipicamente piracicabano, que já teve seu auge e não morreu, nem mesmo quando o rio Piracicaba finge que agoniza. São reuniões, masculinas, em ranchos de pescaria durante os finais de semana. Era na verdade uma oportunidade de se exercer a amizade e a solidariedade, no encontro entre amigos. E, também, de muita boêmia. Uma informação maliciosa: antigamente, os ranchos – durante a semana e à noite – eram seguro abrigo para encontros amorosos, muita viola, muita bebida, muita ... Eles tinham até um código de conduta, com regras detalhando detalhes: quem quebrasse algo tinha que pagar e todos tinham que trabalhar naquele “*dolce vita*” (ou “*dolce notte...*”). Até o cantor Roberto Carlos teve rancho na cidade, na sempre generosa Artêmis.



PIQUENIQUE NO RIO DAS PEDRAS, 1899, Almeida Junior

### CAIPIRACABAN MANIAS

*In Antiquity, to some peoples – in special Greek and Roman – those who belonged to another civilization or spoke languages other than their own were barbarians. Bringing that to our times, Piracicaban and Carioca would be barbarians to each other. It would be enough just hearing the use of “r”: to us “porta”, to them, “pohta”. However, currently the barbarian world has a meaning of cruel, primitive, “entre autres choses”.*

#### Native and sparrows

*Caipiracabans considers themselves “native”. And one who arrives and annoys is a “sparrow”. That is, one who comes to forage on our courtyard. If he does not forage nor annoys, he becomes one of “our people”. Such identification began after the growth of ESALQ and the coming of so many students from other places. Young men came, “foraged”, married – or just flirted with – our girls, taking them away.*

*“Sparrow” was that “agricolão” (agriculture student) who, the same as was said about a circus clown, was a “thief of women”. Currently, it is enough being an adventurer to be a “sparrow”. Those who come and stay, or leave with a caipiracaban soul, those joyfully become “our people”. An example: the great Vlamir Marques – the “Blond Devil” of Basketball – came, foraged, married our beautiful Cecilia and took her away. However, Piracicaba and he are still in love with each other.*

#### What family are you from?

*When meeting or being introduced to another person – who chose Piracicaba to live – Piracicabans use to ask an annoying, or at least an intriguing question: “What family are you from?” That annoys, in special at the beginning of a relationship. (Later, after duly “caipiracabanized”, that person asks the same to those arriving).*

*However, it is a misunderstanding. For, by asking, we are just wishing to be acquainted with the newly arrived or just introduced person. That “what family are you from?” is part of our approaching, welcoming culture. If the family of Mr. So-and-So is a known one, then the welcome is warm, fraternal, creating an immediate friendly relation: “Ah! Then you are a relative of Joseph, my great friend”. However, if the family is an unknown one, the relation, though friendly, is more formal. (Sincere or hypocritically. After all, is not hypocrisy one of the foundations of civilization?).*

#### How dating was conducted

*Today, it becomes ever clearer to me that dating, – in past times Piracicaba – more than romantic, bordered on tragic. People fainted for love. Died of love. So many were the taboos, the restrictions for dating – in special to teenagers – that it was an everyday adventure.*

*One dated hiding from parents. Those in love met with shaking legs and hearts, fearing to be seen. The numerous prohibitions incited to incredible risks. However, most of the time it was a big farce; those in love pretended their parents did not know and those pretended not to know. In fact, there was fear in face of a reality*

*that was impossible to curb: the power of flesh, the hormonal explosion, the domain of sex. In all that pretending, there was an almost sacred space where parents did not dare to go and where lovers took shelter: the almost-somber gardens of the “Moraes Barros” School. People dated under the protection of trees, of the majestic building that created penumbras providing hiding places. However, how people dated?*

*There was a ritual prior to the love irradiation in the so-called “Golden Years”, the fifties until middle sixties. The suitors exchanged gazes “squaring gardens”. (Always gazes, the gaze, “window of the soul, mirror of the world...”).*

*Eyes blinked insinuatingly. Some kid delivered a short note from the suitor. And one evening they met, fearful and restless. The girl never went alone, as it would be a scandal if she did so. They began talking, trembling. After one month of meetings, he touched a finger of one of her hands. Supreme joy! Six month later, a first kiss. On the face! The Angels danced at the human desire of the youngsters. From face-kissing the mouth-kissing, things went faster. Afterwards, let everything be in the hands of God. And God was elated with the hallucinate eroticism of the young lovers. Ah! I almost forgot. If it was found out that the young girl has lost her virginity, marrying her – more as a reparation than out of love – was mandatory. A matter of honor.*

#### Picnics

*There was no better way of socializing than picnics (pic-nics in the French version). Picnics were outdoor strolls where people carried food for all to enjoy. Favorite spaces were the immense lawns of the ESALQ, then called “Agricultural School” and the avenues at the Mirante (Belvedere).*

*In my sweet remembrances, they became unforgettable: my family always went to the Mirante, taken by the streetcar. It was like the chattering of excited birds. The roar of the Salto (Waterfall) was like a melody to the ears, like a greeting from the river. We walked along the avenues – still unpaved – and my mother laid out a big towel on the ground where the food was placed. Pies, roast chicken, various pastries, fruit juices. The adults set down, talked, ate. We, the children, ran about in that Paradise and only lacked wings to feel like Angels. Picnics were the consecration of families to Mother Nature.*

#### Ranchadas (Happening in ranches)

*A typically Piracicaban costume that already had its heydays but did not die, even as the Piracicaba River pretends to be dying. Meetings, male, in fishing ranches on the weekends. Actually, it was an opportunity for pursuing friendship and solidarity in meetings with friends. As well as much dissipation. A mischievous piece of information: in the past, the ranches – during the week and at night – were safe havens for the meeting of lovers, much guitar playing, much drinking, much ... There was even a code of conduct, with rules detailing details: anyone breaking anything had to pay for it and all had to spend work in that “dolce vita” (or “dolce notte...”). Even singer Roberto Carlos had a ranch in the city, at ever-generous Artêmis.*

## “Amada Amante” nasceu em Artêmis

“Esse amor sem preconceito/ sem saber o que é direito/ faz as suas próprias leis”

Roberto Carlos, cantor

Foi em 1966 que aconteceu a primeira visita de Roberto Carlos a Piracicaba. Em promoção da antiga Rádio A Voz Agrícola do Brasil, ele se apresentou num palanque colocado no Largo da Catedral. Piracicaba literalmente parou para ver o então “Rei da Jovem Guarda”. O delírio da juventude contagiou a todos e extrapolou para os mais velhos. O tráfego de veículo na área central paralisou-se. O nosso sempre companheiro, Roberto Antônio Cera, o Cerinha, filmou em precário Super-8 aquele show que se tornaria histórico.

Sem jamais imaginar que ídolo latino-americano iria tornar-se aquele jovem cabeludo de andar claudicante, fui convidado a jantar com ele na residência da vereadora Maria Benedita Penezzi, a Ditinha, que o hospedou. Fui, confesso-o, a contragosto pois, para mim – naqueles primeiros anos de ditadura militar – a “Jovem Guarda” representava o “ópio da juventude”. Já aconteciam os monumentais “Festivais da Record” (de música popular brasileira) que, naquele ano, revelavam novos astros, como Chico Buarque, Geraldo Vandré (suas músicas, “A Banda” e “Disparada”, incendiaram o país de entusiasmo), com os quais tentávamos gritar alguma forma de protesto.

Ditinha convidara-me – como jovem diretor de a “Folha de Piracicaba” – à espera, eu o sabia, de dar-lhe destaque como privilegiada anfitriã do Rei. Minha lembrança não é agradável. Lá estava, eu, ao lado de um moço completamente ausente de tudo, ainda suando abundantemente, indiferente a nós que estávamos à mesa. Roberto Carlos era um jovem como que ausente do mundo, nunca soube se ainda extasiado pelo sucesso de sua apresentação, se contagiado pela explosão

popular, se por algo artificial. Não me recordo de uma só palavra dele. Mas lá estivera, eu, com o Rei Roberto Carlos no seu primeiro jantar familiar em Piracicaba!

Em 1978, Roberto Carlos voltou a apresentar-se para os piracicabanos. Seu reinado como “Rei da Jovem Guarda” acabara, mas ele se tornara verdadeiro Rei das emoções do povo brasileiro, majestade do cancionista popular brasileiro, da mesma maneira como Pelé é, ainda e também, o Rei do Futebol. O acontecimento, também espetacular, ocorreu no C.C.R. Cristóvão Colombo.

### Na fascinante Artêmis

Lá era o Porto João Alfredo, por onde D. Pedro II (no Limoeiro) passou de barco a vapor. O nome João Alfredo foi homenagem a governante paulista que inaugurou a ferrovia até aquele porto. Muitos anos depois, tornou-se Artêmis – referência à deusa silvestre, dada a exuberância do lugar. João Chiarini insistiu para que se alterasse a pronúncia, para Ártemis, considerando a grafia correta (Artêmis e Ártemis existem). E foi onde Roberto Carlos, fascinado – por sempre ser hóspede de seus amigos Heribaldo e Ester Zardetto de Toledo, Armando e Norma Dedini – quis adquirir um rancho vizinho deles. E lá plantou sua morada como paradisíaco refúgio onde pudesse amar, compor, meditar.

Casado com Nice, ambos formaram verdadeiro casal de pombos, reclusos, recebendo apenas poucos amigos, mas promovendo festas que se tornariam uma das maiores curiosidades da região **caipiracicabana**. Era a “Casa do Rei”, Piracicaba orgulhava-se de proclamar. E nossa terra foi seu reinado, como se toda uma cidade se transformasse numa feliz comunidade de vaidosos vassalos.

### AMADA AMANTE

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

*Esse amor demais antigo  
Amor demais amigo  
Que de tanto amor viveu  
Que manteve acesa a chama  
Da verdade de quem ama  
Antes e depois do amor*

*E você, amada, amante  
Faz da vida um instante  
Ser demais para nós dois*

*Esse amor sem preconceito  
Sem saber o que é direito  
Faz as suas próprias leis*

*Que flutua no meu leito  
Que explode no meu peito  
E supera o que já fez*

*Nesse mundo desamante  
Só você, amada, amante  
Faz o mundo de nós dois*

*Amada, amante  
Amada, amante  
Amada, amada, amante  
Amada, amada, amante*



### “Amada, Amante...”

Uma das mais belas canções brasileiras – entre as preferidas de todo o povo – é “Amada Amante”.

Roberto Carlos a compôs – enlevado pelo seu vívido amor, vivido na lua-de-mel *caipiracabana* – na maviosa Artêmis. Nela, ele transborda de sensualidade, transuda todo um erotismo sem amarras ou preconceitos. Ele próprio diz ser uma de suas criações preferidas, inspirada em sua amada Nice: “*Esta é especial para a Nicinha. A letra nasceu numa noite, quando eu estava deitado, tranquilamente, na cama. É também uma homenagem à esposa amante que sabe amar e entender um homem. Com essa canção acho que consegui mostrar exatamente tudo o que sinto pela minha mulher. Nice é uma companheira sensacional. A música é do Erasmo*”, declarou Roberto, na época.

Lançada em 1971, ela foi composta no momento em que Roberto Carlos vivia dificuldades para conseguir oficializar seu casamento. Num tempo marcado por guerras, guerrilhas e violência urbana, Roberto Carlos não se conformava com o fato de não poder oficializar o amor que sentia por sua amada mulher, a Nice.

Nossa Artêmis foi berço, sacrário, leito, convento, capela de um amor que produziu um das mais belas e apaixonadas músicas de nosso cancionista.

### Primeiros “amantes oficiais” de Piracicaba

Que houve amantes e adultérios em todos os lugares do mundo e em todos os tempos da história, não há que se comentar. No entanto, quando é a história que, oficialmente, registra os grandes casos de amor, a realidade é outra, até mesmo para se reelaborar os acontecimentos.

Os primeiros “*amantes oficiais*”, chamemo-los assim, de Piracicaba, foram a viúva Maria Flor de Moraes e o sargento mor Carlos Bartolomeu de Arruda. Ele era encrenqueiro e um dos maiores proprietários de terra da então freguesia de Santo Antônio de Piracicaba, ancestral de família de notáveis, entre os quais Carlos de Arruda Botelho, o Carlos Botelho de tanta influência política em São Paulo.

A viúva era conhecida, também, como Ana Flor de Moraes, Flora ou Maria Flor. Nos anais da cidade, a história está lá: casado, Carlos Bartolomeu se apaixonou por Maria Flor, tornaram-se amantes, a freguesia se escandalizou, os pombinhos foram denunciados por escândalo público. Maria Flor foi estigmatizada, punida, desterrada, mas continuou amando Carlos Bartolomeu. Até que, por ordem do capitão-general da Capitania de São Paulo, Antônio José da Franca e Horta, veio a ordem para o capitão comandante da freguesia de Piracicaba, Francisco Franco da Rocha: “*Ordeno a V. Mercê, em recebendo esta, lhe mande intimar da minha parte que, como ela (Maria Flor de Moraes) continua no seu antigo e escandaloso concubinato, não obstante o Despacho que lhe dei para não voltar para essa Freguesia, haja de sair dela no termo de três dias, o que V. Mercê assim fará executar*”.

Ainda que envolta em mistérios, Ana Flor, a Maria Flor, deve ter sido uma mulher piedosa. Pois, no leito de morte, no dia 22 de outubro de 1827, ela fez seu testamento em que estabeleceu: “*Declaro que deixo hua dobla (uma dobra) para as obras da Matriz nova do nosso Padroeiro, o Senhor Santo Antônio, e o meu testamenteiro entregará a dita quantia ao Procurador da mesma obra quando se principiar a dita matriz*”. Concubina, mas parceira na construção da igreja.

Foram os primeiros amantes a constar dos anais de Piracicaba. E as primeiras vítimas de um moralismo que parece não ter fim.

### “AMADA AMANTE” (BELOVED LOVER) WAS BORN IN ARTEMIS

*The first visit of Roberto Carlos to Piracicaba was in 1966. In an event promoted by the old A Voz Agrícola do Brasil Radio, he performed on an open platform set up on the Cathedral Square. Piracicaba literally stopped to see the then “King of the Young Guard”. The delirium of the youth gripped everyone and spilled over to the elder. Car traffic in the downtown area came to a standstill. Our forever mate Roberto Antônio Cera, aka Cerinha, recorded that show, destined to become historical, with a precarious Super-8.*

*Without any inkling of what a Latin-American idol that longhaired, limping youth would become, I was invited to a dinner with him at the home of city councilor Maria Benedita Penezzi, aka Ditinha, where he was staying. I confess, I went somewhat unwillingly, as for me – in those opening years of military dictatorship – the “Young Guard” represented the “opium of youth”. The monumental “Record Festivals” (for Brazilian popular music) were already in full swing and that year they disclosed new stars such as Chico Buarque and Geraldo Vandré (their songs “A Banda” and “Disparada”, set the country afire with excitement), with whom we tried to shout some way of protesting.*

*Ditinha had invited me – the young head of the “A Folha de Piracicaba” – expecting me, as well I knew, to highlight her as a privileged hostess of the King. My recollection is not a nice one. There I sat, by the side of a young man utterly alienated to everything, still sweating profusely and indifferent to us sitting at the table. Roberto Carlos was a young man acting as though he was out of this world. I never learned whether still ecstatic for the success of his performance, infected by the popular explosion or under the effect of something artificial. I cannot recall any word of his. However, I had been there, with the King Roberto Carlos, at his first family dinner in Piracicaba!*

*In 1978, Roberto Carlos again performed for Piracicabans. His reign as the “King of the Young Guard” was over, but he had become a true King of Brazilian people’s emotions, the majesty of Brazilian popular singing, the same way Pelé is, still and also, the King of Football. The event, also a spectacular one, took place at C.C.R. Cristóvão Colombo.*

### At fascinating Artemis

*It was the João Alfredo Port, where D. Pedro II (in Limoeiro) arrived aboard a steamboat. The name João Alfredo was a tribute to the Paulist governor who inaugurated the railway up to that port. Many years later, it became Artêmis – a reference to the goddess of woods, due to the exuberance of the place. João Chiarini insisted that the pronunciation changed to Ártemis, considering the correct spelling (both Artêmis e Ártemis exist). It was there that a fascinated Roberto Carlos – a constant guest at his friends Heribaldo (Ester) Zardetto de Toledo, Armando and Norma Dedini – wanted to purchase a ranch to be their neighbor. There he set up his dwelling as a paradisiacal refuge where he could love, compose, meditate.*

*Married to Nice, they made up a true couple of pigeons, secluded, receiving but few friends, holding parties that became one of the greatest curiosities of the caipiracaban region. It was the “Home of the King”, Piracicaba proudly heralded. And our land was his kingdom, as though a whole city had turned into a happy community of vain vassals.*

### “Amada, Amante...” (Beloved, Lover...)

*One of the most beautiful Brazilian songs – among those preferred by all people – is “Amada Amante”.*

*Roberto Carlos composed it – entranced by his ardent love, experienced in his caipiracaban honeymoon – at melodious Artêmis. In that song he exudes sensuality, overflows an eroticism with no bonds or prejudices. He says it himself, it is one of his favorite creations, inspired by his beloved Nice: “This one is special for Nicinha. The lyrics was born one night when I was laying, sedately, in bed. It is also a tribute to a loving wife who knows how to love and understand a man. With that song, I think I succeeded in showing exactly all I feel towards my woman. Nice is a sensational partner. The melody is Erasmo’s”, Roberto said at the time.*

*Released in 1971, it was composed at a time Roberto Carlos was facing difficulties to make his marriage official. At a time marked by wars, guerillas and urban violence, Roberto Carlos could not accept the fact that he was unable to make official the love he felt for his beloved woman, Nice.*

*Our Artêmis was cradle, sanctuary, bed, convent, chapel for a love that produced one of the most beautiful and passionate songs of our singer.*

### First “official lovers” in Piracicaba

*That everywhere in the world and in all times there were lovers and adultery, is beyond dispute. Nevertheless, when History officially records great love affairs, it is a different reality, even for reviewing the happenings.*

*The first “official lovers”, let us call them that, in Piracicaba, were the widow Maria Flor de Moraes and Sargent-major Carlos Bartolomeu de Arruda. He was a troublemaker as well as one of the major landowners in the then Santo Antônio de Piracicaba Parish, forebear of outstanding families, one of them that of Carlos de Arruda Botelho, the Carlos Botelho so influent in São Paulo politics.*

*The widow also was known as Ana Flor de Moraes, Flora or Maria Flor. The story is recorded in the city annals: a married man, Carlos Bartolomeu fell in love with Maria Flor; they became lovers, the Parish was scandalized and the lovebirds were denounced for public scandal. Maria Flor was stigmatized, punished, banished, but kept on loving Carlos Bartolomeu. Until, by order of the Captain-general of São Paulo Province, Antônio José da Franca e Horta, an order was issued to the Captain commanding the Piracicaba Parish, Francisco Franco da Rocha: “I order You, upon receipt of this letter, to summon her (Maria Flor de Moraes) on my behalf, inasmuch as she proceeds with her old and scandalous concubinage, notwithstanding the Order I gave her not to return to this Parish, to leave within a three-day term, under Your supervision”.*

*Even though shrouded in mystery, Ana Flor, or Maria Flor, must have been a pious woman. For in her death bed, on October 22, 1827, she made her will establishing: “I state that I assign ‘hua dobla’ (one doubloon) for the construction work of the new Main Church of our Patron, the Lord Saint Antony, and my executor shall deliver said sum to the Proxy of the works when the construction of said Main Church is began”. Concubine, but a partner in the construction of the church.*

*They were the first lovers to be recorded in the annals of Piracicaba. And the first victims of a moralism that seems to have no end.*

“ E você amada amante/ faz da vida um instante/ ser demais para nós dois...”

Roberto Carlos, cantor

## Memória Caipiracicabana

### Krähenbühl, a indústria mais antiga do Estado

A família Krähenbühl, descendente de suíços-alemães, ainda mantém grandes atividades em Piracicaba. E, pelos Krähenbühl, passa a história industrial de nossa cidade. Segundo o Almanaque de Piracicaba de 1955, as Oficinas Krähenbühl foram a primeira oficina metalúrgica do Estado de São Paulo, ainda no século XIX. A constatação foi feita pelo jornal “Diário de São Paulo”, numa resenha da evolução industrial paulista, em edição de 18 de fevereiro daquele ano.



Foto: Acervo Cecílio Elias Netto

Na realidade, já em 1870, as Oficinas Krähenbühl tinham 40 operários, funcionando, às margens do rio Corumbataí, a oficina a vapor de Pedro Krähenbühl. Em 1900, a imprensa piracicabana é pródiga em anúncios da atividade de João Krähenbühl e Irmão: fábrica de fogões, de arados, ferraria, serralheria, fundição de cobre; madeiraria, serraria, carpintaria; importação de “machinismos para a lavoura e indústria”; construção de tróleis e tilburis.



Foto: Secretaria de Turismo/SP

### Ibirapuera é idealizado por um piracicabano

Os jardins do Parque Ibirapuera, em São Paulo, são de autoria de Burle Marx, projeto de Oscar Niemeyer. Mas foi o piracicabano Octávio Augusto Teixeira Mendes, de tradicional família de nossa cidade, quem fez o primeiro planejamento daqueles jardins. Octávio Augusto é o grande injustiçado, esquecido tanto pelos piracicabanos como pelos construtores do Parque Ibirapuera.

O Monumento às Bandeiras, obra do italiano Victor Brecheret, que integra o complexo do Parque Ibirapuera, também contou com a participação de um artista com forte ligação a Piracicaba. Entre os quatro escultores selecionados por Brecheret para auxiliá-lo na execução do monumento, estava Ernesto Portante, que mais tarde instalaria seu ateliê em Piracicaba, no Lar dos Velhinhos, onde residiu até o dia de sua morte.

### O caixão caiu e ficou

Uma das mais caras e acalentadas – e, também, narradas – lendas de Piracicaba é a que se refere ao túmulo do Padre Galvão, no Cemitério da Saudade. Repetimo-la nessa nossa colheita de doçuras para não ficar à parte dessa bandeja de doces da história.

Vigário da Cidade até o ano de 1898, o padre Galvão Paes de Barros foi, a seu tempo, uma das personalidades mais influentes e queridas de Piracicaba, temido por políticos e amado pelo povo. Quando faleceu, seu corpo foi conduzido por grande multidão ao Cemitério da Saudade. E seu túmulo, construído conforme o traçado do local, naquela época.

Aconteceu, no entanto, que, ao se reformar o Cemitério, muitos túmulos foram retirados de seus lugares, remexidos. O do Padre Galvão, porém, permaneceu onde se encontrava, em respeito à sua história. Intocado, fugiu aos novos enquadramentos de túmulos e de sepulturas. Mas a imaginação popular criou a lenda. Passou, o povo, a contar que o túmulo não saía do lugar porque, no dia em que o padre ia ser enterrado, o caixão caiu exatamente no lugar onde ainda se encontra e não houve força humana capaz de erguê-lo para lhe dar sepultamento em outro terreno. A partir da invenção, o túmulo do Padre Galvão se tornou lugar de romaria e de orações, uma lenda piracicabana.



Foto: Marcelo Fuzeti Elias

### O encanto de Bidu Sayão

A década de 20 e 30 foi, em Piracicaba, de grande atividade artística e cultural. O Teatro Santo Estevam, a Sociedade de Cultura Artística, o surgimento do Teatro São José, as récitas no Cine Politeama, o advento do cinema falado...

A crônica da época conta dessa atividade que, semanalmente, agitava a cidade. A cantora lírica Bidu Sayão – que se tornaria patrimônio cultural brasileiro, com familiares piracicabanos – esteve apresentando-se em Piracicaba em 1930.



Foto: Acervo Cecílio Elias Netto

### Giocondo e bares amoráveis

Na Praça José Bonifácio, existia o Restaurante Giocondo, um dos locais – juntamente com a “Brasserie” – que mais assistiu a acontecimentos políticos e sociais. O Giocondo pertencia à família Bandiera, criado por Alfredo Bandiera, antiga proprietário do Bar Commercial, onde se construiu o primeiro edifício vertical de Piracicaba, o “Georgeta Brasil”. Para evitar confusões, o Giocondo divulgava-se como um “bar e restaurante familiar”, ocultando a boêmia que, ao longo das noites piracicabanas, o velho e romântico restaurante recolhia. A especialidade do Giocondo: “bebidas e comidas, quentes e frias, especialmente bifes”.

Nos anos 60, a família Bandiera vendeu o restaurante, que passou a ser propriedade de um líder da colônia japonesa, Oscar. O nome passou a ser “Restaurante Alvorada”. Com a verdadeira morte do “velho centro” piracicabano, o bar também morreu, surgindo em seu lugar o Unibanco. Morreram, também, quase ao mesmo tempo, entre outros: a “Leiteria Brasileira”, no térreo do Clube Coronel Barbosa; “A Baiana”, no mesmo andar térreo, ao lado do Teatro São José; o bar do Tanaka, em frente ao Teatro São José; a “Nova Aurora”, de propriedade de João Cardinalli, um ponto chique, onde está o Bradesco; a confeitaria do Passarella, onde está o Banco Itaú; o “Café Imperial”, depois Dakota, onde se plantou o Banco Sudameris. Nos bairros e mesmo na área central, a mudança dos tempos também alterou a sentimental doçura boêmia *caipiracicabana*.

### José de Alencar escreve romance em Monte Alegre

Em Monte Alegre, José de Alencar – considerado o fundador do romance brasileiro – se inspira para escrever o romance “Til”, cujo nome é o sinal gráfico (~) que o serpentear do rio Piracicaba parece desenhar. A obra foi publicada em 1872 e cita a casa de Monte Alegre, onde se hospedou a convite de Antônio da Costa Pinto e Silva (Conselheiro Costa Pinto), e de outra, na rua São José, que deu lugar ao teatro do mesmo nome e que era residência do conselheiro. A ação se desenrola na zona rural de Piracicaba e Santa Bárbara d’Oeste.

Na chamada dinastia açucareira, Antônio Costa Pinto e Silva foi um dos personagens centrais. Dono de muitas terras em Piracicaba, ele foi presidente (governador) da Paraíba do Norte, da província do Rio Grande do Sul, de São Paulo, do Rio de Janeiro. Foi casado com d. Maria Nazareth de Souza Queiroz e, em segundas núpcias, com a viúva do Marquês de Monte Alegre, d. Maria Isabel de Souza Alvim. Morou em Piracicaba, foi dono do Engenho de Monte Alegre onde hospedou o escritor José de Alencar e o barão de Tschudi. Para Alencar, a casa de Costa Pinto era “uma relíquia histórica”.

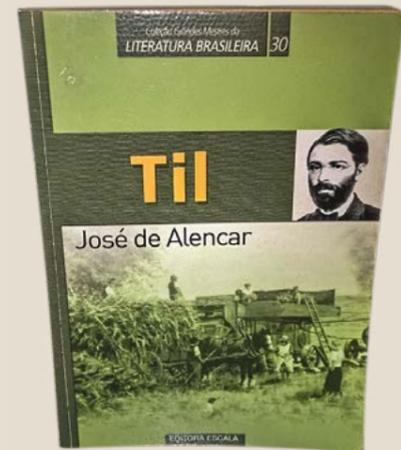


Foto: Acervo Cecílio Elias Netto

### A biblioteca pioneira

Não poderia ter sido de outra maneira: uma cidade e um povo apaixonados por artes e cultura haveriam de ser, também, pioneiros na criação de uma biblioteca pública municipal. Desde o século 19, Piracicaba tinha os chamados gabinetes de leitura, alguns deles ligados às escolas. Foi, porém, inaugurada em 31 de maio de 1939, por Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, prefeito então nomeado pelo interventor (governador) Adhemar de Barros. Instalou-se, primeiramente, na antiga sala de sessões da Câmara Municipal e, depois e por muitos anos, nos altos do Theatro Santo Estevam, também demolido. Seu primeiro bibliotecário – que nesse cargo permaneceu por décadas – foi o escritor e historiador Leandro Guerrini.

Inicialmente denominada “Biblioteca Adhemar de Barros”, passou a chamar-se “Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”. Na primeira década do atual século, o XXI, foi rica e especialmente construída em terreno nas proximidades do Hotel Beira-Rio. O projeto inicial propunha, junto à biblioteca, criar-se o Memorial de Prudente de Moraes, em movimento que contou com o apoio de reitores de universidades, da secretaria e ministério da educação. Infelizmente, o projeto não teve continuidade.

Foto: Divulgação



### Bisavô de Chico Buarque nasceu em Piracicaba

Quando ministra da Cultura, Anna de Hollanda – irmã de Chico Buarque de Hollanda – veio a Piracicaba algumas vezes. E, a artistas *caipiracicabanos*, revelou o que poucos, ou quase ninguém, sabiam: o bisavô deles nasceu em Piracicaba, em 23 de setembro de 1865. Trata-se, por parte materna, de figura ilustre: o político e homem público Álvaro Augusto da Costa Carvalho, sobrinho do Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho Júnior.

O Marquês de Monte Alegre foi uma das mais poderosas personalidades do Brasil Monárquico, sendo um dos três regentes do Império no chamado e eficiente gabinete Olinda-Monte Alegre, da Monarquia. Foi ele, também, o fundador de uma tipografia em São Paulo, lançando o primeiro jornal paulista, “O Farol”.

O bisavô de Chico, Álvaro Augusto, era filho de Eulálio da Costa Carvalho, médico piracicabano que foi presidente da Câmara Municipal, em 1869. Por cessão de seu tio, o Marquês, o Dr. Eulálio foi o primeiro oficial do 1º Cartório de Registro de Hipotecas de São Paulo. Famoso e querido à sua época, é nome de rua em Piracicaba, a Rua Dr. Eulálio, no antigo Areão.

## Memória Caipiracicabana

### Paulo Gracindo e peça de Leandro Guerrini

Leandro Guerrini foi um dos principais intelectuais piracicabanos do século XX. Autodidata, notabilizou-se como músico, poeta, teatrólogo, percorrendo as mais diversas áreas culturais. Com sua esposa, Jaçanã Altair, formou o mais ativo casal de intelectuais piracicabanos.

Foram muitas as peças de teatro de autoria de Leandro Guerrini, um dos pioneiros, também, na novela radiofônica. Para se ter uma ideia da dimensão de Leandro Guerrini como autor, há que se lembrar que, em 1943, uma de suas peças, “Príncipe Encantado”, foi radiofonizada pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro, então PRG-3, tendo como intérprete nada menos do que Paulo Gracindo, que se tornaria um dos maiores atores brasileiros de todos os tempos (fez sucesso na Rádio Nacional, apresentando o programa Paulo Gracindo, e estourou com a radionovela O Direito de Nascer. Seus personagens mais marcantes foram o Primo Rico, do humorístico Balança Mas Não Cai, e Odorico Paraguaçu, da novela O Bem Amado). Na peça radiofônica escrita por Guerrini, Paulo Gracindo fez o personagem “Augusto”.

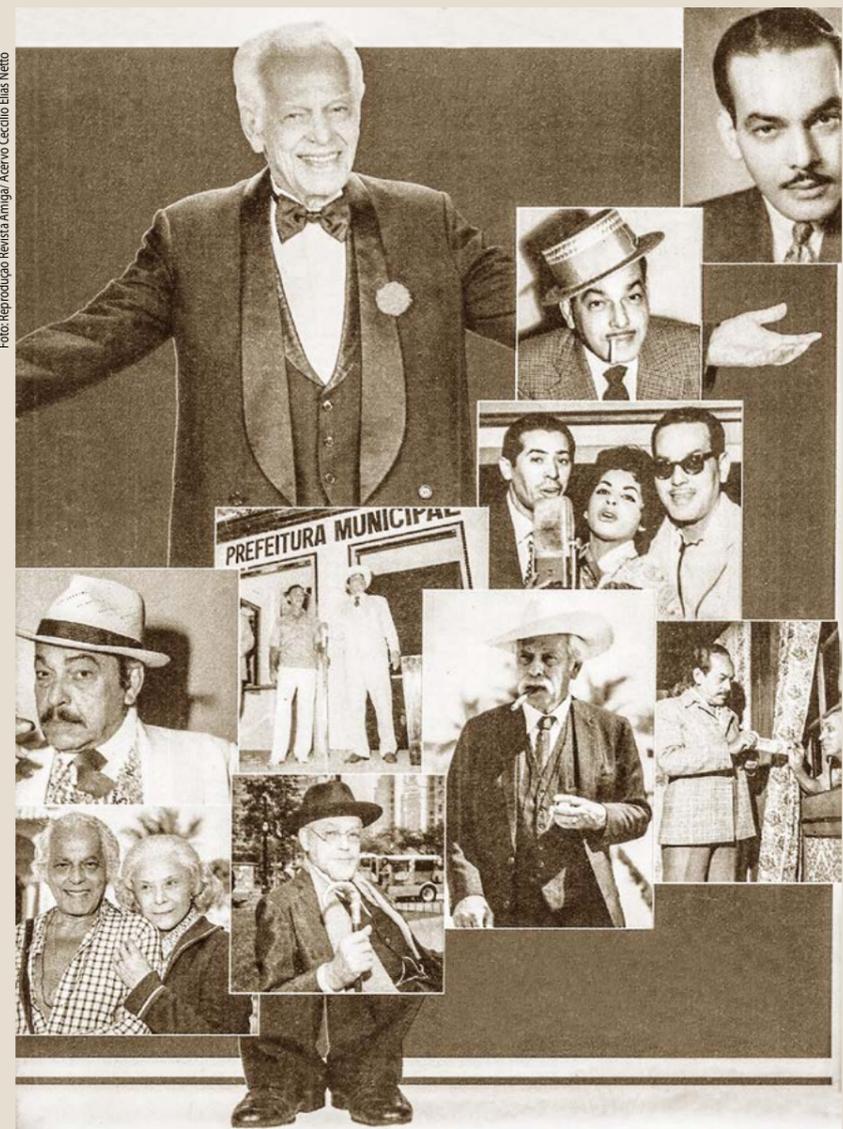


Foto: Reprodução Revista Amiga/ Acervo Cecílio Elias Netto

### Um piracicabano na Academia Parisiense de Inventores

Um dos pais da indústria piracicabana – e, portanto, de São Paulo, já que Piracicaba foi a cidade pioneira na industrialização – foi Evaristo Conrado Engelberg, que acabou inventando e produzindo máquinas que levaram o seu nome, as “máquinas Engelberg”. A primeira de suas invenções foi uma máquina de descarregar café e algodão, que ficou célebre na época.

No ano de 1890 – com informação que circulou no dia 6 de agosto – o piracicabano Evaristo Conrado Engelberg foi nomeado membro correspondente da Academia Parisiense de Inventores, recebendo uma medalha de ouro por seus inventos. O curioso é que, há mais de 100 anos, as relações de Piracicaba com a França eram mais constantes do que neste século, a não ser, obviamente, com os turistas. Na histórica Exposição de Paris de 1900 – para a qual foi construída a Torre Eiffel – os Engelberg participaram com produtos piracicabanos.

### Academia Paulista de Letras

Filho de Brasília Machado Neto – promotor, intelectual, autor do poema do primeiro centenário de Piracicaba (1867), criando o epíteto “Noiva da Colina” – José de Alcântara Machado foi jurista, professor, político, literato. Tornou-se famoso escritor, sendo um dos criadores da Academia Paulista de Letras, da qual seu pai, Brasília, também fez parte, ocupando a cadeira nº 1 e sendo seu presidente. José sucedeu ao pai na cadeira e na presidência da APL, criando a sede própria da academia no Largo do Arouche, onde ainda se encontra até hoje.

Alcântara Machado – como se tornou conhecido – nasceu em Piracicaba, em 1875, tendo brilhante carreira profissional e política, sendo de sua autoria o primeiro projeto do Código Penal Brasileiro, de 1940. Foi eleito, também, para a Academia Brasileira de Letras, sendo famosa a frase de seu discurso: “Paulista, eu o sou há 400 anos!”

### O berço dos Curiós

Piracicaba foi o berço da criação de curiós em cativeiro desde que Durval de Moreira Salles, em 1945, tomou a iniciativa de preservar a espécie, que estava em extinção. Os curiós piracicabanos passaram, então, a participar de torneios de canto em outras cidades. Ficaram famosos, também, pelo estilo “Praia Grande”, que era adotado como oficial nesses certames. Muitas pessoas – incluindo as chamadas “personalidades” – vinham a Piracicaba para adquirir curiós, que passavam por rigorosa seleção em seu canto diferenciado. O jogador de futebol Rivelino foi um dos maiores frequentadores das casas de criadores de curiós.

### O fim da linha

As rodovias estaduais não chegavam a Piracicaba, a revolucionária Anhanguera sendo construída próxima a Campinas. Éramos, pois, um “fim de linha”, sim. Mas foi isso que contribuiu para Piracicaba erigir uma cultura caipira própria – a **caipiracicabana** – criando sua própria autonomia na educação, no comércio, na agricultura, no negócio. Neste fim de linha, famílias e personalidades de todo o Brasil vieram beber de nossa cordialidade e conhecimento, deixando-nos, também, valiosa contribuição que nos acelerou o desenvolvimento.



Foto: Embapa

### “Para plantar batatas não precisa ser agrônomo”

Como o maior dos idealistas de todos os tempos, Luiz Vicente de Souza Queiroz sofreu muito para instalar a Escola de Agronomia – atual ESALQ – em Piracicaba. Comprou terras, fez construções nelas, contratou pessoal especializado, acabou doando-as ao Estado para que se construísse a Escola que ele sonhou e não viu tornar-se realidade. Para muitos, Luiz de Queiroz chegou a parecer um tolo.

No jornal “A Gazeta de Piracicaba”, os desafetos de Luiz de Queiroz também tentaram desmoralizá-lo. Foi o caso de alguém, na verdade “um covarde”, com o pseudônimo de “Cincinatus”, que escreveu naquele jornal, no dia 11 de janeiro de 1891, há cerca de 120 anos: “Qual escola? Para plantar batatas, não é preciso estudar”. O ideal de Luiz de Queiroz está aí, cada vez mais vivo: a ESALQ continua, ninguém sabe quem foi o tal de “Cincinatus”.

## PRECONCEITOS: A FACE TRISTE

“Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”

Sócrates

Eis que retomo a secular realidade: “*Quem ama, até o feio bonito lhe parece*”. Ora, a cidade não é apenas um lugar de viver, de coabitação social, o teatro da vida com todos os seus dramas, tragédias e comédias. Além de tudo isso, para o homem, a cidade é mulher. Que conquista e quer ser conquistada. Não me canso de declarar-me um escriba irremediavelmente apaixonado por essa mulher, a “*A Noiva da Colina*” (Que recebeu, também, epítetos femininos: Atenas Paulista, Florença Brasileira, Pérola dos Paulistas).

Um apaixonado não vê defeitos naquela pela qual se apaixonou. Como haverei, eu, de discorrer a respeito do que possa ser alguma feiura? Desculpo-a ou tento justificá-la, pois quero, apenas, louvar e cantar a sua beleza, o seu esplendor. Por minha terra, sussurra-me com cítaras o coração. E trina, minha alma, com acordes suaves de harpa. Mas...

... não posso ser ingênuo como o dr. Pangloss ou a Poliana. Sempre houve – e ainda há, em menor escala – preconceitos. Os chamados raciais, étnicos, religiosos, por exemplo. Como sofreram e injustiçados foram os imigrantes desde o século 19! Eram os nossos “*bárbaros*”, de outras civilizações, línguas, religiões, culturas diferentes da nossa. E, para estarmos vigilantes evitando que isso se repita, eram famílias que vieram para ficar, para construir, para participar. E com que paixão ficaram, com que competência construíram, com que generosidade participaram!

Piracicaba – cidade e povo que sempre respiraram liberdade, que nunca deixaram aprisionar-se – jamais aceitou ser vítima, mas senhora de seu próprio destino. Apesar disso, durante o Império, fomos a terceira cidade paulista em número de escravos, logo depois de Bananal e Campinas: 5.663 escravos,

numa população de 22 mil habitantes, conforme o “*Almanak Commercial*” de São Paulo, de 1.887. O Povoador Antônio Corrêa Barbosa, era “*dono*” – segundo Mário Neme – de cinco escravos, ainda em 1774, antes, pois, da fundação.

### Zulmira e Zuleika

Posso, com alegria e rendendo graças, dizer ter nascido em família pobre, mas amante da cultura e da arte. Um lar feliz, apesar de tantas dores. Mas, com estranheza até hoje, lembro-me de preconceitos embutidos em meus pais, filhos de árabes. Eles, por suas origens, sofreram, também, muitas discriminações nesta terra maravilhosa. Assim como italianos, alemães, japoneses, judeus. Por isso, perguntava-me, a mim mesmo, como podiam, eles, ser tão preconceituosos – antes de acontecer nossas tragédias familiares e de cairmos na dolorosa pobreza – se eram quase todos negros os que nos auxiliavam na fabriquetada de doces sírios, na casa com tantos filhos?

Nunca mais me esqueci da gorda e espalhafatosa Zulmira, de sua lindíssima filha Zuleika, a, para mim, mais bela menina do mundo, de olhos imensos e sorriso, como então se dizia, de pérolas. Zulmira era, na primeira infância, minha protetora. E o cheiro dela, perfume de fêmea, o primeiro a me embriagar. E Zuleika, a namoradinha que eu queria ter. Meus pais tratavam-nas com carinho e respeito. No entanto, quando elas cometiam erros ou descuidos, falavam entre si: “Não adianta, isso é coisa de ábide”. Em árabe, ábide é plural de abid: negros, negro. Conforme meus pais o traduziam para nós. Mas, e Joãozinho e Zezinho, amigos meus, negros retintos? Eu os amava, confiança total neles, especialmente em Joãozinho, o João Feliciano.

Ele me pajeava, era meu pajem, como, à época, era hábito dizer-se. Levava-me ao jardim, às matinês, o sorridente e puro Joãozinho que – em anos inteiros da Segunda Grande Guerra – só esbanjou alegria? Ábides, eles? Para mim – sem me dar conta de estar também repetindo preconceitos – eram meus anjos da guarda, “*anjos negros de alma branca*”. Preconceitos são contagiosos, doença que se alastra, parecendo não ter cura...

Piracicaba – um Éden – testemunha, também, que cultura carrega seus próprios “*daimons*”, espíritos orientadores. Para o bem e para o mal. É uma história que precisa manter-se viva para que seus erros não se repitam.

### Casamentos não-católicos eram notícia

Antes da proclamação da República, a Igreja Católica e o Estado, como se sabe, estavam unidos. O Catolicismo era religião oficial. Dessa maneira, “*ser católico*” era como que um dever de cidadania. E, por conseguinte, os “*não-católicos*” eram tidos e vistos como pessoas colocadas à margem. Registros de batizados e de casamento valiam como identidade civil.

Nesse contexto, era notícia não ser católico. E os casamentos “*não católicos*” tinham registros especiais, sendo notícia também. No ano de 1900, início do século, esses casamentos despertavam estranhezas, a ponto de merecerem registros especiais. Está no “*Almanak de 1900*”: “*No livro de registro dos casamentos acatholicos, aqui celebrados, existem 19 contractos, sendo o primeiro do Snr. Henrique B. Graner, com data de 16 de Junho de 1866, e o último o do Snr. Melchior Krähenbühl, com data de 19 de Maio de 1888*”.

Era muito forte o preconceito religioso. Mudou muito, quase 100 anos depois?

### Adorável “viado” da aldeia

Piracicaba, ontem e atualmente, conviveu com homossexuais, agora denominados “*gays*”. Uma quase sempre atribulada convivência, que se tornou pacífica nas últimas décadas. Mas, em vez de “*gays*”, eles eram chamados de “*viados*”, como em quase todo o Brasil. E tal palavra – como as de lazarento, morfético, leproso – sempre teve, além do significado pejorativo, uma conotação amistosa.

Exemplificando: um amigo, incomodado pelo outro, dizia-lhe: “*Pare de bancá o viado, rapai!*” E outro ria, sem se ofender. Não havia, porém, grande número de “*viados*”. Pois eles, como se diz desde alguns anos, não saíam do armário. E quando saíam, faziam-no divertida e alegremente. Foi o caso de “*Zinho Muié*” e de “*Jane*”.

“*Jane*”, mais discreto, era alfaiate respeitado, fazedor de vestimentas especiais, como batinas para padres e hábitos para freiras. Mas não fazia ostentação. E nem se irritava quando provocado pelas crianças. “*Zinho Muié*”, era espalhafatoso, mostrando-se, às vezes, verdadeiro “*clown*” ao sair às ruas – e desfiles de Carnaval e bailes populares – “*vestido de mulher*”. Foi um verdadeiro travesti, muito antes de existir essa palavra. Daí o seu apelido: “*Zinho Mué*”, ele de nome Alex.

“*Zinho Muié*” era recebido em qualquer residência, oferecendo e fazendo serviços domésticos irrepreensíveis. Lembro-me de, na infância e em nossa casa – antes de nossas tantas tragédias – a vê-lo como manicure e cabeleireiro de minha mãe e irmãs adolescentes. Era divertido, sem ser inconveniente. Impossível não se gostar dele, pois, sempre, mostrava-se alguém adorável.

Quando passava pelas ruas, nós, crianças, gritávamos: “*Zinho Muié, Zinho Muié*”. Mais do que zombaria, era para ouvir-lhe a resposta: “*Zinho Muié, seu rabo que é*”. Nas últimas décadas, tem sido o travesti conhecido como Madalena o mais querido pela população. Tão querido que foi eleito vereador à Câmara Municipal.

### O cotidiano dos negros escravos

Um importante testemunho histórico, que julgo necessário resgatar, é o de Maria de Souza Barros, filha primogênita do segundo casamento de Luiz Antônio de Souza Barros e, portanto, neta do Brigadeiro Luiz Antônio. Casada com Antônio Paes de Barros, senador da República, tornou-se nora do primeiro Barão de Piracicaba, com o mesmo nome do marido. Aos 94 anos de idade (nasceu em 1851) publicou suas memórias de infância, que circularam em 1946, pela Editora Brasiliense.

É das memórias da infância o texto reproduzido abaixo, das muitas férias que, quando menina, na segunda metade do século XIX, passou em fazendas de Piracicaba e Campinas, nas vastas propriedades de sua família. Maria de Souza Barros está na galeria das grandes damas paulistas. Uma de suas irmãs foi professora de línguas estrangeiras e piano do Colégio Piracicabano, segundo Maria Celestina Teixeira Mendes.

“...era hora dos trabalhadores voltarem do cafezal, cobertos de poeira vermelha, com os utensílios ao ombro, as mulheres trazendo os filhos pela mão e o feixinho de lenha para preparar a ceia. Todo esse aspecto de uma serena vida familiar constituía flagrante contraste com a rude e trabalhosa existência dos escravos. Estes, desde a madrugada, ao toque do sino, até o anoitecer, com a enxada na mão, iam executando, quase sem descanso, sob o chicote do feitor, os mais árduos trabalhos – vida essa que somente o espírito obtuso e submisso do africano podia suportar sem revolta. E, no entanto, bastava terem bom trato e um senhor humano e justo para que vivessem satisfeitos. O descontentamento e as queixas apareceram com os crioulos, seus filhos, quando começaram a civilizar-se. Mas, apesar do trabalho forçado que não lhe esgotava a robustez excepcional, o africano, amigo da música e da dança, tinha seus dias de regozijo. O batuque era o transporte para sua alma simples.

Nos dias feriados, e algumas vezes nos sábados, vinham eles pedir licença para se divertir um pouco. E assim passavam a noite inteira, dançando e cantando em torno de uma fogueira armada no centro do quadrado, de modo que a música e o vozerio não incomodavam ninguém...

...Com a pequena quantia que alguns dos pretos conseguiam ajuntar, vendendo na vila o produto da gleba que lhes era concedida, preparavam-se para o dia de São João, sempre tão festivo. Compravam para si uma bonita camisa de cor e uma saia de chita de ramagens para a mulher. Obtida a licença de usar o grande carro de boi, transportavam grossos troncos de árvores, com os quais armavam duas belas fogueiras, no terreiro da casa-grande. Ali preparavam a longa mesa do banquete.



NEGRA COMO O FILHO, 1894 - Foto: Acervo Monsenhor Jamil Nassif Abib

O comendador, disposto a larguezas, dava-lhes para esse dia uma novilha, um porco, arroz, certa quantidade de açúcar para a confecção de grandes pratos de doces de abóbora, cidra e batata, além da pinga que, já se vê, era fartamente distribuída.

Sentavam-se a mesa os pretos – adultos e crianças, com exceção de algumas mulheres mais tímidas, que preferiam ficar servindo, rodeadas de um bando de crioulinhos, a rir a brincar num contínuo vai vem. O jantar não decorria sem as alegres manifestações de ‘Viva sinhô! Viva sinhá!’ a que a família, postada na varanda agradecia...”

#### **Lembranças da menina rica**

É ainda das memórias da infância de Maria de Souza Barros, o texto abaixo reproduzido:

...As estradas em Piracicaba apresentavam-se bem conservadas, em contraste com as outras, suas vizinhas. A uma légua de distância passava-se por uma aguada, onde se viam a um lado, na orla do mato, algumas barracas habitadas por homens, mulheres e crianças em miserável estado de pobreza e enfermidade. Desse grupo destacava-se então um homem de feições alteradas. Chegando-se aos viajantes, estendia a mão, pedindo uma esmola pelo amor de Deus. Eram-lhe lançadas algumas moedas de cobre, que ele erguia avidamente. Leprosos, esses infelizes. Tal era o horror que inspirava a terrível moléstia, que eles eram expulsos de todas as habitações. Não havendo asilo para os receber, viviam isolados, no campo, sustentando-se quase que unicamente da caridade pública.

Um pouco mais adiante, entrava a comitiva na cidade, subindo a colina pela rua principal que ia dar na ponte sobre o rio – essa pobre ponte enegrecida que, com suas guardas

meio quebradas, tinha de sofrer, todo os anos, nas enchentes, o embate das águas que ameaçavam arrebatá-la. Já não existem, há muito tempo, obstáculos a tal travessia, e isto desde que se construiu, acima do salto, uma bela e sólida ponte. Nesse tempo, passava-se pela velha, cautelosamente, evitando algum buraco, ao som da cachoeira que rugia ao longe. Mais algumas horas de marcha e chegava-se à beira do Corumbataí. Como fosse inverno, as águas estavam baixas e davam vau...

...Bem instalada nesta fazenda, a família permanecia alguns meses (pelas menções posteriores, a propriedade mencionada poderia ser a Fazenda Corumbataí). Além de numerosos escravos, havia também uma colônia de alemães e suíços que trabalhavam no café. O comendador tinha visto, em Petrópolis, a colônia de alemães que o imperador mandara vir para trabalhar naquela localidade. Apreciou tanto o trabalho livre, comparando-o ao serviço forçado do negro escravo, que resolveu mandar engajar colonos na Europa... (A referência deve ser ao pai, Luiz Antônio, que teve grandes propriedades em Piracicaba, na região de Charqueada, e foi um dos responsáveis pela construção da nova ponte).

...Aclimataram-se aqui facilmente esses estrangeiros e habituaram-se a uma alimentação bem diferente. Substituíram o trigo pelo milho, com o qual faziam pão, seu principal alimento, plantavam uma horta e, logo que melhoravam de situação, adquiriam uma vaca, não lhes faltando assim leite nem manteiga. Limpas e bem arrumadas eram suas casas; as camas estavam sempre em ordem, com os largos acolchoados de penas que haviam trazido de sua pátria; a mesa de jantar era conservada bem lavada. Como tudo isto contrastava com as habitações dos pequenos lavradores de então...”

“ Os escravos, com a enxada na mão, iam executando, quase sem descanso, sob o chicote do feitor, os mais árduos trabalhos ”

Maria de Souza Barros, em Memórias de Infância, 1946, Editora Brasiliense

**PREJUDICES: THE SAD FACE**

Here, I resume a century-old reality: “To one in love, even ugly seems beauty”. Now, a city is not only a place to live, of social cohabitation, a theater of life with all its dramas, tragedies and comedies. In addition to all that, to men a city is a woman. One who wins and wants to be won. I tire not asserting that I am a scribbler hopelessly in love with that woman, the “The Bride of the Hill” (who has also been given female epithets: Paulist Athens, Brazilian Florence, Pearl of the Paulist).

One who loves sees no defects in the loved one. How shall I talk about what could be something ugly? I forgive it or try to justify it, for I want but to praise and sing its beauty, its splendor. For my land, my heart whispers with zithers. And my soul trills, with soft harp chords. However...

... I cannot be naïve as a Dr. Pangloss or Poliana. There have been always – and still there are, albeit in a smaller scale – prejudices. Those so-called racial, ethnic, religious, for instance. How they suffered and how wronged were the immigrants, since the 19th Century! They were our “barbarians”, from other civilizations, with languages, religions, cultures different from ours. We need to be vigilant to prevent it happening again, for they were families who came to stay, to build, to participate. And how passionately they stayed, how competently they built, how generously they participated!

Piracicaba – a city and people who have always breathed freedom, who never allowed themselves to be captured – never accepted to be victims, always masters of their own destiny. Notwithstanding, during the Empire, we were the third Paulist city in number of slaves, right behind Bananal and Campinas: 5,663 slaves in a population of twenty-two thousand inhabitants, according to the 1887 “Almanak Commercial” of São Paulo. The settler, Antônio Corrêa Barbosa, “owned” – according to Mário Neme – five slaves in 1774, therefore prior to the foundation.

**Zulmira and Zuleika**

I can say, with joy and saying my thanks, to have been born in a poor family, but one that was a lover of culture and art. A happy home, in spite of so many pains. However, to this day, I cannot help wondering about the prejudices embedded in my parents, children of Arabs. Due to their origin they, too, suffered much prejudice in this wonderful land. Same as Italians, Germans, Japanese, Jews. Thus, I asked myself, how could they be so prejudiced – before our family tragedies happened with our falling into a painful poverty – if almost everyone who helped us in the small Syrian delicacies factory, in that house with so many children, were Negro?

I never forgot fat and loud Zulmira, her pretty daughter Zuleika, to me the most beautiful girl in the world, with her huge eyes and a smile, as people said at that time, of pearls. During my early childhood, Zulmira was my protector. And her smell, perfume of female, the first to inebriate me. And Zuleika, the sweetheart I wanted to have. My parents treated them with love and respect. However, when they made a mistake or were careless, they told each other: “It is useless, it is an ábide thing”. In Arabian, ábide is plural of abid: Negroes, Negro. So my parents translated to us. But, what about Joãozinho and Zezinho, my friends, black as coal? I loved them, fully trusted them, in special Joãozinho, João Feliciano.

He paged me, was my page, as it was usual to say those days. He took me to the garden, to matinees, smiling and guileless Joãozinho, who – during full years of the Second World War – squandered but joy? Ábides, them? To me – not realizing that I, too, was repeating prejudices – they were my guardian angels, “black angels with a white soul”. Prejudices are infecting, a sickness that spreads, seems to have no cure...

Piracicaba – an Eden – also evidences that culture harbors its “daimons”, its guiding spirits. For good and for evil. That is a history that must be kept alive, in order not to repeat its errors.

**Non-Catholic marriages were news**

Before the Proclamation of the Republic, the Catholic Church and the State, as is common knowledge, were united. Catholicism was the official religion. Thus, “being Catholic” was like a citizenship duty. Therefore, non-Catholic were people seemingly placed on the sidelines. Baptism and marriage records had the worth of civilian identity.

Within that context, not being a Catholic was news. And non-Catholic marriages had special records, also being news. In 1900, by the beginning of the century, such marriages were seen as oddities, deserving special records. The “1900 Almanak” informs: “In the book of records for non-Catholic marriages, there are 19 contracts, the first that of Mr. Henrique B. Graner, dated June 16, 1866, and the last one that of Mr. Melchior Krähenbühl, dated May 19, 1888”.

Religious prejudice was very strong. Has it changed much, almost 100 years later?

**Lovely village “queer”**

Piracicaba, yesterday and today, has lived with homosexuals, nowadays called “gays”. A relationship nearly always troubled, that became pacified in recent decades. However, instead of “gays”, they were called “viados” (queer), as almost everywhere in Brazil. And such word – as it happened with lazar, leper – always had, in addition to their pejorative meaning, a friendly connotation.

Exemplifying: a friend, bothered by another one, said to him: Stop acting as a queer, man!” And the other one laughed, no offense taken. However, there were not many “queer”. For they, as it is said in recent years, did not come out of the wardrobe. And when they did so, they did it with fun and merriment. That was the case with “Zinho Muié” and “Jane”.

“Jane”, more discreet, was a respected tailor, maker of special clothes such as cloth for priests and habits for nuns. He was not ostensive. Neither he was annoyed when provoked by children. “Zinho Muié” (Womanish Joe), he was loud, at times a real “clown” when walking on the streets – and at Carnival parades and popular balls – “dressed as a woman”. He was a true drag queen, long before such phrase existed. Hence his nickname: “Zinho Muié”, although his actual name was Alex.

“Zinho Muié” was received at all homes, offering and rendering irreproachable household services. I recall seeing him at our home during my childhood – before so many tragedies – as a manicurist and hairdresser of my mother and teenager sisters. He was funny, without being inconvenient. It was impossible not liking him, as he always was a lovable person.

When he walked on the street, we children shouted: “Zinho Muié, Zinho Muié”. More than a mockery, it was to hear his answer: “Zinho Muié, your tail is” (the words rhyme in Portuguese). In recent decades, the drag queen most beloved by the people is one known as Madalena. So much liked that he was elected for the City Counsel.

**The everyday of Negro slaves**

An important historical testimony, one I believe needs to be rescued, is that of Maria de Souza Barros, first-born daughter from the second marriage of Luiz Antônio de Souza Barros, and therefore granddaughter of Brigadier Luiz Antônio. Married to Antônio Paes de Barros, Senator of the Republic, she became daughter-in-law of the first Baron of Piracicaba, with the same name as her husband. When 94-years old (she was born in 1851) she published her childhood memories, which were released in 1946 by the Editora Brasiliense.

The text hereunder reproduced is from her childhood memories of the many vacations she spent, as a young girl, at farms in the vast properties of her family in Piracicaba and Campinas, in the second half of the 19th Century. Maria de Souza Barros belongs to the gallery of great Paulist Ladies. According to Maria Celestina Teixeira Mendes, one of her sisters was a teacher of foreign languages and piano at the Colégio Piracicabano.

“...it was time for the laborers to return from the coffee plantation, covered in red dust, with the tools on their shoulders, the women holding their kids by the hand and a bundle of firewood for cooking supper. All that likeness of a peaceful family life was in stark contrast with the rude and laboring existence of the slaves. They, from the down heralded by the bell till nightfall, hoe in hand, almost without rest and under the overseer’s whip, carried out the most excruciating work – a life that only the obtuse and submissive African spirit could endure without revolting. Nevertheless, it was enough being well treated and have a fair and human master and they lived in satisfaction. The discontent and complains emerged with the creoles, their children, when they started becoming civilized. However, notwithstanding the forced labor that did not deplete their exceptional stamina, the African, friends of music and dancing, had their days of rejoicing. The ‘batuque’ was a transportation for their simple souls.

On holidays, and sometimes on Saturdays, they came and asked for permission to have some fun. It being granted, they spent the whole night dancing and singing around a bonfire lit on the center of the square, so that the music and loud voices did not bother anyone...

...With the small amounts some black were able to save selling the produce of the plot granted them to the villagers, they prepared for Saint John day, ever so festive. They bought themselves a nice colored shirt and a calico skirt for their women. Obtaining authorization for using the large ox cart, they transported thick tree trunks with which they lit up two nice bonfires in the big-house courtyard. There, they set up the long banquet table.

The ‘comendador’, prone to largess, gave them for that day a heifer, a pig, rice, a certain amount of sugar for making large dishes of pumpkin sweetmeats, cider and potato, in addition to the ‘pinga’, that as can be surmised, was lavishly distributed.

The black sat at the table – grown-ups and children, excepting some shyer women, who preferred to serve, surrounded by a gang of black children, laughing and playing in endless comings-and-goings. The dinner did not take place without marry shouts of ‘Hail the Massa! Hail the Missus!’ which the family, posted on the balcony, thanked...”

**Memories of the rich girl**

The text reproduced below still is from the childhood memories of Maria de Souza Barros:

...The roads in Piracicaba were well kept, contrasting with those in its neighbors. One league from the city there was a watering place and to one side of it, on the edge of the woods, some huts inhabited by men, women and children in a miserable state of poverty and sickness. A man, with changed features, came forward from that group. Approaching the travelers, he reached out a hand and asked for alms, for the sake of God. Some copper coins were thrown his way, which he grabbed avidly. They were lepers, those poor souls. The horror inspired by that terrible disease was such that they were expelled from all houses. With no asylum to take them in, they lived in the countryside, living almost exclusively from public charity.

A little further, the entourage entered the city, going uphill along the main street that led to the bridge over the river – that poor blackened bridge which, with its half-broken guards, every year had to bear the onslaught of the floodwaters that threatened to carry it away. For a long time now, there are no more obstacles to such crossing, after the build of a nice and solid bridge beyond the waterfall. In those times, one had to be careful crossing the old bridge, dodging holes, hearing the far away roar of the waterfall. Some more hours of walking and we reached the bank of the Corumbataí. It being winter, the waters were low and it was possible to ford it...

...Well settled in that farm, the family stayed for some months (by latter mentions, the referred property could have been the Corumbataí Farm). In addition to numerous slaves, there was also a colony of Germans and Swiss working in the coffee plantation. The ‘comendador’ had seen, in Petrópolis, the colony of Germans the Emperor had sent for to work in that town. He liked free labor so much comparing it to the forced labor of Negro slaves that he decided to recruit European farm hands...

(The reference must be to her father Luiz Antônio, who had large properties in Piracicaba in the Charqueada region, and was one of the responsible for building the new bridge).

...Such foreigners settled in easily, becoming used to a very different food. They replaced wheat for corn for making bread, their main staple, planted a vegetable garden and as soon as they became a little better off, bought a cow, therefore not lacking milk and butter. Clean and tidy were their homes; beds always made, with the wide feather-padded top-covers they had brought from their home country; the dining table clean and scrubbed. How contrasting with the dwellings of the small farmers at that time...”

## E O IMIGRANTE VEIO, ENSINOU E VENCEU

“ A terra não é herança de nossos antepassados, mas um empréstimo a nossos descendentes ”

Autoria desconhecida

Antes mesmo da libertação dos escravos, Piracicaba começou a se preocupar com mão de obra para a lavoura. Em todo o País, fazendeiros passaram a buscar soluções para a nova realidade que a Abolição trouxera: libertação para os escravos, problemas para os patrões brancos. Foi-se em busca da imigração de famílias estrangeiras, principalmente europeias. Antes dessa vinda organizada de estrangeiros, Piracicaba já acolhera pessoas e famílias oriundas da Europa, especialmente alemães.

De maneira organizada, porém, os primeiros colonos que, oficialmente, vieram para a região foram 94 açorianos, trazidos pelo fazendeiro João Tobias de Aguiar e Castro, para a sua fazenda em Rio das Pedras, pois ele já libertara os seus escravos. O registro do acontecimento é de 29 de dezembro de 1883. E, no ano seguinte, em 25 de maio de 1884, o italiano César Bertoldi publicava um anúncio em que se incumbia de trazer, para Piracicaba, famílias do Tirol (Austria), que trabalhariam na lavoura piracicabana. Santana e Santa Olímpia, há que se lembrar, foi colonizada por tirolese.

### Imigrantes: os “doços bárbaros”

Pode-se, com toda a certeza, afirmar-se que a cidade de Piracicaba foi construída e engrandecida por imigrantes. Foram considerados os “*pardais*” de cada época, os “*bárbaros*”

que não falavam a nossa língua, nem tinham os nossos costumes e religião – estranhos invasores de nossa aldeia ainda pequenina, italianos, alemães, sírios, libaneses, suíços, austríacos, franceses, ingleses e estadunidenses começaram a chegar, em grande número, no final do século 19, enquanto os japoneses vieram a partir de 1918.

A maioria deles para cá imigrou para substituir a “*mão de obra negra*”, que, inconformados, fazendeiros previram e viram acontecer desde o início da onda libertadora da escravidão e precursora da República. Na realidade, sem que a Piracicaba da época o soubesse, eles foram os “*doços bárbaros*” que, no generoso processo de assimilação, consolidaram o nosso “*caipiracabanismo*”.

Não é, porém, este livro espaço para discorrer sobre tal amarga história. Na verdade, a pouco e pouco, eles se impuseram pelo trabalho, por uma cultura mais refinada, pela esperança de uma vida nova num Novo Mundo. Mas o início de todos eles foi até cruel, ao estilo de um Brasil colonial preconceituoso e submisso ao Monarca e aos poderosos. Italianos não se adaptaram à experiência rural – embora alguns se tornassem proprietários de terras – e, com êxito, buscaram a vida na zona urbana. Deles e de seus descendentes, nasce o império industrial.

IMIGRANTES ITALIANOS - Foto: Acervo Cecilio Elias Netto



### THE IMMIGRANT CAME, TAUGHT AND SUCCEEDED

Even before the liberation of slaves, Piracicaba began worrying about labor for agriculture. Across the country, farmers began looking for answers to the new reality brought by Abolition: freedom for the slaves, problems for their white masters. Immigration of foreign families, mainly from Europe, was sought. Prior to an orderly arrival of foreigners, Piracicaba already had received people and families from Europe, in special Germans.

However, the first farm hands officially arriving in this part of the country in an orderly fashion were 94 Azoreans brought by farmer João Tobias de Aguiar e Castro, for his Rio das Pedras Farm, since he had freed his slaves already. December 29, 1883, is the date the event was recorded. On May 25, 1884 next year, Italian César Bertoldi published an advertisement pledging to bring families from the Tirol (Austria) to Piracicaba, to work in Piracicaban farms. Santana and Santa Olímpia, it should be recalled, were colonized by Tirolese.

### Immigrants: the “sweet Barbarians”

It can be asserted, with full certainty, that Piracicaba was built and aggrandized by immigrants. They were considered “sparrows” at various periods, “barbarians” who did not speak our language, nor had our customs, religion – strange invaders in our still so small village. Italians, Germans, Syrians, Lebanese, Swiss, Austrians, French, English, North Americans and of other origins – most of them immigrated here to replace the “Negro labor”, as dissatisfied farmers predicted necessary and proceeded to implement since the beginning of the slavery abolishment wave that preceded the Republic. In fact, unknown to Piracicabans of that time, they were the “sweet barbarians”, who through a generous assimilation process consolidated our “caipiracabanism”.

However, this book is not the right space to discuss such bitter history. In fact, little by little they succeeded due to their work, a more refined culture, their hope of a new life in a New World. However, to all of them the beginnings, in a prejudiced colonial Brazil submissive to the Monarch and the powerful, was even cruel. The Italians did not take to rural life – notwithstanding some becoming landowners – and successfully sought a life in the urban area. From them and their descendants an industrial Empire was born.

## Doçura de lugar

### Andando, olhando e respirando... Piracicaba

Andar, andar... Caminhar à mesmo... Ficar um pouquinho. E olhar, olhar, um olhar sem fim, perdido na magia do que se vê. E respirar, trazendo para a alma e os pulmões, as belezas que se veem. O perfume da terra, o chilrar de nossos pássaros, o bailar provocantemente sensual dos galhos de árvores, o comovedor voejar de borboletas, o murmurar de águas... Ah! É o que sempre fiz, saboreando a doçura de nossos espaços, dos nossos lugares. Em cada um deles, vivi minha história pessoal.

### *ALÉM DO HORIZONTE*

*Roberto Carlos e Erasmo Carlos*

*Além do horizonte deve ter  
Algum lugar bonito pra viver em paz  
Onde eu possa encontrar a natureza  
Alegria e felicidade com certeza*

*Lá nesse lugar o amanhecer é lindo  
Com flores festejando  
mais um dia que vem vindo  
Onde a gente pode  
se deitar no campo  
Se amar na relva  
escutando o canto dos pássaros...*

*...Além do horizonte existe um lugar  
Bonito e tranquilo, pra gente se amar*

## Doçura de lugar/ Rua Joaquim do Marco

### Abre-te, Sésamo...

Para encontrá-la e vê-la, é como descobrir a Caverna de Ali Babá. À porta dela – e respeitosamente – basta balbuciar o “Abre-te, Sésamo” e, então, os doces manjares se abrem. São poucas e privilegiadas residências. Todas elas acolhidas pelas matas que também abençoam o rio, ao lado da paradisíaca Esterqueira. Sempre que espiei essa rua mágica, sonhei.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

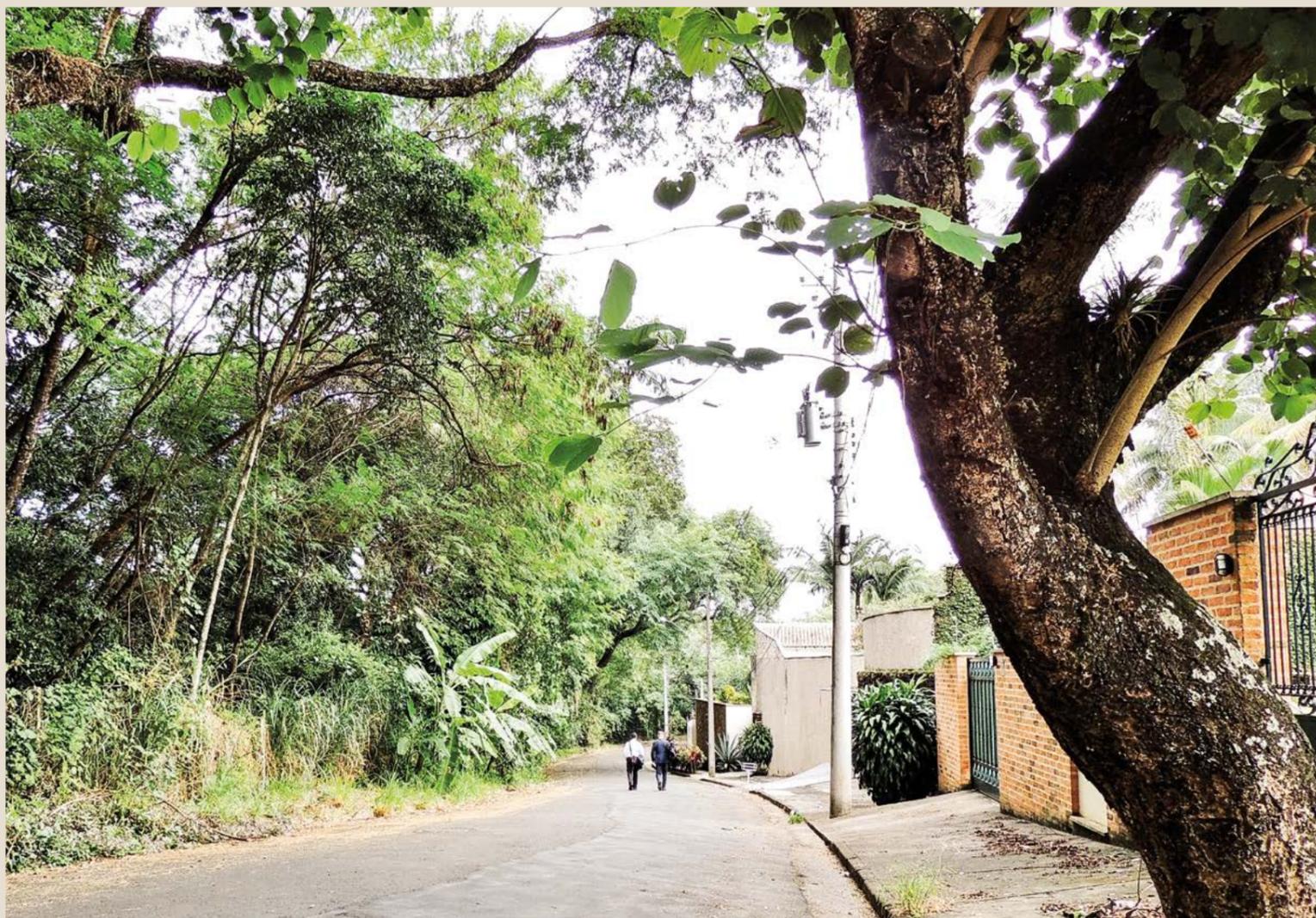


Foto: Marcelo Fuzeti Elias



## Doçura de lugar/ Horto do Tupi

### Meus sonhos de amores...

Ai, meu coração! A lírica paisagem do Horto Florestal de Tupi foi a bisbilhoteira sempre espiando meus sonhos de amores, amores meus. Desde a adolescência, trêmulo com os primeiros encontros enamorados. E, na idade madura, quando fugíamos, clandestinamente – enlouquecidos e renascidos pela paixão – amando-nos no leito de folhas secas adormecidas no chão. E, depois, felizes, ficar olhando raios de sol filtrados pelas árvores. Ou raios de luar... Horto de Tupi, tão esquecido e tão encantador...

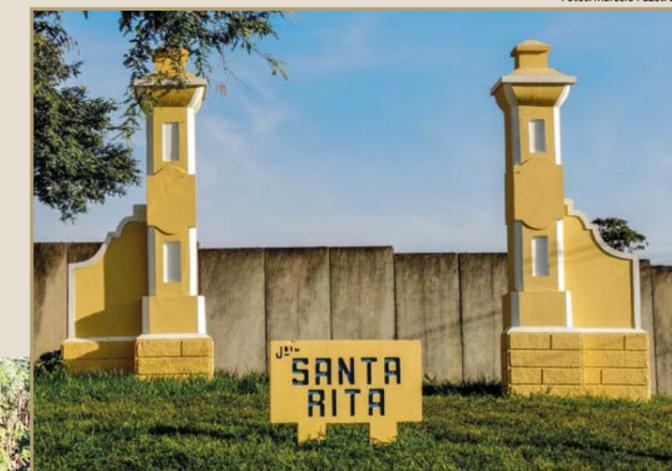
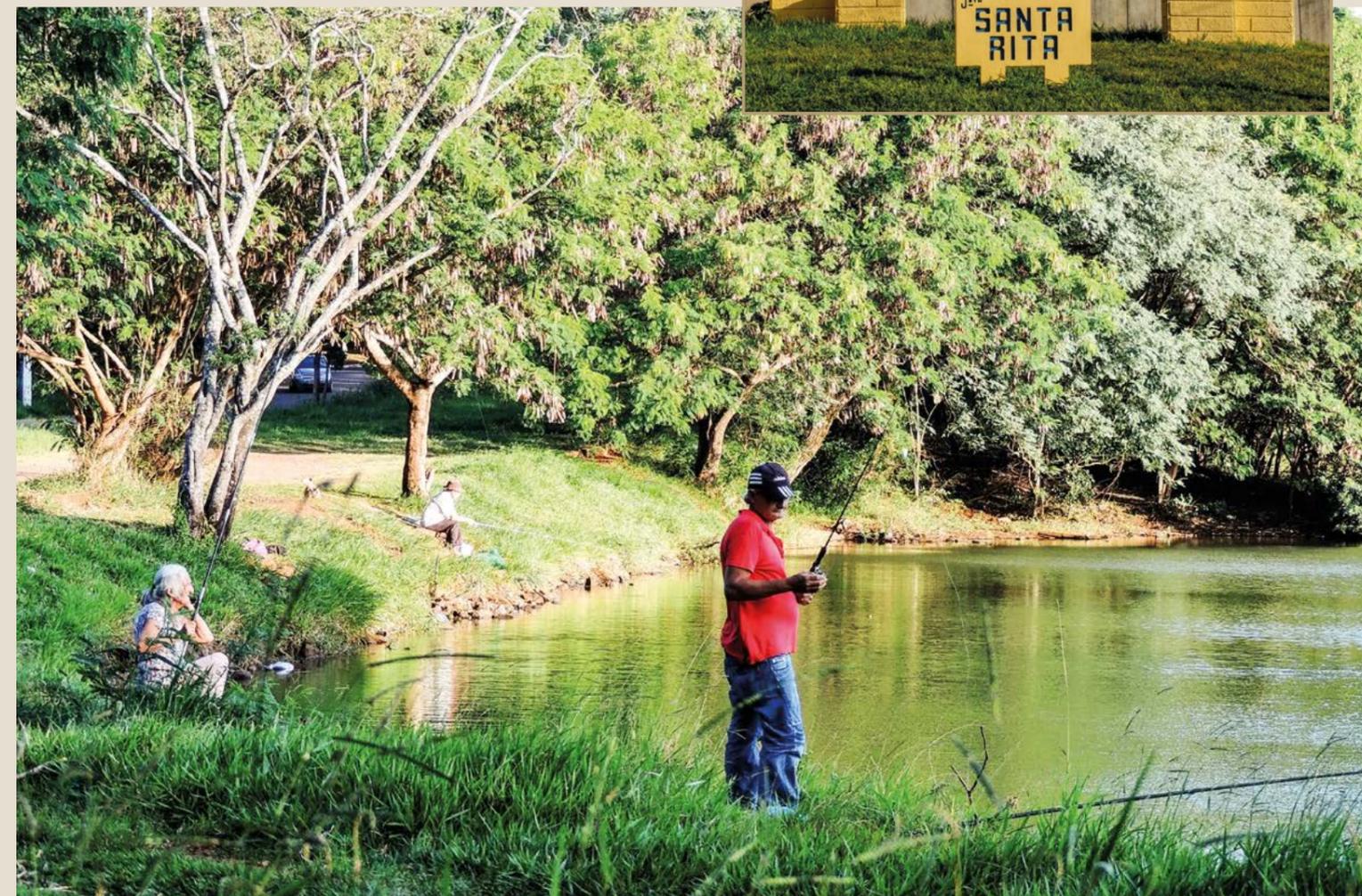


Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

## Doçura de lugar/ Lago de Santa Rita

### O ninho da família

Sabe aquele casarão colonial debruçado sobre o Lago? Era – com aquelas terras – do meu avô Gabriel Abrahão. Nele, Amélia, a mãe amada, nasceu. E, na minha infância, ela e meu pai levavam-me para visitar o ninho da família. O lago era (é) hipnótico, com uma ilhazinha e uma palmeira – agora desaparecidas – onde garças repousavam. Muitos anos depois – levado, certamente, pela voz do sangue – fui morar na Santa Rita, onde nem sequer iluminação pública havia. Com meu cão querido, o pastor alemão Zeitung, lá me ia, eu, com angústias e esperanças, pensando-as à beira do lago. Horas silenciosas, noites de luar intenso sobre as águas, estridências de anas, raposinhas e gambás passeando – e meu caderninho de escrever, de escrever...



Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

## Doçura de lugar/ Lago de Santa Rita

Foto: Marcelo Fuzeti Elias



### A casa do Vô Gabriel

Eis que, enfim, retorno a meu canto, onde me recolho e escrevo. As emoções ainda se me atropelam no coração. E os mais suaves sentimentos – mas também dolorosos, essa dor de saudade – aquecem-me o peito. Os olhos, porém, já se me secaram das lágrimas derramadas. Foram-me lágrimas redentoras, escorrendo pelas faces. E não eram salgadas, pois nem toda lágrima tem sal. Podem ser doces. As minhas foram doces.

Foi na tarde de 10 de maio, 2017. Não sei se renasci, se ressuscitei, se ouvi todas as vozes do sangue soando-me aos ouvidos, no angelical sussurro de minha mais amada gente. Agora – pouco mais das 18 horas, seis horas da tarde, “Hora do Angelus – retornei da bucólica Santa Rita, terras de meus ancestrais. Mais ainda, regresssei de uma visita, emocionalmente perturbadora, à casa de meu avô, onde minha tão amada mãe Amélia nasceu, onde passou, ela, a infância e a adolescência. Ouvi e vivi, na alma, o canto “bachiano” de Erotides. E posso, também, dizer que, sobre mim, a “tarde caiu tristonha e serena, em macio e suave langor”. E que, tendo o lago encantador à minha frente – ainda com garças, com pássaros, com perfume de almíscar – senti a tarde “despertando, no meu coração, a saudade do primeiro amor”. E foi ela, minha mãe, o meu primeiro e verdadeiro amor.

Em 1985 – numa crise que posso dizer ter sido agônica em minha vida – procurei um lugar retirado e silencioso para morar. Vi aquele lago, aquelas árvores, a natureza generosa e decidi que, lá, eu plantaria minha morada.

E para lá me fui, sem sequer imaginar que eu estava recolhendo-me à doçura da “Santa Rita”, nosso lugar de origem, próximo demais da casa onde minha mãe nasceu, onde brincava minha tia Rita, nome com o qual meu avô batizava aquela imensidão de terras. Não ousou afirmar, mas foi como se as mãos do destino me tivessem levado para lá. Meu avô, com a tragédia do café, perdera tudo. Mas – muitos anos depois – minha mãe levava-nos às terras de sua infância, apanhando jacas, lambuzando-se de sua doçura e lambuzando-nos dela também. E chorando de saudade...

Na dulçidão desta tarde, sou capaz de jurar ter ouvido meu avô a quase suplicar-me, a mim que não o conheci, seu primeiro neto entre tantas netas: “Venha, meu neto. Tente recuperar, para todos nós, essa casa tão antiga, onde começou a encantadora história de amor de nossa família. É a herança que não consegui deixar”.

Aos anjos, que passavam, pedi-lhes dissessem Amém.



Fotos: Marcelo Fuzeti Elias



TUDO CONTINUA IGUAL - A mesma casa, o mesmo lago, a mesma garça...e o mesmo jardim

## Doçura de lugar/ Cascatinha da ESALQ

### Tesouro escondido

Por que a esconderam? Por que impedem o acesso àquele pequenino Éden, correndo do ribeirão Piracicamirim e despencando de milenares pedras da ESALQ? Desconfio esteja oculta para não mais hipnotizar, enlouquecer pessoas. Iamos, meninos – Cidinha, o negro Zezo, o adorável Guto e eu – saltar de sua corredeira, balançando em cipó, caindo no espelho d'água sereno, pequenina lagoa. As árvores imensas protegiam-nos. De quando em quando, saguzinhos nos espiavam, com inveja. Eu era Tarzan; Cidinha, a Jane – “me Tarzan, you Jane”. Guto, gorduchinho, era o Boy. E, sem qualquer preocupação de preconceito, a “Sheeta” era o Zezo. Ali, nós nos sentíamos os Reis da Selva. Saudade, “vontade de outra vez”.

## Doçura de lugar/ Rua do Porto

### Rua-Mãe de Piracicaba

Não há como escrever, como descrever. Mais do que um doce lugar, é um estado de espírito. Berço, pia batismal, jardim de todas as gerações. É a Rua-Mãe de Piracicaba, com o proporcional peso histórico que o Pátio do Colégio tem em relação à cidade de São Paulo, para fazermos uma superficial correlação. A olaria de minha família, o caminho para o Bongue, subir a colina e comprar pão dos Soledade, sacolejando em carroças ou charretes conduzidas por mulas. Deitar e rolar no barro da olaria, mergulhar nas águas do rio, ver minha mãe, com o cavalete, pintando suas telas e, a seu lado, meu pai tocando violino, apaixonado... Ver surgir a Arapuça, o lambarizinho frito do Tangará, conversas de pescadores, dos Duarte Novaes, dos Pecorari. E, ao entardecer de melancólicos horários de verão, ficar escrevendo à beira rio, bebendo caipirinha com cerveja morna, à espera do mais lindo pôr do sol, despedindo-se por trás das árvores... Doçura de embebedar a alma!



Fotos: Sueli Lúcia Aguilare - Marcelo Fuzeti Elias



Foto: Rubens Chiri/ B2

“ Quando fui à escola me perguntaram o que eu queria ser quando crescesse. Respondi: eu quero ser feliz! ”

John Lennon

## Doçura de lugar/ Rua do Porto

### Ponto de encontro de tudo e de todos

Tudo que envolve a história da cidade acontece na Rua do Porto: durante o ano todo recebe festas e encontros sociais, esportivos, culturais e religiosos; reúne moradores e visitantes em busca de entretenimento em sua área de lazer e entretenimento; de seus pontos turísticos e de seu espaço gastronômico.

Entre espaços culturais e naturais, a Rua do Porto reúne grandes atrativos ao seu redor, como o Salto do Rio Piracicaba, o Parque do Mirante, o Mosaico de Clemência Pizzigatti, o Aquário Municipal, o Engenho Central, o Parque do Engenho, a Casa do Povoador, o Museu da Água, a Passarela Pênsil, o Parque da Rua do Porto, o Casarão do Turismo, as antigas casinhas de pescadores e os chaminés das antigas olarias.



Foto: Antonio Trivelin

Foto: Marcelo Fuzeti Elias



**PARQUE DA RUA DO PORTO** - Parque urbano que ocupa uma área verde dentro da cidade compreendendo 200 mil m<sup>2</sup>, contém lago para atividade de canoagem e lazer com pedalinho, pista para exercício físico, parque infantil e um teatro de arena.

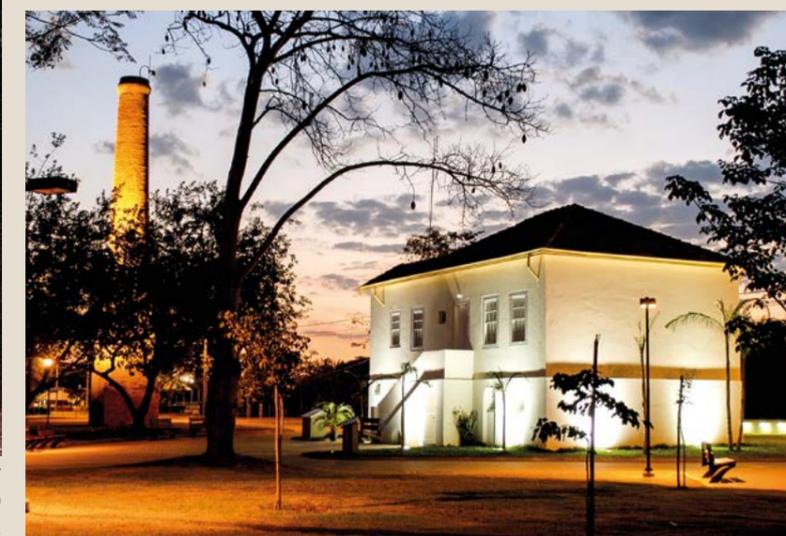


**MUSEU DA ÁGUA** - Instalado em 1887, o local abrigou a primeira Estação de Captação e Bombeamento de água da cidade, uma das pioneiras do país. Já o Museu da Água Francisco Salgot Castillon foi inaugurado em dezembro de 2000 e ocupa uma área de 12 mil m<sup>2</sup> às margens do Rio Piracicaba, ao lado do Salto.



**CASA DO POVOADOR** - Apesar de não ter sido a moradia do capitão Antônio Corrêa Barbosa, o Povoador – ganhou a tradição do nome pela sua antiguidade. Tombada como Patrimônio Histórico do Estado e do município, abriga um centro cultural da SEMAC onde são realizadas exposições, mostras e oficinas de arte.

**CASARÃO DO TURISMO** - Construído no século XIX, o Casarão do Turismo Paulo Fioravante Sampaio está situado no Calçadão da Rua do Porto com o objetivo de atender o frequentador e o visitante à cidade de Piracicaba com informações turísticas.



(Fonte: DPH)

## Doçura de lugar/ **Mirante**

### O templo sagrado de Piracicaba

É o templo sagrado onde se recebem as graças do rio. Foi o Barão de Rezende que o construiu, pedra por pedra. Foi meu deserto de reflexão, esconderijo de perplexidades, refrigério para angústias. Nos anos 1968/70, vivi profunda crise existencial. Não mais conseguia dormir. Deitava-me por volta das 3 horas, acordava às 6 horas. Ia, quase todas as manhãs, à missa, na Igreja dos Frades. De lá, saía correndo em direção ao Salto, atravessava a ponte, descia as escadarias e me refugiava no Mirante. Na solidão de suas alamedas e, por fim, no último piso, próximo às pedras e ao saltitar dos peixes, como que voando sobre as águas. Recuperava-me, voltava para casa, banhava-me e retornava ao martírio de cada dia naqueles anos de chumbo.



Foto: Rafael Fella Elias

**ALTO DO MIRANTE** - Com acesso pelo Elevador Turístico, é possível apreciar uma das mais lindas vistas panorâmicas da cidade.



Foto: Fabio Rubinato

**SALTO DE PIRACICABA** - Dando origem ao nome da cidade, o rio Piracicaba é um atrativo que corta o município. Na época das chuvas, com suas cheias e abundância de água, oferece uma condição favorável para a reprodução dos peixes promovendo a “Piracema” – período de desova dos peixes – que ocorre anualmente entre os meses de outubro e fevereiro.



Foto: Rubens Chiri/BZ

**PARQUE DO MIRANTE** - Local privilegiado para observar o rio, o Salto, a Rua do Porto e o centro da cidade. Suas alamedas permitem passeios, dando oportunidade de entrar em contato com suas árvores nativas e vegetação típica. No percurso, há um painel confeccionado em mosaico pela artista plástica, Clemência Pizzigatti e seus alunos, que retrata a fundação da cidade e seu desenvolvimento agroindustrial, tendo ao centro a Noiva da Colina. Abriga também o Aquário Municipal.

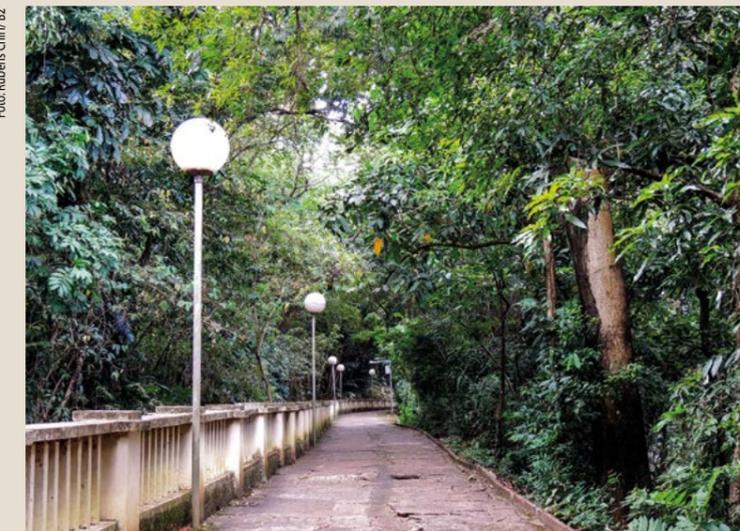


Foto: Marcelo Fuzetti Elias

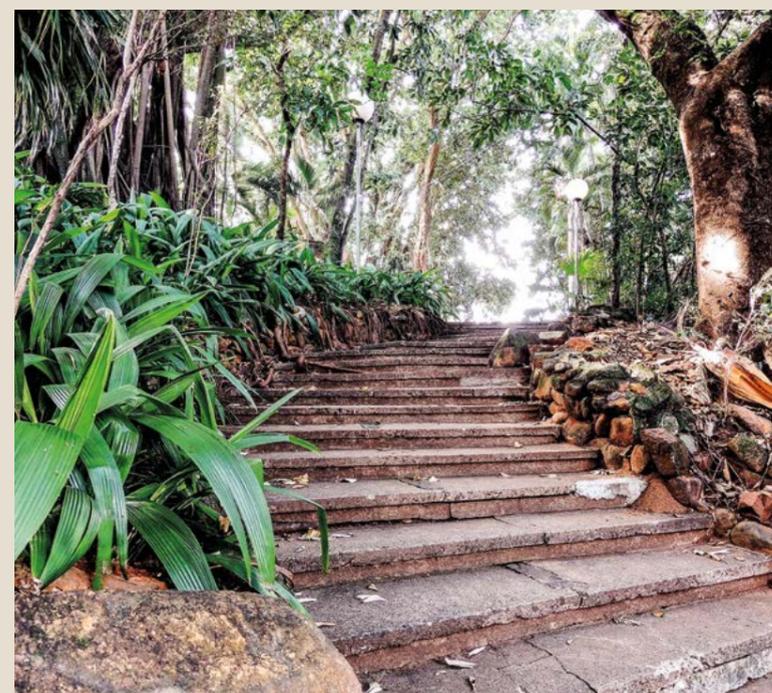


Foto: Marcelo Fuzetti Elias

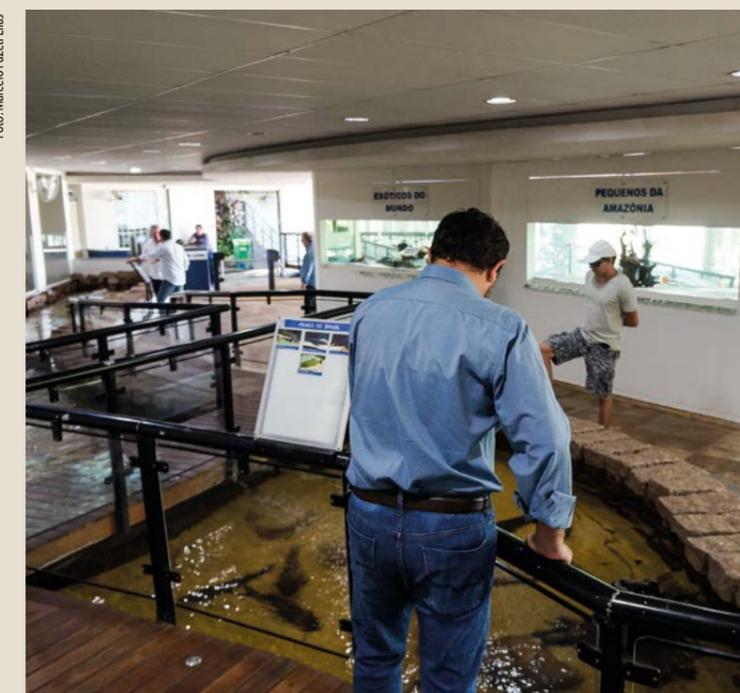
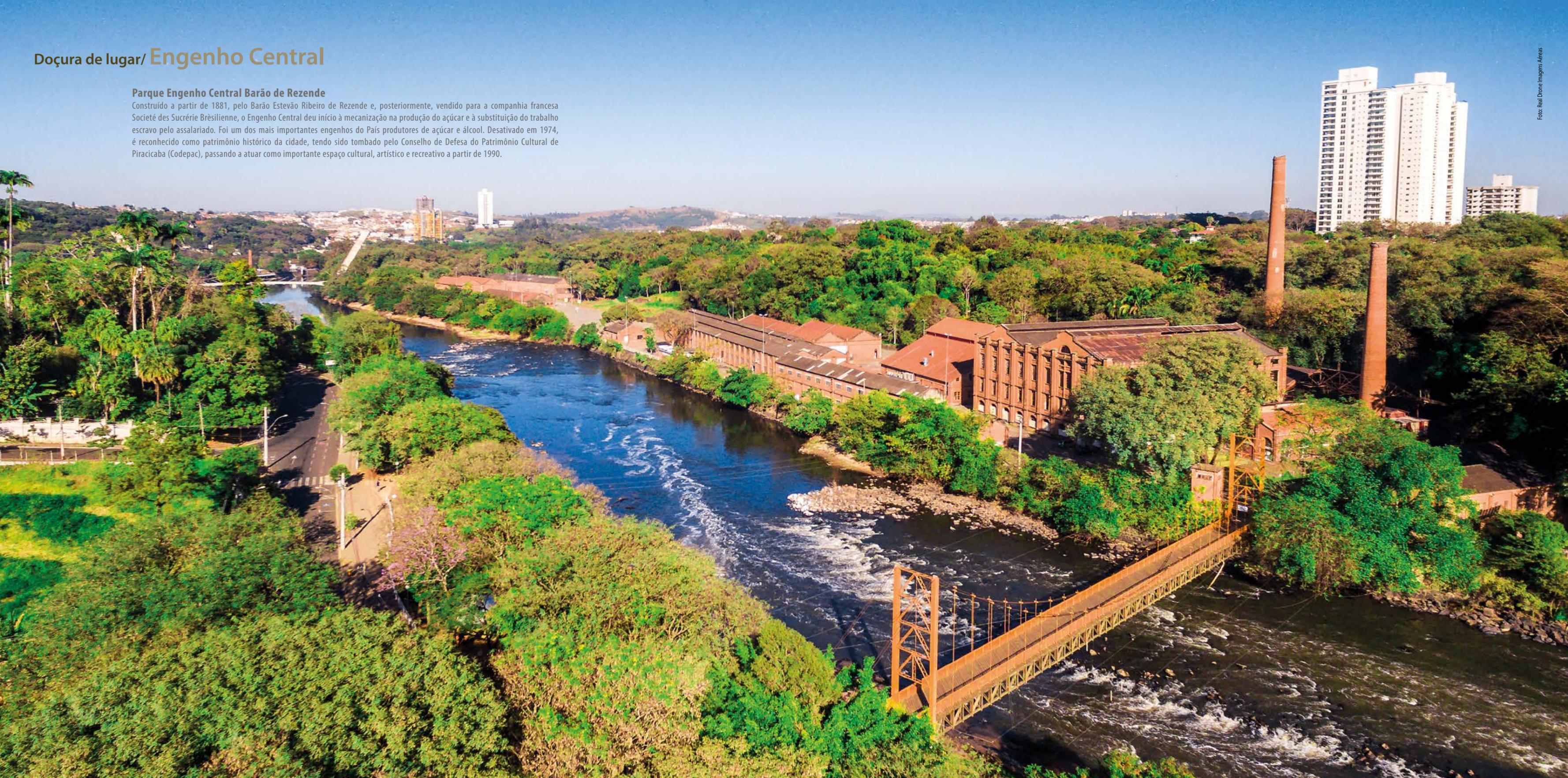


Foto: Juliana Branco

## Doçura de lugar/ Engenho Central

### Parque Engenho Central Barão de Rezende

Construído a partir de 1881, pelo Barão Estevão Ribeiro de Rezende e, posteriormente, vendido para a companhia francesa Societé des Sucrerie Brésilienne, o Engenho Central deu início à mecanização na produção do açúcar e à substituição do trabalho escravo pelo assalariado. Foi um dos mais importantes engenhos do País produtores de açúcar e álcool. Desativado em 1974, é reconhecido como patrimônio histórico da cidade, tendo sido tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (Codepac), passando a atuar como importante espaço cultural, artístico e recreativo a partir de 1990.





“ Saudade, vontade de outra vez... ”

Frase atribuída a Ruy Barbosa

## Doçura de lugar

### Um bolo da “Noiva”

Detenho-me aqui, nas lembranças das doçuras de lugares de minha terra. São tantos e tão fascinantes que um livro apenas não seria suficiente para cantá-los ao embalo das lembranças. ESALQ, o Tanquã, Chicó, o Palacete de Luiz de Queiroz, a Chácara Nazareth, a Chácara Morato, a casa do Doutor Jacob, Monte Alegre com sua Capelinha pintada por Alfredo Volpi, a Usina Costa Pinto, Santana, Santa Olímpia, Tupi, Ondinhas, Serrote... Piracicaba, em sua doçura plena, é como um bolo – preparado com mel e licor – para servir a “Noiva da Colina”.

## A AGRIDOCE CULTURA DA CANA

“ Que beijinho agridoce que a Noiva tem, depois que beijei ela, nunca mais beijei ninguém ”

Paródia à música de João Alves dos Santos, o popular Nhô Pai

Na história piracicabana, tem-se dado pouco destaque à figura e à ação de Vicente Taques Góes e Aranha, capitão-mor de Itu, ao início da povoação. Foi ele o mais ardoroso defensor do então pequeno povoado diante dos desmandos do Capitão-Povoador, Antônio Correa Barbosa. E, também, quem conseguiu a designação de Frei Tomé de Jesus para novo pároco e quem promoveu a mudança da povoação da margem direita à esquerda do rio. Góes e Aranha entendera a riqueza do solo piracicabano, aconselhando amigos e parentes a adquirir terras naqueles espaços.

Das terras **caipiracicabanas**, o Capitão-Mor escreveu que “produziam todo o gênero de cultura, com grandeza e diferença tal que, além de canas muito boas, muito perfilhanas, são muito doces e do melhor ponto; vê-se mais, que um só canavial produz seis e oito anos o mesmo rendimento, o que não acontece nos engenhos de Itu, que apenas dão uma folha...” (Mário Neme, in “**Primeiro Colonizador de Piracicaba**”). Antes de Góes Aranha, porém, houve um registro diríamos que profético: “...porque o açúcar é a principal cousa com que todo este Brasil se enobrece e faz rico, e na lavra dele se tem guardado até presente...” (“**Diálogo das Grandezas do Brasil**”, data provável, 1590/1618)

### Primeiro colonizador, canavieiro

É apaixonante a figura do sertanista Felipe Cardoso, tido como o primeiro colonizador de Piracicaba. Ele conseguiu um “trato de terras”, em 1726 – cinquenta anos antes, portanto, da povoação – de meia légua, onde, mais tarde, se localizaria a cidade, o rocio, como se denominava o centro administrativo. Piracicaba era um sertão desabitado, a não ser, obviamente, por grupos indígenas. Felipe Cardoso não apenas desejou obter aquelas terras, mas estabelecer-se com família, aqui permanecendo.

Felipe Cardoso é personagem fundamental em nossa história, mas muito pouco conhecido dos contemporâneos. Mário Neme – que estudou sua vida – considerou-o primeiro colonizador, mas Cardoso foi, também, o primeiro lavrador. Ele, ao solicitar a concessão da sesmaria, havia alegado ter feito, por conta própria e à sua custa, o “caminho por terra de Itu a Piracicaba”. Ele, pois, conhecia a riqueza das nossas terras naquele imenso sertão, escondida nas selvas piracicabanas. Alguns anos depois, firmou-se, segundo Mário Neme, um documento que justificava a povoação, por “*haver ali (Piracicaba) abundância de peixes e ser o terreno alegre, fértil, cheio de salsaparrilha excelente para todo o gênero de cultura*”.

Quem foi esse jovem e audacioso Felipe Cardoso, nunca se soube ao certo. Mas ele foi o primeiro a descobrir e a perceber as doçuras da nossa terra. Mais do que uma narrativa, esses primórdios ficam a pedir um grande romance histórico, aliás, já esboçado pela historiadora Marly Percin.

### Açúcar, bônus da cana

Os autores são unânimes em reconhecer o açúcar como descoberta dos mais antigos povos, não se sabendo, porém, afirmar, com precisão, a sua origem. Verdadeiros monumentos literários referem-se ao uso de dois tipos especiais de açúcares, do mel de abelha e da cana. Documentos dizem de especiarias elaboradas na Índia eram fruto de uma particular arte de fazer uma bebida espremendo uma espécie especial de cana. Há referências de que fenícios e egípcios a conheceram – também e muito antes da era cristã.

### 1903: surpreendendo Paris

Referência da economia piracicabana, a cana de açúcar, antes mesmo de conquistar esse espaço estratégico no município, já surpreendia estrangeiros com relação à sua forma de plantio, colheita e transporte.

### Beijinho Doce

Canção composta por João Alves dos Santos, o popular Nhô Pai (1912–1988), gravada pela primeira vez em 1945, pelas Irmãs Castro, dupla formada por Maria de Jesus Castro e Lourdes Amaral Castro. A gravação obteve relativo sucesso, mas somente em 1951, com o filme Aviso Aos Navegantes, foi que a canção ganhou projeção nacional nas vozes de Adelaide Chiozzo e Eliana Macedo, grandes estrelas da Atlântida Cinematográfica. Posteriormente, foi gravada (com sucesso) pelas Irmãs Galvão, Tonico e Tinoco, Duo Ciriema, Nalva Aguiar, Chitãozinho e Xororó, entre outros.

**Que beijinho doce  
Que ela tem  
Depois que beijei ela  
Nunca mais amei ninguém**

**Que beijinho doce  
Foi ela quem trouxe  
De longe pra mim  
Se me abraça apertado  
Suspira dobrado  
Que amor sem fim**

**Coração quem manda  
Quando a gente ama  
Se eu estou junto dela  
Sem dar um beijinho  
Coração reclama**

**Que beijinho doce  
Foi ela quem trouxe  
De longe pra mim  
Se me abraça apertado  
Suspiro dobrado  
Que amor sem fim.**



Em 1903, um engenheiro designado, em Paris, pelos Conselhos de Administração das usinas açucareiras de Piracicaba, Villa Rafard (Capivari), Porto Feliz, Lorena e Cupim, deixou extenso relatório técnico sobre as condições de funcionamento de tais unidades. O documento, recuperado quase um século depois e transformado em livro pelos pesquisadores Oriowaldo Queda e Tamás Szmrecsányi, expressa a surpresa do profissional, em Piracicaba: “o corte (da cana) se faz como em toda parte do mundo, mas aqui uma ótima prática, que não existe alhures, consiste em acondicionar os colmos em feixes de 10 a 12, segundo a sua grossura, e atá-los com suas próprias folhas. Isso facilita o carregamento dos vagões e seu descarregamento na esteira da moenda. Nesse local, um homem armado de uma machadinha, com dois golpes secos, corta as ataduras dos feixes, e as canas caem facilmente nas esteiras”.

Em seu parecer, o engenheiro J. Picard também resume as condições para o transporte da cana e do açúcar produzidos pela usina: uma estrada de ferro de 19 quilômetros, quatro locomotivas e 75 vagões, que podiam carregar entre 3 e 10 toneladas. Com um detalhe: através de um antigo acordo, a Sociedade Açucareira podia trafegar com seu próprio equipamento em toda a linha norte da Companhia Ituana de Trens.

### Cana e laranja, sabor do solo

A cultura canavieira existe, em Piracicaba, desde os primeiros tempos da povoação. No entanto, não se pode dizer sempre se tenha tratado de monocultura, pois temos um passado de grande produção agrícola, incluindo café e laranja. A família Conceição, do Barão da Serra Negra, foi um dos exemplos de cultivo à terra, em propriedades que se espalhavam pelo Estado, incluindo as históricas fazendas Paraíso e São Lourenço. Aliás, Piracicaba deve, à família Conceição, uma recuperação da memória histórica, tal a sua importância para esta terra. O “tempo dos barões” foi fertilíssimo para Piracicaba, especialmente o que foi realizado pelas famílias dos barões de Rezende e Serra Negra (Conceição).

Júlio Conceição, que se tornou grande exportador de café no porto de Santos, relatou, em 1922, em documento apresentado no VI Congresso Agrícola realizado em Piracicaba, a produção de suas terras. Ele exportara 5 mil caixas de laranja para a Austrália, ameixa para os Estados Unidos além de produzir carpas, cujas matrizes ele importava da Alemanha.

**THE BITTERSWEET SUGAR CANE CULTIVATION**

In the history of Piracicaba, little prominence has been given to the figure and actions of Vicente Taques Góes e Aranha, captain-major of Itu at the time the settlement began. He was the fiercest champion of the then small village against the abuses of the Captain-Settler, Antônio Correa Barbosa. Moreover, he succeeded in appointing Fray Tomé de Jesus as the new Parish Priest and promoted the move of the settlement from the right to the left riverbank. Góes e Aranha had realized the richness of Piracicaban soil, advising friends and relatives to purchase land on those parts.

About caipiracicaban lands, the Captain-Major wrote: “produced all kinds of crops, with largeness and difference such that in addition to very good canes, very easily planted, they are very sweet and of the best quality; furthermore, it is found that one single sugar-cane plantation provides the same yield for six to eight years, unlike at the Itu mills which only yield one leaf...” (Mário Neme, in “First Settler in Piracicaba”). However, prior to Góes Aranha, there had been a record, we might say prophetic: “...because sugar is the main thing that ennobles and enriches this whole Brazil and its cultivation has been going until now...” (“Dialogues on the Greatness of Brazil”, probable date 1590/1618).

**First settler, sugar cane planter**

The figure of sertanist Felipe Cardoso, considered the first settler of Piracicaba, arouses passion. He obtained a “land deal” in 1726 – thus, fifty years before the settlement – measuring a half league, where the city would stand later, the rocio, as the administrative center was called. Piracicaba was an uninhabited wilderness, obviously otherwise than by native groups. Felipe Cardoso not only had wished to obtain those lands, he wanted to settle in there with his family permanently.

Felipe Cardoso is a fundamental character in our history, however one very little known by our contemporaries. Mário Neme – who studied his life – considered him the first settler; however, Cardoso was the first farmer also. When requesting the granting of the sesmaria (plot assigned to settlers by the Portuguese King), he alleged to have opened, with his own assets, “the land way between Itu and Piracicaba”. Therefore, he knew the wealth of our lands in that immense wilderness, hidden in the Piracicaban jungle. Some years later, according to Mário Neme, a document justifying the village was produced, under the argument of “there being (in Piracicaba) plenty of fish and the soil being merry, fertile, full of sarsaparilla, excellent for all kinds of crops”.

Who that young and daring Felipe Cardoso was has never been known for sure. However, he was the first to discover and realize the sweetness of our land. More than a narrative, those beginnings beg for a great historical novel, in fact already being outlined by historian Marly Percin.

**Sugar, sugar cane blessing**

Authors are unanimous in recognizing sugar as a discovery of the most ancient peoples, although no one can accurately state its origin. True literary monuments refer to the use of two special kinds of sugar, of honeybee and sugar

cane. Documents tell that spices elaborated in India were an outcome of a particular art of making a beverage by squeezing a certain kind of cane. There are references that Phoenicians and Egyptians also knew it, long before Christian times.

**1903: amazing Paris**

Reference for Piracicaban economy, even before achieving such strategic space in the town, sugar cane amazed foreigners with regard to its planting, harvesting and transportation.

In 1903, an engineer appointed in Paris by the Boards of Directors of the sugar factories in Piracicaba, Villa Rafard (Cativari), Porto Feliz, Lorena and Cupim, produced a long technical report on the operating conditions of those plants. The document, recovered nearly a century later and turned into a book by researchers Oriowaldo Queda e Tamás Szmrecsányui, tells about the surprise of that professional in Piracicaba: “the harvesting (of sugar cane) is done the same as everywhere in the world, but here there is an optimum practice not found elsewhere. It consists in packaging the stems in bundles of 10 to 12 according to their thickness and tying them with their own leaves. That facilitates the loading of wagons and their unloading onto the rolling mat at the mill. There, a man armed with a hatchet cuts the tying of the bundles with two quick strikes and the canes fall easily onto the rolling mats”.

In his opinion, engineer J. Picard also summarizes the conditions for transportation of the cane and sugar produced by the factory: a 19-kilometer long railroad, four locomotives and 75 wagons, which could carry between 3 and 10 tons (1 ton = 1,000 kg). With a detail: under an old agreement, the Sugar Society could travel with its own equipment along the entire north branch of the Companhia Ituana de Trens (Ituana Train Company)

**Sugar cane and orange, flavor of the soil**

Sugar cane cultivation has existed in Piracicaba since the very first times of the settlement. However, it cannot be said that it was a monoculture, as we have a past with significant agricultural production, including coffee and orange. The Conceição Family, of the Baron of Serra Negra, was an example of land cultivation, with properties spreading across the State, including the historical Paraíso and São Lourenço Farms. In fact, Piracicaba owns to the Conceição Family a recovery of historical memory, such was their importance to this land. The “age of the barons” was a fertile one for Piracicaba, in special with regard to what had been accomplished by the families of the Barons of Rezende and Serra Negra (Conceição).

Júlio Conceição, who became a great coffee exporter from the Port of Santos, reported in 1922 on the production of his lands, at the Sixth Agricultural Congress held in Piracicaba. He had exported five thousand boxes of oranges to Australia and plums to the United States, in addition to breeding carps, from matrices he had imported from Germany.

PREPARANDO A TERRA PARA O CULTIVO : ESALQ, década de 10



PREPARANDO A TERRA PARA O CULTIVO : ESALQ, década de 30



PREPARANDO A TERRA PARA O CULTIVO : Trator de Esteiras D2/ Caterpillar, 1957



Fotos: Arquivo Cabepillar e Cadêlo Elias Neto



## O maior centro açucareiro da América Latina

“Quando deixar de construir sua casa, você morre...”

(Provérbio Turco)

Lembra-se, aquela pequenina lagarta, solitária, pobrezinha? Eram, apenas, cerca de 200 pessoas, também pobrezinhas: índios caiapós, outros indígenas escravizados, negros cativos, mulatos, caboclos, degredados, sob as ordens de Antônio Corrêa Barbosa. Tal rude e ambicioso, o homem chegara com seus filhos pequeninos e a jovem mulher, Ana Lara. Faziam canoas, viviam da terra, da caça, da pesca. Mulheres negras cozinhavam em panelas de barro, com colheres de pau, amassando grãos em pedra de ralar e na mó. Imaginas fazendo cuscuz de milho verde, farinha de mandioca, fubá de milho branco, vermelho, fubá de arroz – dando de comer a humanos e aos “santos” de suas crenças africanas. Lambarizinho frito, jáú recheado, doce de abóbora, tudo para agradar Nossa Senhora dos Prazeres, Santo Antônio e os orixás.

Pois é. A doçura da terra de Piracicaba fez a lagarta ir-se transfigurando a pouco e pouco. O bichinho se transformou e se anunciou para o mundo. Que se encantou.

### A garbosa borboleta

Deixando de ser lagarta, a borboletinha iniciou voos baixos mas ambiciosos. Foi como se ela se perguntasse: “*Se eu nasci, se apareci, por que não tentar conquistar o mundo com meus ideais?*” E foi, vagarosamente, aprendendo com essa e aquela flor, passando a polinizar o solo já, por natureza, tão doce. E os voos foram cada vez mais ousados, audaciosos. Assim, os que a viam e reconheciam chamaram a borboleta dos mais belos nomes: “*Noiva da Colina, Ateneu, Atenas Paulista, Pérola dos Paulistas, Florença Brasileira*”. E, finalmente, adejou, voejando como “*o maior centro açucareiro da América Latina*”.

É-me, como escritor *caipiracicabano*, impossível narrar toda essa vitoriosa, bela e encantadora jornada. Muitos autores já o tentaram brilhantemente, mas não conseguiram, também, contar o todo. Ora, como tudo começou? Como aconteceu? Como contar a verdadeira civilização do açúcar – da qual Piracicaba faz parte fundamental – moldada em massapé e cana, cana e açúcar, suores e lágrimas, e também sangue de muitos e muitos?

Já tínhamos sido pioneiros na iluminação elétrica, na telefonia, na educação, nas artes, mas a doçura da terra produziu, cada vez mais, riquezas e homens. Os engenhos Monte Alegre (primeiramente terras do Brigadeiro Luís Antônio) e Central (criado pelo Barão de Rezende) tornaram-se o princípio de tudo. Com eles, avolumaram-se as culturas agrícolas, os engenhos menores, moendas, alambiques, jorrando – verdadeiro ouro verde – dos segredos da terra. Surgiram, ainda no século 19, cervejarias (criadas por alemães, suíços, italianos e portugueses), fábricas de refrigerantes (cotubaína, gengibirra, abacatina).

E a borboleta voou, voou. Não nos esqueçamos: borboleta é, milenarmente, o símbolo da alma. Também, da alma de um povo.

### No século 20

Houve uma guerra mundial – a Primeira, devastadora – mas a borboleta sobreviveu. Piracicaba criou novas esperanças e realidades para si mesma e para o país. Octávio Teixeira Mendes, Mário Dedin, João Bottene – apoiados por Pedro Morganti – criaram pequenas oficinas, inventaram novas técnicas e a borboleta continuou voando, atizada por enxames de abelhas laboriosas. Houve outra guerra – a Segunda, que nos trouxe a espantosa era atômica – e Piracicaba venceu todos os desafios e enriqueceu o Brasil ainda mais.



O Engenho Central e a “*Société de Sucreries Brésiliennes*” tiveram o seu apogeu e a borboleta viu nascer, sob suas asas, até mesmo o uísque Park Lane e o licor francês, Napoléon. Surgiram a Morlet, a Mause, Codistil, Superkaveá, Lavromec, Santin, Mantoni, Motocana, Mepir, entre outras. Em 1955, Mário Dedini inaugurava a nossa poderosa Siderúrgica Dedini. Paralelamente, foram surgindo pequenas e médias indústrias que desenvolveram toda uma estrutura voltada para a agroindústria da cana de açúcar e do álcool. Estava, assim, formado aquele que, nos anos 1950 a 1970, o Brasil consagrou como “*o maior centro açucareiro da América Latina*”.

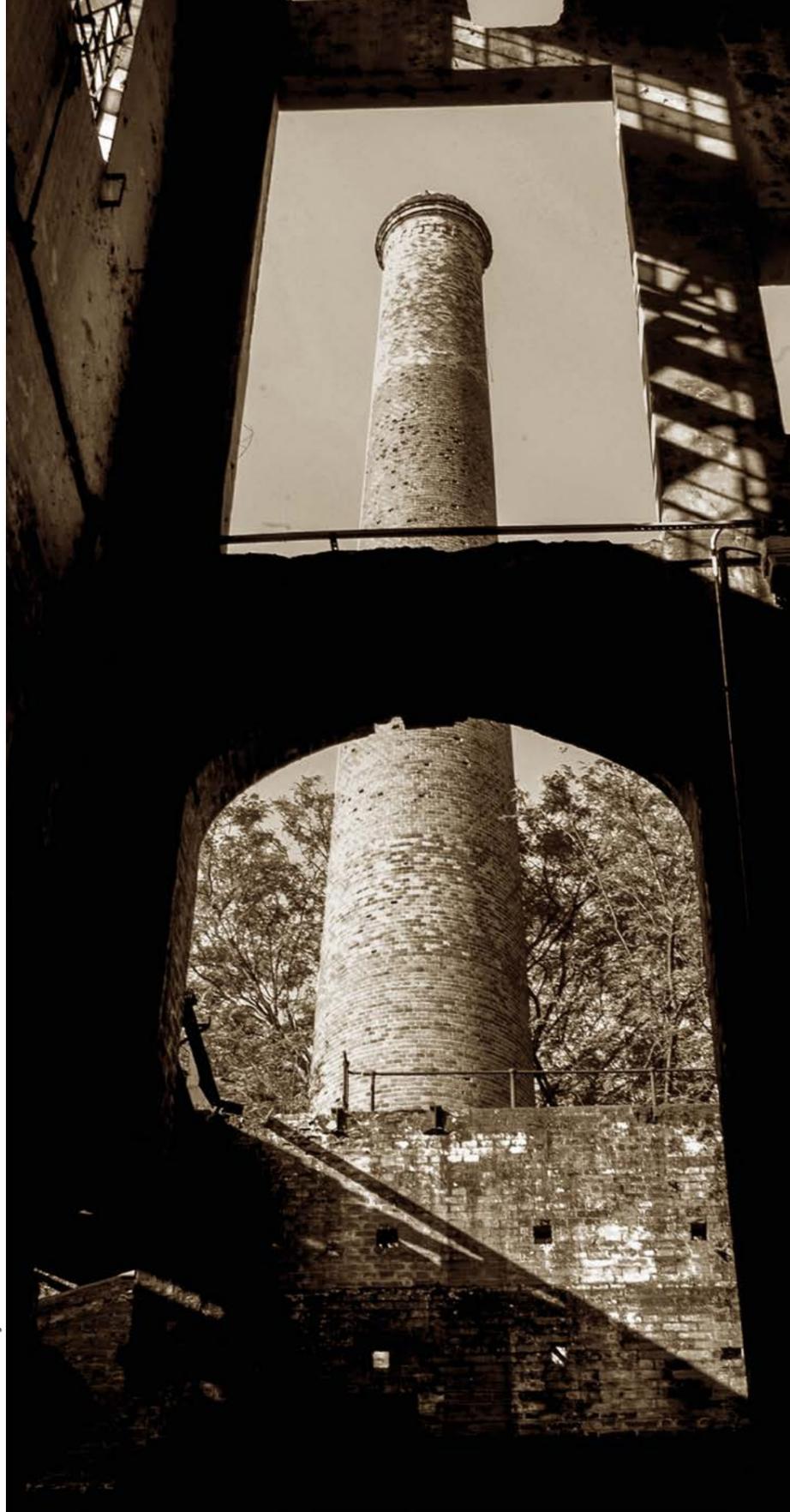
#### **Incansável borboleta**

Nossa incansável borboleta nunca se deu ao direito do ócio, nem mesmo ao ócio necessário. Semeou o pólen de usinas admiráveis: São Francisco, Tamandupá, São José, Santo Antônio, Furlan, Costa Pinto, Santa Helena, Santa Bárbara, Santa Adélia, Bom Jesus, Tito, São Jerônimo, Santa Terezinha, Santa Lúcia, Iracema, Azanha, Modelo, da Barra, Distilaria Gileno di Carli, entre tantas outras. As famílias Dedini, Ometto, Morganti, Gianetti – os italianos que, ao chegarem, foram considerados “*pardais*” – fundaram verdadeiro império de produção, amando e cultivando a terra. Os Ometto – Silveira Mello criaram a Cosan que, depois – com a morte de Celso Silveira Mello – foi administrada brilhantemente pelos irmãos Celso e Rubens Ometto Silveira Mello. Celsinho decidiu-se a cultivar o Norte do País, numa verdadeiro revolução econômica no Tocantins e Pará. Rubinho comandou a Cosan, que se transformou numa das mais poderosas empresas brasileira, também em “*joint venture*” com a Shell, fundadoras da Raízen.

Um distrito industrial, criado nos 1970, brindou a borboleta com a vinda da Caterpillar, uma das mais poderosas empresas do mundo que, assumidamente, se fez *caipiracicabana*. Uma nova Piracicaba começou a surgir e o pequeno, rústico e quase primitivo povoado adentrou a era digital e eletrônica, sem receios e, ao mesmo tempo, sem perder as suas raízes. Aliás, Raízen tem esse significado: raiz, energia.

Linda, luminosa, sedutora, produtiva, pioneira, a borboleta de nome Piracicaba continua voando, voando, as asas carregando história e buscando alcançar o infinito.

Foto: David Negri



## “ Não tenha medo da perfeição. Você nunca irá atingi-la ”

Salvador Dali

#### **THE BIGGEST SUGAR CENTER IN LATIN AMERICA**

*Do you remember that tiny, solitary, destitute caterpillar? There were but some 200 people, also destitute: Caiapó Indians, other enslaved natives, captive Negroes, mulattoes, caboclos, banished, under the orders of Antônio Corrêa Barbosa. Rough and ambitious, the man had arrived with his small children and young wife, Ana Lara. They manufactured canoes, lived off the land, hunting and fishing. Black women cooked in clay pots, with wooden spoons, kneading grains in rasping-stones and grindstone. I picture them making green corn couscous, manioc flour, white and red corn meal, rice meal – feeding the human and the “saints” of their African beliefs. Fried minnows, stuffed jaú (a kind of large catfish), pumpkin sweetmeats, all to please Our Lady of Pleasures, Saint Antony and the orixás (African deities).*

*Alas. The sweetness of Piracicaban land, little by little, transformed the tiny caterpillar. The small insect changed and announced itself to the world. Which was charmed.*

#### **The stately butterfly**

*No longer a caterpillar, the tiny butterfly began low, but ambitious flights. It was as if she asked herself: “If I was born, if I emerged, why not try to conquer the world with my ideals?” Slowly she learned with this flower, with that flower and began pollinizing the soil, by its very nature already so sweet. And the flights were increasingly more daring, more audacious. Thus, those who saw and recognized her called the butterfly the most beautiful names: “Bride of the Hill, Athenaeum, Paulist Athens, Pearl of the Paulist, Brazilian Florence”. And finally she took flight, fluttering as the “the biggest sugar center in Latin America”.*

*It is impossible to me, as a caipiracicaban writer, to narrate that entire victorious, beautiful and charming journey. Many authors have tried it brilliantly, also failing to tell it in the whole. Now, how did everything start? How did it happen? How to recount the true sugar civilization – of which Piracicaba is a fundamental part – cast in massapé (fertile black soil) and sugar cane, in sugar cane and sugar, in sweats and tears and also in the blood of so many?*

*Already we had been pioneers in electric lighting, telephony, education, arts, but the richness of the land produced, increasingly, wealth and men. The Monte Alegre (initially Brigadier Luís Antônio’s lands) and Central (created by the Baron of Rezende) sugar factories became the beginning of everything. With them the crops grew, and with them sprang up smaller sugar factories, mills, stills, all beneficiaries – truly green gold – of the secrets of the soil. Breweries emerged still in the 19th Century (created by Germans, Swiss, Italians and Portuguese), as well as soft drink factories (cotubaína, gengibirra, abacatina).*

*And the butterfly took flight, flew forth. Let us not forget: the butterfly has been, for a thousand years, the symbol of soul. Also, of the soul of a people.*

#### **In the 20th Century**

*There was a World War – the First, devastating – but the butterfly survived. Piracicaba created new hopes and realities, for itself and for the Country. Octávio Teixeira Mendes, Mário Dedini, João Bottene – supported by Pedro Morganti – created small workshops, invented new technics and the butterfly went on flying, piqued by swarms of laboring bees. Then there was another war – the Second one, which brought us into the stunning atomic age – and Piracicaba overcame all challenges and enriched Brazil even more.*

*The Engenho Central (Central Sugar Factory) and the “Société de Sucreries Brésiliennes” had their heyday and the butterfly even saw the birth, under her wings, of the Park Lane Whisky and Napoléon French Liqueur. Among other, there was the emergence of Morlet, Mause, Codistil, Superkaveá, Lavromec, Santin, Mantoni, Motocana, Mepir. In 1955, Mário Dedini inaugurated our powerful Siderúrgica Dedini (Dedini Steelworks). In parallel, small and medium-sized industries appeared, developing a whole structure supporting the sugar cane and ethanol agribusiness. Thus was established that which from the fifties through the seventies was consecrated by Brazil as “the biggest sugar center in Latin America”.*

#### **Untiring butterfly**

*Our tireless butterfly never allowed idleness to take hold of her, not even a needed idleness. She sowed the pollen for remarkable Sugar Factories: São Francisco, Tamandupá, São José, Santo Antônio, Furlan, Costa Pinto, Santa Helena, Santa Bárbara, Santa Adélia, Bom Jesus, Tito, São Jerônimo, Santa Terezinha, Santa Lúcia, Iracema, Arzanha, Modelo, da Barra, Gileno di Carli, among so many. The Dedini, Ometto, Morganti, Gianetti Families – those Italians, who upon their arrival were considered “sparrows” – established true production Empires, loving and cultivating the land. The Ometto – Silveira Mello created Cosan, which later – after the death of Celso Silveira Mello – was brilliantly managed by the brothers Celso and Rubens Ometto Silveira Mello. Celsinho decided to cultivate the North of the Country, creating a veritable Revolution in Tocantins and Pará. Rubinho commanded Cosan, which became one of the most powerful Brazilian companies, and in a joint venture with Shell, founded Raízen.*

*An Industrial District created in 1970 presented the butterfly with the arrival of Caterpillar, one of the most powerful corporations in the world and one that clearly became caipiracicaban. A new Piracicaba began emerging and the small, rustic, almost primitive village entered the digital and electronic age, fearlessly but at the same time not losing its roots. In fact, Raízen has that meaning: root, energy.*

*Pretty, luminous, enticing, productive, pioneer, the butterfly called Piracicaba kept on flying and flying, her wings carrying history and seeking to reach the Infinite.*

## Usinas Caipiracicabanas

### O poderoso Conselheiro Costa Pinto

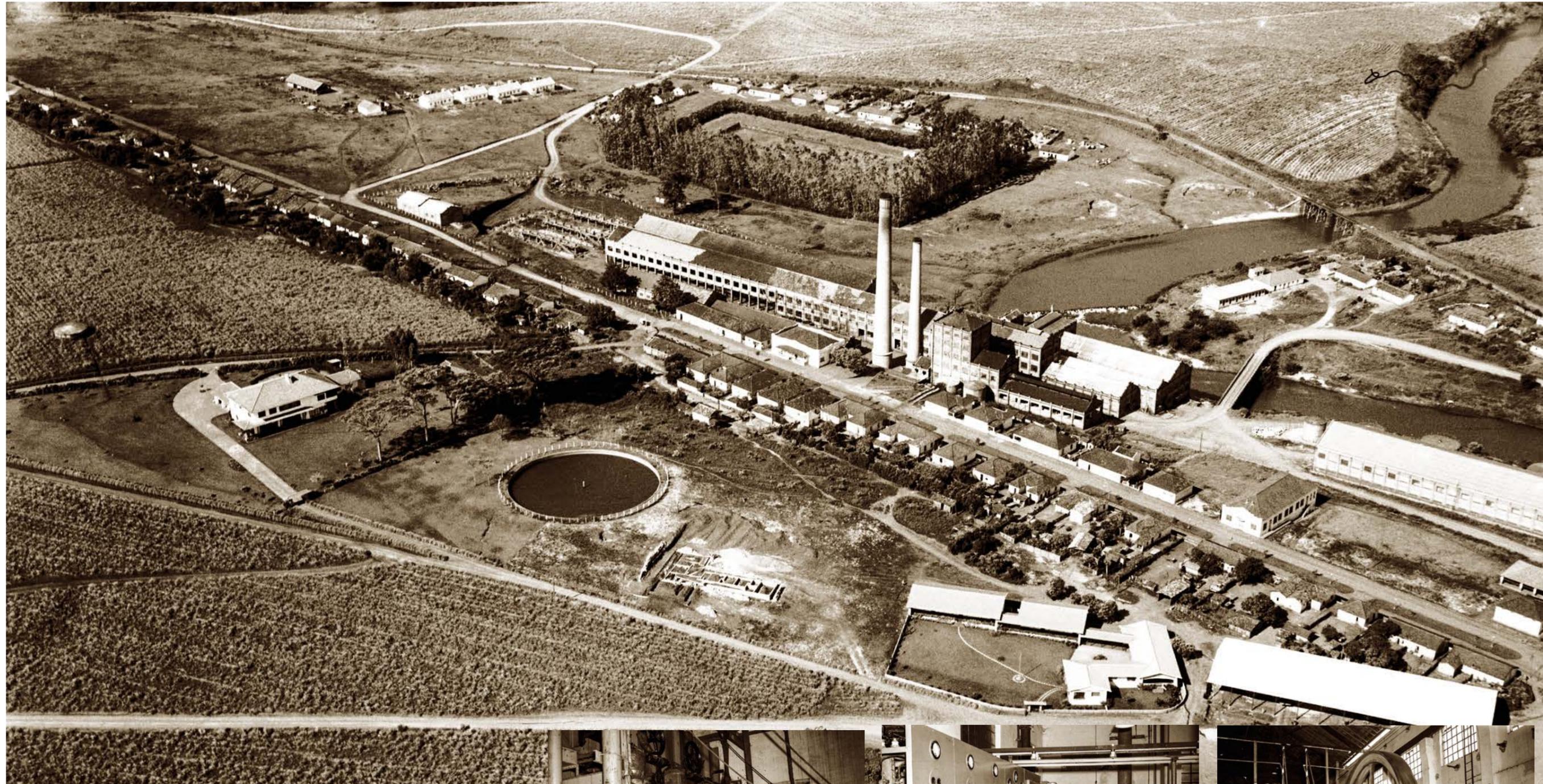
Quem estudar a genealogia caipiracicabana irá impressionar-se com a gama de grandes personalidades brasileiras vinculadas a Piracicaba. O Conselheiro Antônio da COSTA PINTO e Silva é uma delas.

Político, capitalista, fazendeiro, proprietários de vastas terras, foi casado em primeiras núpcias com a Maria Nazareth de Souza Queiroz e, em segundas, com a viúva de Costa Carvalho, marquês de Monte Alegre, Maria Isabel de Souza Alvim (1825-1887). Costa Carvalho é tido como seu primo legítimo.

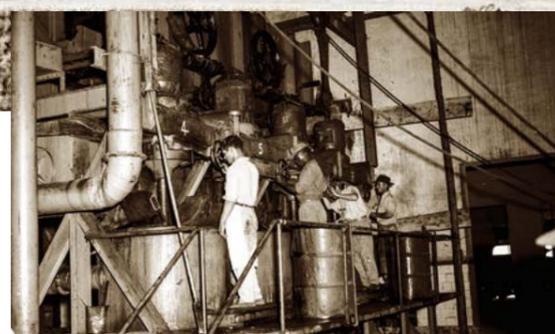
Foi vereador quando Piracicaba era Vila Nova da Constituição, deputado provincial e federal. Quando governador de São Paulo, reuniu influentes fazendeiros e capitalistas, criando a Associação Promotora da Colonização e Imigração (1871), cujo primeiro presidente foi Francisco Antônio de Souza Queiroz. Este era filho do Brigadeiro Luiz Antônio e tio de Luiz de Queiroz, a quem Piracicaba deve a ESALQ. Francisco Antônio e a Associação tiveram papel saliente na introdução pioneira do trabalho livre na agricultura bandeirante.

Costa Pinto foi um dos líderes da chamada "dinastia açucareira" de São Paulo. Além das glebas de Monte Alegre, teve extensa propriedade rural junto ao rio Corumbataí e foi dono de bela residência onde hoje se localiza o teatro São José, na rua São José, no centro de Piracicaba. Hospedou nessa casa o presidente da província paulista, quando aqui veio para inaugurar o serviço de abastecimento de água e um chafariz de mármore na atual praça José Bonifácio, doado à cidade por Júlio Conceição (Irmão de João Batista da Rocha Conceição, que foi esposo de Maria de Nazareth da Rocha Conceição, filha de Costa Pinto). Laços familiares e interesses comuns fizeram com que os Costa Pinto, os Rocha Conceição e mais tarde os Silva Prado se unissem, juntando-se depois, a estes, os Pacheco e Chaves.

Em 1874, Costa Pinto adquiriu uma chácara com 14 quarteirões, à margem do ribeirão Itapeva, com portão de frente para a rua Santo Antônio e vizinha à chácara de Manoel de Moraes Barros. A Usina Costa Pinto S.A., que atualmente faz parte do Grupo Cosan, a estação Costa Pinto da antiga ferrovia União Sorocaba-Ytuana (Sorocabana) e a avenida Conselheiro Costa Pinto, na Paulista, homenageiam essa notável figura, que foi ministro do Imperador D. Pedro II, conselheiro, governador de São Paulo, político atilado, homem empreendedor, uma das pedras angulares do desenvolvimento piracicabano.

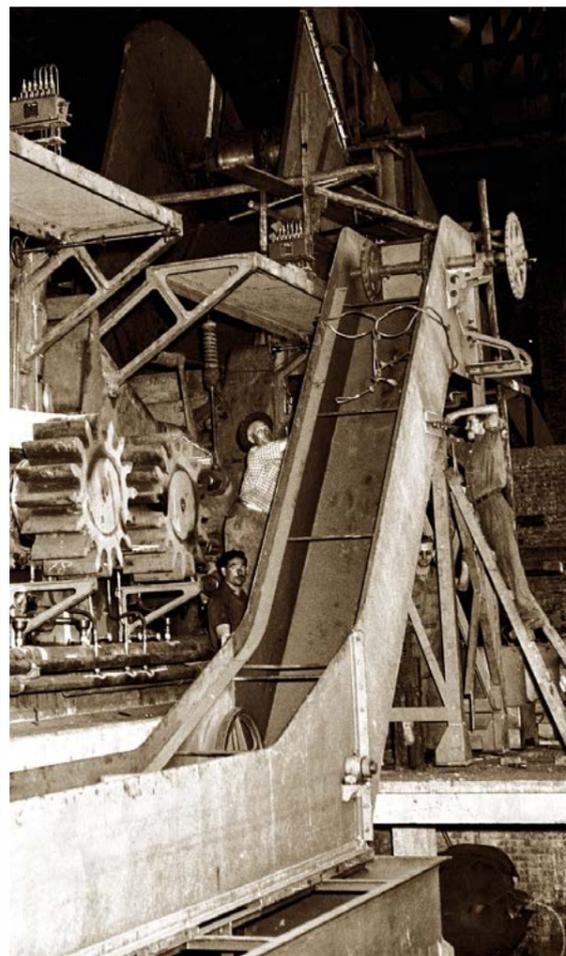


Usina Costa Pinto, 1956





Máquina de cortar cana, Usina São José, Engenho Central



Usina São João de Araras, 1953

## Usinas Caipiracicabanas



Máquina de cortar cana



Corte de cana

USINAS PIRACICABANAS - Fotos: Cícero Correa dos Santos/ Acervo Cecílio Elias Netto



Trem, transporte de cana



Usina Tamandupá, 1942



Engenho Central

wFoto: Acervo Monsenhor Jamil Nassif Abib



USINAS PIRACICABANAS - Fotos: Cicero Correa dos Santos/ Acervo Cecilio Elias Netto

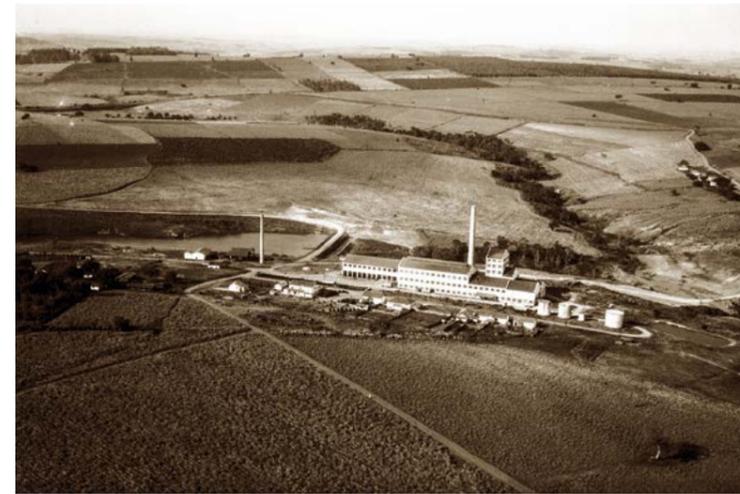


Usina Modelo, 1955

## Usinas Caipiracicabanas



Usina Iracema, 1964



Usina São Jorge, 1956

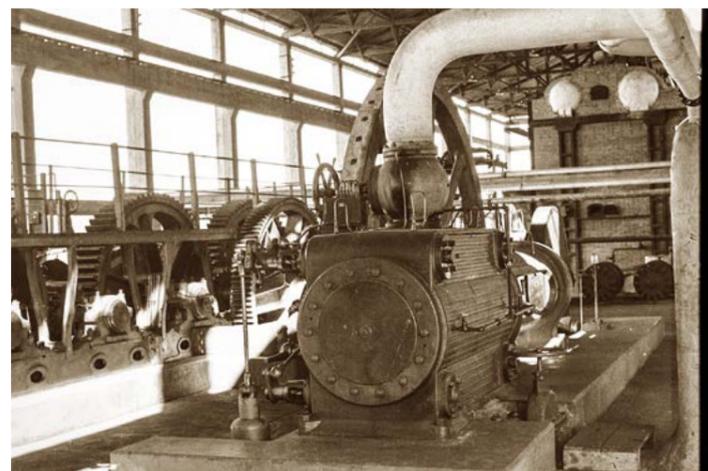


Usina Bom Jesus, 1956

## Usinas Caipiracicabanas



*Distilaria Gileno di Carli, 1959*



*Usina São Jerônimo, 1954*



*Usina São Francisco, 1956*



*Usina Azanha, 1956*



*Usina Santo Antônio*



*Usina da Barra, 1956*



*Usina Santa Helena, 1953*



*Usina Irmãos Lorenzetti, 1956*

## PIRACICABA A DOÇURA DA TERRA

### E temos, também, Pentágono e CIA

A riqueza da terra nem sempre foi regada apenas com doçura. Para que esta se tornasse fruto, consequência, resultado, houve, também, o salgado do suor e da lágrima. E do sangue. Por paradoxal pareça, a terra é temperada por esse amálgama que, numa alquimia mágica, produz doçuras.

Parece uma penitência humana, como se a vida, realmente, nascesse de dores. O parto da natureza – de todo o ser vivo – acontece com sofrimento. Que – ao final e a termo – leva ao êxtase. Piracicaba vive, há 250 anos, esse parto da terra, com sofrimentos, dores, lutas, até mesmo injustiças – extasiando-se, como recompensa, com o açúcar da cana e o doce da fertilidade.

Cortadores de cana, taxados como boas frias após o advento de uma época de materialismo, foram, na realidade, os verdadeiros “senhores da terra”. Pois, sem eles, nada seria possível, frutos não existiriam. Piracicaba, porém, não conheceu a figura dos velhos “senhores de engenho”, que se tornaram parte da saga açucareira no Nordeste brasileiro, no Caribe, em tantos lugares. Aqui, a maioria dos usineiros foi originária da Europa, especialmente da Itália. Chegaram como humildes e sonhadores imigrantes, conheceram discriminações, foram vítimas de injustiças. E, por isso, usinas trataram – com exceções, evidentemente – o cortador de cana como pessoa humana. Isso aconteceu, em especial, em Monte Alegre, nas usinas Costa Pinto, Tamandupá, que criaram colônias de trabalhadores, jamais de boas frias.

Hoje, a classe dos boas frias está em vias de desaparecer (e não nos cabe, aqui, teorizar sobre o desemprego nessa área). Nesta nova civilização on-line, o cultivo e a colheita da cana são monitorados 24 horas. A Raízen, também nossa, criou, desde 2015, o que podemos chamar de Pentágono e de CIA do mundo canavieiro. Nada a ver, com as instituições de segurança estadunidenses. A de Piracicaba, naquela empresa, reorganiza a logística agroindustrial por meio de monitoramento on-line e em tempo real. Assim, faz o controle e o gerenciamento remoto do corte, do carregamento e do transporte da cana. É o Pentágono nosso. E o Centro de Integração Agrícola (CIA) tem como meta a melhora do tempo de corte e o aumento da produtividade da colheita.

É outro pioneirismo espetacular na terra piracicabana. Estamos, assim, prestes a enxugar o solo de todos os suores e lágrimas do passado, para a cana vir a ser, tão somente, a doçura da terra, cultivada por doces pessoas.



Fotos: Fabio Rubinato

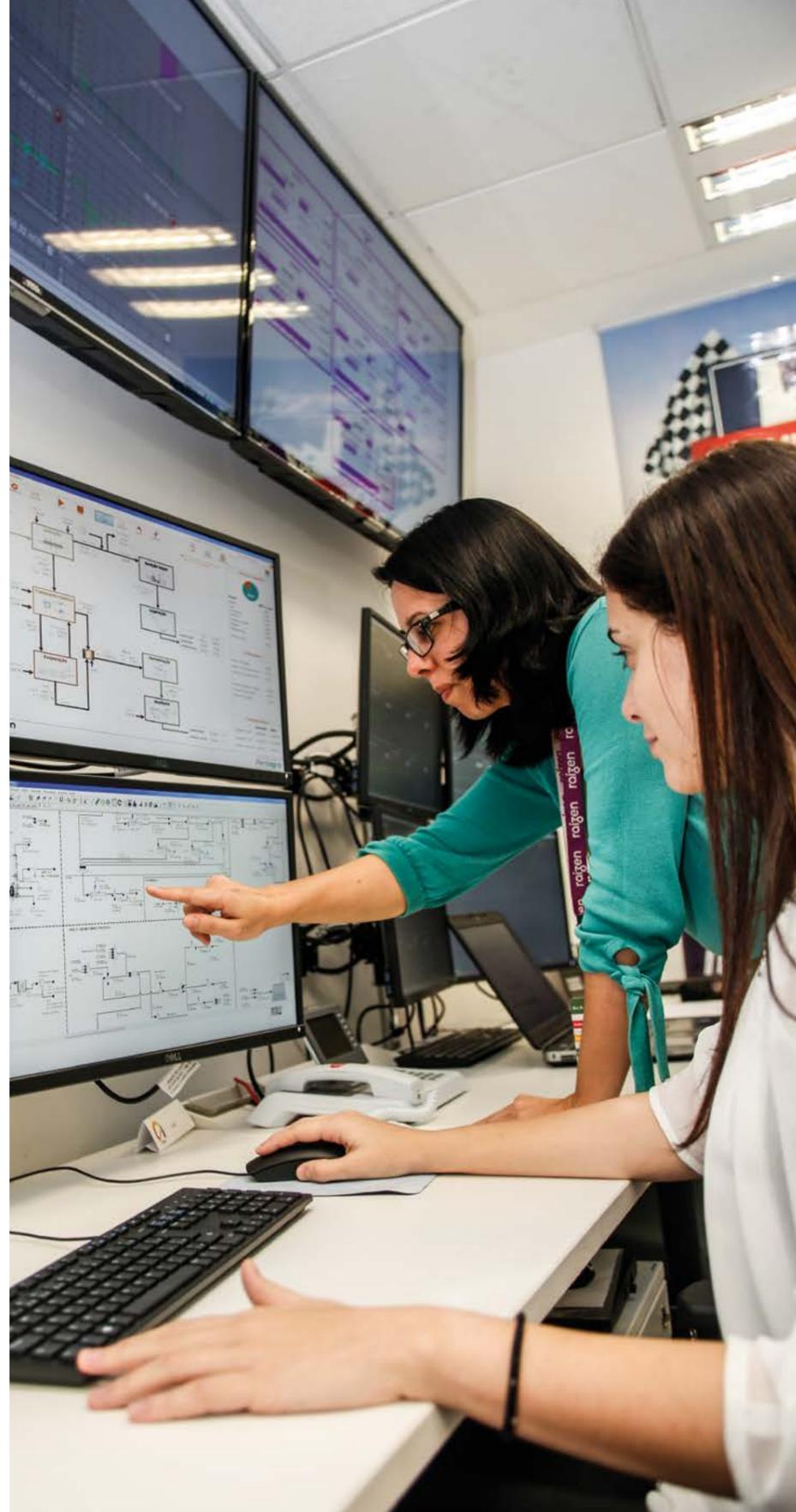


Foto: Fabio Rubinato

## O MUSEU DE NOSSA DOÇURA

“ Tudo se deixa compensar pelo Sol que se vislumbra ao fim e ao cabo... ”

Silvia Anspach

Que outra cidade no Mundo – e insisto: no Mundo! – poderia, a não ser Piracicaba, ter um museu para contar toda a epopeia da doçura da terra? O Museu da Cana de Açúcar – com o nome de Celso Silveira Mello –, ainda em fase de instalação, é uma dessas obras consagradoras de uma cidade e de um povo que honraram e ainda honram suas raízes.

Nosso museu é bem-vindo como a primavera, como as rosas de maio, como as chuvas de setembro. Seu chão e paredes consagram-se a este povo, como um ninho de doçura e leite. De suavidade, sedução, encanto e encantamento, de fascinação e fascínio. De mansuetude, benignidade, conquistas e glórias, sabedoria, cultura, trabalho, sangue e suor, lágrimas e sorrisos, poesia e prosa, canto e conto, murmúrios do rio, mistérios de lendas. De sagrado e profano, esperança e caridade, vida e morte, passado, futuro e presente – nossa história *caipiracicabana*.

A criação do Museu da Cana de Açúcar revela o porquê do dístico de nosso brasão: **AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE**, a secular audácia piracicabana na inteligência e no trabalho. Museu, volto a lembrar – além do grande companheiro de Orfeu, do músico encantador – tornou-se, ao longo da história, também um lugar, “o abrigo, o templo de todas as musas”. Elas vivem entre nós. E, agora, terá um novo templo onde repousar.

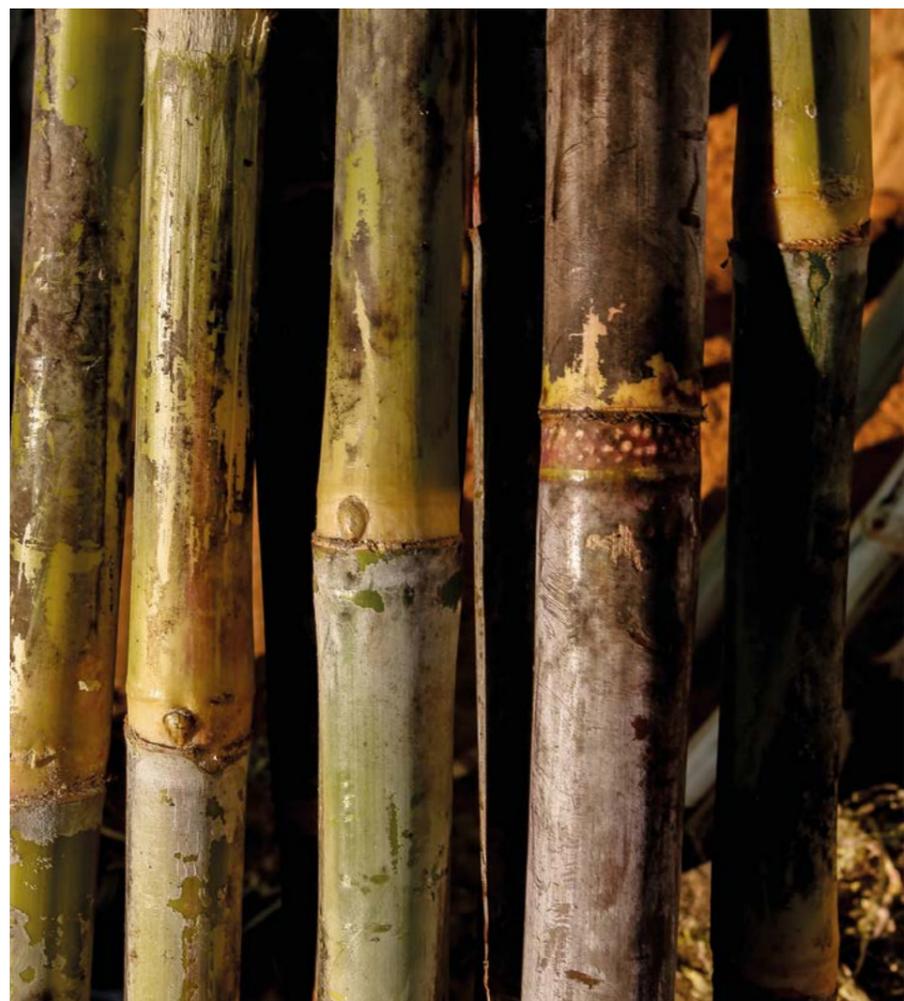


Foto: Fabio Rubinato



Foto: Fabio Rubinato

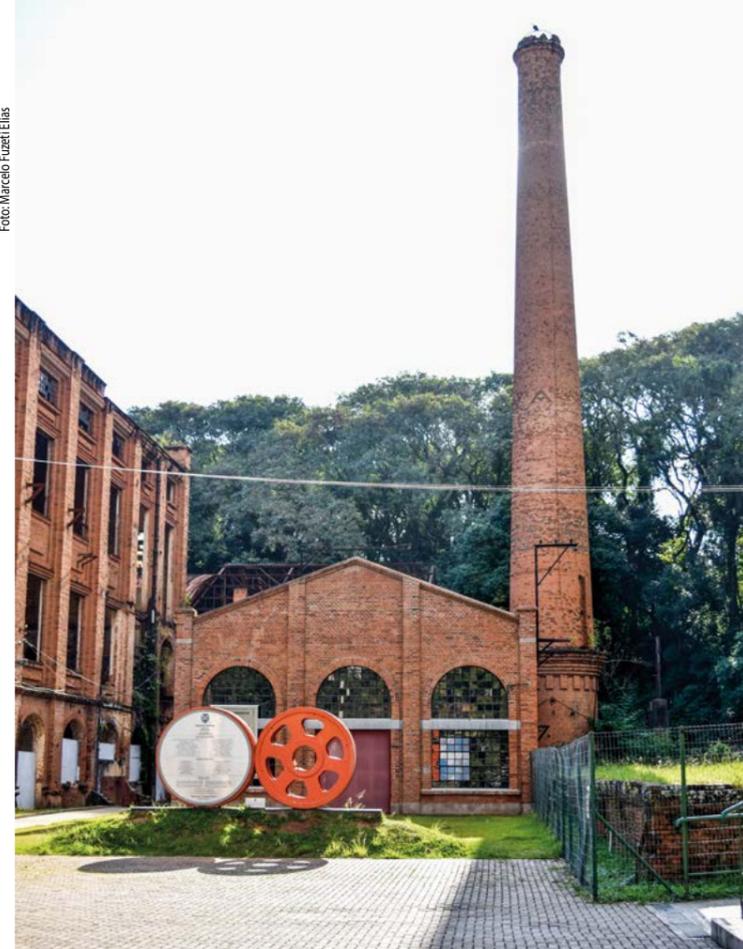


Foto: Marcelo Fuzeti Elias

### THE MUSEUM AND OUR SWEETNESS

*What other city in the World – and I insist: in the World! – But Piracicaba could have a museum to tell the whole epopee of the sweetness of the land? The Sugar Cane Museum, – named Celso Silveira Mello – still in a setting up stage, is one of those consecrated works of a city and people who have honored and still honors its roots.*

*Our museum is as welcome as the spring, the May roses, the September rains. Its floor and walls are consecrated to this people, as a nest of sweetness and delight. Of softness, seduction, charm and enchantment, of fascination and allure. Of meekness, benignity, achievements and glories, wisdom, culture, work, blood and sweat, tears and smiles, poetry and prose, song and tale, whisperings of the river, mysteries of legends. Of sacred and profane, hope and charity, life and death, past, future and present – our caipiracicaban history.*

*Establishment of the Sugar Cane Museum discloses the reason behind the inscription in our coat of arms: AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE, the century-old Piracicaban audacity in intelligence and work. Museum, I remind it – in addition to a great partner of Orpheus, that charming musician – over history, also became a place, “the haven, the temple of all muses”. They live among us. Now, with a new temple to rest in.*

## O MELHOR LUGAR PARA SE VIVER

“ Cai a tarde, tristonha e serena, em macio e suave langor/  
Despertando, no meu coração, a saudade do primeiro Amor...”

(Ave Maria, de Erotides de Campos)

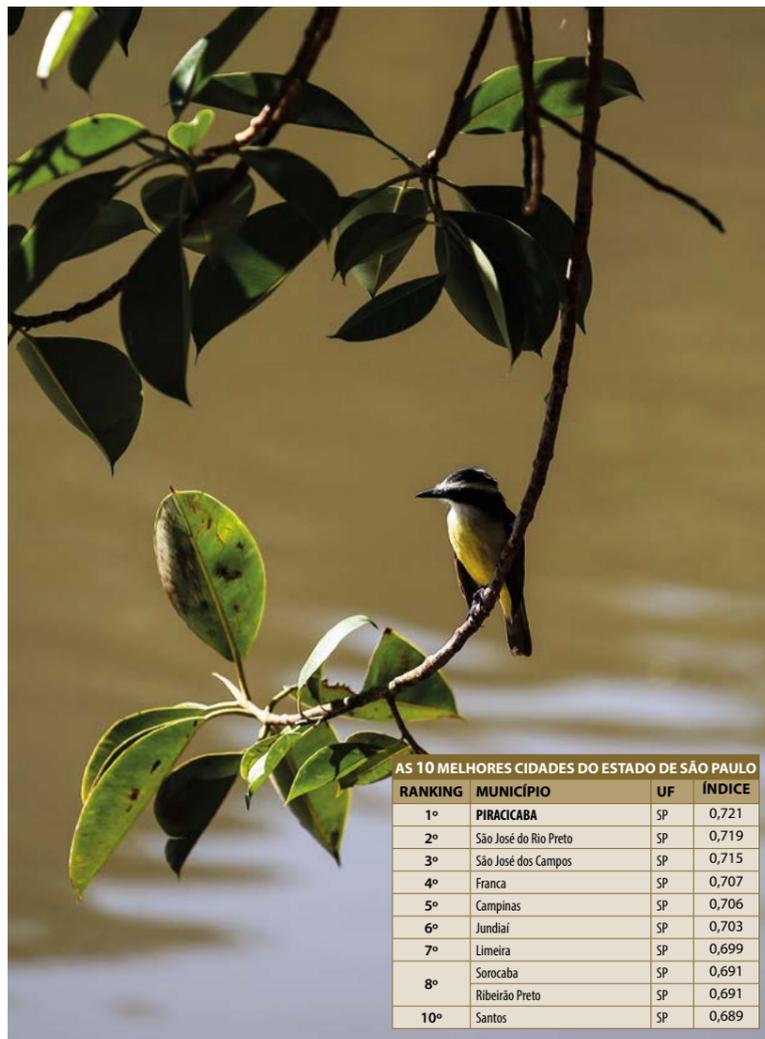
Tenho, ao longo da já longa vida, cantado e proclamado as maravilhas desta nossa cidade. Ela é, desde sempre, a luminosa terra, bafejada por essa singular numinosidade que a envolve com o que há de transcendental da divindade. Somos um “*moto contínuo*” de privilégios. Assim, Piracicaba não apenas *foi*, não apenas *era*: Piracicaba *é*, Piracicaba *continua sendo*.

Fomos a mais educada (Atenas Paulista), a mais graciosa (Pérola dos Paulistas), a mais culturalmente pioneira (a *Bloomsbury Caipira*), admirável no culto às artes (*Florença Brasileira*), a mais progressista do Brasil (administração Luciano Guidotti), o maior centro açucareiro da América Latina (décadas de 1950/60), ideal de cidade universitária (assim denominada pelo consagrado escritor Galeão Coutinho, em 1907). E mais, e mais, e mais – tanto que até enrouqueço desse meu muito cantar.

E continuamos a ser, não interrompemos a nossa destinação. Pois, neste novo século e no ano de 2017, “*da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo*”, os estudos elaborados pela Macroplan indicam que Piracicaba, a doçura da terra, é – nos quesitos saúde, educação e cultura, segurança, saneamento e sustentabilidade – **A SEGUNDA MELHOR CIDADE DO BRASIL PARA SE VIVER. E A PRIMEIRA DE SÃO PAULO**, superando, também, as capitais de todos os estados brasileiros.

Como interromper o canto? Como calar essa paixão? O que mais pode, a um povo, faltar, se sua terra lhe garante segurança, educação e saúde? Nesta abençoada Piracicaba, cada um pode “*fazer seu ranchinho*” à beira do rio e convidar seu amor pra morar, viver e amar, com alegria e paz.

RIO PIRACICABA - Foto: Rubens Chiriz/BZ



| AS 10 MELHORES CIDADES DO ESTADO DE SÃO PAULO |                       |    |        |
|---|-----------------------|----|--------|
| RANKING                                       | MUNICÍPIO             | UF | ÍNDICE |
| 1º  | PIRACICABA            | SP | 0,721  |
| 2º  | São José do Rio Preto | SP | 0,719  |
| 3º  | São José dos Campos   | SP | 0,715  |
| 4º  | Franca                | SP | 0,707  |
| 5º  | Campinas              | SP | 0,706  |
| 6º  | Jundiaí               | SP | 0,703  |
| 7º  | Limeira               | SP | 0,699  |
| 8º  | Sorocaba              | SP | 0,691  |
|   | Ribeirão Preto        | SP | 0,691  |
| 10º   | Santos                | SP | 0,689  |

Dados estatísticos: Pesquisa Macroplan, 2017

| AS 100 MELHORES CIDADES DO BRASIL |                       |    |        |
|-----------------------------------|-----------------------|----|--------|
| RANKING                           | MUNICÍPIO             | UF | ÍNDICE |
| 1º                                | Maringá               | PR | 0,731  |
| 2º                                | PIRACICABA            | SP | 0,721  |
| 3º                                | São José do Rio Preto | SP | 0,719  |
| 4º                                | São José dos Campos   | SP | 0,715  |
| 5º                                | Franca                | SP | 0,707  |
| 6º                                | Campinas              | SP | 0,706  |
| 7º                                | Jundiaí               | SP | 0,703  |
| 8º                                | Limeira               | SP | 0,699  |
| 9º                                | Curitiba              | PR | 0,696  |
| 10º                               | Sorocaba              | SP | 0,691  |
|                                   | Ribeirão Preto        | SP | 0,691  |
| 12º                               | Taubaté               | SP | 0,690  |
| 13º                               | Santos                | SP | 0,689  |
|                                   | São Bernardo do Campo | SP | 0,688  |
| 14º                               | Londrina              | PR | 0,688  |
|                                   | Uberlândia            | MG | 0,688  |
| 17º                               | Florianópolis         | SC | 0,686  |
| 18º                               | Cascavel              | PR | 0,682  |
| 19º                               | Vitória               | ES | 0,681  |
| 20º                               | Belo Horizonte        | MG | 0,677  |
| 21º                               | São Paulo             | SP | 0,673  |
| 22º                               | Santo André           | SP | 0,668  |
| 23º                               | Montes Claros         | MG | 0,667  |
| 24º                               | Uberaba               | MG | 0,666  |
| 25º                               | Niterói               | RJ | 0,661  |
|                                   | Mauá                  | SP | 0,661  |
| 27º                               | Blumenau              | SC | 0,658  |
| 28º                               | Palmas                | TO | 0,657  |
| 29º                               | Suzano                | SP | 0,655  |
| 30º                               | Taboão da Serra       | SP | 0,651  |
| 31º                               | Caxias do Sul         | RS | 0,647  |
| 32º                               | Diadema               | SP | 0,646  |
|                                   | Joinville             | SC | 0,646  |
| 34º                               | Campo Grande          | MS | 0,645  |
| 35º                               | Mogi das Cruzes       | SP | 0,640  |
|                                   | Betim                 | MG | 0,640  |
| 37º                               | Ponta Grossa          | PR | 0,637  |
| 38º                               | Bauru                 | SP | 0,634  |
| 39º                               | Contagem              | MG | 0,633  |
| 40º                               | Praia Grande          | SP | 0,627  |
|                                   | Rio de Janeiro        | RJ | 0,627  |
| 42º                               | Santa Maria           | RS | 0,625  |
| 43º                               | Goânia                | GO | 0,622  |
|                                   | Porto Alegre          | RS | 0,622  |
| 45º                               | Petrolina             | PE | 0,615  |
| 46º                               | Guarulhos             | SP | 0,614  |
| 47º                               | Osasco                | SP | 0,613  |
| 48º                               | Juiz de Fora          | MG | 0,609  |
| 49º                               | Campina Grande        | PB | 0,600  |
| 50º                               | São José dos Pinhais  | PR | 0,599  |

### Pesquisa Macroplan, 2017

A consultoria Macroplan analisou os municípios com mais de 266 mil habitantes em 16 indicadores divididos em quatro áreas distintas: saúde, educação e cultura, segurança e saneamento e sustentabilidade. Os pesos dos indicadores e das áreas que compõem o índice foram divididos da seguinte forma: 35,3% para educação e cultura; 35,3% para saúde; 20,6% para infraestrutura e sustentabilidade e 8,8% para segurança. O ranking foi formado por um índice que vai de 0 a 1 – quanto mais próximo de 1, melhor é a condição de vida no local.

| AS 100 MELHORES CIDADES DO BRASIL |                         |    |        |
|-----------------------------------|-------------------------|----|--------|
| RANKING                           | MUNICÍPIO               | UF | ÍNDICE |
| 51º                               | Petrópolis              | RJ | 0,595  |
| 52º                               | Boa Vista               | RR | 0,593  |
| 53º                               | Carapicuíba             | SP | 0,589  |
|                                   | São Vicente             | SP | 0,589  |
|                                   | Governador Valadares    | MG | 0,589  |
| 56º                               | Vila Velha              | ES | 0,585  |
| 57º                               | Serra                   | ES | 0,580  |
| 58º                               | João Pessoa             | PB | 0,574  |
| 59º                               | Cuiabá                  | MT | 0,569  |
|                                   | Guarujá                 | SP | 0,566  |
| 60º                               | Campos dos Goytacazes   | RJ | 0,566  |
|                                   | Fortaleza               | CE | 0,566  |
| 63º                               | Vitória da Conquista    | BA | 0,565  |
| 64º                               | Anápolis                | GO | 0,562  |
|                                   | Mossoró                 | RN | 0,562  |
| 66º                               | Ribeirão das Neves      | MG | 0,558  |
| 67º                               | Salvador                | BA | 0,555  |
| 68º                               | Caruaru                 | PE | 0,553  |
| 69º                               | Juazeiro do Norte       | CE | 0,552  |
|                                   | Itaquaquecetuba         | SP | 0,543  |
| 70º                               | Recife                  | PE | 0,543  |
| 72º                               | Natal                   | RN | 0,542  |
| 73º                               | Pelotas                 | RS | 0,541  |
| 74º                               | Teresina                | PI | 0,536  |
| 75º                               | Caucaia                 | CE | 0,535  |
| 76º                               | Cariacica               | ES | 0,532  |
| 77º                               | Rio Branco              | AC | 0,529  |
| 78º                               | Manaus                  | AM | 0,528  |
| 79º                               | Gravatá                 | RS | 0,523  |
| 80º                               | Canoas                  | RS | 0,514  |
|                                   | Olinda                  | PE | 0,514  |
|                                   | Aracaju                 | SE | 0,512  |
| 82º                               | Camaçari                | BA | 0,512  |
| 84º                               | Feira de Santana        | BA | 0,511  |
| 85º                               | São Luís                | MA | 0,508  |
| 86º                               | Paulista                | PE | 0,499  |
| 87º                               | Aparecida de Goiânia    | GO | 0,496  |
| 88º                               | Santarém                | PA | 0,491  |
|                                   | Belém                   | PA | 0,486  |
| 89º                               | São Gonçalo             | RJ | 0,486  |
|                                   | Jaboatão dos Guararapes | PE | 0,486  |
| 92º                               | Várzea Grande           | MT | 0,479  |
| 93º                               | Maceió                  | AL | 0,473  |
| 94º                               | Porto Velho             | RO | 0,470  |
| 95º                               | São João de Meriti      | RJ | 0,465  |
| 96º                               | Duque de Caxias         | RJ | 0,461  |
| 97º                               | Nova Iguaçu             | RJ | 0,457  |
| 98º                               | Macapá                  | AP | 0,434  |
|                                   | Belford Roxo            | RJ | 0,434  |
| 100º                              | Ananindeua              | PA | 0,413  |

Dados estatísticos: Pesquisa Macroplan, 2017

### THE BEST PLACE FOR LIVING

Over an already long life, I have sung and heralded the wonders of this city of ours. It has been, since ever, a numinous land, smiled upon by that unique numinousness that shrouds it with what is transcendental in divinity. We are as in a “perpetual motion” of privileges. Thus, Piracicaba not only was, not only has been: Piracicaba is, Piracicaba keeps on being.

We were the most educated (Paulist Athens), the most gracious (Pearl of São Paulo), the most pioneering in culture (Caipira Bloomsbury), the admirable “Brazilian Florence” (cultivation of arts), the most progressive in Brazil (Luciano Guidotti’s administration), the biggest sugar center in Latin America (1950/1960), an ideal of a university town (so called by consecrated writer Galeão Coutinho in 1907). And more, much more, still much more – so much so that I go crazy with this so much singing of mine.

And we keep on being, we have not interrupted our destination. For in this new century, in this year of 2017 “of the grace of Our Lord Jesus Christ”, the studies elaborated by Macroplan show that Piracicaba, the sweetness of the land – in health, education and culture, security, sanitation and sustainability issues – IS THE SECOND BEST CITY IN BRAZIL FOR LIVING. AND THE FIRST IN SÃO PAULO, surpassing the Capital Cities of all Brazilian States.

How to interrupt the song? How to shut up this passion? What else can a people be lacking, if their land guarantees safety, education and health? In this blessed Piracicaba, everyone can “build his little ranch” on the river bank and invite their love to reside, live and love, joyfully and in peace.

### MELHOR ENTRE AS CAPITAIS DOS ESTADOS BRASILEIROS

| RANKING | MUNICÍPIO      | UF | ÍNDICE |
|---------|----------------|----|--------|
| 2º      | PIRACICABA     | SP | 0,731  |
| 9º      | Curitiba       | PR | 0,696  |
| 17º     | Florianópolis  | SC | 0,682  |
| 19º     | Vitória        | ES | 0,681  |
| 20º     | Belo Horizonte | MG | 0,677  |
| 21º     | São Paulo      | SP | 0,673  |
| 34º     | Campo Grande   | MS | 0,645  |
| 41º     | Rio de Janeiro | RJ | 0,627  |
|         | Goânia         | GO | 0,622  |
| 43º     | Porto Alegre   | RS | 0,622  |
| 52º     | Boa Vista      | RR | 0,593  |
| 58º     | João Pessoa    | PB | 0,574  |
| 59º     | Cuiabá         | MT | 0,569  |
| 62º     | Fortaleza      | CE | 0,566  |
| 67º     | Salvador       | BA | 0,555  |
| 71º     | Recife         | PE | 0,543  |
| 72º     | Natal          | RN | 0,542  |
| 74º     | Teresina       | PI | 0,536  |
| 77º     | Rio Branco     | AC | 0,529  |
| 78º     | Manaus         | AM | 0,528  |
| 82º     | Aracaju        | SE | 0,512  |
| 85º     | São Luís       | MA | 0,508  |
| 89º     | Belém          | PA | 0,486  |
| 93º     | Maceió         | AL | 0,473  |
| 94º     | Porto Velho    | RO | 0,470  |
| 98º     | Macapá         | AP | 0,434  |

Dados estatísticos: Pesquisa Macroplan, 2017

Foto: Rubens Chiriz/BZ

“ Fiz meu rancho na beiro do rio/ meu amor foi comigo morar/ e nas  
redes nas noites de frio/ meu bem me abraçava pra me agasalhar...”

João de Barro

## ICEN, ponto de encontro da cultura caipiracicabana



Cecílio Elias Netto e Marcelo Fuzeti Elias na sede do ICEN, na travessa Luiz Thomazzi, esquina com a Rua do Porto

### Nosso doce e almejado cantinho

Luiz Thomazzi – da notável família Thomazzi, de consagrados artistas plásticos, músicos, intelectuais – foi um piracicabano que se destacou sobremaneira no jornalismo brasileiro. Foi editor da Folha de São Paulo, da Última Hora, consagrado professor, presidente do MOBREAL, jornalista emérito.

Foi em 1961 que passei a manter com ele – cerca de 20 anos mais velho do que eu – fortes laços de amizade e de respeito. Ele, meu mestre: eu, discípulo deslumbrado. Foi Thomazzi quem teve a coragem de indicar-me editor e diretor – em meus parcos 21 anos – da então criada “Folha de Piracicaba”, cujo primeiro diretor, Waldemar Arruda, fora dispensado. Meus joelhos tremeram. Mas aceitei o desafio, não sei se corajosa ou irresponsavelmente. E ele, meu mestre, tornou-se-me também tutor jornalístico, cultural, artístico.

Ao aposentar-se, Thomazzi – saudosos de sua terra, cada vez mais apaixonado por ela – retornou a Piracicaba. Cansado, com problemas de saúde, a situação como que se inverteu: ele, o mestre, apoiava-se em mim, seu discípulo. E, em nossos entardeceres piracicabanos, lá nos íamos, nós, comer lambirizinhos fritos e tomar caipirinha e cerveja na Arapuca, nosso refúgio, cantinho de paz. Thomazzi deixava voar-lhe a alma, seus olhos percorriam dias passados, agradeciam o presente, vislumbravam o futuro. E, diante de nós, naquela travessa que levava ao rio, estava a casinha encantadora, pequenina, aconchegante, delicado estilo caipira.

Thomazzi olhava-se, repetindo não sei mais se apenas para si mesmo ou para que eu também participasse: “Meu sonho é fazer dessa casinha um espaço cultural, de encontro de intelectuais e artistas, coisa humilde mas que estimule a criação de todos.” Acabei sonhando junto. E, então, Luiz Thomazzi morreu. E eu, mesmo com outros amigos ao lado, senti que aquela travessa da Rua do Porto jamais seria igual sem a presença dele. Foi quando, com a emoção de tantas lembranças, sugeri, em minha coluna jornalística, que, àquela ruazinha mágica, se desse o nome de Travessa Luiz Thomazzi. E assim aconteceu.

Muitos anos depois, a adorável e mágica casinha se tornou – por generosidade da família Pecorari, donos da quase septuagenária Arapuca – a sede do Instituto Cecílio Elias Netto (ICEN), criado por meus filhos e amigos para ser, conforme também o sonho de Luiz Thomazzi, um celeiro de cultura e arte caipiracicabanas.

“Deo gratias”



Odair Renato, presidente da Caterpillar do Brasil, no lançamento de *Piracicaba que amamos tanto*



Livro *Piracicaba que amamos tanto* foi lançado no salão nobre da Câmara Municipal, em 2015



Debora da Costa Barros, coordenadora da Relações Externas EAB Raizen

### ICEN vem cumprindo sua missão

O expressivo número de obras publicadas (como jornalista e escritor) e a posse de amplo material iconográfico da cidade de Piracicaba fazem de Cecílio Elias Netto um colecionador de rara expressão e grande fonte a todos que queiram aprofundar-se na história do município. Os mais de 40.000 itens, entre fotos, negativos, cartões postais, desenhos, gravuras, jornais, revistas e livros – abrangendo um período cronológico que se estende do século 19 aos dias atuais –, estimularam familiares e um grupo de amigos a imortalizá-lo, ainda em vida, com a criação de um instituto de pesquisa e desenvolvimento cultural que leva o seu nome, o ICEN – Instituto Cecílio Elias Netto, entidade sem fins lucrativos, tendo como principal objetivo o cultivo e a propagação do cenário artístico, cultural, social e ambiental do município, através de ações múltiplas.

Presidido por Marcelo Fuzeti Elias e com apenas dois anos de existência (foi fundado em 25 de agosto de 2015), o ICEN vem cumprindo sua missão a todo vapor. Foi o responsável pelo movimento cultural que culminou no reconhecimento oficial do ‘Dialeto e Sotaque Caipiracicabanos’ como Patrimônios Imateriais do município, promoveu o I Encontro dos Caipiracicabanos, em 2016, na Rua do Porto, e – além da histórica trilogia sobre a cidade: *PIRACICABA QUE AMAMOS TANTO* (2015); *PIRACICABA, UM RIO QUE PASSOU EM NOSSA VIDA* (2016) e *PIRACICABA, A DOÇURA DA TERRA* (2017) – colocou no mercado a 6ª versão atualizada do Dicionário do Dialeto Caipiracicabano (Arco, Tarco e Verva), em 2016, e a badaladíssima obra *PIRACICABA, A FLORENÇA BRASILEIRA* (Belas Artes Piracicabanas), em maio de 2017. Criou, também, o Troféu Caipiracicabano Nhô Tonico, que será entregue a partir de 2018 a personalidades que contribuem com o enriquecimento e propagação da cultura piracicabana. (Nota do Editor)



Cecílio Elias Netto e Luciane Venturini, da Caterpillar, entregam primeiro exemplar ao prefeito Gabriel Ferrato, em 2016



Antonio Carlos Bonassi, Cecílio Elias Netto e Erlon Avelar Pereira no encontro com a Imprensa no Sesc Piracicaba



Debora Barros, João Chadad, Pedro Kawai e Evaldo Vicente prestigiam o lançamento do Dicionário



MOMENTO HISTÓRICO: Prefeito de Piracicaba, Gabriel Ferrato, e a secretária da Cultura, Rosângela Camolese, assinam decreto-lei reconhecendo a linguagem e o sotaque caipiracicabanos como Patrimônios Imateriais de Piracicaba, em 2016



Livro sobre o Rio Piracicaba foi lançado no Teatro do Engenho



Caipiracicabinha, mascote do ICEN, diverte o público durante o 1º Encontro Caipiracicabano, na Rua do Porto, em 2016



NHÔ TONICO - Cecílio Elias Netto, na infância, era o menino Toninho, o Tonico para os mais íntimos

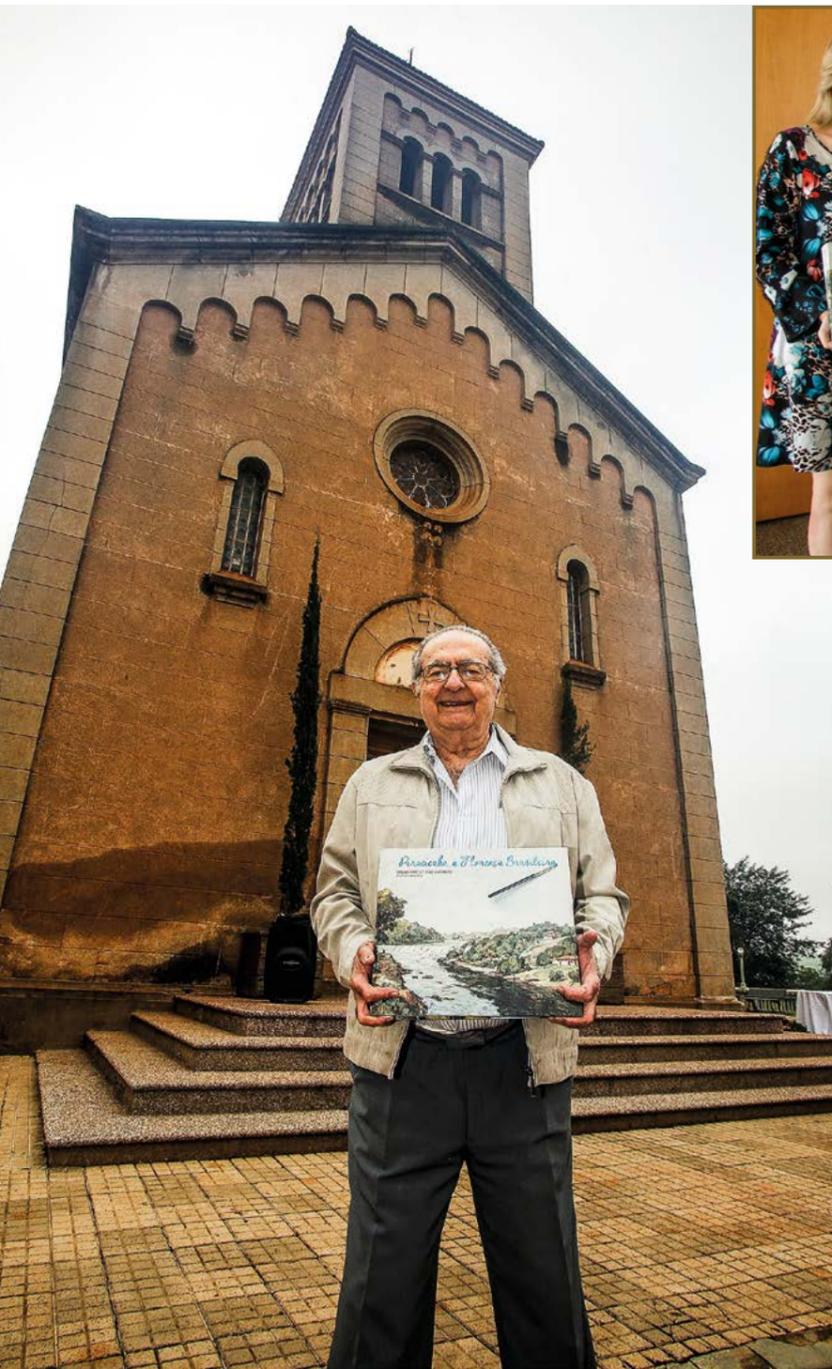
Foto: Rubens Chini/ BZ

Foto: Fábio Rubinato

Foto: Fábio Rubinato

Foto: Fábio Rubinato

Foto: Rubens Chini/ BZ



Lançamento da obra *Piracicaba, a Florença Brasileira (Belas Artes Piracicabanas)* foi na Capela de Monte Alegre, em 2017



Fotos: Fabio Rubinato

Primeiro exemplar da obra *Piracicaba, a Florença Brasileira (Belas Artes Piracicabanas)* é entregue ao prefeito Barjas Negri

### O presente de Cecílio

“Não sou velho, não sou idoso, sou antigo”. Sábias palavras que brotaram da sensibilidade de um coração que pertence ao “nosso” Cecílio Elias Neto, no lançamento de sua mais recente obra. Era uma manhã ensolarada que sucedera a uma noite, onde relâmpagos e trovões imperaram na copiosa chuva. A praça ali estava como uma antessala para adentrar a nave da Igreja São Pedro, em Monte Alegre, mandada erigir por Pedro Morganti, da minha infância e juventude.

Situada no topo de um monte, recebia os convidados ao som da música conduzida por Luiz Fernando Dutra. Naquele ambiente bucólico ouviu-se a voz de Cecílio. Não é velho nem idoso, mas antigo. Ele de fato é antigo. Antigo, porque está testemunhando um passado repleto da ansiedade da juventude em transformar a sua vivência em algo tangível para o mundo da literatura e das artes. Assim era Cecílio quando, ainda bem jovem, deu à luz o romance “Um eunuco para Ester”. Esse foi o momento em que nos conhecemos através da carta que a ele enviei elogiando o seu texto, nos inícios da década de 1950, e que, segundo suas palavras, ainda ele a guarda em seus escaninhos. Até me permito utilizar essa expressão antiga! Seu texto intenso fez-me comparar o seu final com o final da peça teatral “Anjo de Pedra” de Tennessee Willams, que, naquele então, vira em sua versão cinematográfica. Outra vez, antigo. Mas, Cecílio não é um antigo estático e sim um ser que, em permanecendo sempre o mesmo, transforma-se continuamente e, agora, nos oferece essa obra de arte que é “Piracicaba, a Florença Brasileira”.

Ai estão registrados os momentos em que a sensibilidade do olhar de um artista torna-o cúmplice de uma cena e a transpõe para a tela, transformando-a em antiga. Assim também ai estão as mãos ansiosas para transformar a matéria bruta em escultura, antiga. E os corações sensíveis que, diante daquilo que os cerca e que os inspira, dão vida à arte em movimento, que é a música, ou vida à prosa poética ou vida à pura poesia. Acompanhadas nesse belo texto pelas obras clássicas de artistas das eras passadas, a arte de grande maioria dos piracicabanos, que criaram e continuam a criar obras “antigas”, porque destinadas à posteridade, está fixada pela sensibilidade, também artística de Cecílio, nessa obra digna de descansar sobre um pedestal do mais puro mármore, oferecendo-se para ser degustada pelos amantes das artes, enaltecendo a nossa Piracicaba. Obrigado, Cecílio, pelo seu presente.

Otto J. Crocomo – ADAE/ESALQ, Piracicaba



Fabio Rubinato, Marcelo Fuzeti Elias, Sueli Lúcia Aguilar, Cecílio Elias Neto, Eduardo Borges de Araújo e Amaldo Branco Filho



Barjas Negri, prefeito de Piracicaba, marca presença



Leopoldo Stenico, gerente administrativo da MEFSA



Pedro Mizutani, vice-presidente de Relações Externas e Estratégias da Raizen, prestigia lançamento do livro



Andrea Park, diretora de Assuntos Corporativos da Caterpillar, faz uso da palavra



Rachel Fuzeti Elias entrega flores a Marisa Morganti Falanghe



Fausto Longo, senador da República da Itália, e Patrícia Elias



Quarteto de Cordas da Orquestra Sinfônica de Piracicaba faz apresentação de gala durante o evento

## GOTAS DE MEL

“ Na vida, uma gota de mel conquista mais moscas do que um barril de vinagre ”

D. Aníger Melilo

Persegui, a vida toda, uma frase com a sonoridade de Sol maior. Ou de Lá menor. Imaginei-me no delírio da comunhão entre prosa e poesia, o ritmo e a razão, a música e a gramática, a harmonia das palavras encadeando-se como num voo de pássaro, num deslizar de corça, num olhar de ovelha.

Neste meu tempo também de relembrar, vejo-me, nas noites em claro, garimpando palavras, escolhendo verbos, o coração galopando em busca de ritmo e harmonia apenas para prosear. Sonhei com prosa poética, com poesia em prosa. Para que assim fosse e acontecesse na minha vida, rompendo o falso dilema: vive-se na prosa; ama-se e sonha-se na poesia. Trata-se de meia verdade. A comunhão é possível.

Escrevo-as, essas coisas, por – ainda e em meio a tantas perplexidades – acreditar nelas. Confesso não saber como as preservei após a longa jornada de tantas batalhas. Seria como se, após enfrentar vendavais de poeira, se percebesse que apenas roupas ou pele foram atingidas, manchadas. Mas são manchas que se eliminam com um bom banho em águas limpas, um mergulho em fontes puras. Na luta e na caminhada, mancha-se a farda, suja-se a roupa. Mas a alma está limpa. Desde que não tinha sido vendida, negociada.

Havia, antes, a lição do homem com terno branco cujo automóvel atolou num lamaçal. A alguns metros, estava o outro lado da terra firme. Atolado, ficou-lhe a alternativa: permanecer no carro e manter o terno branco limpo, sair do carro e sujar o terno. Ele hesitou: ficar e continuar com o terno limpo; arriscar e sujar o terno. Decidiu-se, saiu do carro. Caiu, levantou-se, voltou a cair na lama, reergueu-se, foi caminhando de tombo em tombo, sujando o terno

e chegou à outra margem. Com o terno sujo, mas sobrevivente. Tirou a roupa enlameada, deixou-a para trás, continuou a jornada.

Ora, o que me resta, senão contar, advertir, prevenir? Pois o meu não é mais o caminho de ida, é o de volta. Já conheci a trajetória, vi as pedras, obstáculos, precipícios. Serei um tolo se der conselhos e tentar evitar que os mais moços façam a caminhada sem destino, a busca do lugar nenhum. Mas serei irresponsável se, já tendo visto e vivido, não contar do que vi e vivi. Um pai, quando vê a criança querer saltar da janela, tem o dever e a responsabilidade de, pelo menos, advertir: “*Quer pular, pule. Mas você irá se machucar, poderá até morrer.*” Ou não? Calando-se, pais e velhos experientes serão irresponsáveis. Este, o nosso, tem sido o tempo de irresponsabilidades.

O meu é o mundo de um sobrevivente. Sujei meu terno branco, mergulhei no lodaçal da vida, quis chegar à outra margem, usei da espada, conheci sujeiras, convivi com elas, enfrentei-as, fui preso, estive em celas e em prisão domiciliar, governantes e o guarda da esquina tentando submeter-me, vencer-me, forçando-me a permanecer com o carro atolado no lamaçal. Cheguei à outra margem. E joguei o terno sujo. A alma estava limpa. Continua.

Sou, no entanto, remanescente de uma geração fracassada, geração festiva em seu espírito e sonhos libertários. Fracassamos. Lutando pela liberdade, destruimos limites. É preciso um “*mea culpa*”, senão nada será reconstruído. Pois, em nome de renovação de valores e costumes, atingimos princípios. Mas princípios não morrem, mesmo quando aparentemente sepultados. No desespero e no caos, a única saída está na busca e na retomada deles. Feliz será quem puder reencontrá-los.



É possível, sim, viver a prosa poética, poetar a prosa, prosear a poesia. Mais do que uma frase em Sol maior ou em Lá menor, há as esquecidas gotas de mel. No auge e no fragor de tantas lutas durante a ditadura, um bispo, D. Aníger Melilo, me ofereceu, com singeleza, a lição de sabedoria: “*Na vida, uma gota de mel conquista mais moscas do que um barril de vinagre*”.

É o princípio da doçura. Que, substituindo a acidez do vinagre do cotidiano, pode mudar vidas, ressuscitar relações, reconstruir famílias, transformar mundos. Há milênios, o homem sabe que o paraíso está na terra de onde vertem o leite e o mel. Essa doçura existe, como a pepita de ouro escondida sob a terra. Mais do que olhos de ver e ouvidos de ouvir, é preciso haver corações de sentir.

Neste livro, derramei gotas de mel, destiladas da alma.

**DROPS OF HONEY**

*All my life I have pursued a sentence with the sound of a G major. Or an A minor. I pictured myself in a delirium of communion between prose and poetry, rhythm and reason, music and grammar, the harmony of words linked as in the flight of a bird, the slither of a doe, the gaze of a lamb.*

*In this time of my recalling, I find myself in sleepless nights, prospecting for words, choosing verbs, my heart galloping in search of rhythm and harmony for prosing. I dreamed about poetic prose, with poetry in prose. So that such came to be and happened in my life, breaching through the false dilemma: we live in prose; we love and dream in poetry. It is but a half-truth. Communion is possible.*

*I write them down, these things – still amid so many perplexities – for I believe in them. I confess not knowing how I have preserved them after my long journey, after so many battles. It would be as if, after facing dust storms, smusic and grammare realized that only clothes or the skin have been hit, stained. However, such dirt is cleaned with a good bath in clean waters, a plunge into pure springs. In a fight or in a journey, one stains the uniform, soils the clothes. But the soul is clean. Provided it is not sold off, traded.*

*There was, formerly, the lesson of the man in a white suit whose vehicle became stuck in a mud puddle. A few meters across was the firm ground. Stranded, he faced two alternatives: stay in the car and keep his clothes clean, leave the car and soil his suit. He hesitated: stay and keep his suit clean; risk it and soil the suit. He struck a decision and left the car. He fell, rose, fell again into the mud, rose again, kept on walking from fall to fall, soiled his suit but reached the other side. In a dirty suit, but surviving. He took off the mud-caked clothes, left them behind and resumed the journey.*

*Alas, what is there left to me but to tell, warn, forewarn. For mine is no longer the way of going, but of returning. I have seen the path; I saw the stones, obstacles, cliffs. I will be a fool if I give advice and try to prevent younger ones from making the aimlessly journey, searching for nowhere. However, I will be irresponsible if, already having seen and experienced, I do*

*not tell what I saw and experienced. A father, when he sees a child intent on jumping from a window, has the duty and responsibility of, at least, warning: "If you want to jump, go ahead. But you will get hurt and even may die." Or has he not? Saying nothing, parents and experienced elders will be irresponsible. This age, ours, has been a time of irresponsibility.*

*Mine is the world of a survivor. I have soiled my white suit, dove into the quagmire of life, I wanted to reach the other side, used the sword, knew filthiness, lived with it, confronted it, got arrested; I have been in cells and under house arrest, rulers and the corner cop tried to subdue me, vanquish me, force me to stay in the vehicle stuck in the mud. I reached the other side. And I threw the soiled suit away. My soul was clean. It still is.*

*However, I am a remnant of a failed generation, a festive generation with libertarian spirit and dreams, and we have failed. We struggled for freedom, destroyed limits. A "mea culpa" is in order; otherwise, nothing will be rebuilt. For in the name of a renewal of values and customs, we have struck at principles. Nevertheless, principles do not die, even when they seem buried. In despair and chaos, the only way out is to search for and resume them. Happy will be those who can rediscover them.*

*Yes, it is possible to experience poetic prose, to poetize prose, to prose poetry. More than a sentence in G major or A minor, there are the forgotten drops of honey. At the peak and roar of so many fights during the dictatorship, a Bishop, D. Aníger Melilo, offered me, with simplicity, a lesson of wisdom: "In life, a drop of honey conquers more flies than a barrel of vinegar".*

*It is the principle of sweetness. Which, replacing the acidity of everyday vinegar, can change lives, resuscitate relationships, restore families, transform worlds. For thousands of years man has been aware that the Paradise is on the land where milk and honey flow. That sweetness exists, as a gold nugget hidden in the soil. More than eyes for seeing and ears for hearing, there needs to exist hearts for feeling.*

*In this book, I poured out drops of honey, distilled from my soul.*

“ Ó abelha rainha/ Faz de mim um instrumento/  
De teu prazer, sim, e de tua glória ”

Maria Bethânia





**CATERPILLAR®**

**cosan raízen**

MINISTÉRIO DA  
**CULTURA**

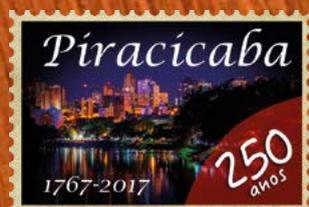




**CATERPILLAR®**

**cosan raízen**

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-92501-03-7



9 788592 501037

**PIRACICABA  
THE SWEETNESS  
OF THE LAND**